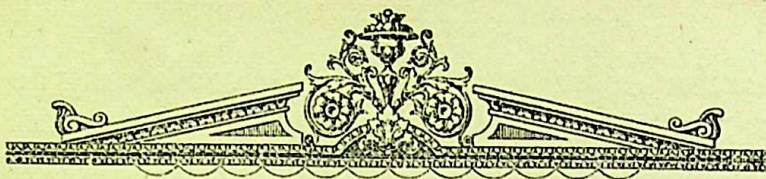
OS ASSASSINATOS MAÇONICOS

LÉO TAXIL E PAULO VERDUN

OS ASSASSINATOS MAÇONICOS

TRADUCÇÃO
DE
M. FONSECA

PORTO
ANTONIO DOURADO—EDITOR
Rua dos Martyres da Liberdade, 137

1890

DUAS PALAVRAS DO TRADUCTOR

O SANTISSIMO PADRE LEÃO XIII, na sua Encyclica *Humanum Genus*, dirigida aos Patriarchas, Primazes, Arcebispos e Bispos do universo catholico, diz: «Arrancae á Franc-Maçonaria a mascara com que se encobre, e fazei vel-a tal qual é.»

Este conselho, dirigido aos Bispos, abrange tambem os simples fieis. Foi, por certo, com este fim que Léo Taxil escreveu os *Assassinatos Maçonicos*, e é com o mesmo alvo que nos resolvemos a traduzil-os.

A Franc-Maçonaria tem sido, e é, o inimigo mais poderoso e enfurecido da Egreja catholica e da sociedade. Nucleo essencialmente egoista e dissoluto, proseguindo um fim satanico inspirado pelo seu deus — Lucifer —, qual é o de destruir o Papado e as mo-

narchias para estabelecer a chamada religião natural e a republica universal atheia, mal vae á sociedade se se não desprende dos laços, astutamente armados pela satanica seita, e nos quaes a tem prendido, principalmente desde os fins do seculo passado até hoje.

Habil e astuta, a Maçonaria tem attrahido a si aquelles mesmos contra quem dirige seus ataques. Reis e principes se teem filiado nas Lojas, tendo isso como uma honra.

«Graças ao habil mechanismo da instituição — diz o I.·. Luiz Blanc na *Historia da Revolução Franceza* — a Maçonaria encontrou nos principes e nobres antes protectores do que inimigos. Houve até soberanos, como Frederico, que tomaram a trolha e o avental. E porque não? Sendo-lhes cuidadosamente occultados os gráos elevados, sabiam da Maçonaria sómente o que se lhes podia mostrar sem risco. Não tinham motivo para desassocegos, conservados como estavam nos gráos inferiores, onde só assistiam a banquetes alegres, e viam principios deixados e tomados de novo á entrada das Lojas, formulas sem applicação á vida commum, emfim uma comedia d'egualdade. Mas em taes materias a comedia degenera em drama; e os principes e nobres eram impellidos a apadrinhar com seu nome, e a servir com sua influencia emprezas latentes, dirigidas contra si mesmos.» Quantos, mais tarde, pagaram com a vida a leviandade de se filiarem na Maçonaria!

Reis e principes teem sido illudidos pela

astuta seita, que d'elles se serve, segundo uma carta secreta da Venda piemontesa, «como de visco para attrahir os imbecis, intrigantes, cidadãos e necessitados.» «Estes pobres principes — diz a mesma carta secreta — são instrumento nosso, pensando que nós o somos d'elles. E' uma magnifica taboleta.»

Apesar das lições da historia, esses infelizes principes continuam a deixar-se prender nas malhas da rêde maçonica; e, em vez de trabalharem na anniquilação da Franc-Maçonaria não só por ser prejudicial á sociedade, mas por interesse proprio, affagam-na e auxiliam-na a tecer a corda que os ha de enforcar, a aguçar o punhal que os ha de assassinar, ou a manipular o veneno que os matará; porque é fóra de duvida que a seita maçonica risca do numero dos vivos aquelles que lhe entorpecem a acção, e mórmente aquelles que, havendo pertencido ás Lojas, d'ellas se affastam mais tarde, arrependidos de terem prestado apoio a uma instituição tão nociva ao bem commum. Léo Taxil aponta n'esta obra alguns assassinatos commettidos pela Maçonaria; e, antes d'elle, auctoridades incontestaveis affirmaram e provaram o mesmo. Em nossos dias o confirmou o Santo Padre Leão XIII na sua Encyclica *Humanus Genus* nas seguintes linhas: «Não é raro que a PENA DO ULTIMO SUPPLICIO seja infligida áquelles d'entre elles (franc-maçães) que sejam convencidos, quer de terem desvendado a disciplina secreta da Sociedade, quer de ha-

verem resistido ás ordens dos chefes; e isto se pratica com tal habilidade, que a maior parte das vezes o executor d'estas sentenças de morte escapa á justiça estabelecida para vigiar pelos crimes e para tirar vingança d'elles.»

Uma só potencia se tem erguido em frente da Franc-Maçonaria para lhe embargar o passo: é a Santa Sé. Clemente XII na Constituição Apostolica *In Eminenti*; Bento XIV na *Providas*; Pio VII na *Ecclesiam a Jesu Christo*; Leão XII na *Quo graviora*; Pio VIII na Encyclica *Traditi*; Gregorio XVI na *Mirari*; Pio IX na *Qui Pluribus*; Leão XIII na *Humanum Genus*: — todos estes Pontifices teem desmascarado a Maçonaria, apontando-a como nociva aos interesses da sociedade, e esforçando-se por abrir os olhos a reis e povos sobre os fins, que prosegue a nefasta seita.

Mas os ensinamentos dos Papas não teem sido, infelizmente, ouvidos por aquelles que deviam acatal-os e veneral-os.

A Maçonaria tem visto engrossar suas fileiras de dia para dia: não ha classe social que não tenha larga representação entre os Filhos da Viuva; só uma a não tem, apesar dos esforços dos franc-mações para attrahir seus membros aos Ateliers: é a Companhia de Jesus.

«Adquirimos, e sem muito custo — escrevia a 2 de novembro de 1844 Beppo a Nubius — religiosos de todas as ordens, padres de quasi todas as condições, e certos monsenhores intrigantes e ambiciosos. E'

verdade que não é o que ha de melhor nem de mais apresentavel; porém isso pouco importa. Para o fim que se tem em vista, um frade aos olhos do povo é sempre um frade; um prelado será sempre um prelado. Naufragamos completamente junto dos Jesuitas; desde que conspiramos, ainda nos não foi possivel lançar mão d'um Ignaciano. Cumpre saber a rasão de tamanha e tão unanime obstinação. Não creio na sinceridade de sua fé, nem na dedicação d'elles á Egreja; mas porque não descobrimos ainda em nenhum a falha da couraça? Não temos Jesuitas comnosco, mas podemos sempre dizer que os temos, o que vem a ser absolutamente o mesmo.»

A Franc-Maçonaria não se tem esquecido d'este conselho: tem ido mais longe ainda, porque Lojas ha nas quaes se diz ao candidato a mação, para mostrar-lhe que a Maçonaria não foi implantada para guerrear a Deus, que a jerarchia maçonica é obra dos Jesuitas, que abandonaram mais tarde a seita por não poderem assumir n'ella a preponderancia que desejavam.

A Franc-Maçonaria vota odio satanico á Companhia de Jesus, e o motivo d'esse odio está esclarecido na carta de Beppo: a seita, a despeito de seus negregados esforços, não tem conseguido attrahir ao seu seio um só membro da benemerita familia de Santo Ignacio. Por isso, em toda a parte onde a Maçonaria predomina, o Jesuita é atrozmente

perseguido por ella. Não é mister ir buscar exemplos longe: nos nossos dias fornecem-nol-os a França, que expulsou os filhos de Santo Ignacio a 30 de junho de 1880; a Allemanha, que tendo-os banido no tempo do *Kulturkampf*, ainda os não readmittiu, apesar de ter feito as pazes com a Santa Sé; e o Brazil, que os expulsou apenas mudou de regimen politico, transformação para a qual cooperou poderosissimamente a Franc-Maçonaria, que conseguiu pôr á frente d'esse Estado o seu Grão-Mestre.

Mas já vem de longe este odio e guerra da Franc-Maçonaria aos Jesuitas. Quem deu coragem e força ao marquez de Pombal para expulsar em 3 de setembro de 1759 os filhos de Santo Ignacio de Portugal? A Maçonaria, que já então existia em Portugal, pois que as primeiras Lojas que se estabeleceram no nosso paiz datam — segundo se lê no livro *As Sociedades Secretas*, vol. II, pag. 8 — de 1727, e erigiram-nas delegados das sociedades de Pariz.

A Maçonaria com a organisação que tem em nossos dias — diz Taxil na sua obra *Le Vatican et les franc-maçons* — foi decidida em Londres em 1717, e posta em execução de 1721 a 1722. A partir d'esta epoca, a formidavel sociedade secreta trasbordando da Inglaterra e da Escossia, espalhou-se, graças a um trabalho mysterioso, nos principaes estados da Europa.

Sebastião José de Carvalho encontrou,

pois, a Maçonaria estabelecida em Portugal, quando a sua boa estrella começou a brilhar. Conhecendo-lhe os fins e a força, que elle pôde avaliar em Inglaterra — porque, segundo historiadores graves, entrou para a Ordem em Londres — encheu-a de favores, contribuiu poderosamente para a sua prosperidade, e, mais tarde, fel-a instrumento docil do seu absolutismo neroniano. Foi, pois, a Maçonaria, tendo por principal agente o marquez de Pombal, que expulsou os Jesuitas de Portugal. E Choiseul em França, e Aranda em Hespanha, e Tanucci em Napoles, e Tillot em Parma, não seriam tambem instrumentos da Maçonaria, ou do philosophismo, que era irmão gemeo da Maçonaria? A historia responde affirmativamente. A extincção da Companhia de Jesus foi, pois, obra da Maçonaria.

* * *

Portugal está nas mãos da Maçonaria ha mais de cincoenta annos. E' incontestavel que a seita maçonica foi quem mais contribuiu para a queda do antigo regimen n'este paiz, substituindo-o pelo constitucionalismo. E' tambem facto averiguado que a Maçonaria contava no seu seio grande numero d'officiaes que batalharam em favor do snr. D. Pedro, e que o apoio que a França, Inglaterra e Hespanha prestaram á causa do chamado Rei-soldado, foi preparado pela Franc-Maçonaria.

Ha quem affirme que a Franc-Maçonaria portugueza tem alvo diverso da estrangeira, e que entre nós as Lojas funccionam unicamente para fins politicos, pondo completamente de lado as questões religiosas, com as quaes se não occupam. A experiencia mostra-nos o contrario, e que não nol-o mostrasse, bastava a palavra do Papa, que não faz distincção entre Maçonaria portugueza, franceza, ingleza e italiana, para ajuizarmos mal de toda ella, como o Soberano Pontifice ajuiza. Mas, effectivamente, o fim da Maçonaria é o mesmo em toda a parte: — Destruir o christianismo, substituindo-o pelo racionalismo, e levantar sobre as ruinas das monarchias a republica universal.

O nosso infeliz Portugal, como a França, a Italia e a Hespanha, são dominados pela Maçonaria. Pelo que toca a Portugal, disse-o Pio IX, e não se enganou.

Quem extinguiu entre nós as ordens religiosas? D. Pedro e Aguiar, o *Mata-frades*, creaturas da Maçônaria.

Quem expulsou as benemeritas Irmãs da Caridade, pobres senhoras que, por amor de Deus, tinham consagrado toda a sua vida ao allivio dos desvalidos? A Maçonaria.

Quem promoveu o centenario de Pombal entre nós, essa farça ridicula em que vimos homens, que irrisoriamente se diziam liberaes, quasi que deificar um dos vultos mais execrandos da nossa historia, encarnação viva do mais feroz despotismo? A Maçonaria.

Quem tem guiado a mão de ministros pouco escrupulosos na redacção de portarias de censura aos Prelados portuguezes, quando cumprem o seu dever? A Maçonaria.

Quem incita os chamados representantes do povo a pedir escandalosas syndicancias a collegios catholicos, que estão a coberto de quaesquer censuras? A Maçonaria.

Quem impelle os nossos governos a exercer um regalismo pombalino sobre os documentos pontificios, intimando os Prelados a não publicarem documento algum emanado da Santa Sé sem o beneplacito regio? A Maçonaria.

Quem promove em todo o paiz comicios anti-jesuiticos, sob o mais insignificante pretexto, para conservar sempre accesa a animadversão popular contra uma instituição beneficientissima e homens virtuosissimos e dedicados, que esse mesmo povo não conhece? A Maçonaria.

A Maçonaria, sempre a Maçonaria! Onde seja mister travar lucta entre o céo e o inferno, lá se encontra a Maçonaria a terçar armas por Lucifer, seu deus.

E isto não só em Portugal: em toda a parte onde a Maçonaria póde penetrar succede o mesmo.

De modo que póde dizer-se que o mundo está talado em dois enormes campos: n'um fluctua o estandarte de Jesus Christo, á volta do qual se agrupam os fieis soldados de tão valoroso capitão; no outro hasteia-se a ban-

deira de Lucifer, que tem por defensores os franc-mações e todos os impios. A lucta está travada. Quem vencerá afinal? Christo, representado pela Egreja, porque Elle assim o prometteu, e as suas promessas são infalliveis.

Na batalha travada entre o bem e o mal, entre Christo e Lucifer, não póde haver combatentes neutros, soldados que deponham as armas e assistam impassiveis ao gladiar dos dois inimigos. A neutralidade é um crime, porque «quem não é por mim, é contra mim.» E' mister, pois, extremar os campos. Quem quizer ser soldado de Christo aliste-se no seu exercito, abnegando-se a si mesmo e fazendo o sacrificio da propria vida. A epoca presente é de lucta franca e decidida, e deserta do campo aquelle que, por condemnaveis respeitos humanos, illude o cumprimento do seu dever accendendo ora uma vela a S. Miguel, ora outra á peanha.

O exercito de Satanaz não é tão numeroso, como se julga.

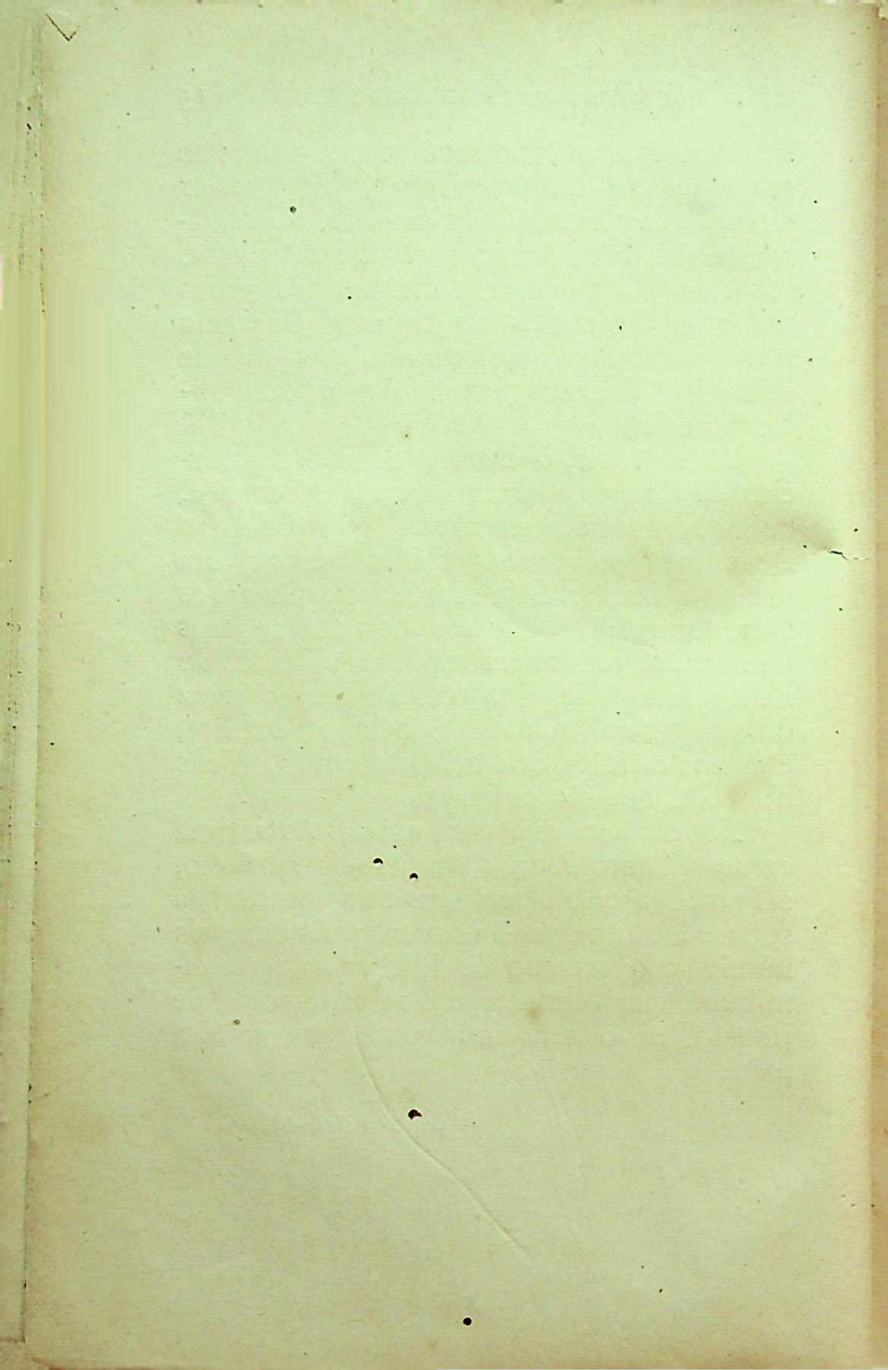
A Maçonaria conta em todo o mundo 17:016 Lojas e 1.060:095 mações, segundo as estatisticas maçonicas de 1885; em Portugal o Grande Oriente Lusitano Unido (rito escossez antigo acceito) tem sob sua dependencia 114 Lojas, nas quaes estão alistado aproximadamente uns oito mil mações.

Oito mil homens a ditarem as leis a perto de cinco milhões! Esta anomalia explica-se facilmente, vendo-se a união e disciplina dos apostolos do mal e a energia e per-

sistencia com que proseguem o seu fim; ao passo que no campo adverso reina a maior discordia, a cobardia apossou-se dos organismos e ninguem se incommoda a defender o seu credo, como se um dia não tivessemos todos de dar contas no Tribunal Supremo não só d'aquillo que fizemos, mas do que deixamos de fazer por indolencia ou quebranto da fé.

Una-se, pois, o exercito do Bem, o exercito de Christo, para guerrear a Maçonaria, que quer derruir os altares do verdadeiro Deus para sobre suas ruinas edificar um throno a Lucifer. Seja sua divisa: «Guerra ás más doutrinas e paz aos homens!;» mas n'esta lucta caminhem todos os soldados do Bem unidos, disciplinados, obedecendo á voz do seu general, que é o Soberano Pontifice, e ás dos capitães, que transmittem as ordens d'aquelle, que são os Bispos.

No dia em que esta união, tão intima como o Santo Padre a deseja, seja um facto, a Franc-Maçonaria terá seus dias contados, a sociedade alforriar-se-á dos seus mais temiveis inimigos, o exercito de Lucifer na terra diminuirá sensivelmente, e o reinado social de Jesus Christo será implantado por toda a parte.

O Traductor.

Traços biographicos de Léo Taxil

Pareceu-nos d'interesse dar ligeiros traços biographicos do principal auctor do livro, que nos propuzemos traduzir.

O nome de Léo Taxil é bastante conhecido nos arraiaes da impiedade, aonde, durante 18 annos, se salientou pela blasphemia, pelo sacrilegio, pela affronta a instituições e pessoas sagradas, pelo desrespeito á auctoridade e pelo odio a Deus. Foi talvez o jornalista hodierno mais encarniçado contra a Egreja e o Papado, e o pamphletario mais odiento contra tudo o que é santo: que o digam os seus livros: — *Abaixo a padralhada, Crimes do Clero, Orgias d'um Confessor, Biblia divertida para as crianças grandes e pequenas, Cinco milhões do Conego e o Envenenador Leão XIII, Joanna d'Arc victima dos Padres* e outras obras detes-

2

taveis, editadas pela Livraria Anti-Clerical, de que foi proprietaria sua esposa.

No campo catholico era este nome execrado, porque encarnava em si o espirito diabolico, de que Taxil parecia possuido. Nunca homem algum, mórmente nos tempos actuaes, desenvolveu mais actividade na causa do mal do que Léo Taxil; era, realmente, um demonio em carne e osso.

Quando, porém, este detestavel escriptor estava no apice da sua actividade—ahi por meiados de julho de 1885 — espalhou-se inesperadamente a noticia da sua conversão. Seus correligionarios ficaram assombrados com semelhante nova, e os catholicos acolheram-na com desconfiança, porque, apesar de saberem que a misericordia divina é infinita, e que Deus podia muito bem ter-se amerceiado d'esse homem transviado e attrahil-o ao caminho da verdade, julgaram que a noticia da conversão obedecia a fins occultos especulativos.

Enganaram-se, felizmente, os que assim pensaram. A conversão de Léo Taxil era um facto real, e obedecia a impulso repentino e espontaneo da sua alma; a Providencia, nos seus insondaveis designios, fizera cahir a escama dos olhos d'este Saulo.

Desde então, Léo Taxil tem desenvolvido na causa da verdade e do bem a prodigiosa actividade, que desenvolvera na da mentira e do mal. Suas obras succedem-se e são procuradas avidamente, não pelo seu antigo publico, sem crenças religiosas e avido d'escandalos e

de diatribes contra a Egreja e o Papado, mas pelo publico catholico, que hoje aprecia devidamente os livros do ex-livre-pensador.

Não antecipemos, porém, as informações sobre a conversão de Taxil. Vamos começar a traçar-lhe a biographia, talvez demasiadamente resumida, valendo-nos para este trabalho do seu apreciabilissimo livro — *Confessions d'un ex-livre-penseur*, grosso volume in-12 de 416 paginas, destinado exclusivamente a relatar os factos principaes de sua vida, e do capitulo I do livro — *Les Frères Trois-Points*, no qual capitulo Taxil relata a sua entrada para a Franc-Maçonaria, e as perseguições, de que alli foi victima, não só durante o tempo, que se conservou na seita, mas mesmo depois de ser expulso da mesma.

Léo Taxil, cujo verdadeiro nome é Gabriel Jogand Pagès, nasceu em Marselha a 21 de março de 1854. Tem, portanto, 36 annos d'idade. Seus paes eram piedosos, e deram a Taxil educação religiosa; este, porém, bem novo ainda — aos 14 annos — começou a affastar-se da educação que recebeu de seus progenitores e mestres.

Aos quatro e meio annos, Gabriel entrou como alumno externo para o collegio do Sagrado Coração, em Marselha, no qual se conservou até á edade de 9 annos. Em outubro de 1863, seus paes enviaram-no para o collegio de Nossa Senhora de Mongré, em Villefranche-sur-Saône, perto de Lyão, pertencente á benemerita Companhia de Jesus. Taxil esteve

alli apenas dois annos; mas, diz elle nas *Confessions d'un ex-livre-penseur*, «a impressão, que conservei d'este collegio foi tão boa, as minhas recordações tão indeleveis, que ainda no mais acceso de meus ataques contra os Jesuitas em geral, não podia deixar de fazer excepção em favor dos Padres de Mongré.» (1) Foi n'este collegio que Taxil fez, em 1865, sua primeira communhão com a maxima devoção.

Em 1866 entrou para o collegio catholico de S. Luiz, em Marselha, e ahi passou tres annos. Um anno depois, começou Taxil a dar os primeiros passos no caminho do mal. Um seu condiscipulo, filho d'um mação, circumstancia que a direcção do collegio ignorava, confessou-lhe que seu pae pertencia a uma sociedade mysteriosa chamada Franc-Maçonaria. Esta revelação excitou a curiosidade do joven, e, na primeira vez que saiu do collegio, procurou obter o celebre opusculo de Monsenhor Ségur *Os Maçons, o que são, o que fazem, o que querem*, e leu-o. Essa leitura, que o devia afastar do erro, não lhe produziu esse salutar effeito;

---

(1) O governo francez, por decreto de 29 de março de 1880, obrigou os Jesuitas a dissolverem a sua associação e a retirarem-se dos estabelecimentos que dirigiam no territorio da republica. Quando este decreto foi executado tres mezes depois, os Jesuitas tinham 24 de seus religiosos ao serviço d'este collegio, como consta do *Annuario d'Ensino Livre*. Segundo uma estatistica, que o *Figaro* e outros jornaes francezes publicaram em março de 1880, o collegio de Mongré, que foi fundado em 1851, educou, desde a sua instituição, cerca de 2:000 alumnos, e em 1879 contava 300. O *Annuario d'Ensino Livre* de 1888 enumera, entre os estabelecimentos d'instrucção da diocese de Lyão, a Escola Livre de Nossa Senhora de Mongré, dirigida pelo Padre Croibier.

e a sua curiosidade levou-o a só se fixar nas passagens do folheto, em que havia noticia das ceremonias, praticadas nas iniciações. Para melhor as ficar sabendo, fez alguns extractos do livro e os copiou n'um caderno para facilmente os lêr ás escondidas, nas horas d'estudo.

Desde este momento começou a operar-se certa transformação em Taxil. Seu fervor religioso diminuiu, e a fé ia-se-lhe pouco a pouco apagando do coração.

Chegou o tempo paschal. Seu confessor, parecendo-lhe que o penitente não tinha contricção alguma, interrogou-o a esse respeito. Taxil foi franco: «Com effeito, meu Padre,—lhe disse,—já não creio.»

O sacerdote ficou aterrado e não o absolveu, como é facil de vêr. Taxil, porém, que não queria tornar-se reparado, nem ser despedido do collegio, o que com certeza succederia se o director tivesse conhecimento de seus sentimentos anti-catholicos, apropinquou-se, juntamente com a communidade, da Sagrada Mesa, e commungou com seus companheiros. Foi este o seu primeiro, e quiçá mais horrivel sacrilegio.

Tres annos passou o joven n'este estabelecimento d'instrucção.

Tinha então quatorze annos.

Voltando para casa de seus paes a restabelecer-se d'uma febre typhoide, pôde haver alguns numeros da *Lanterna*, do celebre jornalista Henrique Rochefort, jornal que então se começava a publicar. As doutrinas d'este cele-

bre revolucionario enthusiasmaram-no. Um dia, desejoso de vêr Rochefort, e, se lhe fosse permittido, collaborar com elle no jornal, abandonou, com seu irmão mais velho, a casa paterna, venderam a occultas os livros, que possuiam, e com esse dinheiro partiram. Foram, porém, presos em Norante, a requisição de seu pae, e reconduzidos a casa. Alli, Taxil confessou tudo. «Não podia resolver-me, — disse a seu pae, — a confessar-lhe que o enganava, continuando a praticar a religião; e não tinha tambem animo para continuar a curvar-me por mais tempo a um culto, que detesto. Essa hypocrisia, a que me constrangia a minha falsa situação, era-me verdadeira tortura; quiz, pois, pôr termo a isto...»

O pae de Taxil ficou assombrado com semelhante declaração. Consultou a familia e os amigos, e resolveu infligir ao filho severo castigo: mandou-o recolher em Mettray, prisão correccional.

Taxil não aproveitou absolutamente nada com a reclusão; ao contrario, seu espirito exaltado e indomavel mais se afervorou no odio á religião, por estar persuadido que foram sacerdotes que suggeriram a seu pae a ideia da reclusão.

Ao cabo de 65 dias de prisão, vendo Mario Jogand, pae do joven recluso, que Taxil não se emendava, tirou-o de Mettray, e, trazendo-o para casa, mandou-o frequentar o lyceu de Marselha como alumno externo, visto como o não podia internar n'um collegio ca-

tholico por causa de suas ideias anti-religiosas, que se haviam tornado publicas.

Taxil continuou na senda do mal: seu odio á religião era cada vez mais violento.

Foi então que principiou a escrever para jornaes republicanos radicaes, mostrando nos seus escriptos o estado depravado de sua alma. Tinha apenas 15 annos!

O joven revolucionario não completou seus estudos no lyceu de Marselha, porque, tendo sido o cabeça de motim d'uma parede, que os estudantes fizeram contra o director por este haver reduzido as ferias, foi expulso. Taxil não se incommodou: comquanto só lhe faltasse um anno para acabar os estudos, não entrou para outro collegio.

Data d'esta epoca a completa separação de Taxil de sua familia; sahindo do lar paterno, foi viver para casa particular de pensão, dedicando-se á tarefa d'informador de jornaes.

Assim foi vivendo algum tempo, continuando a entregar-se a desvarios revolucionarios, mas arcando com grandes difficuldades financeiras, porque o seu mister pouco lhe rendia; até que, surgindo a guerra franco-prussiana, sentiu pruridos de combater no exercito. A edade não lhe permittia alistar-se como voluntario, pois apenas tinha deseseis annos, e, para entrar nas fileiras, era necessario ter desoito.

Conseguiu, porém, seu desejo, falsificando a certidão d'edade, a qual certificava que elle nascera a 21 de março de 1854: Taxil emen-

dou o 4, fazendo d'elle 2. Assentou praça no 3.º batalhão de zuavos.

Pensava o joven que iria immediatamente para o theatro da guerra. Enganou-se. Mandaram-no para Algeria, séde do regimento, a aprender o manejo do *chassepot*.

Uma vez alli, o regimento de Taxil andou em marchas e contra-marchas d'alguns kilometros. Um dia, extenuado, não pôde caminhar. Sentou-se, desesperado, á beira do caminho, e disse adeus aos camaradas, que seguiram seu destino sem se importarem d'elle. Pouco depois, sedento e esfomeado, desmaiou. Quando voltou a si viu dois rostos bronzeados d'arabes inclinados para elle; um d'elles deu-lhe a beber um licor confortativo. Não podendo Taxil explicar-se, disse-lhes simplesmente: «Phelippeville!» e os arabes, comprehendendo qual o seu destino, suspenderam-no um pelos hombros e outro pelos pés e assim o levaram até Phelippeville, aonde se juntou á sua companhia, que regressou immediatamente a França.

A mãe de Taxil, sabendo que ninguem podia alistar-se como voluntario sem ter desoito annos, reclamou contra o alistamento do filho; este foi, então, expulso do regimento, no qual esteve um mez.

Regressando a Marselha, voltou ao seio da familia; e como então o imperio tinha cahido em França e a republica fôra proclamada, o estado de perturbação geral deu-lhe em casa mais liberdade do que aquella que já tinha.

Foi então que Taxil, com William, filho

d'Esquiros, ao tempo governador civil das Boccas do Rhodano, e Clovis Hugues, hoje deputado ao parlamento francez, que se tem tornado famoso pela sua impiedade, constituiram um corpo d'exercito de rapazes, que tomou o nome de Joven Legião Urbana, a qual representou papel algo interessante, chegando a servir de guarda d'honra a Garibaldi, quando este general entrou em Marselha.

A Joven Legião foi, mais tarde, dissolvida por decreto.

Por esta occasião, Taxil tornou-se orador de comicios. Nas assembleias revolucionarias, as propostas mais radicaes eram sempre rubricadas com seu nome e transcriptas nos jornaes da sua feição politica. Seu pae affligia-se muito com isso, porque Taxil assignava com seu nome por extenso: «— Tu deshonras o nome de tua familia! lhe dizia por vezes o pae, consternado.» Foi então que Gabriel resolveu adoptar o pseudonymo de Léo Taxil.

Em 1871, o joven revolucionario fez-se de todo jornalista. Collaborou em muitos jornaes e fundou outros, entre os quaes *La Marotte, Sans-culotte, O Bobo*, etc., que lhe valeram varias querellas. Em 1873 publicou a *Joven Republica*, que só viveu um anno por ser prohibida a sua venda em qualquer logar publico. Em 1874 e 1875 escreveu no *Furão*. Em 1876 tomou a direcção da *Fronde*. Poucas semanas depois tinha ás costas trese processos, os quaes, sendo julgados, lhe valeram condemnações, cujo total ascendia a oito annos de prisão. Como po-

rém, Taxil, no seu dizer, «não tinha empenho algum em fazer-se pensionista do Estado», apressou-se a refugiar-se na Suissa, escolhendo Genebra para domicilio. Vivia do producto de correspondencias para alguns jornaes francezes, e do pouco, que lhe rendia o jornal o *Frondeur*. O infeliz moço, que repellia indignado os jejuns da Egreja, jejuou bastas vezes por mingua de dinheiro, passando um mez a pão e agua, elle, sua mulher e dois filhos. Chegou até a não ter que comer durante tres dias, e a tentar suicidar-se, de cujo sinistro projecto o demoveu sua esposa.

As eleições de 14 d'outubro deram a victoria ao partido exaltado. Pouco depois, a camara votou a amnistia para os delictos d'imprensa, e Taxil pôde reentrar em França.

Dirigiu-se para Montpellier, onde foi redigir o *Frondeur*, e alli se conservou perto d'um anno.

A exposição de 1878 proporcionou occasião a Taxil d'ir a Paris pela primeira vez, e tão encantado ficou com a capital da França que se decidiu a ficar lá.

Foi alli que, desavindo-se com os proprietarios do *Frondeur*, fundou, de camaradagem com os editores do seu *Almanach Anti-Clerical*, os jornaes *Anti-Clerical* e *Vanguarda*, o primeiro dos quaes fez fortuna, pois chegou a tirar 60:000 exemplares.

Um folheto, que publicou, sob o titulo de — *Abaixo a Padralhada* — valeu-lhe um ruidoso processo, do qual foi absolvido.

Em vista da justa perseguição que os tri-

bunaes moviam a seus escriptos, os editores das obras de Taxil pediram-lhe que fosse menos violento. Então sua mulher, anti-clerical como elle, senão peior, concebeu o projecto de constituir-se editora das obras do marido. Em junho de 1886 foi aberta a Livraria Anti-Clerical, que tanta infamia espalhou contra a Egreja, na França e no estrangeiro, em volumes, opusculos, imagens, canções, etc.

Depois d'alguma permanencia em Paris, Taxil partiu para Montpellier a criar um jornal, ao qual poz o titulo de *Meio-dia republicano,* jornal que teve boa clientela. Foi n'elle que começou a apparecer em folhetins o infamissimo romance — *Os Amores Secretos de Pio IX* — que tanta sensação causou então, e que valeu a Taxil um processo, promovido pelo sobrinho do venerando Pontifice calumniado, conde Mastai, que foi a França de proposito propor esta acção. Este romance, apesar de trazer o nome de Taxil, não é de sua lavra. [1] E' certo que foi elle que deu o plano, mas não quem o escreveu; d'elle só é a carta-prefacio, assignada por um pretendido camareiro se-

---

(1) Léo Taxil diz nas *Confessions d'un ex-livre-penseur* que não publica o nome do auctor do infame romance— *Os Amores Secretos de Pio IX* — porque esse individuo, quando era ainda seu amigo, lhe pediu que o não dissesse. O proprio auctor do livro se encarregou, todavia, de desmascarar-se; pois que tendo-se confessado, em presença d'um proximo parente do redactor do *XIX Siècle,* como auctor do tal livro, aquelle jornal publicou-lhe o nome, dando por essa occasião minuciosas informações. Esse homem, verdadeiro auctor das infames calumnias contra o venerando Pontifice Pio IX, é Jorge Moynet, mais conhecido pelo pseudonymo de Julio Fréval.

creto do Papa, ao qual deu o nome de Carlos Sebastião Volpi.

O infame romance provocou um energico protesto de 2:000 senhoras da diocese de Montpellier. Então os editores do jornal pediram a Taxil que o supprimisse; porém o furibundo jornalista estava cego, e só annuiu a este pedido dando a demissão de redactor em chefe do jornal.

D'alli dirigiu-se a Pariz, onde encetou a publicação do infame romance no *Anti-Clerical*, de que era senhor absoluto.

Foi por esta epoca, em 1880, que Taxil entrou para a Franc-Maçonaria, a pedido d'alguns II.·. Conservou-se, porém, pouco tempo na seita, porque o seu espirito independente, insubmisso e caustico desagradou aos Irmãos Tres Pontinhos, que, para se verem livres d'elle, reuniram o tribunal maçonico duas vezes para o julgar, e por fim decretaram a sua expulsão em 1881, a despeito de Taxil se ter justificado das accusações que alguns II.·., por *fraternidade*, falsamente lhe assacaram. São interessantissimos os episodios, que se deram com Taxil na Franc-Maçonaria; mas é-nos impossivel relatal-os aqui, porque nos levaria demasiado longe. Quem quizer conhecer as varias peripecias que se deram com o nosso biographado no *Templo dos Amigos da Honra Franceza*, Loja em que elle se filiou, leia o primeiro volume, paginas 4 a 57, da obra *Les Frères Trois-Points*, por Léo Taxil.

Passemos em claro factos de somenos im-

portancia da vida accidentada de Taxil; deixemos tambem no olvido seus trabalhos na Liga Anti-Clerical, poderosa associação de que elle foi, por assim dizer, a alma, e dêmos conta de sua conversão.

Em agosto de 1884, Taxil concebeu o projecto d'escrever a historia de Joanna d'Arc; mas, claro, sob o ponto de vista irreligioso. Munido d'apontamentos parcialissimos, extrahidos do processo da gloriosa Donzella, o qual fôra dirigido pelo Bispo Cauchon, apontamentos tirados por uma creatura a quem Taxil pagára, e que sabia que ordem de trabalho seu amo exigia, porque não era a vez primeira que a encarregava d'isso, Taxil escreveu o seu livro — *Joanna d'Arc, victima dos Padres*. Era um pequeno volume de 200 a 250 paginas; sua mulher aconselhou-o, porém, a que augmentasse a obra, afim de ser distribuida em fasciculos illustrados. Como a obra já estava escripta, Taxil resolveu publical-a tal como estava, seguindo-a do relatorio *in extenso* do processo de Rouen, cujos autos tinha de traduzir, porque estavam em latim. Não lhe foi mister muito tempo para reconhecer que os autos eram o mais formal desmentido aos capitulos, que escrevera, e que já estavam publicados; e por isso, calcando quaesquer escrupulos, ao traduzir ia cortando tudo que lhe não convinha.

Consintam-nos que não resumamos, e que, sobre esta phase da vida de Taxil, copiemos algumas paginas suas, extrahidas das *Confessions d'un ex-livre-penseur* :

«Cada semana — diz elle — dedicava eu dois «dias á traducção do processo de Joanna d'Arc. «Era-me mui penoso esse trabalho; a cada instante «tenteava a minha imparcialidade, que, aggravan-«do-se com a suppressão dos periodos, que me con-«trariavam, degenerava cada vez mais em má fé.

«Não podia resolver-me a dar ao publico os «documentos sem os mutilar; reproduzil-os fiel e «completamente teria sido, como já expliquei, a «condemnação do que eu escrevera, quando ainda «não estava de posse dos autos *in-extenso*. Mas, «labutando n'esta empreza desleal, dizia a sós com «a minha consciencia: — Estou praticando uma in-«dignidade.

«Além de que — devo confessal-o — sentia-me «tanto mais envergonhado quanto admirava o ca-«racter sublime de Joanna d'Arc.

«Os periodos que amputava do processo eram «os que se referiam ás suas visões. Ao invez, man-«tinha intacto o que realçava o patriotismo da vir-«gem lorenense; supprimindo o sobrenatural, em «que não acreditava, transformava a Donzella em «heroina leiga.

«Só fallára das «vozes» de Joanna quando fi-«gurei a corajosa Donzella em Domremy. N'essa «occasião é que eu formulei minha theoria sobre as «hallucinações.

«Mas a continuação da maravilhosa historia «embaraçava-me.

«Joanna d'Arc, com effeito, não deu testimu-«nho de suas «vozes» só antes d'entrar em campa-«nha. A Donzella persistia em dizer que as ouvia «sempre: durante a guerra, em Orleans, por occa-«sião da sagração de Carlos VII, no periodo de «suas ultimas expedições, em Compiègne, em Beau-«revoir, emfim em Rouen, durante o processo, e «até na vespera de sua morte.

«O modo admiravel com que a Donzella diri-«giu a campanha contra os inglezes, prova eviden-«temente que ella não era uma hallucinada; o mais

«insignificante de seus planos de batalha honraria «os melhores capitães. A sua attitude perante os «juizes demonstra tambem que ella estava de posse «de todo o seu bom senso; é até evidente, para «quem se dá ao trabalho de lêr os autos, que «Joanna, no decorrer d'esses extraordinarios deba- «tes, foi d'uma superioridade excepcional, e que, «apesar de não saber lêr, confundiu os mais habeis «theologos e os mais competentes juristas.

«Tudo n'ella tem algo de prodigioso, e eu não «admittia o prodigio. Mas, por mais que cortasse «os periodos que contrariavam a minha increduli- «dade, tinha-os sempre deante dos olhos. Perse- «guiam-me no meio de minhas distracções. Nunca «deixava de os ver, como se houveram sido escri- «ptos em lettras de fogo. E não podia duvidar da «authenticidade dos documentos, porque o summa- «rio do processo, redigido por Cauchon e seu cum- «plice Thomaz de Courcelle, não continha aprecia- «ções favoraveis a Joanna.

«Desde o principio ao fim, os autos exprimiam-se «d'este modo: «Joanna pretende isto e aquillo: «logo é ré d'impostura.»

«O que restava saber era se realmente Joanna «mentia nas suas affirmativas. — Mentir? dizia eu «commigo: mentir ella, a lealdade encarnada! ella, «a bravura personificada! ella, que teria morrido «de vergonha se a forçassem a dissimular sequer «um minuto!

«Mas, se não mentia?...

«Visto o conteudo dos autos eu, incredulo, «via-me forçado a ir até esta conclusão: — Não, «Joanna é sincera; a admiravel heroina é incapaz «de mentir. Logo, está hallucinada.

«Mas a direcção que seu genio imprimiu á «guerra contra o inglez, seus admiraveis planos de «batalha, sua magnifica defeza, tão intelligente, tão «fulgurante de razão em face do tribunal de Rouen: «isso tudo se erguia ante mim para destruir mi- «nhas objecções. A 23 d'abril escrevera eu o ar-

«tigo, de que fallei ha pouco, no qual jurava que
«nada me faria desistir da lucta contra a religião.

«Depois de ter mandado o original do artigo
«para a typographia, para preencher o dia voltei á
«traducção do processo de Joanna d'Arc.

«Mais que nunca, fui assaltado violentamente
«pelos raciocinios que se amontoavam e contradi-
«ziam no meu perplexo espirito. Repentinamente
«experimentei uma especie de formidavel abalo
«em todo o meu ser. Pareceu-me que voz interior
«me gritava: — Estás louco! o hallucinado és tu!
«Pois não comprehendes que Joanna é uma santa,
«e que, visto como era incapaz d'uma mentira, não
«podia deixar de ter tido realmente as visões, que
«affirmou? Não vês, infeliz, que ella desempenhava
«uma missão sobrenatural? Não comprehendes
«ainda que o sobrenatural existe, apesar do teu
«scepticismo impio, da tua incredulidade?

«Não sei o que então se passou. Em alguns
«segundos, reviveu em mim todo o meu passado:
«a minha primeira communhão — a boa — e a pri-
«meira communhão sacrilega; Mongré, S. Luiz e
«Mettray; meu pae, minha mãe e minha santa ma-
«drinha; os dias felizes da minha infancia e as
«amarguras da minha vida anti-clerical; as since-
«ras amisades d'aquelles de quem me separára, os
«odios implacaveis dos sectarios, aos quaes me ha-
«via unido; a bondade d'uns e a maldade d'outros;
«as minhas mentiras, injustiças e loucuras.

«Então desatei a soluçar.

« — Perdão, perdão, meu Deus! murmurava eu
«por entre lagrimas; perdão para as minhas blasphe-
«mias! perdão por todo o mal de que sou culpado!

«Fechei-me no meu gabinete para não ser in-
«commodado, puz-me de joelhos e, pela vez pri-
«meira depois de dezesete annos, resei.

«De tarde nada disse a minha mulher da mu-
«dança, que em mim se operára. Não pude jantar
«e não dei razão da falta d'appetite. Não pude tam-
«bem dormir.

«Minha esposa não se admirou, porque bastas «vezes me succedia ficar preoccupado com a ideia «d'um trabalho e empregar uma noite d'insomnia «a escrever. Ainda assim, recolhi-me ao gabinete.

«Passei a noite em oração, promettendo a mim «mesmo ir, no dia seguinte, procurar absolvição «para os meus crimes.»

N'esse dia — 24 d'abril de 1885 — dirigiu-se Taxil á egreja da rua de Saint-Martin, freguezia de Saint-Merry, pediu um sacerdote, ajoelhou-se e quiz principiar a confissão sem se dar a conhecer; mas o ministro do Senhor, comprehendendo logo ás suas primeiras palavras que não estava em presença d'um penitente commum, interrompeu-o e pediu-lhe que voltasse outro dia, porque elle estava incurso no que se chama um «caso reservado.»

Taxil conformou-se.

Immediatamente deu a sua demissão de membro da Liga Anti-Clerical e do jornal a *Republica Anti-Clerical.*

O converso, antes mesmo de procurar de novo o padre da rua de Saint-Martin, foi a Roma, como delegado da Liga, assistir ao congresso anti-clerical. Não queria, diz elle, que mais tarde lhe atirassem em rosto o ter obstado á realisação d'aquelle congresso, do qual foi um dos principaes promotores.

Regressando de Roma, alguns jornaes espalharam que Taxil se tinha confessado e abraçára a fé. As gazetas republicanas foram violentissimas para com aquelle que consideravam já como seu ex-correligionario. A noticia não

3

era verdadeira, mas os insultos dos revolucionarios abriram os olhos a Taxil. Ainda se não tinha confessado; mas, desde aquelle momento, disse comsigo: «O que eu tinha o dever de já ter feito, far-se-á; solicitarei a absolvição das censuras ecclesiasticas pronunciadas contra mim; não deixarei perder n'uma vil indifferença os fructos da graça que Deus, a 23 d'abril, se dignou de conceder-me.»

A 23 de julho, Taxil escreveu uma carta ao redactor de *L'Univers*, na qual lhe participava o seu arrependimento do mal que havia feito á religião, e promettia reconciliar-se com Deus.

Pouco depois foi recebido em audiencia por Monsenhor Rende, Nuncio da Santa Sé em Paris. Taxil mostrou desejos ao illustre representante de Sua Santidade, de separar-se amigavelmente de sua mulher, visto esta se ter revoltado contra elle pela sua conversão e ser impia, e de desapparecer da sociedade, recolhendo-se á Cartuxa, onde um de seus amigos já estava tratando de lhe obter logar. O Nuncio aconselhou-o a que se não deixasse arrastar por um movimento irreflectido, de que talvez se arrependesse mais tarde. «Além d'isso, disse-lhe Monsenhor Rende, o senhor não tem o direito de separar-se de sua familia, porque quem levou a irreligião ao seu lar foi o senhor mesmo; soffrendo hoje a impiedade, que ainda lá reina, fará uma verdadeira penitencia . . .»

Taxil foi então absolvido das censuras ecclesiasticas, em que estava incurso.

No dia 31 d'agosto começou exercicios espirituaes que duraram quatro dias, e a 4 de setembro de 1885 foi absolvido no tribunal da penitencia.

Taxil attribue a sua conversão ás orações de sua tia e madrinha, Josefina Pagès, que, diz elle em carta publicada no *Univers* a 24 de julho de 1885, «na epoca de meus maiores escandalos, afflicta com razão por meus escriptos, distribuiu todos os seus bens pelos pobres, e, consagrando-se a uma vida d'oração para obter que eu voltasse a Deus, inclausurou-se, sob o nome de Soror Maria das Sete Dores, no convento de Nossa Senhora da Reparação, em Lyão.»

Desde a sua conversão, Taxil tem dado incontestaveis provas de sincero arrependimento de seus passados erros. A sua penna, que foi incançavel no serviço do mal, tem sido agora fecundissima na defeza da verdade. N'estes ultimos cinco annos, Taxil tem publicado os seguintes livros: *Les Frères Trois-Points*, dois volumes que tratam da organisação, gráos e segredos dos Franc-Mações; *Le Culte du Grand Architecte*, um volume que relata as solemnidades dos templos maçonicos, dos Carbonarios, dos Juizes Philosophos, e traz documentos maçonicos e o vocabulario explicativo da giria da seita; *Les Soeurs Maçonnes*, revelações completas sobre a Franc-Maçonaria das senhoras, obra que não deve ser lida pela juventude; *Les Mystères de la Franc-Maçonnerie*, livro que contém as mais completas revelações sobre a seita, approvado

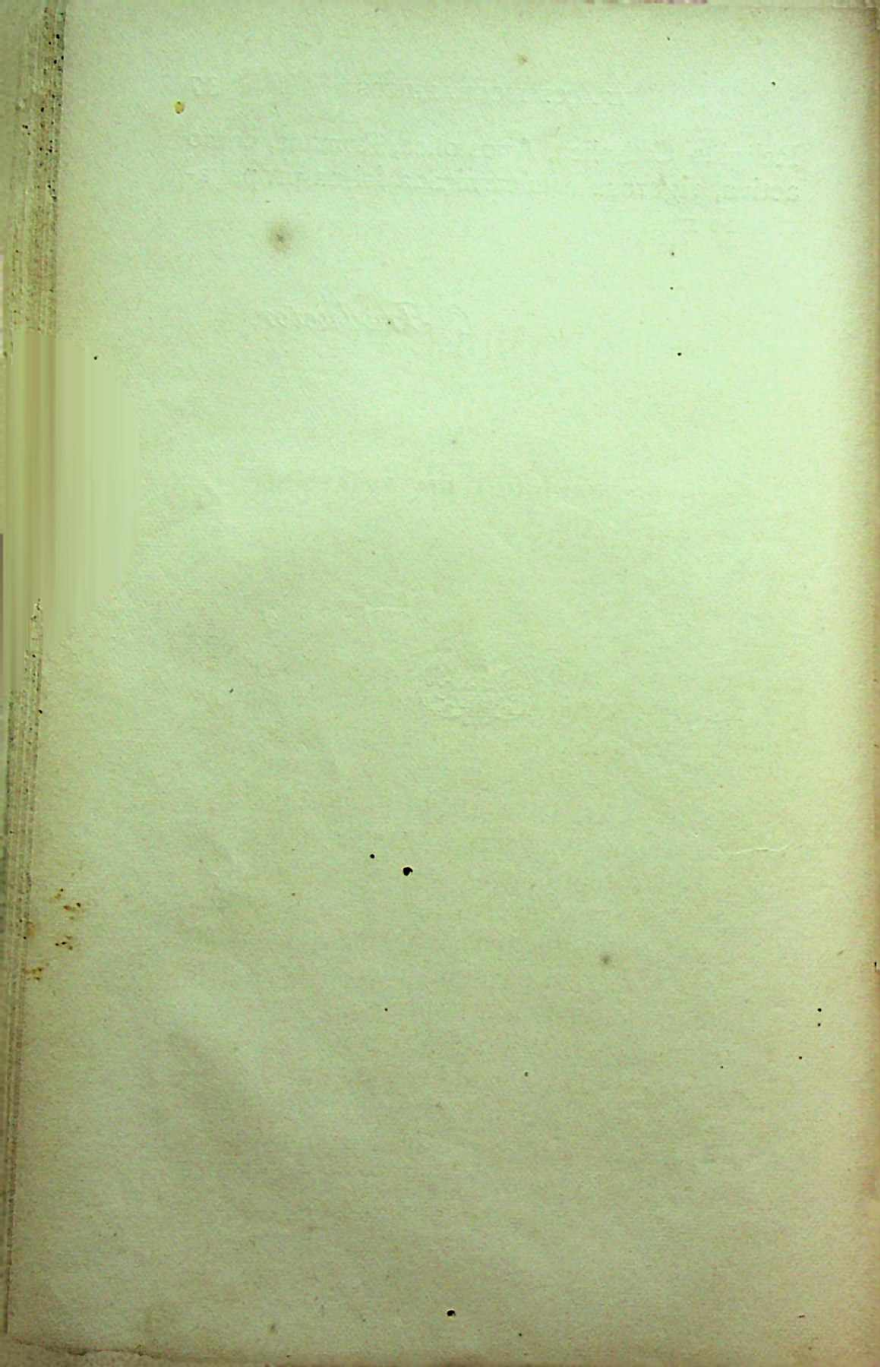
por muitos Cardeaes, Arcebispos e Bispos, e animado e abençoado particularmente pelo Santo Padre; *Le Vatican et les Francs-Maçons*, obra que traz todos os documentos apostolicos da Santa Sé contra a Franc-Maçonaria, desde Clemente XII até Leão XIII; *La Franc-Maçonnerie dévoilée et expliquée*, manual resumido das revelações do auctor contidas nas obras acima citadas; *La France Maçonnique*, lista alphabetica com nomes, pronomes, profissões e domicilios de dezeseis mil Franc-Mações francezes; *Supplément à la France Maçonnique*, segunda lista de Franc-Mações francezes contendo mais nove mil nomes; *Confessions d'un ex-livre-penseur*, historia dos erros e da conversão de Léo Taxil; *Les Soeurs de Charité*, historia popular das Irmãs de S. Vicente de Paulo; *La Ménagerie Politique*, biographias humoristicas das principaes personagens da terceira republica.

Taxil, que foi o mais endiabrado inimigo da Egreja e do Papado, é hoje um dos seus mais acerrimos defensores e um dos mais vigorosos martellos demolidores do Livre Pensamento e da Franc-Maçonaria.

Oxalá elle jámais olvide as palavras, que escreveu no penultimo capitulo das *Confessions*: «Com o auxilio de Deus comprehendi que devia, não uma retractação banal sem consequencias, mas uma reparação absoluta, completa, que só terminasse com a minha existencia!»

Oxalá sua penna continue a ser tão activa e vigorosa na defensa da sacratissima causa da

Religião Catholica, Apostolica, Romana, como activa, vigorosa e encarniçada foi na propagação do mal!

O Traductor.

PREAMBULO

COMO SE MANIPULA UM ASSASSINO

HA um seculo, de tempos a tempos, commette-se um crime, cujas circumstancias extraordinarias alvoroçam o povo e excitam as investigações dos pensadores.

A victima ou pertence ao mundo politico, como o duque de Berry, o conde Pellegrino Rossi, o marechal Prim, Garcia Moreno, Gambetta e o governador civil Barrême; ou á policia, como Saint-Blamont e diversas personagens, que tomaram parte na questão do Banco d'Ancôna; ou, emfim, á imprensa, como o jornalista americano William Morgan.

Os assassinos, quando são descobertos, nunca apparecem como tendo operado sob a influencia das paixões que, ordinariamente, impellem os malvados ao crime. Pouco conhecem a sua victima e não teem motivo algum ordina-

rio para lhe quererem mal; não matam sob o imperio do ciume, nem sob o do odio pessoal; não o fazem para roubar, nem por conta propria.

D'esses assassinos, uns desapparecem a coberto das perturbações politicas; outros conseguem subtrahir-se ás investigações e ao castigo, ou porque estão altamente collocados, ou porque teem poderosas protecções. Aquelles, porém, que se deixam prender, são fanaticos, que obedeceram a uma paixão politica, a uma ordem, dada por chefes, que permanecem desconhecidos.

Entretanto, pouco a pouco, a despeito dos esforços que, de perto ou de longe, empregam aquelles que tomam parte n'estes crimes, apesar das erradas pistas, em que os oradores e escriptores sectarios procuram lançar os investigadores, a verdade surge e mostra-se em plena evidencia.

Umas vezes são confissões, que escapam durante a embriaguez e que cuidadosamente se recolhem; outras são escriptos que se encontram, cartas, confissões, testamentos; ainda outras são revelações hauridas da bocca d'um moribundo, ralado pelo remorso e pela angustia em face da eternidade; outras, emfim, é o papel, que se encontra na fossa, onde foi lançado o cadaver da victima, e que tem a assignatura do assassino.

Então, confissões, escriptos, revelações, completam-se uns aos outros, e mostram a quem pertence a responsabilidade d'esses crimes: á grande potencia sanatica do seculo, á Franc-Maçonaria.

Com provas na mão se averigua que estes foram assassinados por terem combatido a seita, da qual outr'ora haviam feito parte; que aquelles pagaram com seu sangue o serviço que tinham prestado ás pessoas honradas, revelando o verdadeiro fim e as praticas d'esta sociedade, que pretende passar, por odiosa mentira, por simples sociedade de philantropia, e que é, na realidade, uma escola de corrupção e d'assassinato.

Certas pessoas, que não teem estudado a Franc-Maçonaria nas suas doutrinas e nas suas praticas, serão talvez impellidas a accusar d'exageradas as palavras precedentes. Dirão: «Nós conhecemos o snr. Fulano e o snr. Cicrano, que são franc-mações. E' certo que não teem a mesma opinião que nós; mas todavia são homens honrados. Nunca assassinaram ninguem, e jurariamos pela nossa cabeça que elles jámais tiveram sequer a ideia de matar quem quer que fosse.»

D'accordo; mas é que então os franc-mações, de que fallaes, não chegaram ao 30.º gráo da jerarchia maçonica; é que elles não receberam o gráo de Cavalleiro Kadosch.

Esses taes ainda crêem ingenuamente no que lhes foi dito, quando os convidaram a entrar para a seita, e que o Irmão Clavel escreveu na sua *Historia Pittoresca da Franc-Maçonaria*: [1]

---

(1) O Grande Oriente esforçou-se quanto pôde por arrancar do mercado litterario esta obra, que compromettia altamente a Franc-Maçonaria; não conseguiu, porém, completamente o seu fim, porque alguns exemplares existem nas bibliothecas d'amadores.

O auctor da *Historia Pittoresca da Franc-Maçonaria* foi pro-

«A Franc-Maçonaria — diz elle — é uma instituição philantropica progressiva, cujos membros vivem como irmãos sob o nivel d'uma doce egualdade. Alli ignoram-se as frivolas distincções do nascimento e da fortuna, e essas distincções, ainda mais absurdas, das opiniões e das crenças . . .

«O franc-mação é cidadão do universo; não ha logar algum onde elle não encontre irmãos, que se apressem a acolhel-o gostosamente, sem lhe ser necessario outra recommendação mais que o seu titulo e o fazer-se reconhecer pelos signaes e palavras mysteriosas, adoptadas pela grande familia dos iniciados.»

O assassinato parece-nos tão baixo e vil, o seu pensamento está tão longe do espirito d'aquelles que, como nós, nascemos n'uma sociedade completamente empapada nos principios do Evangelho, que nos repugna imaginar que homens civilisados o possam admittir como um meio ordinario, justo, legal, de dominação.

Aquelle, que entra na Franc-Maçonaria,

---

cessado, maçonicamente, na sua Loja, e condemnado, por 33 votos contra 14, á pena de exclusão perpetua da Maçonaria. Esta sentença foi pronunciada a 30 de novembro de 1844.

O Grande Oriente ratificou a sentença da Loja, que condemnava o I.·. Clavel; mas, mais tarde, amnistiou o condemnado, por este se haver humilhado. No decreto d'amnistia, o Grande Oriente reconhecia que o I.·. Clavel tinha dado frequentes provas, na sua obra, de bom mação e que não foi parco em tecer elogios á Ordem; mas reconheceu outrosim que algumas de suas indiscripções eram desastradas e forneciam armas á critica profana.

Resumindo: o I.·. Clavel dera demasiadamente com «a lingua nos dentes.»

(Nota do Traductor).

fal-o impellido por uma vaidade louca, pela curiosidade, pelo interesse ou pelo amor do praser.

Ora é um vaidoso que quer participar d'uma sociedade, que deseja ostentar fitinhas, cobrir-se de cordões, adornar-se d'insignias com a esperança de chegar um dia aos gráos elevados para ser então objecto de testemunhos de respeito da parte dos outros ingenuos.

Ora é um curioso, ao qual se disse ao ouvido, com ar mysterioso, que a Franc-Maçonaria «conserva religiosamente um segredo, que só póde ser conhecido pelos franc-mações.»

Muitas vezes é um ambicioso, que quer caminhar a largos passos na politica, e que conta aproveitar-se, para conseguir os seus fins, das relações que contrae nas Lojas. Pela sua parte, o negociante espera, graças a essas mesmas relações, alargar o circulo de seus freguezes.

O homem, amigo do prazer, sabe tambem que os Irmãos Tres Pontinhos se reunem frequentemente em banquetes, «em que a boa carne e os vinhos generosos excitam a alegria e estreitam os laços d'uma fraternal intimidade.» Além d'isso, descortina outros horisontes, que talvez lhe faça entrever por algumas palavras discretas o franc-mação, que o attrae para a seita.

«Assim—diz o I.·. Clavel—, ha argumentos para todas as tendencias, para todas as vocações, para todas as intelligencias e para todas as classes.»

Ora, é evidente que, entre os vaidosos, os

curiosos, os ambiciosos e os homens amigos do prazer, que se iniciam, poucos seriam capazes, no dia da sua recepção, de commetter um crime; poucos tambem teriam as qualidades (?) necessarias para se tornarem Cavalheiros Kadosch, isto é assassinos confessos da Franc-Maçonaria.

Os numerosos gráos, que constituem a jerarchia da seita, teem justamente por fim: 1.º proceder a successivas eliminações nos adeptos; deixar nos logares inferiores aquelles, de quem os chefes occultos esperam poucos serviços; elevar, ao invez, aos logares superiores os homens intelligentes e resolutos, que sejam capazes d'augmentar o poder da Ordem; 2.º formar os eleitos, escolhidos por estas progressivas selecções, para os papeis, que são chamados a desempenhar.

Selecção, educação: estas duas palavras resumem e explicam toda a jerarchia maçonica.

E esta jerarchia é combinada com uma sciencia tão profunda, que forçosamente conduz o homem, que a vae transpondo, á total preversão da consciencia. Estudando-a, sente-se a cada instante o cunho da garra do Mestre, cujas desgraças a seita chora: — do archanjo decahido, que a Franc-Maçonaria, viuva de Satanaz, sonha vingar.

E' desde o primeiro dia que entra na seita, que o franc-mação, que sabe comprehender meias palavras, começa a sua educação. Ainda não foi recebido Aprendiz, é apenas profano, e já ouve o Veneravel, que procede á sua inicia-

ção, dizer-lhe, apoiando-lhe no peito nu a ponta d'uma espada:

«— Senhor, este ferro, sempre erguido para punir o perjuro, é o symbolo do remorso que esmagará o vosso coração, se, por vossa desgraça, vos tornardes traidor á sociedade, para a qual ides entrar... As qualidades, que exigimos para serdes admittido, são a maior sinceridade, docilidade absoluta, constancia a toda a prova... A Franc-Maçonaria, que deixa a todos a sua liberdade de crença, manumite-se de qualquer dominação religiosa...»

Immediatamente se falla ao postulante de provas terriveis, que deve soffrer, de perigos, a que se achará exposto.

E' certo que, para justificar estas ultimas palavras, fazem-no representar certa quantidade de peloticas, que lembram as facecias de caserna. A pretexto de o fazerem entrar n'uma caverna, dois Irmãos vigorosos lançam-no dentro d'um grande caixilho coberto de papel forte, e o recipiendario cae de bruços, do outro lado, sobre um colchão; fazem-no assentar n'um banco acolchoado com pregos, banco que, além d'isso, tem as pernas tortas; forçam-no a subir a uma escada interminavel; (1) e administram-lhe

---

(1) Nada mais ridiculo e estupido do que a prova maçonica chamada a *Escada sem fim*. Figure-se uma roda de moinho installada entre dois bastidores verticaes, no meio dos quaes a roda gira; o apparelho divide-se em duas partes, o que permitte sobrepôr constantemente a parte livre á que está occupada. O Profano, conduzido á escada, não lhe passa sequer pela imaginação que o seu movimento d'ascensão é aniquilado d'um modo absoluto pelo movimento descendente do apparelho; d'este modo, parece-lhe que tem subido innumeraveis degraus, e está sempre no mesmo logar.

uma forte descarga electrica por meio d'uma garrafa de Leyde. Então os Irmãos Tres Pontinhos riem-se d'elle, como os estudantes se ririam d'um *calouro* depois de lhe fazerem pagar a *patente*.

Note-se que o mesmo succederá em todas as iniciações successivas, pelas quaes passará o franc-mação até attingir os mais elevados gráos. As facecias sómente se tornarão algo menos grosseiras, mas serão um pouco mais macabras. Os «limpa-chaminés» d'um gosto duvidoso occultarão os ensinos preversos.

O adepto, que deve permanecer nos gráos inferiores, só se lembra das facecias; aquelle, que está destinado a subir um pouco mais, recorda-se de que, na sua iniciação d'Aprendiz, lhe fallaram d'espada prompta a punir o per-

---

O Irmão Terrivel, tranquillamente assentado junto do apparelho, conduz o Profano pela mão, e está livre para mover o braço, de modo a seguir a pseudo-ascensão da sua victima, e a completar-lhe a illusão. Conserva-se o recipiendario na *escada sem fim* o mais tempo possivel; algumas vezes fazem durar este estupido gracejo mais de meia hora. O infeliz soffre, já não póde mais, está litteralmente extenuado. Quando lhes parece qne o desgraçado não póde dar mais um passo, param o mecanismo e adaptam-lhe um varandim na extremidade: «Animo! animo! diz-lhe o Irmão Terrivel; mais seis degráos e estaremos chegados ao cume da torre.» O recipiendario reune as ultimas forças e chega ao varandim. Em volta collocam-se logo uns vinte assistentes, que a amplos pulmões se põem a assoprar ou a agitar grandes leques. Esta ventilação artificial é para convencer o recipiendario de que realmente se acha a grande altura.

Então o Irmão Terrivel, depois de lhe dizer que estão a uma altura de mil e quinhentos metros acima do nivel do mar, accrescenta: «Lançae-vos no espaço!» E se o pobre diabo hesita, o Irmão Terrivel empurra-o, e elle cae da altura de dois metros n'um colchão, adrede preparado para estes espectaculos ultra-grutescos, capazes de provocar a hilaridade ao mais sorumbatico dos mortaes.

(Nota do Traductor).

juro, de docilidade á Ordem, de revolta contra qualquer auctoridade religiosa. E medita estas palavras do Veneravel: «O fanatismo é um culto insensato, um erro sagrado; é uma exaltação religiosa que perverte a razão e impelle a acções condemnaveis com o fim d'agradar a Deus; a isto chama-se o «furor do fanatismo.» E' um desvairamento moral, uma doença mental, que, infelizmente, é contagiosa. O fanatismo, logo que esteja enraisado n'um paiz, toma o caracter e a auctoridade d'um principio, em nome do qual os seus arrebatados partidarios teem feito perigar, nos seus execraveis *auto de fé,* milhares d'innocentes. Dá-se este nome, por analogia, ao desejo ardente do triumpho da sua opinião, da realisação de seus projectos, etc... Na maior parte dos fanatismos, apenas ha de perigoso os seus abusos; porque sem fanatismo, o homem nada faz de grande. Mas fujamos do cego fanatismo religioso e combatamol-o!...

«A superstição é a religião dos ignorantes, das almas timoratas e até dos sabios que, por carencia d'exame, não ousam sacudir o jugo do habito. A maior parte das religiões são apenas superstições alimentadas pelo temor e que podem conduzir ao fanatismo; este ultimo póde nobilitar a alma, a superstição só póde aviltal-a.»

A conclusão que se tira dos principios precedentes, se se deduzir rigorosamente, é a seguinte: o assassinato, commettido em nome do fanatismo politico, póde ser um acto digno de

louvor; os actos de justiça, dictados pela religião, são, ao invez, condemnaveis; não podem deixar de ser o producto d'um «desvairamento moral», «d'uma doença mental.»

Apenas qualquer pessoa se apresenta candidato á Franc-Maçonaria, tem-se o maior cuidado de a afastar immediatamente da religião, porque a religião ordena o respeito e o amor ao proximo. Ora, estes principios não agradam de modo algum á seita, que quer possuir adeptos, aos quaes possa ordenar o que melhor lhe aprasa, mesmo o crime.

Porisso, para terem bem a certesa de que a pessoa admittida ao gráo d'Aprendiz não contará ao primeiro recem-vindo o que ouviu na Loja, e não se exporá a receber respostas triumphantes ás calumnias contra a religião, que o Veneravel lhe expoz, ensina-se-lhe que o primeiro de seus deveres é guardar absoluto silencio sobre tudo o que venha a saber e descobrir entre os franc-mações.

E o recipiendario jura e promette sincera e solemnemente jámais revelar nenhum dos mysterios, que lhe sejam confiados. Consente «que lhe cortem o pescoço se alguma vez faltar ao seu juramento.»

Graças a este compromisso, ensinam ao Aprendiz duas coisas principaes. A primeira é que a intelligencia basta para discernir o falso do verdadeiro, o bem do mal. E' isto, em principio, a negação da revelação, quer dizer da base de toda a religião.

A segunda coisa, que lhe ensinam, é que

deve «submetter a sua vontade» aos dignitarios da Loja.

E' sómente no 30.º gráo, isto é no gráo de Cavalleiro Kadosch, que o franc-mação se apercebe do caminho que o fizeram percorrer desde o momento em que, apresentando-se á iniciação d'Aprendiz, acceitou as primeiras lições d'irreligião e de submissão á seita.

São estes principios que, desenvolvendo-se logicamente á medida que se realisa a passagem atravez dos diversos gráos, levarão a não recuar perante um assassinato o homem a quem um grãosinho de vaidade, de curiosidade, d'ambição ou d'amor ao prazer levou, por sua desgraça, a ingressar n'uma Loja.

O Aprendiz, que acaba de receber a primeira iniciação, não tem suspeita alguma do papel, que vae ser chamado a desempenhar, se perseverar no caminho em que se metteu.

Ao sair da sessão em que foi recebido, o iniciado vem algo aturdido. Comprehende apenas uma coisa: é que foi admittido n'essa sociedade, cujos planos secretos haviam excitado a sua curiosidade. E, se não se abespinhou com as humilhações a que o submetteram durante mais d'uma hora, promette a si mesmo voltar á Loja e assistir ás sessões proximas; ainda que não seja senão para haver o fio da meada de tudo o que, na sua recepção, lhe pareceu enygmatico.

Por outro lado, como dispendeu vinte e sete mil ou trinta e seis mil reis para aprender palavras e signaes, que não parece conterem

em si mesmos nada de maravilhoso, diz, e com razão, que, visto ter gasto o seu dinheiro, quer saber mais alguma coisa. (1)

Em resumo, o recipiendario está mais intrigado depois da sua recepção do que antes. De modo algum toma a sério as ameaças, que lhe fizeram, de cortar-lhe o pescoço; e, se consente em nada divulgar do que viu e ouviu, é porque experimenta a louca vaidade de ser membro d'uma sociedade, que elle julga inaccessivel ao publico vulgar.

E á noite, entrando em casa, mira-se e remira-se, todo ufano, ao espelho, e pergunta-se a meia voz, n'um tom d'admiração: «Em verdade sou eu? Sou eu, franc-mação?!»

E pouco lhe falta para se admirar de vêr

---

(1) Para se entrar na Franc-Maçonaria é necessario abrir os cordões á bolsa; quem não estiver em circumstancias pecuniarias de acudir ás despezas de recepção, por muita vontade que tenha d'entrar para o Atelier, fica toda a vida Profano. «Para ser bom Mação —diz o artigo 258.º do Rito Francez e o 326.º do Rito Escossez— é necessario poder supportar os encargos pecuniarios da Ordem.» Para bom entendedor... A iniciação ao gráo d'Aprendiz custa, termo medio (porque de Loja para Loja varia o preço da recepção,) 20$000 reis.

Se o Aprendiz solicita da Loja «novo augmento de salario», isto é, se deseja a sua admissão ao gráo de Companheiro, tem de dar uns 10$000 reis pela subida de posto; e, se a sua vaidade o impelle a pedir para ser investido no gráo de Mestre, consegue-o dando mais uns 20$000 reis. Não é caro: 20$000 reis (gráo d'Aprendiz) para saber differentes segredos, todos risiveis, entre outros que a palavra sagrada dos Franc-Mações é JAKIN (Rito Francez); 10$000 réis (gráo de Companheiro) para saber que o enganaram quando lhe disseram que a palavra sagrada era JAKIN, pois que é BOOZ; e mais 20$000 reis (gráo de Mestre) para ficar sciente de que a verdadeira palavra sagrada dos Franc-Mações não é JAKIN nem BOOZ, mas sim MAC-BENAC.

Não é um ovo por um real?

(Nota do Traductor).

que não cresceu alguns palmos, porque foi obrigado a passar por um arco de papel, como uma amazona de circo.

Durante o tirocinio do franc-mação no gráo d'Aprendiz, tirocinio que é assás longo, pois dura de cinco a vinte e quatro mezes, esforçam-se, por meio de numerosas conferencias, por desembaraçal-o dos «preconceitos da infancia e das crenças da juventude.»

No gráo de Companheiro ensinam-lhe a «praticar a virtude;» o Veneravel dirige-lhe este discurso:

«Meu Irmão: na vossa qualidade de mação investido do segundo gráo, tendes agora o direito d'assistir ás sessões das Lojas d'Adopção. Expliquemos: as nossas Lojas não recebem mulheres nos seus mysterios, como se vos disse na occasião da vossa recepção como Aprendiz; mas ha Lojas de Senhoras, chamadas Lojas d'Adopção, aos mysterios das quaes os mações são admittidos, logo que hajam recebido o gráo de Companheiro.»

Então se vê o que significa esta expressão maçonica: «praticar a virtude.» E' simplesmente entregar-se á devassidão. E' melhor não insistir n'isto. Bastar-nos-á tornar conhecido que a Franc-Maçonaria acrescenta aos meios de perversão, que emprega com os Aprendizes, a pratica regulamentada e louvada da depravação abjecta. Afasta d'este modo os seus adeptos dos deveres religiosos e domesticos, e exerce sobre elles consideravel imperio, tornando-se a dispenseira dos seus vicios.

Mas isto é apenas um simples começo; veremos coisas mais sérias.

Na iniciação ao gráo de Mestre, fazem saltar o recipiendario por cima d'um feretro. (1) E' aqui que começam as phantasias macabras, que se succedem ás facecias de caserna.

O candidato ao Mestrado é forçado a desempenhar o papel d'Hiram, cuja legenda lhe relatam. Esta legenda é curiosa sob varios aspectos: eil-a em resumo (2) «A Maçonaria con-

---

(1) E' interessante esta prova a que se submette o candidato a Mestre. No meio da sala acha-se um feretro, no qual está estendido o ultimo Mestre admittido, com os pés voltados para o Oriente; um lenço branco, manchado de sangue, encobre-lhe o rosto; além d'isto, cobre-o completamente um panno negro, sobre o qual estão collocados, aos pés, um compasso aberto, na cabeça um esquadro, e no meio um ramo d'acacia.

A etiqueta, n'esta sessão de recepção, exige que os assistentes vistam de preto, luvas brancas e crepe no braço. Todos estão sentados, de chapeu na cabeça, as abas do qual lançadas sobre os olhos, o que, segundo o ritual, é *signal de tristeza;* na mão tem cada um dos presentes uma espada com a ponta voltada para baixo.

O Muito Respeitavel senta-se no chão, nos degráos que conduzem ao altar: deve affectar grande dôr, porque precisa de representar com certa seriedade a comedia de que o esquife, que o candidato a Mestre vê, é o d'um Mação, assassinado pelos Companheiros.

Depois de varias peripecias grotescas porque fazem passar o operario que pede «augmento de salario», peripecias capazes de provocar o riso a um... morto, ordenam-lhe que se descalce, desnudam-lhe o braço e o seio esquerdos, collocam-lhe um esquadro no braço direito, tiram-lhe a saquinha do dinheiro e o relogio, e, depois de longo interrogatorio, fazem-no aproximar do esquife e ver que effectivamente está alli um corpo; em seguida, por uma manobra que fazem habilmente executar ao candidato a Mestre, este fica de costas para o feretro, e o pseudo-cadaver abandona o caixão, e vae surrateiramente tomar o seu logar «nas columnas», que são os logares aonde se sentam os II.·. nos Ateliers.

(Nota do Traductor).

(2) As pessoas, que queiram ler esta legenda circumstanciada e com as diversas interpretações, que lhe são dadas nas iniciações

cebera o piedoso designio de construir um templo á gloria do Grande Architecto do Universo. Hiram, perito na arte da architectura, assim como na manipulação dos metaes, foi escolhido para edificar esse templo e dirigir os operarios, dos quaes foi nomeado Mestre.

«Em breve o edificio, quasi acabado, ia ser digno do fim a que a Franc-Maçonaria se propunha; mas os inimigos da Ordem maçonica, zelosos da victoria d'Hiram, quizeram arrancar-lhe os seus segredos, afim de poderem continuar e concluir a obra tão auspiciosamente começada.

Elles não ignoravam com que escrupulo o Mestre guardava os segredos, que lhe haviam sido confiados para obter o exito da empreza, e por isso resolveram atacal-o, afim de terem um pretexto para o afastar ou o assassinar.

«Suscitaram contra Hiram tres miseraveis, já iniciados nos primeiros segredos da arte, e persuadiram esses operarios, animados de pensamentos ambiciosos, que eram assás instruidos para poderem aspirar aos logares superiores.

«Desde então, estes homens viam com inveja aquelles a quem o talento e a virtude haviam collocado superiores a elles, e que eram admittidos na Camara do Centro, que era a Camara dos Mestres. Resolveram penetrar n'este

---

successivas, encontram-na reproduzida por extenso nos *Mysterios da Franc-Maçonaria*, por Léo Taxil.

(Nota dos auctores.)

logar sagrado e introduzir-se n'elle por geito ou á força.

«Como não podiam attingir este fim sem estarem de posse da sagrada palavra dos Mestres, resolveram intimidar Hiram, afim d'obterem d'elle pelo terror a palavra, que não esperavam obter sem coacção. Esperaram, pois, o momento em que, ao declinar do dia, os operarios, tendo acabado o trabalho, abandonam a officina para descançar, porque então o Mestre, que era sempre o ultimo a sair, se encontraria só e por consequencia sem defesa.»

Como Hiram não quer dizer a palavra dos Mestres, os tres maus Companheiros o assassinam, conduzem-no para fóra da cidade, enterram o cadaver n'um bosque e plantam sobre o tumulo um ramo d'acacia.

A legenda d'Hiram é para os Franc-Maçöes simplesmente um symbolo, e occasião, quando a explicam, d'instruir o novo Mestre nas doutrinas da seita. E' tambem um meio de sondar os seus pensamentos no presente e as suas intenções no futuro. Por isso o Veneravel da Loja e o Orador a explicam, um depois do outro, ao recipiendario.

«Estava-se, diz em substancia o Veneravel, no tempo do maior poder de Salomão, filho de David. Este rei, muito conhecido pela sua sabedoria, mandára construir um magnifico templo á gloria de Jehovah. O architecto encarregado d'esta construcção era Hiram.

«Quem era este homem?... D'onde vinha?... O seu passado era um mysterio. En-

viado ao rei Salomão pelo rei dos Tyros, adoradores de Moloch, esta personagem, tão extranha quão sublime, soube impôr-se a todos desde a sua chegada. O seu genio audacioso collocava-o acima dos outros homens; a humanidade não comprehendia o seu espirito e todos se inclinavam perante a vontade e a mysteriosa influencia d'aquelle a quem se chamava o Mestre... A sua larga fronte reflectia ao mesmo tempo (prestae attenção a estas palavras) o Espirito da Luz e o Genio das Trevas.

«Tinha sob suas ordens mais de trezentos mil operarios, homens de todos os paizes e que fallavam todas as linguas. Este grande numero d'operarios obedecia a um só gesto d'Hiram.

« Um dia, uma grande soberana, Balkis, rainha de Sabá, foi visitar Salomão. Este, para lhe dar uma ideia do seu poder, quiz fazer-lhe admirar os trabalhos do soberbo edificio, por elle construido a Jehovah.

«A rainha, maravilhada, pediu para lhe ser apresentado o architecto de genio que concebeu e dirigiu a edificação de tantos esplendores; desejou tambem vêr o exercito dos operarios.

«Ainda que contra vontade, Salomão manda chamar Hiram. O Mestre, depois d'haver prestado homenagem á rainha Balkis, dirige-se para a entrada do Templo; encosta-se ao portico exterior, e, fazendo pedestal d'um bloco de granito, dirige serenamente a vista para a multidão reunida, que se encaminha para o centro

dos trabalhos... Ao signal d'Hiram, todos os rostos se voltam para elle... O Mestre ergue então o braço direito, e, com a mão aberta, traça uma linha horisontal, do meio da qual faz cair uma linha perpendicular que figura dois angulos rectos em esquadria, signal que os Tyros reconhecem como a letra T.

«A este signal de juncção, o formigueiro humano agita-se, como se uma tromba de vento o impellisse. Em seguida formam-se os grupos e desenham-se em linhas regulares e harmonicas; as legiões dispõem-se, e esses milhares d'operarios, conduzidos e dirigidos por chefes desconhecidos, dividem-se em tres corpos principaes, subdivididos cada um em tres cohortes distinctas, espessas e profundas, onde marcham os Mestres, os Companheiros e os Aprendizes.

«São centenas de milhares. A terra treme sob os seus passos; aproximam-se, semelhantes ás alterosas vagas do mar, promptas a invadir as margens. Nem um grito, nem um clamor; apenas se houve o rodar surdo e cadenciado da sua marcha, semelhante ao troar d'um trovão longinquo, precursor do furacão e da tempestade...

«Se um sopro de colera passasse sobre aquellas cabeças, essas vagas animadas arrastariam no turbilhão do seu irresistivel poder tudo o que quizesse obstar á sua impetuosa passagem!

«Deante d'esta força desconhecida, que a si mesma se ignora, Salomão empallideceu. Lançou um olhar assombrado sobre o brilhan-

te, mas fraco cortejo de padres e de cortezãos, que o rodeavam. O seu throno vae ser submergido e esmagado pelas ondas d'este oceano humano? Não! Hiram acaba d'estender os braços: todos param. A um signal, este innumeravel exercito dispersa-se; retira-se frementе, mas obedecendo á intelligencia que o domina e subjuga.

«—Pois quê! diz Salomão comsigo, um só signal d'aquella mão faz surgir ou dispersar exercitos?...»

«Depois, comparando essa força occulta, esse poder formidavel ao seu, o grande rei, que julgava ter recebido do seu Deus a habilidade e a sabedoria, comprehendeu que estes dons pouca coisa eram comparados com aquelle que acabava de descobrir; e então reconheceu na sua alma um poder superior ao seu, uma nova força junto da qual elle tinha passado até áquelle momento sem sequer d'ella suspeitar. Este poder era o Povo.

«Quanto ao chefe mysterioso, que commandava essas legiões d'homens, o seu genio, que subjugava os elementos e dominava a natureza, levantou contra elle o odio dos invejosos, dos cobardes e dos traidores; e devia succumbir e succumbiu aos golpes dos tres maus Companheiros, que personificavam a ignorancia, a hypocrisia e a ambição.»

E' esta a explicação dada pelo Veneravel ao novo Mestre. Reproduzimol-a segundo os Rituaes da seita.

O Irmão Orador da Loja dá duas outras

interpretações da legenda d'Hiram. Segundo a primeira, que é exposta n'uma linguagem quasi sempre mui diffusa, com palavras altisonantes, Hiram é a personificação do sol, que fecunda a terra d'onde nós sahimos e para a qual voltamos. E' a fonte da vida e merece as nossas adorações.

Segundo a outra interpretação, Hiram descende em linha recta de Tubalcaim, o qual da sua parte é descendente de Caim. Ora Caim, segundo a doutrina da Franc-Maçonaria, era, não filho d'Adão, mas filho d'Eva e de Eblis, o Anjo da Luz, o qual Eblis é precisamente Lucifer.

E é exactamente Hiram, descendente de Lucifer, que construe, por ordem de Salomão, um templo a Deus, a esse Adonai que amaldiçoou a Satanaz e a Caim.

E Salomão, que tem zelos do poder e da sciencia do seu architecto, toma medidas para lhe infligir, na presença de Balkis, rainha de Sabá, uma profunda humilhação.

Hiram deve proceder, em presença do rei e da rainha, á fundição d'uma peça gigantesca de bronze. Os tres maus Companheiros, que mais tarde devem assassinar o Mestre, misturaram, segundo conselhos do soberano juiz, no metal em fusão lavas sulfurosas, e prepararam causas de ruptura na immensa bacia, que devia ser o molde da peça de bronze que se fundia.

D'este modo, o molde rebentou e a liga de metal incandescente se espalhou por todos os lados, semeando por toda a parte o espanto.

Hiram, que contava com o triumpho, fica esmagado de confusão em presença da rainha de Sabá.

De repente, ouve uma formidavel voz saír das profundezas do fogo, e esta voz chama-o: «Hiram! Hiram! Hiram!»

Uma fórma d'homem colossal ergue-se do centro da fornalha, caminha para elle e diz-lhe:

«—Vem, meu filho, vem sem receio; soprei-te e podes respirar na chamma.»

«—Quem és? para onde me levas? pergunta Hiram.

«—Eu sou descendente de Caim, sou Tabulcaim, teu antepassado. Conduzo-te ao centro da terra, á alma do mundo, ao dominio de Eblis e de Caim, onde com elles reina a liberdade. No limiar do nosso imperio cessa o poder do nosso perseguidor, Adonai, o Deus de Salomão. Vem á verdadeira patria de teus paes gosar sem receio os fructos da arvore da sciencia do bem e do mal.»

Hiram é arrastado ao centro da terra, ao reino do fogo; vê alli Caim, filho de Lucifer, e ouve esta estranha predicção:

«—Volta á terra. Os da tua raça, mais numerosos que as areias do mar, terão primasia, depois de longas luctas, sobre os filhos d'Adão. Aquelles farão curvar estes a seus pés, e estabelecerão em toda a superficie da terra o culto do Fogo. Teus filhos, reunindo-se ao teu nome, destruirão o poder dos Reis e de todos os ministros da tyrannia d'Adonai. Vae, filho da minha

raça, vae; Eblis, o anjo da Luz, e os Genios do fogo estão comtigo!»

Hiram volta á terra; reune n'um momento os destroços da immensa peça de bronze e faz com elles uma obra perfeita; depois d'isto, obtem o amor de Balkis, a rainha de Sabá.

Tal é a nova e satanica interpretação que é dada á legenda d'Hiram.

Fomos obrigados a estender-nos um pouco largamente a respeito dos dois discursos do Veneravel e do Orador, porque a iniciação ao gráo de Mestre tem importancia capital sob o ponto de vista da selecção, que os chefes desconhecidos da Ordem operam na massa dos Irmãos, que são escolhidos como adeptos capazes de se elevarem, por uma sequencia d'iniciações cada vez mais criminosas, até ao gráo de Cavalleiros Kadosch, que, como já dissemos, são os assassinos confessos da Ordem.

Vejamos como se realisa a selecção entre os Mestres e como se reconhecem aquelles que são susceptiveis d'attingir os mais elevados gráos da jerarchia.

No fim do seu discurso, o Irmão Orador tem o cuidado d'intercalar a seguinte advertencia, dirigida ao recipiendario: «Meu Irmão, no discurso do Veneravel e no meu, distinguistes tres interpretações da legenda d'Hiram; a primeira, politica; a segunda, scientifica; a terceira, philosophica. Reflecti bem em tudo que vos foi dito, e, por occasião da nossa proxima sessão dos Mestres, informae-nos das vossas im-

pressões maçonicas, indicando a interpretação que mais intensamente vos sensibilisou.»

Um mez depois da sua recepção, o novo Mestre é convocado para uma sessão especial do terceiro gráo, afim de communicar á Loja as suas impressões maçonicas.

Irmãos altamente graduados, isto é que pertencem ao 30.°, 31.°, 32.° ou 33.° gráos, assistem sempre a esta sessão, porque é mister que a auctoridade central saiba o que deve pensar do novo Mestre.

A maioria dos adeptos investidos na dignidade de Mestres, não vêem na legenda d'Hiram senão o lado politico. «O povo, dizem, constitue pelo seu conjuncto a maior potencia que existe na terra. A sua vontade é a fonte de todo o poder. A tarefa da Franc-Maçonaria é dirigir, d'um modo occulto, a vontade do povo para o progresso e a emancipação da humanidade, empregando a sua força para a destruição dos Reis e dos Padres, que até ao presente o teem opprimido. Em resumo, a Ordem está destinada a tornar-se a aristocracia da nova sociedade, baseada sobre a Liberdade, Egualdade e Fraternidade.»

Ouvindo estas palavras, os Irmãos dos altos gráos dizem no seu fôro intimo: «Poucos serviços ha a esperar d'este homem. Não comprehendeu muito bem as instrucções com que foi desenvolvida a legenda d'Hiram; é conveniente deixal-o nos gráos inferiores. Ahi achar-se-á no seu logar.»

Por vezes o iniciado não pára sómente na

interpretação politica; comprehende algo mais da famosa narrativa, e resume assim as suas meditações: «Não houve creação do mundo, como pretendem os christãos, mas organisação, desenvolvimento da materia, que existia desde toda a eternidade. Esta organisação e desenvolvimento se operaram sob a influencia fecundante do sol. O fim da Franc-Maçonaria é substituir o seu culto, o culto do Fogo, ás superstições das religiões, que se dizem reveladas.»

D'esta vez, os 30.º, 31.º, 32.º e 33.º que assistem á sessão, ficam mais satisfeitos. «Guindaremos este homem aos gráos superiores — dizem elles comsigo, — até áquelles onde se ensinam as sciencias occultas e o materialismo. Tornar-se-á Rosa Cruz, mas não se elevará até nós.»

Este ainda não é julgado apto de tornar-se um Cavalleiro Kadosch, um assassino; mas, aquelle que subirá até aos mais elevados gráos, é o Irmão que se exprima assim:

«A terra está dividida em dois campos, que se disputam o poder. Entre os homens, uns são filhos d'Adão, adoram Adonai, o Jehovah a quem Salomão construia um templo, o Deus dos christãos. Os outros — e nós, franc-maçōes, somos d'este numero — teem-se como descendentes de Tubalcaim e de Caim, filhos d'Eblis, o Anjo da Luz, Lucifer. Derruir os thronos dos Reis e dos Papas é para nós um meio, e não um fim; queremos subir mais alto, queremos vingar o grande opprimido, que Victor Hugo cantou, vingar Eblis, nosso pae, contra Jehovah,

seu perseguidor, e para isso ergueremos o nosso grito de guerra: «Vingança contra ti, ó Adonai!»

Ao ouvir este sacrilego discurso, os grandes dignitarios da Franc-Maçonaria estremecem d'admiração: «Este—pensam—é digno de ter um logar entre nós. Faremos d'elle um Cavalleiro Kadosch.»

Desde este momento, aquelle homem a quem a vaidade, a curiosidade, o interesse ou o amor do prazer impelliram a entrar na seita, que não era completamente mau a principio, mas ao qual ensinaram o despreso de toda a religião e a admiração do fanatismo maçonico; a quem, por juramentos de silencio, subtrahiram á influencia das pessoas honradas, que lhe teriam desvendado os olhos; a quem corromperam os costumes nas Lojas d'Adopção; ao qual, emfim, deram, por occasião da iniciação ao gráo de Mestre, as primeiras lições de satanismo; este homem, arrastado por um lado pela propria perversão da sua natureza, e impellido por outro pelas excitações e ensinos perversos dos franc-mações altamente collocados, este infeliz vae d'ora avante caminhar a passos agigantados na senda do crime, no fim do qual apparece em gloria o punhal ensanguentado do Cavalleiro Kadosch, do qual caem lentamente grossas gottas vermelhas.

A Farnc-Maçonaria divide-se em quatro series, que successivamente atravessa o adepto, que deve chegar ao cume da jerarchia.

A primeira serie chama-se Maçonaria Azul.

Comprehende os gráos symbolicos, o mais elevado dos quaes é o de Mestre. Occupa-se principalmente de politica.

A segunda serie chama-se Maçonaria Vermelha. Comprehende os gráos capitulares até ao de Rosa Cruz e entrega-se ao estudo das sciencias occultas.

A terceira serie, chamada Maçonaria Negra e composta de gráos philosophicos, guinda o sectario até ao titulo de Grande Eleito Cavalleiro Kadosch, Perfeito Iniciado.

A quarta serie, emfim, dividida em tres gráos administrativos, engloba, sob o nome de Maçonaria Branca, os chefes supremos da Ordem.

Esta explicação era necessaria para perfeita comprehensão do que vae seguir-se.

O iniciado, recebido como Mestre, e reconhecido pelos grandes dignitarios como homem capaz de prestar serviços á seita, abandona a Maçonaria Azul e entra na Maçonaria Vermelha, onde a sua instrucção se aperfeiçoa, e vamos vêr de que maneira.

No quarto gráo, o de Mestre Secreto, ensinam-lhe que deve despresar os rebates da sua consciencia, que se produzem «após uma educação, de que as superstições e os prejuizos foram a base.»

Ensinam-lhe egualmente o seguinte: «O que os profanos (leia-se aquelles que não são franc-mações) chamam Honra, é o contrario da Honra; o que elles chamam Virtude, é precisamente Vicio, e reciprocamente; quanto á Jus-

tiça, esse sentimento, tal como o comprehendemos nos nossos templos, é directamente opposto ao sentimento do mesmo nome que é admittido fóra dos nossos templos.»

Como se vê, isto é a destruição de todas as noções da verdadeira moral como tem sido admittida por todos os povos, como está gravada no fundo das nossas consciencias!

No sexto gráo, o recipiendario aprende que a espionagem é considerada como licita entre os franc-mações.

O nono, o de Mestre Eleito dos Nove, é, propriamente fallando, a escola primaria do assassinato. O recipiendario promette cumprir escrupulosamente as obrigações d'este gráo, á custa do seu sangue, seja em que circumstancia fôr; jura immolar em sacrificio, aos manes de Hiram, os falsos irmãos que venham a revelar aos profanos alguns dos segredos maçonicos; e accrescenta textualmente: «Cumprirei os meus juramentos, ou que a morte mais affrontosa seja a expiação do meu perjurio: depois, que meus olhos sejam privados da luz pelo ferro em brasa, que meu corpo se torne presa dos abutres, e que a minha memoria seja posta em execração aos Filhos da Viuva por toda a terra!»

As minuciosidades da iniciação n'este gráo são caracteristicas. Mettem um punhal na mão do postulante, e collocam-no subitamente em face d'uma caverna, no fundo da qual vê, n'uma semi-obscuridade, um homem dormindo.

«—Aquelle é o assassino d'Hiram, lhe dizem. Feri-o.»

Penetra na caverna e apunhala-o. O que o iniciado vê é apenas um manequim, é certo; alli apenas se representa uma comedia d'assassinato; mas ouça-se como o Ritual Maçonico explica esta comedia:

«A traição, diz elle, não deve ficar impune. Sem uma ordem legitima, a vingança é criminosa; por consequencia, logo que o poder legitimo (quer dizer os Irmãos a quem a confiança geral colloca á frente da Franc-Maçonaria) dá uma ordem de vingança, aquelle que a executa cumpre um acto de virtude.

«Quando recebe uma ordem regular, o Mação tem d'obedecer; não deve deixar-se influenciar por nenhuma consideração pessoal; a sua consciencia deve permanecer inflexivel, porque o Grande Architecto do Universo é o seu unico juiz.

«O assassinato commettido na caverna, de noite, na pessoa do traidor Abibala (é este o nome do pretendido assassino d'Hiram), emquanto elle dorme e cujo auctor é um desconhecido (o recipiendario), guiado por uma personagem que vê pela vez primeira, significa o seguinte: 1.° Quando surgir o momento de punir um traidor á Franc-Maçonaria, não deve ser ferido em pleno dia, mas procurar-se de preferencia para a execução ordenada as propicias trevas da noite; 2.° é justo tambem que o traidor seja atacado d'improviso e não tenha tem-

po nem meios de se defender, e melhor será se o poderem surprehender em logar afastado; 3.° para evitar qualquer indiscripção e impedir que explua um escandalo em redor da Franc-Maçonaria, o castigo do perjuro e do falso irmão deve executar-se astuta, prudente e mysteriosamente, sem que os ultionistas (executores da vingança) se conheçam uns aos outros.

«Emfim, sob o ponto de vista symbolico, os tres traidores Abibala, Sterkin e Oterfut (são os nomes dos tres maus companheiros que mataram Hiram) figuram a Tyrannia Politica, o Fanatismo Religioso e a Ignorancia.»

Estas explicações, copiadas textualmente — insistimos n'isto — do Ritual Maçonico, tiram á comedia d'assassinato, representada por occasião da iniciação no 9.º grão, o que a presença do manequim n'ella introduzira de ridiculo, e dão-lhe o seu verdadeiro sentido, que é espantoso, monstruoso.

Afim de bem gravar no espirito do iniciado o pensamento do assassinato, e de o habituar a elle, de o fazer encarar como legitima e louvavel a execução d'um crime ordenado pela Ordem, fazem-no desempenhar o papel d'assassino o mais frequentemente possivel.

Quando se procede á iniciação ao 10.º grão, ordenam-lhe que atravesse com um punhal uma cabeça cortada, a cabeça d'um traidor.

A consagração ao grão de Sublime Cavalleiro Eleito é recebida entre tres cabeças empaladas.

Á medida que o adepto vae penetrando mais nos mysterios da seita, obscurecem-lhe adrede o espirito, apresentando-lhe e desenvolvendo-lhe a doutrina gnostica. Mas iriamos muito longe se nos alargassemos sobre este ponto. Bastar-nos-á dizer que parece mui difficil que um homem, que entre são d'espirito na Franc-Maçonaria, não se torne em breve louco, depois de ter passeado no dedalo d'erros, que se contradizem mutuamente, pelo qual o fazem passar as succedidas iniciações.

Diremos entretanto que o logar mais importante n'estas iniciações é occupado pelas ceremonias que reproduzem, com o fim de as tornar ridiculas, a communhão e a confissão.

Acrescentaremos tambem que ás explicações pretendidamente philosophicas, se misturam constantemente instrucções obscenas. A divisa da Franc-Maçonaria parece ser esta: «Corromper o mais possivel o espirito e os costumes d'aquelles de quem ella quer fazer executores de suas altas obras para melhor se apoderar d'elles.»

O grão de Rosa Cruz, que é o 18.º, é o mais elevado da Maçonaria Vermelha, assim como o de Mestre é o ultimo da Maçonaria Azul. O Rosa Cruz jura sobre um gladio, «symbolo da coragem», habituar o seu braço a defender os seus Irmãos. Companheiros de corda e sacco não prometteriam outra coisa.

O recipiendario admira n'um transparente a glorificação do Inferno, de Satanaz e de

Caim, o primeiro assassino; adora Lucifer sob a figura do Sol e a fórma do Fogo.

Além d'isso, receiando sem duvida que o iniciado não esteja assás saturado de todos os systemas philosophicos, que lhe foram expostos precedentemente, explicam-lhe a doutrina pantheista. E a ceremonia termina por uma imitação sacrilega e irrisoria da Ceia e da Communhão.

Mas, como impiedade, ha coisa ainda peior. Todos os annos, na noite de Quinta-Feira ou Sexta-Feira Santa, se realisa um banquete, ao qual todos os Rosa Cruzes são obrigados a assistir.

N'este banquete, em mesa disposta em fórma de cruz, é collocado um carneiro assado, cuja cabeça é encimada por uma corôa d'espinhos e cada um dos pés atravessados por um cravo. Este carneiro é posto no centro da cruz voltado de costas, e as patas dianteiras affastadas. Não ha quem possa enganar-se: representa a Victima do Calvario.

O presidente d'este sacrilego banquete corta a cabeça e os pés d'este carneiro e lança-os n'um fogão acceso, offerecendo-os d'este modo em holocausto a Lucifer, adorado pelos Rosa-Cruzes sob a fórma do Fogo.

E' facil comprehender que um homem, que chega ao grão d'aberração e impiedade sufficientes para tomar parte em tão monstruosa ceremonia, deve considerar a vida de seus semelhantes como objecto de minima importancia.

Accrescentaremos, de passagem, que os Rosa Cruzes são os espiões encartados das Lojas.

Entrando no gráo 19.º, o iniciado penetra na Maçonaria Negra. Pouco lhe resta aprender para se tornar um assassino perfeito e pratico; porisso, a partir d'este momento, caminha a passos largos para o gráo de Cavalleiro Kadosch.

E então faz novos juramentos de jámais fraquear na execução das ordens recebidas, após os julgamentos pronunciados pelas auctoridades maçonicas; segue-se a adoração directa e cultual de Lucifer e o embrutecimento progressivo pela pratica da Magia; depois, as homenagens prestadas a Satanaz sob a fórma d'uma serpente. E o mesmo pensamento é sempre martellado mais e mais profundamente no espirito do sectario: «Os cavalleiros da Maçonaria darão ao povo a liberdade, e a liberdade não se obtem senão quebrando impiedosamente, com a audacia e a coragem, as pesadas cadeias do despotismo civil, religioso, militar e economico.»

E o iniciado reitera os juramentos «d'obedecer sempre e a despeito de tudo ás ordens que lhe sejam jerarchicamente transmittidas.» Evoca Satanaz, do qual fez o seu Deus. Evoca-o segundo o Ritual da Alta Magia, redigido por um padre apostata que se chamava Constante; adora-o sob a figura de Baphomet, [1] idolo in-

---

(1) O Baphomet é um idolo infame, deante do qual os Gnosticos e os Templarios queimavam incenso. Os maçóes explicam que não ha motivo para os profanos se admirarem de que este symbolo seja honrado entre elles, porque é a figura pantheistica e magica do

fame com cabeça e pés de bode, seios de mulher e azas de morcego.

Por fim é julgado digno de ser recebido Cavalleiro Kadosch.

N'esta iniciação suprema, apunhala uma cabeça de morto encimada d'uma thiara, representação do Papado, e uma outra cabeça adornada de corôa real, emblema do poder civil. Prostra-se diante d'um triangulo invertido, (1)

---

absoluto. O facho collocado entre os dois cornos representa a só responsabilidade da materia e a expiação que nos corpos deve punir sómente as faltas corporaes. Se as mãos são humanas, explicam, é para mostrar a santidade do trabalho; se ellas fazem o signal do isoterismo (doutrina secreta reservada só para os iniciados de certas escolas philosophicas da antiguidade), é unicamente para recommendar o mysterio.

Que se encontra d'indecente n'esta figura emblematica da natureza? perguntam. Será o caduceu? Mas então seria confessar que se vê o mal n'aquillo que é o bem; porque o caduceu, como está collocado alli, symbolisa a immortalidade da especie humana. Censura-se o Baphomet por ter seios de mulher? Mas isso prova que elle só tira da humanidade os signaes da maternidade e do trabalho, isto é, os signaes redemptores. Na sua fronte brilha a Estrella Rutilante? A sua significação mystica é admiravel, dizem elles. Emfim, crimina-se esta figura divina por causa das suas grandes azas abertas? Mas essas azas são d'um archanjo! ..

Será o que os II. quizerem: o facto é que o tal Baphomet é uma representação diabolica das mais caracterisadas na Franc-Maçonaria. Para se conhecer isto, basta ver a descripção, que do idolo se faz, ou a gravura, que o representa.

Além d'isso, no gráo 28.º, que é o de *Grande Escossez de Santo André da Escossia*, a sessão de recepção do candidato a este gráo termina com a exhibição do Baphomet, que é proclamado o symbolo sagrado da natureza, e lança-se o anathema a quem ousou condemnar os seus adoradores. E quem *ousou* lançar essa condemnação? A Egreja.

Nada mais é preciso para saber-se o que representa o Baphomet para os maçons.

(Nota do Traductor).

(1) O triangulo invertido, quer dizer collocado com a ponta principal para baixo, é o emblema pessoal de Satanaz. Isto é corrente nos maçons investidos nos gráos elevados; mas, se houver quem duvide da significação que aqui damos do triangulo invertido, con-

imagem de Lucifer, e queima incenso no seu altar.

No nono gráo, o de Mestre Eleito dos Nove, dá-se ordem ao recipiendario d'apunhalar um objecto que, na obscuridade quasi completa em que se acha, toma á primeira vista por um homem adormecido, mas que não tarda a reconhecer por um manequim. Apesar de todos os discursos que lhe hajam dirigido, a despeito de todos os juramentos que o tenham obrigado a prestar, o iniciado não deixa de fazer comsigo mesmo o seguinte raciocinio: «Até agora só me hão ordenado que apunhale imagens, o que tem pouca importancia. Os discursos de vingança, que tenho ouvido pronunciar, teem simplesmente sentido allegorico: d'aqui por deante succederá o mesmo, e jámais receberei ordem d'apunhalar um homem em carne e osso. Posso, pois, ir mais adiante e fazer-me receber como cavalleiro Kadosch; este facto não terá consequencias.»

A seita não o entende assim; ella quer ter debaixo de mão homens verdadeiramente capazes de pôr em execução os julgamentos, que ella pronunciar. A seita não ignora que o patife mais arrojado em palavras pode fraquear quando se trata a serio de verter sangue e d'arriscar a pelle; porisso, antes d'introduzir mais o iniciado

---

sulte, se tem licença para isso, qualquer tratado de sciencia occulta, onde se descrevam as evocações diabolicas.

(Nota do Traductor).

nos seus segredos, impõe-lhe uma prova espantosa, a qual consiste no seguinte:

Munem-se d'um carneiro vivo que amarram a um banco, de ventre para o ar, depois de o haverem tosquiado do lado esquerdo. O animal está solidamente amordaçado, de maneira a não deixar escapar nenhum gemido. De traz do banco está acocorado um Irmão, que imita os suspiros d'um homem atado e amordaçado.

O Grão-Mestre e os officiaes do Areopago, que procedem á iniciação, estão presentes. Conduzem o recipiendario, cuja cabeça está envolvida n'um véo negro que completamente o impede de ver.

O Grão-Mestre diz-lhe então: «Irmão, quando foste recebido no gráo d'Eleito, vingaste a morte d'Hiram. Hoje não se trata d'apunhalar manequins, nem d'atravessar com o teu punhal cabeças ha muito privadas de vida... Sabes que não ha instituição, por excellente que seja, que não conte traidores. Um miseravel, que pertencia a um Atelier da nossa obediencia, trahiu, ha pouco tempo, a nossa sagrada causa, e nós conseguimos apoderar-nos d'elle... Está alli; soou a sua ultima hora... Ouço os rugidos de colera que elle solta por saber que vae soffrer o merecido castigo e que se não póde subtrahir a elle... Solidamente amordaçado, quizera talvez, antes d'expirar sob o golpe da nossa justa vingança, lançar-nos um supremo insulto; mas aquella bocca, que trahiu os nossos segredos, não deve abrir-se mais; aquella lingua perjura não deve mais fallar... Irmão, a

tua iniciação d'este dia confere-te a honra de fazer justiça... Tauteia antecipadamente com a tua mão o logar onde deves ferir, e, depois, que o teu braço não trema!»

Então o Irmão que desempenha o logar de Grande Introductor, toma-lhe a mão esquerda e colloca-lh'a no corpo palpitante do carneiro, no sitio em que se fez a tosquia. O iniciado sente o calor da pelle e o bater agitado do coração; ouve o Irmão que imita os suspiros d'um prisioneiro amarrado, redobra os gemidos e solta, como em agonia, a palavra «perdão!»; o recipiendario crê firmemente que é o corpo d'um traidor que apalpa com os seus dedos, tremulos d'emoção.

«— Fere!» ordena o Grão-Mestre.

O recipiendario ergue o punhal e fere, convencido de que commette um assassinato.

Depois que apunhala, o Cavalleiro Kadosch é conduzido a outra sala; levantam-lhe o espesso véo que lhe cobre a cabeça e vê a mão tinta de sangue que, com a violencia do golpe, jorrou da ferida. Em seguida trazem-lhe n'uma bandeja o coração, ainda quente e sangrando, da victima. Dizem-lhe que aquelle coração é o d'um Irmão traidor á Ordem; o recipiendario pica-o com a ponta do seu punhal e depois entrega-o ao Grão-Mestre, que o felicita pela sua coragem.

Então se comprehende que o iniciado presta, com conhecimento de causa, o juramento do grão: «Comprometto-me e obrigo-me a manter, até com perigo de minha vida, os princi-

pios sagrados da nossa Ordem e a defendel-os por todos os meios contra o fanatismo, a tyrannia e a superstição. Juro conformar-me em tudo e sempre ás leis e estatutos da Franc-Maçonaria e ás ordens da auctoridade legitima do Supremo Conselho.»

O novo Kadosch sabe que o Grão-Mestre não usa vã linguagem quando, entregando-lhe um punhal, lhe diz: «Recebe, carissimo e illustre Irmão, esta arma da justiça e da verdade; não te sirvas nunca d'ella senão para causas santas e legitimas.»

Desde este momento o iniciado é um perfeito Kadosch, isto é, segundo as proprias expressões do Catechismo do grão: «aquelle que prestou o irrevogavel juramento de manter, custe o que custar, os principios da Ordem; de defender, seja a que preço fôr, a causa da Verdade (da Verdade maçonica, bem entendida) e da Humanidade contra toda a auctoridade usurpada, abusiva, ou irregular, quer seja politica, militar ou religiosa; e de punir sem piedade os traidores á Ordem.»

O Cavalleiro Kadosch evoca Satanaz segundo as formulas do *Ritual da Alta Magia;* encostado ao hediondo idolo do Baphomet templario, brande o punhal contra o ceu, exclamando: «*Nekam, Adonaï!* Vingança contra ti, ó Adonai!» E recita a *Oração a Lucifer*, composta pelo I.·. Proudhon: (1)

---

(1) Talvez pouca gente saiba que a Franc-Maçonaria tem os seus *santos;* mas o que, por certo, pouquissimos Profanos saberão é que o I.·. Proudhon é um d'esses figurões *santificados* pelos Ir-

«Vem, Lucifer, vem, ó calumniado dos padres e dos reis! Vem, que nós te abraçamos, que nós te estreitamos ao nosso peito! Ha muito tempo que te conhecemos e que tu tambem nos conheces. As tuas obras, ó bem-amado do nosso coração, nem sempre são bellas e boas aos olhos do vulgo ignorante; mas só ellas de per si dão senso ao universo e o impedem de ser absurdo. Só tu animas e fecundas o trabalho. Tu ennobreces a riquesa, elevas a essencia da auctoridade e pões o sello á virtude...

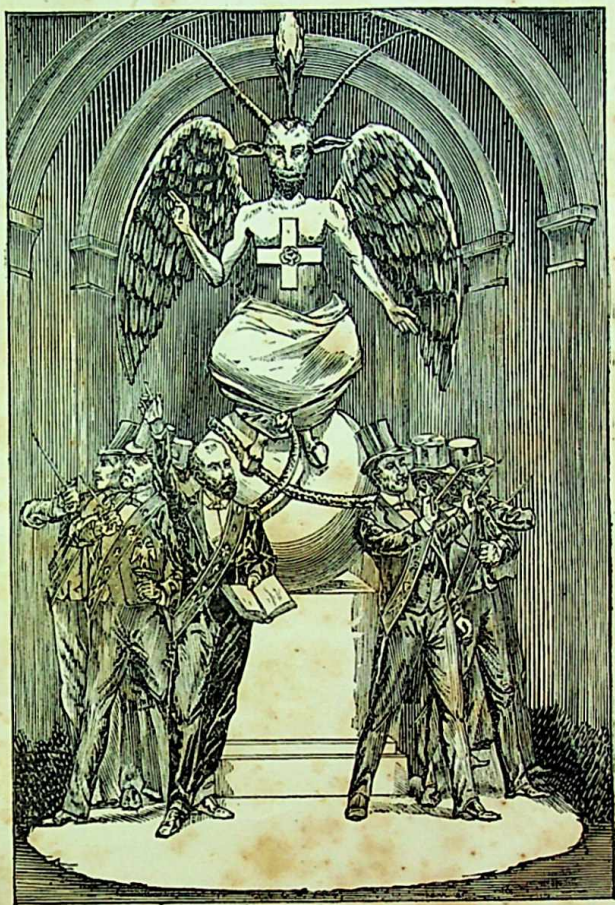
«E tu, Adonai, deus maldito, retira-te, nós te renegamos! O primeiro dever do homem intelligente e livre é expulsar-te do seu espirito e da sua consciencia; porque tu és essencialmente hostil á nossa natureza, e não acceitamos de modo algum a tua auctoridade. Nós chegamos á sciencia a teu pezar, ao bem-estar contra tua vontade, á sociedade a despeito do teu desejo;

---

mãos Tres Pontinhos. Depois da sua morte, as principaes Lojas de França, por proposta da Resp.·. L.·. os *Emulos de Monthyon*, Or.·. d'Orleans, celebraram, na festa solsticial de verão, a SANTIDADE do I.·. Proudhon.

Proudhon alistou-se como Mação na Loja *Sinceridade, Perfeita União e Constante Amisade*, no Oriente. de Besançon. Quando lhe apresentaram, por occasião da sua iniciação, as seguintes perguntas para responder, como é d'uso fazer a todos os candidatos a II.·. «Quaes são os deveres do homem para com os seus semelhantes? Para com o seu paiz? Para com Deus?», o patife escreveu as seguintes linhas no gabinete das reflexões: «á 1.ª Justiça para todos os homens; á 2.ª Dedicação ao seu paiz; á 3.ª Guerra a Deus!»

Desnecessario será dizer que foi recebido de braços abertos na Franc-Maçonaria, e que não passou muito tempo que não fosse investido no gráo de Cavalleiro Kadosch. Merecia-o; a Maçonaria nada mais fez do que recompensar-lhe os merecimentos.

(Nota do Traductor).

Um Areopago de Cavalleiros Kadosch formado em grupo junto do Baphomet, emquanto o presidente lê a *Oração a Lucifer*.

cada progresso nosso é uma victoria com a qual esmagamos a tua divindade... (1) Mas agora, eis-te desthronado e esmagado. O teu nome, durante tanto tempo a ultima palavra do sabio, a sancção do juiz, a força do principe, a esperança do pobre, o refugio do culpado arrependido, esse nome incommunicavel, Padre Eterno, Adonai ou Jehovah, d'ora avante lançado ao despreso e ao anathema, será conspurcado entre os homens! porque Deus é a loucura e a cobardia; Deus é a hypocrisia e a mentira; Deus é a tyrannia e a miseria; Deus é o mal...

«Emquanto a humanidade se inclinar dean-

---

(1) Os auctores d'esta obra não copiaram por extenso a *Oração a Lucifer*, do I.·. Proudhon. Suppriremos, porém, esta lacuna, apesar de nos repugnar traduzir e publicar tanta blasphemia. Todavia, como o fim que se tem em vista com a publicação d'este livro é abrir os olhos aos ingenuos, que apenas querem vêr na Franc-Maçonaria uma instituição philantropica, parece-nos conveniente que esta satanica oração seja conhecida integralmente dos leitores. Eis os periodos que os auctores supprimíram precisamente no ponto onde puzemos o signal (1):

«Não mais se diga que as tuas vias são impenetraveis! Nós as penetramos, e n'ellas havemos lido, em caracteres de sangue, as provas da tua impotencia, senão da tua má vontade!... A nossa rasão, humilhada por muito tempo, eleva-se pouco a pouco ao nivel do infinito; com o tempo descubriremos tudo o que a nossa inexperiencia nos tem occultado até ao presente, com o tempo tornar-nos-emos cada vez menos artifices da desgraça, e, pelas luzes que houvermos adquirido, pelo aperfeiçoamento da nossa liberdade, purificar-nos-emos, idealisaremos o nosso ser, tornar-nos-emos chefes da creação e teus eguaes!... Um só instante de desordem que tu, pretendido omnipotente, não pudeste impedir, accusa a tua Providencia e torna irrisoria a tua sabedoria; o menor progresso que o homem, ignorante, abandonado, trahido, realisa para o bem, honra-o incommensuravelmente... Com que direito nos dirias: «Sêde santos, porque eu sou santo?» Espirito mentiroso, responder-te-íamos nós, deus imbecil, o teu reinado está terminado; procura entre os brutos outras victimas. Sabemos que não somos nem podemos nunca tornar-nos teus santos; e como o serás tu, se nós nos assemelhamos a ti? Padre Eterno, Adonaï ou Jehovah, conseguimos aprender a conhecer-te; tu és,

te de teu altar, a humanidade, escrava dos reis e dos padres, será condemnada; emquanto um homem, em teu execravel nome, receber o juramento d'outro homem, a sociedade será fundada sobre o perjurio; a paz e o amor serão banidos d'entre os mortaes...

«Deus, retira-te! porque desde hoje, curados do teu temor e tendo-nos tornado sabios, juramos, de mão erguida para o teu céo, que tu nada mais és que o carrasco da nossa rasão e o espectro da nossa consciencia!»

Esta *Oração a Lucifer*, que resume a doutrina, o amor e o odio dos Kadosch, é espanto-

---

foste e serás sempre cioso do homem e o seu tyranno... Nós não cahimos no sophisma, refutado por um de teus santos, quando prohibiu ao vaso que dissesse ao oleiro que o fez: «Porque me fabricaste assim?» Accusamos-te de teres feito do homem uma creatura inharmonica, um mixto incoherente; o homem só podia existir com esta condição. Nós contentamo-nos em dizer-te: Porque nos enganas? Porque, com o teu silencio, desenvolveste em nós o egoismo? Porque nos submetteste á tortura da duvida universal pela amarga illusão das ideias antagonistas que collocaste no nosso entendimento? Duvida da verdade, duvida da justiça, duvida da nossa consciencia e da nossa liberdade, duvida de ti mesmo, ó deus, e, como consequencia d'esta duvida, necessidade da guerra contra ti!... Eis, ó Adonaï, o que fizeste para a nossa felicidade e a tua gloria; eis quaes foram, desde o principio, a tua vontade e o teu governo; eis o pão, amassado de sangue e de lagrimas, com que nos alimentaste. As faltas, de que os ineptos te pedem perdão, foste tu que as commetteste; as ciladas, das quaes elles te conjuram a que os livres, foste tu que as espalhaste sobre seus passos; e o maldito que nos assedia, o verdadeiro Satanaz, és tu!... Tu triumphavas, e ninguem ousava contradizer-te, quando, depois de teres atormentado no corpo e na alma o justo Job, figura da nossa humanidade, insultavas a sua candida piedade, a sua discreta e respeitosa ignorancia. Nós eramos como atomos deante da tua invencivel majestade, a quem davamos o céo por docel e a terra por escabello.»

Haverá penna capaz d'escrever mais blasphemias e impiedades do que as contidas n'esta *Oração a Lucifer*?

(Nota do Traductor).

sa. Desafiamos quem quer que seja, catholico, protestante, mahometano, qualquer homem, mesmo o mais criminoso, que tenha conservado no fundo do coração qualquer sentimento d'honestidade, que a leia sem a achar abominavel.

Compare-se agora o homem capaz de pronunciar semelhante invocação, ao ingenuo que se deixou arrastar para a Maçonaria, crendo que ella é «uma instituição philantropica» e que não trata de religião, e digam-nos se esta seita não é verdadeiramente escola de perversidade e de assassinato!

Alongamo-nos um pouco sobre a educação que a Franc-Maçonaria dá áquelles dos seus iniciados, dos quaes quer fazer os executores dos seus projectos e das suas vinganças.

Estas explicações eram necessarias para perfeita comprehensão dos factos historicos que vamos narrar, e nos quaes pomos em plena evidencia as criminosas machinações da seita.

Algumas palavras sómente para terminar esta exposição.

A quem obedecem os Cavalleiros Kadosch? Á Maçonaria Branca, dividida em tres gráos administrativos, e cuja doutrina final é a seguinte, resumida segundo os Rituaes:

«A Franc-Maçonaria não é nada mais, nada menos que a Revolução em acção, a conspiração permanente contra o despotismo politico e o despotismo religioso...

«É a lucta sem treguas contra inimigos declarados. Em toda a parte onde essa lucta possa travar-se com probabilidades de victoria, os

Mações devem estar lá e luctar, até que surja a morte ou o triumpho...

«*A Religião deve ser o cuidado constante de seus mortiferos ataques, porque um povo jámais sobreviveu á sua religião;* e só matando a Religião é que os Irmãos terão ao seu dispor a Lei e a Propriedade, e poderão estabelecer sobre os seus destroços a Religião Maçonica, a Lei Maçonica e a Propriedade Maçonica.»

I

A PRINCESA DE LAMBALLE

A princesa de Lamballe pertencia á casa de Saboia-Carignan. Nasceu em Turim a 8 de setembro de 1749, no momento em que se celebrava o anniversario do levantamento do cerco d'aquella capital pelas tropas francezas, em 1706. Recebeu no baptismo os nomes de Maria Thereza Luiza. Era a quarta filha de Luiz Victor de Saboya-Carignan e de Christina Henriqueta de Hesse-Rhinfelds-Rothemburgo, sua esposa, irmã da avó do rei da Sardenha.

Em 1766, o rei de França, Luiz XV, escreveu ao seu embaixador junto da côrte da Sardenha e confiou-lhe a missão de pedir a mão da joven Maria Thereza Luiza para o principe de Lamballe, filho do duque de Penthièvre. Este pedido foi acceito, e o casamento celebrou-se a 31 de janeiro de 1767, na capella do castello de Nangis.

Os novos esposos eram muito jovens; o marido ainda não tinha vinte annos e a esposa desoito annos incompletos. Esta união não foi feliz. O principe de Lamballe tinha os costumes dissolutos do seu tempo. Ainda não havia passado dois mezes depois do casamento, e já elle reatava relações escandalosas.

Um bello dia, apoderou-se de grande parte dos diamantes de sua mulher e presenteou com elles uma cortesã, La Forêt de nome, a qual, ameaçada de processo judicial, os entregou ao duque de Penthièvre.

A 7 de maio de 1768, o principe de Lamballe morreu de doença vergonhosa. A sua viuva tinha apenas desoito annos e alguns mezes.

O duque de Penthièvre offereceu a sua nora um retiro socegado no seu castello de Rambouillet. A joven encontrou n'aquella habitação o exemplo das mais eximias virtudes. Não passaremos, sem a retractar, por sobre a pessoa d'este duque, d'este grande fidalgo, que personifica uma das mais bellas figuras da sua epoca Jámais veremos na historia da França figura semelhante a esta.

Tudo o que houve de bom e dedicado no coração da princesa de Lamballe, parece ter-lhe vindo d'esse homem de bem, junto do qual ella viveu bastante tempo.

O duque de Penthièvre tinha por amigo o poeta Floriano. Para o ter junto de si, nomeou-o o duque seu primeiro secretario, cargo que era verdadeira sinecura. Ora o duque e o fabulista

rivalisavam de caridade. Ouça-se o bello retracto que d'ambos traça Leão Gozlan:

«Floriano levava as esmolas aos pobres designados pelo principe, e alegremente descobertos por elle nas suas passeatas atravez das villas e logarejos submettidos ao senhorio de Rambouillet. Póde dizer-se que o duque ía á caça de beneficios e que Floriano conduzia os animaes.

«Mas, ao fim de certo tempo, faltou onde exercer a caridade, como, quando se caça demasiado, escasseiam os animaes para caçar; o illustre fidalgo e o poeta despovoaram as suas florestas e parques. O pobre tornou-se raro nos limites de Rambouillet. Emfim, nenhum pobre, nenhum necessitado nas circumsvisinhanças do castello. Foram procural-os mais longe; encontraram-nos, é certo, mas os pobres faltaram de novo, passado algum tempo. Caçaram então onde poderam; todavia, obrigados a usar de habilidade para não voltarem com as mãos vasias, mas com ellas cheias, não se communicavam os passos que davam, tendo cada um d'elles uma especie d'orgulho em ser o primeiro a explorar.

«Principalmente no inverno, a rivalidade attingia um gráo inimaginavel entre os dois amigos; um aproveitava o somno do outro para sair sem barulho e realisar a sua divina caridade; e o outro, o poeta, procurava adiantar-se ao dia para ser tambem o primeiro a pôr hombros á obra de beneficencia.

«Se se encontravam fóra do castello a hora tão matutina, inventavam maus pretextos, como usam as pessoas serias, forçadas a mentir. A saude era o motivo da sahida ao raiar do dia; o erguer-se cedo era o segredo de viver muito tempo. Pelo que tocava á verdadeira causa da sua ausencia do castello, nem palavra; continuavam a fallar em objectos distantes, estranhos aos seus pensamentos, dos ultimos córtes de madeira, da necessidade d'inde-

mnisar os pequenos proprietarios e outras pessoas dos prejuizos, soffridos com as ultimas caçadas do Rei, nos trigos e nas vinhas.

«O principe não sabia senão no fim do mez, quando lançava a vista pelas suas despezas particulares, as vantagens que sobre elle alcançava o seu secretario Floriano; e outras vezes era Floriano que tinha de confessar-se vencido pela habilidade do principe.»

O snr. Lescure, no livro que consagra á princeza de Lamballe, conta a seguinte anecdota:

«Um dia o duque de Penthièvre julgou encontrar n'uma joven mãe, que viera discretamente estabelecer-se nos arredores de Rambouillet, que vivia só retirada com dois filhos e uma velha criada, e parecia ter ido occultar a decadencia d'uma fortuna e d'uma situação elevadas, uma soberba mina, uma occasião excepcional.

«Era absoluta a sua discreção para com o seu competidor Floriano. Foi á noite, como um ladrão, que o bom duque se encaminhou furtivamente, incognito, para a casinha, afim de acariciar os meninos e offerecer á viuva, que elle julgava infeliz, beneficios que lhe permittissem não ter saudades do passado. Mas a viuva sorriu: Floriano, o traidor, havia passado por alli! Não havia realmente meio d'alliviar um infortunio só por si, ter um merito inteiramente pessoal: era apoquentador!

«E Floriano, que tinha precedido o duque e contaminado subrepticiamente as suas operações, appareceu, e, lançando-se nos braços de seu amo, admirado, disse-lhe como unica desculpa: «Estamos roubados!»

«Tinham sido roubados, effectivamente. A infortunada viuva, a lacrimosa mãe, a fidalga em decadencia, era, de facto, uma fidalga, mas a quem um capricho d'avaresa ou d'amor do campo, capri-

cho que ficou sempre ignorado, levára áquella casinha e áquellas apparencias tão modestas. Onde, pois, o duque julgava ter encontrado um infortunio, deparou com um capricho. Enganára-se!

«A noite em que se esclareceu esta mystificação involuntaria, esta surpresa a tres, estas estranhas confissões, foi das mais alegres. O duque, o poeta e a viuva, a quem julgavam infeliz, eram muito espirituosos. O duque de Penthièvre poz de parte o dissabor, que experimentára, e riu a bom rir.

«Mas á noite, ao reentrarem em casa o duque e o seu acolyto, ambos de mãos vasias, sem uma mesquinha boa acção para offerecerem a Deus, ficaram carrancudos. Floriano consolava-se um pouco desviando a attenção para algum conto ou comedia, que ia imaginando. Mas o bom duque estava inconsolavel; era a vez primeira, depois de longo tempo, *que perdera o seu dia.*»

«Ter-se-ha — diz Leão Gozlan — ideia approximada do dinheiro que elle dispendia em esmolas pelo seguinte mappa, documento official, mas muito incompleto, como se póde crêr: um conto quatrocentos e quarenta mil reis eram distribuidos todos os mezes aos pobres do seu dominio; quinhentos e quarenta mil reis a indigentes por elle indicados, e, além d'estas duas quantias, que se elevavam annualmente a vinte e tres contos setecentos e sessenta mil reis, fazia contar todos os mezes quinhentos e quarenta mil reis para acudir ás suas despezas miudas. Sabeis em que consistiam estas despezas miudas? Dar esmolas quando passeava, ao canto d'um bosque, á porta d'uma choupana ou d'uma egreja.

«E isto não é tudo; assignava tambem ordens de pagamento todos os mezes de cento e oito mil, de cento e oitenta mil e de setecentos e vinte mil reis, destinadas a soccorrer fidalgos pobres; homem divino, cuja historia devia ser escripta não com a mão, mas com o coração.

«Dando aos pobres, dizia-lhes muito baixinho: «*Eu vol-o agradeço!*» e no fundo das ordens de pagamento com que soccorria os fidalgos pobres, escrevia: «*Para reembolsar.*»

Por toda a parte espalhava beneficios. Em Crécy fundou um hospital; em Tréport mandou construir um dique. Pertencia-lhe o magnifico parque de Sceaux: abandonou-o, abriu-lhe todas as portas e tornou-o um passeio para os parisienses.

Deu setecentos e vinte contos de reis ao hospicio dos Andelys; construiu uma alameda para os habitantes de Gisors; fontes e uma escola para os de Châteauvillain. Passou por toda a parte fazendo o bem.

Ah! este foi um bom rico, e comprehendeu realmente que apenas era o banqueiro dos pobres, um dos thesoureiros da fortuna publica; porisso que respeito, que amor para com elle!

As vendedeiras não podiam deixar de o abraçar, quando o encontravam. Um dia, no momento em que passava uma procissão, rodearam-n'o e detiveram-n'o, e não o deixaram continuar o passeio sem as ter abraçado a todas, umas após outras.

O duque conhecia todos os seus vassallos pelo seu nome; estava ao corrente dos seus negocios e os auxiliava com os seus conselhos e dinheiro nos momentos difficeis.

Era tão bom que se occupava das coisas mais insignificantes que podessem causar algum prazer aos seus vassallos. Ha uma carta d'elle, a este respeito, encantadora:

«Soube,— escreveu a um dos seus administradores — n'um passeio que hoje fiz a Versailles, por intermedio d'um rapaz pertencente á guarda-roupa do Rei, que desgostam os habitantes de Vernon impedindo-os de colher morangos nos bosques, contra o uso seguido desde longo tempo, desgosto para uns porque ficam privados d'uma especie de commerciosinho que lhes é util, e para outros porque não comem morangos. D'esse modo se encontrou o segredo de me tornar odiado, e com isso me dão um dos maiores pezares que eu posso ter n'este mundo. Peço, pois, ao snr. Coudray que escreva o mais breve possivel para que seja restabelecido o uso antigo pelo que diz respeito aos morangos.»

Não será isto encantador, e não parecerá estar-se a vêr um avôsinho a esforçar-se para que não descontentem os seus netinhos quando elles se preparam para comer alguma guloseima?

No seculo desoito, a nobreza franceza estava dividida em duas grandes classes: os nobres que residiam nas suas terras, fazendo-as cultivar sob sua vista, tomando parte na vida dos seus caseiros, ajudando-os no tempo das más colheitas, e que por elles eram adorados; e os nobres que permaneciam em Versailles ou em Paris, não se occupando dos seus caseiros senão para os vexar e tirar-lhes a maior porção de dinheiro que podiam, passando todo o tempo em desregramentos, a cortejar os philosophos e a preparar a Revolução, da qual foram precisamente as primeiras victimas.

Entre os nobres que residiam nas suas terras, alguns poderam, graças á atmosphera

d'amisade que tinham creado ao seu redor, continuar a viver tranquillamente nos seus dominios na epoca mais desvairada do Terror; outros, mais robustos, mais energicos, conseguiram, com o auxilio dos seus *moços*, encetar essa guerra da Vendea e da Bretanha, á qual Napoleão I, que a conhecia, chamava uma guerra de gigantes.

No mez d'agosto de 1789, os espiritos em França estavam muito exaltados, e entretanto o duque de Penthièvre, que veio a Paris, viu, em todo o percurso da viagem, a sua passagem dar occasião ás mais enthusiasticas ovações.

Nas cidades de Clairvaux, de Bar-sur-Aube, de Troyes, de Nogent-sur-Seine, de Montereau, de Fontainebleau, de Sceaux, e até nas villas, todos o vinham felicitar e fazer votos pela sua prosperidade.

Em Paris, os officiaes civis e militares do quarteirão onde estava situado o palacio de Toulouse, morada do duque de Penthièvre, foram visital-o e pediram-lhe para fazer ao destacamento da guarda nacional, que elles commandavam, a honra de o passar em revista.

Se todos os nobres tivessem cumprido os seus deveres de ricos como o duque de Penthièvre os cumpria, a Revolução seria impossivel, porque os motivos que lhe deram origem não teriam existido.

Era mister traçar com certas minucias o retrato do sogro da princesa de Lamballe, cujas generosas resoluções não seriam completa-

mente explicaveis, se se não conhecesse o homem que lh'as inspirou, mais pelo exemplo geral da sua vida do que por conselhos directos e precisos em circumstancias diversas.

A 16 de maio de 1770, o Delphim esposára Maria Antonina. Não levou muito tempo que esta não notasse a princesa de Lamballe, a qual todavia raras vezes apparecia na côrte; Maria Antonina attrahiu-a alli mais vezes, ligou-se-lhe por amisade e a fez sua confidente.

Uma semelhança de situação as attrahia. Ambas eram estrangeiras. Suspeitavam de Maria Antonina por ser austriaca e porque ella apparentava um despreso muito imprudente pela etiqueta e usos da côrte. A princesa de Lamballe, viuva sem ter conhecido as alegrias do matrimonio e da maternidade, aborrecia-se, sem duvida, algumas vezes da constante sociedade do duque de Penthièvre e facilmente se deixava arrastar a um affecto que a distrahia. Estas duas mulheres deviam, pois, aproximar-se quasi pela força das circumstancias, e assim succedeu.

E' mister fazer justiça á princeza: ella foi fiel á sua amiga tanto na fortuna como na desgraça; e se isto é um facto raro em todos os tempos, ainda mais raro era no tormentoso fim do seculo desoito, em que a maior parte dos nobres só pensaram em si com um egoismo feroz.

«Maria Antonina como todas as mulheres — dizem os Goncourt — defendia-se mal de seus olhos. A expressão do rosto e a boa apresentação

captivavam-na, e o retrato que nos ficou da princesa de Lamballe diz-nos a primeira rasão do favor com que foi acolhida.

«A maior belleza da senhora de Lamballe era a serenidade da sua phisionomia. O mesmo brilho de seus olhos era tranquillo.

«Apesar dos abalos e febres d'uma doença nervosa, não havia uma ruga, uma nuvem no seu bello rosto, banhado d'esses bellos cabellos louros que se conservaram encaracolados ainda mesmo no poste de setembro.

«Italiana, a senhora de Lamballe tinha as graças do Norte, e nunca era mais bella do que quando ía em trenó, envolvida em arminho, e o rosto agitado por um vento de neve; ou quando, ostentando um grande chapeu de palha com largo véo de cambraia, passava como uma d'essas imagens, que o pintor inglez Lawrence passeia com o vestido branco sobre as humedecidas verduras.»

Já ía longe o tempo em que as senhoras da alta roda, muito rosadas, algo quadradas dos hombros, de busto abundante e estatura robusta, accusavam no seu passo altivo e nos seus gestos solemnes, bem como na sua fronte obstinada e nas suas mandibulas espessas, o orgulho e a força da sua raça no seu completo desenvolvimento.

As mulheres do seculo de Luiz XIV, semideusas com mascara um pouco bestial, cujo aspecto fazia assumar aos labios dos homens do povo esta exclamação: «Como são imponentes!», essas mulheres já não existiam. Uma a uma tinham desapparecido no tumulo.

Aquellas que as tinham succedido na côrte visavam a ser attrahentes, affectuosas; apparentavam uma sensibilidade a Watteau, uma

sensibilidade travessa. Feições miudas, physionomia de criança sempre sorridente, rosto resplandecente de frescôr, e comtudo larga fronte assás desenvolvida, muito intelligente, e quasi se poderia dizer olhar sério, sceptico, observador, sob uma apparente obstinação: eis como se mostravam as senhoras da côrte do seculo desoito, eis qual era a princesa de Lamballe.

Durante os invernos de 1771 e de 1772, Maria Antonina era acompanhada pela sua amiga nas suas corridas em trenó. Encontrava-se com ella nos bailes intimos, dados em Versailles pela condessa de Noailles.

Sendo rainha em setembro de 1775, fez com que lhe dessem o cargo de superintendente da casa real. Levou-a a Trianon a vêr as suas plantações, a assistir ás constantes transformações dos jardins, a tomar parte nos concertos e nas representações theatraes. A rainha apaixona-se loucamente pelo theatro, chega a representar papeis em comedias, e dá, por vezes, asylo no palco do Petit Trianon a peças que Luiz XVI prohibiu fossem representadas em Paris como contrarias á boa ordem do reino. Isto torna-se conhecido; conta-se não sómente na côrte, mas em Paris, o desdem não disfarçado da rainha por seu esposo; apontam-se as suas imprudencias de conducta, que dão logar ás mais lamentaveis suspeitas; commenta-se que uma estrangeira, uma austriaca, gaste com demasiada facilidade o dinheiro da França; e, como se vê constantemente ao lado d'ella a princesa de Lamballe, esta ultima soffre na sua re-

putação a hostilidade manifestada em todas as occasiões contra Maria Antonina.

O maior acontecimento da vida da princesa de Lamballe foi a sua iniciação na Franc-Maçonaria. Introduzida na sociedade dos philosophos, cortezãos dos poderosos d'então, a joven viuva, que lêra as suas obras, não se fez rogar muito para entrar na seita.

«Já — escreveu o I.·. Bazot, que foi secretario do Grande Oriente — pelas suas palavras nas diversas classes da sociedade, particularmente na classe media, aquella que está entre a nobreza e o povo, os franc-mações tinham preparado os espiritos para uma revolução moral, quando as obras dos philosophos Helvetius, Voltaire, J. J. Rousseau, Diderot, d'Alembert, Condorcet, Cabanis, etc., vieram trazer-lhe a sua poderosa e viva luz, como o sol vem confundir-se com o dia para augmentar-lhe o brilho. Não houve nem podia haver lucta entre os franc-mações e os homens illustres da philosophia ; o fim d'uns e d'outros era o mesmo.»

Ora qual era, na epoca em que a princesa de Lamballe foi iniciada, o fim secreto da seita e dos philosophos?

É Robison que nol-o vae dizer: «É certo — diz elle — que antes de 1743 existia uma *associação* que tinha por *fim unico* destruir, até aos fundamentos, os estabelecimentos religiosos, e derribar todos os governos existentes na Europa; que o systema d'esta organisação se tornou *universal*, e que as lojas dos franc-mações lhe serviam d'escola.»

Estas lojas recebiam no seu seio todos os adversarios da auctoridade real, todos os com-

panheiros impios e libertinos do regente, todos os philosophos e escriptores de doutrinas subversivas, «todos esses admiradores, então numerosos, do systema inglez, que começavam já a dissertar sobre os direitos de soberania dos povos, sobre os tres poderes, e que não obedeciam a nada sem discutir os actos do governo.»

«Foi ahi por 1730 — diz o I.·. Clavel — que se instituiu a Franc-Maçonaria das mulheres. Ignora-se quem foi o seu inventor, mas a sua primeira apparição realisou-se em França... As fórmas d'esta Maçonaria não foram todavia fixadas definitivamente senão depois de 1760, e não foi reconhecida e sanccionada pelo corpo administrativo (ou Grande Oriente) da Maçonaria senão em 1774.

«A Maçonaria d'Adopção teve primeiramente diversos nomes e variados rituaes.

«Em 1743 tinha emblemas e um vocabulario nauticos; e as Irmãs faziam a ficticia viagem á ilha da felicidade, sob o véo dos Irmãos, e tendo-os por pilotos. Era então a ordem dos *Felicitarios*, que comprehendia os gráos de *grumete*, de *patrão*, de *cabo d'esquadra* e de *vice-almirante*, e tinha por *almirante*, isto é por Grão-Mestre, o Ir.·. Chambonnet, que era o seu auctor.

«Fazia-se jurar ao recipiendario que guardaria segredo sobre o ceremonial que acompanhava a iniciação.

«As sociedades androgynas (dos dois sexos,) principalmente a dos *Felicitarios* e a dos *Cavalleiros e das Nymphas da Rosa*, apesar da sua apparencia tão frivola, foram um poderosissimo agente para propagar a Maçonaria d'Adopção e semear nos espiritos o germen dos principios maçonicos d'egualdade.

«Irmãs que usavam os nomes mais illustres da França — diz o I.·. Ragon — eram assistentes

das Grã-Mestras. N'esta numerosa seita figuraram os nomes das Irmãs Genlis e Duchesnois (a comediante).

«A snr.ª de Genlis chegou até mais tarde a ser chamada a *Mãe da Egreja.*»

A sabia e auctorisada obra do Padre Deschamps e de Claudio Jannet sobre as sociedades secretas, contém esta affirmação, que dispensa qualquer commentario: «Ouvimos mesmo affirmar a um empregado do Palacio Real que, n'aquelle tempo, se representava a comedia no estado de *natureza pura,* como antes do peccado original.»

O marquez de Jouffroy assegura tambem que a immoralidade da loja d'Ermenouville era de notoriedade publica.

«Sabe-se — diz elle — que o castello d'Ermenouville, pertencente ao snr. Girardin, a dez leguas de Paris, era um famoso covil d'Illuminismo. E' sabido que alli, junto do tumulo de Jean-Jacques, a pretexto de se fazer retrogradar o homem á edade da natureza, reinava a mais horrivel dissolução de costumes. Nada póde igualar a torpeza de costumes que reina n'essa horda d'Ermenouville. Toda a mulher admittida aos mysterios, tornava-se commum aos Irmãos e era entregue ao acaso ou á escolha d'esses verdadeiros adamitas...»

As Lojas d'Adopção eram simplesmente os harems das Lojas masculinas que lhes estavam annexas; ainda agora é a mesma coisa. Para nos convencermos d'isto, basta lêr nos Rituaes Maçonicos as ceremonias que acompa-

nham cada iniciação, e comprehender as instrucções de duplo sentido que, em todas as occasiões, se dirigem ás Irmãs. (1)

Era Lorenza, a mulher (mulher capaz de tudo, segundo consta da chronica escandalosa da epoca) do celebre Cagliostro, (2) que recrutava adeptos para a Maçonaria Feminina.

A Loja *A Candura,* da qual era Grã-Mestre a duqueza de Bourbon, irmã do duque de Chartres, mais tarde Filippe Egualdade, contava trinta e seis Irmãs, cada uma das quaes contribuiu com a quotisação aristocratica de trezentos e sessenta mil reis.

O conde Le Conteulx de Canteleu publicou o relatorio das ceremonias d'installação d'esta

---

(1) Encontrar-se-hão minuciosas informações a este respeito na obra intitulada: *Les Soeurs Maçonnes (Maçonnerie d'Adoption)*, por Léo Taxil.

(Nota dos auctores.)

(2) José Balsamo, appellidado Cagliostro, que nasceu em Palermo em 1743, foi um dos mais habeis agentes da Maçonaria. E' elle o auctor do rito de Misraim ou egypcio. «Exercendo a Maçonaria cabalistica uma fascinação particular sobre os espiritos, Cagliostro teve por missão propagal-a», escreve o Padre Deschamps.

Sobre a chegada de Cagliostro a Paris depois de ter percorrido grande parte do Oriente, a Allemanha, a Italia meridional, a Hespanha, a Inglaterra, a Russia, etc., diz Cesar Cantu: «Annunciado por cartazes apocalypticos, e pelos diarios, chegou a Paris, tomou um quarto sumptuoso com mesa magnifica, onde se deu ponto fixo tudo quanto havia de rico, bêllo, douto e influente. Por algum tempo só se fallou d'elle na grande cidade, onde ha a certesa de que excita momentaneamente enthusiasmo toda a especie de novidade e extravagancia. Era a epoca em que a razão, revellada contra Deus, se prostrava ante os Rosa-Cruzes; em que se negavam os milagres, mas se admittiam as evocações d'espirito de Gossner, os esconjuros de Cazotte, e as potestades invisiveis de Lewater.»

Expulso emfim de toda a parte para onde se dirigia, entrou em Roma; mas quando se dispunha a representar o seu habitual papel, o Santo Officio prendeu-o (1789). Sendo-lhe instaurado processo,

Loja, constituida sob a invocação pagã d'Isis. Entre os adeptos, lembramos os nomes da condessa de Brionne, das senhoras Carlota de Polignac, de Brassac, de Choiseul, d'Ailly, d'Evreux, de la Fare, de Loménie, de Genlis, etc...

O conde Le Couteulx cita «essa estranha sessão em que Lorenza prégou a emancipação da mulher, e na qual Cagliostro desceu do tecto entre-aberto, vestido de Genio e montado n'uma bola d'oiro, afim de prégar os gosos materiaes.»

Esta sessão terminou, segundo se diz, por uma ceia com os trinta e seis *amigos* d'estas senhoras, prevenidos pelo habil Gr.·. Cophta (era o nome com que se designava Cagliostro

---

confessou tudo, mostrando-se mudado e arrependido; por isso não foi entregue ao braço secular. O seu manuscripto intitulado *Maçonaria egypcia* foi reprovado solemnemente e queimado publicamente.

«Encerrado no forte de San-Leo —diz Cesar Cantu—Cagliostro não continuou a fazer milagres. Pediu para se confessar e tentou estrangular o capuchinho que lhe tinham mandado, esperando fugir acobertado com os seus habitos. Vigiado mais de perto desde esse momento, nunca mais se ouviu fallar d'elle. Pozeram-no os jacobinos no numero dos martyres da Inquisição, e espero que, d'um dia para o outro, o façam uma das sanctas victimas da tyrannia romana.»

Não virá longe esse tempo: já coube a vez a Jordão Bruno, o apostata, que tem estatua em Roma; agora deve seguir-se a glorificação de Cagliostro. Os II.·. Adriano Lemmi e F. Crispi não devem esquecer-se d'isso.

A respeito de Cagliostro vem um capitulo interessante no livro — *O Segredo da Maçonaria*, por Monsenhor Amandio José Fava, Bispo de Grenoble, traduzido e annotado pelo distincto escriptor catholico e mavioso poeta, o ex.^mo snr. Antonio Moreira Bello, e de que é editor o snr. Manuel Malheiro.

Sobre Lorenza, esposa de Cagliostro, o Padre Deschamps diz que era «mulher notavel por sua formosura, que Cagliostro esposára na primeira viagem a Roma, e accommodára a todas as especies de seducção».

(Nota do Traductor).

na giria maçonica d'então.) As canções e os prazeres terminaram a iniciação, como dá a perceber os seguintes versos, que recitou o I.·. marquez de La Tour du Pin:

Amor, nossos mysterios penetrar
(Alguem m'o referiu) querendo um dia,
O velhaco ás Irmãs se dirigia,
Antes d'ir-se aos Irmãos apresentar.
«Exclue-me a vossa lei, diz o magano,
Mas de vontade Irmão tambem serei;
Pois á fé de quem sou vos jurarei
Que só aqui é que o amor é *profano.*»

Temem-lhe a seta e o facho, que tremenda
A par de amavel armadura são;
Mas despojam-no d'elles, eil-o *irmão,*
E do rosto cair fazem-lhe a venda;
Logo as frechas o deus requisitou,
Mal dos olhos a luz recuperando:
Tantas graças na loja contemplando,
Na formosa Cythera se julgou.

A condessa Dessales, *Oradora,* respondeu a este provocante cumprimento com os versos seguintes, que não são menos provocadores:

Caras Irmãs, que com vossa presença
Acabaes nossos *climas* de exornar,
Recebei como grata recompensa
Prazer que nos costuma acompanhar.
Do laço que nos prende, em nosso peito
A força dupliquemos e o vigor,
E n'este dia esconda-se o Respeito
Para o logar ceder ao doce Amor.

Depondo por um pouco a majestade,
As proprias deusas assim é que vão
Disfructar as ternuras da egualdade
No seio da mais candida affeição.
Ousam dizer-lhes os mortaes captivos
Com que fervido ardor sabem amar:
De ouvir o que se inspira são tão vivos
Os gosos como a dita d'inspirar.

As Irmãs da Loja a *Candura* não eram tão candidas como parecia...

Em resumo, «as Lojas, diz Robison, nada mais eram que escolas de scepticismo e de licença desenfreada, nas quaes a religião, a Egreja, o sacerdocio, os reis e as auctoridades civis se tornavam perpetuo objecto de sarcasmos e irrisão de todos os generos, e a egualdade universal era saudada como a éra futura da liberdade e da felicidade sem nuvens.»

A Loja a *Candura* foi fundada em Paris a 21 de março de 1775, e a 12 de fevereiro de 1777 é que a princesa de Lamballe n'ella se filiou.

A 20 de fevereiro de 1781 a princesa foi eleita e recebida Grã-Mestra da *Loja-Mãe Escosseza*. Foi outrosim no mesmo anno que esta *Loja-Mãe Escosseza* se uniu por tratado solemne com o Grande Oriente, o qual tinha como Grão-Mestre o duque de Chartres.

No banquete dado para celebrar a entrada da princesa de Lamballe nas suas funcções de Grã-Mestra, o secretario da Loja, Robineau de Beauvoir de nome, cantou as seguintes canções:

Amor, buscar a tua mãe formosa
Em Gnido ou Paphos não pretendas ir:
Deixou Venus Cythera deleitosa
Para aos nossos trabalhos presidir:
Bellas flores no templo da Sapiencia
A deusa dos amores colher vem.
Grã-Mestra é sempre quem por excellencia
Nos corações de todos solio tem.

A região deixae que o raio encerra
Para vir estes sitios exornar!
Pois um prazer existe sobre a terra
Que a soberba dos céos foi desterrar:
Este suave prazer puro e tranquillo
Torna a existencia nossa mui feliz;
Firmando o imperio n'este doce asylo,
De Egualdade tomar o nome quiz.

Ó tu que direcção, meiga Virtude,
Aos gosos e trabalhos nossos dás,
Contem do Tempo a fouce treda e rude,
Dias tão bellos respeitar lhe faz.
Amor, seguindo a via que lhe traças,
Reconhece um *malhete* vencedor.
Quem melhor póde do que a mão das Graças
Suster da dita o sceptro ameigador?

Canções maçonicas ás irmãs de Broc e de Las-Cases, ás quaes a Loja deve a sua felicidade. A pedido d'estas senhoras é que a princesa de Lamballe acceitou o grão de Grã-Mestra.

De vossas mãos nos vem felicidade;
E tudo a formosura nos doou:
Sobre este bello throno a Divindade
Vosso valor intrepido fixou.

Nunca do Ente supremo que se adora
Estes logares poderão privar;
Sempre a benefica e brilhante aurora
Ha de accender dos céos o luminar.

Viu-se, qual nuvem tectrica e sombria,
Triste e injusta suspeita apparecer,
E em sua raiva cega e atroz queria
Este calmo horisonte escurecer.
Mas ante vós, bella Las-Cases, vemos
Derribado esse monstro tão feroz,
E ás Graças a gentil Venus devemos,
E as Graças á Virtude, viva em vós.

A' Irmã de Soyecourt, ajudante da serenissima Grã-Mestra

Lasso de allumiar o mundo,
Quando, descendo do céo,
Phebo no argento profundo
Rola o ardente carro seu,
Co'a doce luz que irradia
A irmã toma-lhe o logar,
E então da ausencia do dia
Vem a terra consolar.

Quando da morada humana,
D'este almo logar partir
De Cythera a soberana,
E aos céos formosos subir,
A doce Beneficencia
A Venus substituirá,
E da sua cruel ausencia
Virtude consolará.

A' Irmã de Tolozan, Inspectora

Recebe alegremente um *clima* inteiro,
Amavel soberana, as leis que daes,
E á vossa voz corre o prazer ligeiro
Para a nossa cadeia estreitar mais.

De flores coroado, o proprio èscravo
Cala a plangente e lacrimosa voz:
Se a Belleza fascina o peito bravo,
A Alegria o captiva mui veloz.

A' Irmã de Rovillé, Oradora

Traçando-nos primorosa
De mãe e esposa o dever,
Tua voz sabia e maviosa
Em nós tem todo o poder.
Prazer da edade innocente
A este templo volverá;
Pois converte facilmente
Quem co'a lei o exemplo dá.

A' Irmã de Montalembert, secretario

No templo do mysterio Amor sabendo
Que da Virtude as leis darieis vós,
Essa penna escolheu, não se detendo,
E contente a arrancou da aza veloz.
Fez que a formosa mãe vol-a off'recesse
Acceitael-a... ditosa innovação!
Amor mais ledo e jubiloso vê-se,
Menos severa a Sapiencia então.

A' Irmã d'Hinnisdal, Chanceller

Inda na edade formosa
Em que se busca agradar,
Eil-a da mãe virtuosa
Tocante exemplo a imitar;
Interprete a faz a Dita,
Fallando por sua voz,
E se Venus as leis dicta,
Repete-as Virtude a nós.

A's Irmãs de Lostanges e de Boynes, esmoleres

Enxugae, desditosas, vossos prantos:
A virtude amorosa vos sorri;
Cessem penas, cuidados e quebrantos,
E ás alegrias vosso peito abri;

Desde hoje não temaes fera indigencia!
Pois de todos attenta á precisão,
Da sensivel, gentil Beneficencia
Vos prodiga desvelos mil á mão.

A' Irmã Las-Cases, que desempenhava as funcções de Irmã Terrivel

Se é o Amor, que nos pintam galante,
Deus que infunde terror,
Se é tão timido e debil infante
Monstro que inspira horror,
Se a doçura pretende turbar
D'este Templo aprasivel
Bella Irmã, com justiça a fartar
Vós sois *Irmã Terrivel!*

Citamos para terminar mais estas duas canções:

Sem sombra de mysterio Amor é zero;
Amor é tudo, se é discreto.
Não basta amar, é força ser sincero;
E' dos Mações tal o secreto.
Amor Mação é filho da Sapiencia:
Tão doces nós soube formar!
Gosemos do prazer a pura ardencia;
A Irmã amemos, e callar!

Citamos estes versos, apesar da sua mediocridade, porque estão cheios d'expressões e de locuções maçonicas. Apparentemente teem uns vislumbres d'honestidade; no fundo, para os iniciados, instruidos na giria das Lojas, estão cheios d'entrelinhas immoraes.

Certos auctores teem transformado em martyres do throno e do altar todas as victimas da Revolução, e entre ellas a princesa de Lam-

balle. Parece, porém, que ignoram completamente o valor da palavra *martyr*.

E' certo que, entre homens e mulheres que se filiaram na Franc-Maçonaria no fim do seculo XVIII, muitos obedeciam á attracção da moda e não conheciam o fim impio e anti-social da seita.

Mas poderá a princesa de Lamballe ser collocada na fileira dos ignorantes? Não nos parece.

Quando ella foi elevada á dignidade de Grã-Mestra da *Loja-Mãe Escosseza*, tinha mais de trinta e um annos; estava, pois, em edade de pezar bem os seus actos, e podia fazel-o melhor que ninguem.

A sua phisionomia tem todos os signaes d'uma viva intelligencia; sua fronte era espaçosa; seus olhos profundos, seu sorriso finissimo.

Era italiana, isto é habil por temperamento de raça para desenvincilhar os fios d'uma intriga, como mais tarde o provou, quando foi de certo modo commissario de policia. Nascera e fôra educada na côrte de Saboia, isto é n'um centro onde necessariamente se tinha acostumado a escrutar as acções dos homens e a examinar o jogo dos partidos politicos.

Em França, estava na situação de conhecer bem muitos sujeitos, não só pela sua elevada situação, como pela sua intimidade com a rainha.

Além d'isso, a experiencia dera-lhe crueis

lições durante a sua curta e dolorosa união com o principe de Lamballe.

Ella leu e estudou as doutrinas dos philosophos, pois que no seu testamento, feito a 15 d'outubro de 1791 em Aix-la-Chapelle, inseriu a seguinte clausula especial: «Dou e lego ao cavalleiro de Durfort a minha Encyclopedia.»

A princesa vira esses homens, que queriam passar como reformadores e moralistas, adular a Pompadour e mais tarde a Du Barry; sabia, pois, o que elles e suas doutrinas valiam.

E, em vez de seguir o bello exemplo que lhe deu seu sogro, o duque de Penthièvre, collocou-se á frente das Lojas maçonicas!

A memoria estava então tão apagada que ninguem se recordava já das revelações do snr. Folard. Em 1729, este antigo discipulo da Franc-Maçonaria, cedendo á voz do remorso, revestiu-se de coragem e denunciou-a. Apontou-a como uma seita que preparava na sombra uma revolução, a qual devia ferir ao mesmo tempo todos os poderes legitimos.

O Cardeal de Fleury, ministro de Luiz XV, prohibira formalmente a Franc-Maçonaria.

A 28 d'abril de 1738, o Papa Clemente XII, pela bulla *In Eminenti* (1) lançou a pena d'excommunhão contra os franc-mações.

---

(1) N'esta Constituição Apostolica de Clemente XII, este glorioso Papa, depois d'expôr os progressos da Maçonaria, e de dizer que os seus membros se compromettem, sob juramento, a conservar occultos por um silencio inviolavel as praticas secretas da sua Sociedade, o que lança no espirito dos fieis suspeitas graves, e dá a perceber que a

Em 1735, os Estados Geraes da Hollanda publicaram um decreto prohibindo a seita. Em 1737, o eleitor palatino da Baviera e o grão-duque da Toscana; em 1738 o magistrado de Hamburgo, Frederico I, rei da Suecia, o imperador Carlos VI, nos Paizes-Baixos Austriacos, haviam tomado medidas semelhantes. Nos annos seguintes os reis de Napoles, de Portugal, da Polonia, de Hespanha, o governo do cantão de Berne e a Porta Ottomana os imitaram.

A princesa de Lamballe, nascida na côrte, amiga d'uma rainha, não conhecia todos estes factos?

Os nobres do seculo XVIII habitavam uma casa solida, commoda, bem adornada, que se chamava a França. Em vez de viverem ahi tranquillos, trabalhavam affincadamente para a

---

Sociedade é criminosa, porque, se os maçôes «não fizessem mal, não teriam odio á luz», acrescenta: «E' porisso que, repassando no Nosso espirito os grandes males que resultam ordinariamente d'estas especies de sociedades ou conventiculos, não sómente para a tranquillidade dos Estados, mas tambem para a salvação das almas; considerando quanto estas sociedades estão em desaccordo com as leis canonicas, e instruido pela palavra divina para vigiar noite e dia como fiel e prudente servo da familia do Senhor afim d'impedir estes homens d'arrombar a casa como ladrões e de devastar a vinha como raposas, isto é de perverter os corações simples, e, favorecidos pelas trevas, impregnar de seus traços as almas puras; para fechar a larga via que d'ahi poderia abrir-se ás iniquidades, que impunemente se commetteriam, e por outras causas justas e rasoaveis de Nós conhecidas; ouvidos alguns de Nossos Veneraveis Irmãos os Cardeaes da Santa Egreja Romana e no uso do Nosso pleno poder apostolico, resolvemos condemnar e prohibir as ditas sociedades, assembleias, reuniões, associações, aggregações ou conventiculos chamados *Liberi Muratori* ou *Francs-Maçons* ou conhecidos por outro qualquer nome, como Nós os condemnamos e prohibimos pela Nossa presente Constituição que permanecerá valida perpetuamente.»

(Nota do Traductor.)

destruir; a isso dedicaram seu tempo, sua intelligencia e seu dinheiro; e quando, depois d'haverem trabalhado mais de sessenta annos para esta destruição, a casa lhes caiu sobre os hombros e os esmagou, clamaram que havia traição. E os filhos d'aquelles que pereceram no cataclismo, que elles mesmos tinham preparado, esforçaram-se por fazer passar seus paes por martyres do throno e do altar! E', realmente, ir demasiado longe.

O throno foram elles que o demoliram; o altar tambem foram elles que o derrubaram!

As verdadeiras victimas da Revolução foram os cidadãos, a quem os seus deputados aos Estados Geraes esfarraparam as suas reclamações; foram os operarios, aos quaes destruiram as corporações, que eram a sua força e a sua honra!

Os verdadeiros martyres foram os *moços* vendeanos, que viviam felizes na companhia de seus senhores pobres, com quem caçavam, e de seus parochos, que os conduziam ao céo depois d'uma vida tranquilla e laboriosa, e aos quaes os exercitos da Franc-Maçonaria forçaram a mudar os velhos costumes e destruiram a felicidade.

Estes, sim, foram victimas, porque soffreram o mal que não tinham creado. Mas os nobres da côrte, que pertenciam á seita e que morreram durante a Revolução, a ninguem devem culpar de suas desgraças: soffreram o mal que haviam feito.

Os apologistas apaixonados da princesa de

Lamballe affirmam que ella tinha boas intenções, pois via na Franc-Maçonaria, dizem, apenas uma sociedade philantropica. Se isso é verdade, a princesa estava muito cega!... (1)

Em todo o caso, ella, que nascera n'uma casa dedicada á religião, que tinha a honra de ser amiga intima de Maria Antonina, esposa do Rei Christianissimo, que vivera durante muito tempo na intimidade do duque de Penthièvre, que era um monge leigo: por todas estas rasões devia, pelo menos, não infringir a prohibição do Papa Clemente XII, que excommungou os franc-mações.

Citemos, porém, um facto de sua vida, relatado pelo snr. Lescure, que mostra a princesa de Lamballe desempenhando um papel de Irmã maçonica militante.

Foi depois da famosa intriga conhecida por *Questão do collar*. Esta intriga fôra urdida con-

---

(1) E não só a princesa estava cega, mas tambem aquelles que a rodeavam, como a infeliz Maria Antonina, que chegou a escrever a 26 de fevereiro de 1781, a Maria Christina, sua irmã:

«Creio que te preoccupas demasiado com a Maçonaria pelo que diz respeito á França. Teriamos rasão para nos assustarmos se fosse uma sociedade secreta politica. A arte do governo consiste, pelo contrario, em deixar que ella se estenda, pois que na realidade é apenas uma sociedade de beneficencia e de recreio. Não é de modo algum uma sociedade d'atheus declarados, pois que, segundo me disseram, Deus anda alli em todas as boccas. Dão lá muitas esmolas, educam os filhos dos membros pobres ou fallecidos, e casam-lhes as filhas; em tudo isto não ha mal algum. Estes ultimos dias foi nomeada a princesa de Lamballe Grã-Mestra n'uma Loja. Creio que se poderia fazer bem sem tantas ceremonias, mas é necessario deixar a cada um seu modo. Com tanto que se faça bem, que importa!»

Infeliz rainha! Se não quizesse antepôr os seus juizos aos da Egreja, e perseguisse a Maçonaria em vez de protegel-a, a sua cabeça não haveria rolado na guilhotina.

(Nota do Traductor).

tra a realeza com o fim de a desconsiderar, Cagliostro e a Franc-Maçonaria tomaram parte n'ella, se é que não foram essas duas entidades que a machinaram desde o começo até ao fim. A senhora de Lamotte, principal culpada, havia sido encerrada na casa da Salpêtrière, depois de ter sido julgada e condemnada.

Ora a princesa de Lamballe dirigiu-se a esta prisão e pediu licença para vêr a reclusa. A superiora, julgando que aquella illustre senhora projectava censurar acremente a prisioneira, respondeu mui seccamente: «Senhora, esta infeliz não foi condemnada a vel-a.»

Perante esta resistencia, a princesa retirou-se, deixando, como prova das suas boas intenções para com a senhora de Lamotte, «um abundante soccorro em dinheiro», e pediu que lhe fosse entregue.

Esta attitude, attendendo ás respectivas situações da visitante e da reclusa, é extraordinaria, e não póde explicar-se senão por um interesse d'ordem maçonica.

Chegámos a uma epoca da vida da princesa de Lamballe, em que ella deu bellos exemplos de coragem, e em que podemos, com toda a imparcialidade, deixar-nos levar até á sympathia que se experimenta sempre pela mulher que, havendo commettido faltas, as conhece, d'ellas se arrepende e se esforça para reparal-as.

A princesa de Lamballe parece que conheceu, desde 1789, o perigo que corria, senão a França, a familia real. E' mui provavel que fosse a sua sincera e desinteressada amizade

por Maria Antonina que começasse a abrir-lhe os olhos. Fossem quaes fossem os seus pensamentos a este respeito, o certo é que a princesa entabolou negociações secretas com o duque de Chartres na esperança de o attrahir á causa do rei. Os acontecimentos demonstraram que estas negociações não tiveram exito. Que se poderia offerecer como compensação ao principe, cujas ambições visavam o throno da França?

Foi, sem duvida, desde este momento que as Lojas resolveram desacreditar a princesa de Lamballe por todos os meios e travar contra ella essa lucta, cujo ultimo acto devia ser o seu assassinato.

Não se teve conhecimento do julgamento maçonico da princesa de Lamballe; mas os effeitos não tardaram a fazer-se sentir.

O que principalmente exasperava o povo de Paris e o dispunha á revolta, era a escassez de cereaes, promovida pelos monopolistas. Ora estes monopolistas residiam proximo do duque d'Orleans; este principe era um dos mais importantes d'entre elles. Abrir os celleiros onde o trigo estava accumulado e espalhal-o abundantemente em Paris, e executar esta operação em nome do rei, teria sido excellente meio de attrahir para a côrte o coração do povo.

«Um banqueiro, chamado Pinel, homem de confiança do duque de Orleans — diz Lescure no livro *A princesa de Lamballe* — passava por ser o agente secreto dos monopolistas. A senhora de Lamballe, d'accordo com Maria An-

tonina, propoz a este homem uma entrevista em Marly. Pinel, lisongeado com esta honra, dirigia-se á entrevista quando foi detido pelo punhal dos assássinos. O seu cadaver foi encontrado na floresta de Vésinet.»

Um cavalleiro Kadosch tinha passado por alli!

Em janeiro de 1790 appareceu um livro intitulado *Galeria das senhoras francezas*. A princesa de Lamballe era atacada n'elle sob o nome de *Balzaïs*. Censuravam-lhe a sua intimidade com a rainha, e n'essa ligação via-se algo mais que laços d'amizade.

É digno de citar-se um periodo d'esse livro. As expressões demonstram, para quem sabê lêr nas entrelinhas, que foi redigido por um franc-mação. Depois de ter atacado a princesa, attribuindo-lhe um proceder mais que ligeiro, o auctor acrescenta: «Quando alguem habita o *templo da virtude*, ou pelo menos o visita constantemente, une-se logo ao seu culto; e quando esse alguem se exime por um momento aos seus mais austeros preceitos, permanece sempre invencivelmente ligado aos principios, e a rasão, impondo-se ás fraquezas, termina por dar de novo á virtude aquelles a quem o amor do prazer lhe havia roubado por alguns momentos.»

Incontestavelmente, isto é uma allusão ás visitas que a *Irmã* de Lamballe fazia ás Lojas d'Adopção, esses *templos da virtude*, segundo a giria maçonica.

Só depois da fuga de Luiz XVI e de Maria

Antonina, e da sua prisão em Varennes em junho de 1791, é que a princesa de Lamballe se afastou completamente da seita. Fôra encarregada d'uma missão secreta em Inglaterra, segundo a qual devia estar com a rainha e obter a sua intervenção em favor da familia real de França. Mas o rei da Inglaterra, Jorge, estava doido, e Pitt, o homem de confiança das Lojas, era quem dirigia toda a politica da Grã-Bretanha. Recusou intervir e chegou até a dizer que Luiz XVI tinha o que merecia e fôra elle mesmo o causador de suas desgraças.

Depois de curta permanencia em Inglaterra, a princesa dirigiu-se a Aix-la-Chapelle, viagem cujo fim se conservou secreto. Foi a partir d'este momento que, achando-se sem duvida mais completamente esclarecida pelo insuccesso de suas negociações, a senhora de Lamballe fez o seu testamento. Este documento, que foi publicado, é datado de Aix-la-Chapelle a 15 d'outubro de 1791. Tomada esta prevenção, reentrou em França para ligar a sua sorte á da familia real.

Note-se que ella sabia muito bem que se expunha á morte. A rainha e o duque de Penthièvre lh'o haviam repetido. Não importa! Ella fôra amiga de Maria Antonina nos dias de ventura e queria ser-lhe fiel nos d'amargura. Esta dedicação é simplesmente admiravel, e só por si é susceptivel d'apagar muitas faltas.

Em novembro de 1791, a princesa encarregou-se d'uma especie de ministerio occulto da policia, afastando da familia real as pessoas

cujo proceder parecia suspeito e substituindo-as por outras com a fidelidade das quaes se podia contar.

A 10 d'agosto de 1792, quando Luiz XVI, commettendo nova leviandade, se dirigiu á Assembleia Legislativa, a princesa de Lamballe acompanhou a rainha. A princesa seguiu-a mais longe, e acompanhou-a na prisão do Templo.

Ha muito tempo tinha a princesa feito o sacrificio da sua vida; porque, pouco antes dos acontecimentos de 10 d'agosto, dizia á senhora de La Rochejaquelein: «Quanto mais o perigo augmenta, mais forças sinto. Estou prompta para morrer. Nada temo...»

E, no trajecto do castello das Tulherias ao local da Assembleia Legislativa, disse ao snr. Francisco de La Rochefoucauld: «Não voltaremos mais ao castello!»

Foi este sacrificio previsto e nobremente acceito que tornou grandes os derradeiros momentos da victima da Franc-Maçonaria.

Na noite de 19 para 20 d'agosto de 1792, a princesa de Lamballe foi transferida da prisão do Templo para a da Force.

Os assassinatos nas prisões haviam começado no dia 2 de setembro.

Ao anoitecer, a princesa de Lamballe, que todo o dia esteve a braços com vivas inquietações, deitou-se afim de procurar um pouco de repouso. A cada momento despertava sobresaltada, julgando ouvir no corredor visinho os passos dos assassinos, que vinham buscal-a.

Pelas 8 horas da manhã, dois guardas nacionaes entram no seu quarto e ordenam-lhe que se levante. «—Vae ser transferida para a Abbaye,» lhe dizem.

Ella responde que, prisão por prisão, desejava continuar n'aquella em que estava. Em consequencia, recusa absolutamente descer e pede com instancia que a deixem tranquilla. Um d'esses guardas nacionaes, conhecido pelo sobrenome de *Grande Nicolau*, [1] e franc-mação, aproxima-se d'ella, e diz-lhe com dureza que é mister obedecer, porque a sua vida depende d'isso. Responde então que fará o que desejam, e pede áquelles que estão no seu quarto que se retirem.

Enfia um vestido, chama o guarda nacional, que lhe dá o braço, e desce á porta interior da prisão, onde encontra dois officiaes municipaes, revestidos das suas insignias, que julgam os prisioneiros. Esses officiaes são, segundo depuzeram Peltier e Bertrand de Molleville, o franc-mação Hébert e L'Huillier.

«Chegada deante d'este tribunal implacavel— diz Lescure na *Historia da princesa de Lamballe*— a vista dos carrascos de catadura feroz brandindo as suas armas vermelhas, o odor de sangue e de

---

(1) O *Grande Nicolau*, um dos principaes assassinos da princesa de Lamballe, foi mais tarde, em 1796, julgado e condemnado a vinte annos de grilheta. Um outro, chamado Charlat, tambem franc-mação, tinha-se alistado no exercito para ir combater os Vendeanos, mas foi assassinado pelos seus camaradas, que o odiavam pela parte que elle havia tomado no crime, que victimou a princesa de Lamballe.

(Nota do Traductor).

vinho que impesta a atmosphera cadaverica e nauseabunda d'essa porta interior, o ar sordido e sinistro dos juizes, os gritos abafados, os estertores longinquos, que por momentos se ouvem, a morte, emfim, que paira no ar, tudo isto invade ao mesmo tempo os olhos, a garganta e o coração da princesa, e desmaia.»

«Apenas começa a voltar a si — depõe Bertrand — graças aos cuidados d'uma de suas creadas de quarto, que a acompanha, novos gritos a fazem recair no mesmo estado.»

Quando ella socegou um pouco, interrogaram-na:

«—Quem é a senhora?

«—Maria Luisa, princesa de Saboia.

«—Em que se occupa?

«—Sou superintendente da casa da rainha.

«—Tem conhecimento da revolta da Côrte de 10 d'agosto?

«—Não sei se houve revolta no dia 10 d'agosto; o que sei é que não tive nenhum conhecimento d'ella.

«—Jure a liberdade, a egualdade, o odio ao rei, á rainha e á realeza.

«—De boamente farei os dois primeiros juramentos; mas não posso jurar o ultimo, porque não está no meu coração.»

N'esta altura, um assistente disse-lhe em voz baixa: — «Jure, porque se não jurar, será assassinada.»

A princesa nada respondeu; *ergueu as duas mãos á altura dos olhos,* e deu um passo para a porta.[1]

---

(1) Peltier. — As informações acima indicadas foram dadas a Peltier por testimunhas oculares, que, não pertencendo á Franc-Maçonaria, não comprehenderam o sentido do gesto feito pela princesa, e que referiram. E' comtudo evidente, ou pelo menos muito provavel, que, reconhecendo franc-mações entre as pessoas deante das

O juiz, o franc-mação Hébert, disse então: «—Solte-se esta senhora!»

Esta phrase era a condemnação á morte da princesa de Lamballe e ordem para a sua immediata execução.

Arrastaram-na immediatamente para a porta, que se abriu. Aos seus aterrorisados olhos appareceu um horrivel espectaculo.

Um montão de cadaveres nus e ensanguentados se accumulavam na rua do Rei da Sicilia. Largos charcos de sangue corriam na valleta da rua e formavam um lodo avermelhado e nauseabundo.

Homens crueis, pagos pela Franc-Maçonaria á rasão de quatro mil e quinhentos reis por dia para realisar a sua sinistra tarefa, ebrios de vinho e de carnagem, salpicados de sangue desde a cabeça aos pés, de braços desnudos, armados de sabres, esperam o prisioneiro ou prisioneira, que é posto fóra da porta interior para lhes ser entregue e assassinado.

Com os pés mettidos nos charcos ainda fumejantes de sangue, os federados, os Marselhezes, os *sans-culottes* (1) armados de chuços, guar-

---

quaes comparecia, a infeliz princesa, vendo-se perdida, fez o signal de perigo extremo, o qual se faz precisamente erguendo as duas mãos um pouco acima dos olhos: mas ella estava ha muito tempo irrevogavelmenre condemnada pela seita e o I.·. Hébert e os outros assassinos mações não prestaram attenção ao seu supremo appello.

(*Nota dos auctores.*)

(1) *Des sans-culottes* é o nome que se dava aos republicanos durante a Revolução franceza, e que hoje se continua dando aos democratas. Como não encontramos em portuguez palavras que ex-

das nacionaes uniformisados, mulheres avinhadas e grosseiras rodeavam os cadaveres, apalpavam-nos, insultavam-nos e dirigiam-lhes facecias.

Alguem inclinou-se ao ouvido da princesa de Lamballe, e disse-lhe, querendo salval-a: «— Exclame: Viva a Nação!»

Mas, semi-morta ao contemplar este lugubre espectaculo, não comprehendeu o conselho que lhe deram, e escaparam-lhe da bocca estas palavras: «— Oh! que horror!»

«—Ella despreza a Nação!» disse um dos presentes; e dois homens, agarrando-a pelos braços, arrastaram-na e forçaram-na a caminhar sobre os cadaveres.

«—A Lamballe! a Lamballe! eis a Lamballe!» ululou a multidão.

N'este momento um dos monstros, que rodeavam a princesa, quiz tirar-lhe a touca com a ponta do sabre, mas como estava ebrio de vinho e de sangue, attingiu a victima no sobr'olho; o sangue jorrou, e os seus longos e bellos cabellos loiros cahiram-lhe sobre os hombros.

Alguns individuos, que estavam entre a multidão, soltaram gritos de: «Perdão! Perdão!»

«—Morte aos lacaios disfarçados do duque de Penthièvre!» exclamou o franc-mação Ma-

---

primam com claresa a ideia dos *sans-culottes*, não lhe damos traducção.

(*Nota do Traductor*).

nin, um dos assassinos; e cresceu para elles a golpes de sabre, matando dois e obrigando os outros a fugir.

No mesmo instante, o franc-mação Charlat descarregou na cabeça da princesa, desmaiada nos braços de dois homens que a sustentavam, uma formidavel pancada com uma acha que a estendeu a seus pés, sobre uma pilha de cadaveres. Acabaram de matal-a a pancadas de chuço. E immediatamente os assassinos se precipitaram sobre o seu cadaver, despojaram-no dos vestidos e cortaram-lhe os seios. Charlat fere-lhe o peito, dilacera-lhe as entranhas e arranca-lhe o coração. Um negro, chamado Delorme, inundado de sangue, limpa o corpo, e com um sorriso cynico, faz admirar a brancura d'elle á multidão.

Grison, magarefe, corta a cabeça com uma faca de talho, e, «acompanhado d'alguns outros assassinos, vae depol-a no balcão d'um negociante de vinhos, ao qual querem forçar a beber á saude d'ella. Este homem recusa; maltratam-no, arrastam-no para cima d'um montão de cadaveres, e obrigam-no a exclamar, collocando-lhe uma faca sobre o pescoço: «Viva a Nação!» Desmaiou, deixaram-no alli, e quando regressou a casa, encontrou o estabelecimento vasio; os ladrões haviam-lhe roubado tudo.» (1)

Entretanto alguem d'entre a multidão disse

---

(1) Duval, *Recordações do Terror;* a biographia Michaud; Mercier; M. de Beauchesne.

(Nota dos auctores).

que «era necessario mostrar a cabeça da Lamballe a Maria Antonina para vêr que carantonha ella faria.»

Era meio dia. Collocam a cabeça na ponta d'um chuço, e a multidão encaminha-se para a prisão do Templo, com Charlat e Grison á frente do cortejo.

Chegados á praça da Bastilha, entram em casa d'um cabelleireiro e ordenam-lhe que «componha a cabeça.» O cabelleireiro lava-a, frisa-a e empoa-a.

«—Agora Antonina poderá reconhecel-a!» exclama o conductor do chuço, chacoteando.

E, concertando a cabeça pallida no cimo do chuço, poz-se a caminho do Templo.

A dôr de vêr a cabeça da sua infeliz amiga assim ultrajada, foi poupada á rainha, porque a guarda municipal, que guardava a familia real, teve o pudor de fechar a tempo as janellas e as cortinas para que a cabeça não fosse vista.

Eram aproximadamente cinco horas depois do meio dia quando o sinistro cortejo abandonou o Templo afim de se dirigir ao Palacio Real, habitação do duque d'Orleans, como para lhe prestar homenagem.

Os assassinos chegam no momento em que o principe vem para a meza com a senhora de Buffon e alguns inglezes.

De repente, os ditos espirituosos e a conversa cessam. Alli, deante da janella, está collocada com a pelle livida, os olhos cerrados, a bocca distendida e horrivelmente aberta, a ca-

beça da antiga Grã-Mestra da *Loja-Mãe Escosseza.*

Partem gritos da multidão que se agita.

Duque d'Orleans, Grão-Mestre da Franc-Maçonaria, estás contente com esta execução? Os *Filhos da Viuva* trabalharam hoje bem? Ganharam a teu gosto os 4$500 reis que lhes pagaste do thesouro da Ordem para a sua sanguinolenta tarefa? A sentença de vingança decretada pelos Irmãos Tres Pontinhos contra a ex-Irmã de Lamballe, traidora á Maçonaria, foi executada pontualmente? Sê satisfeito: e, agora, come com bom appetite com tua amante, continua os madrigaes, alegra o coração!

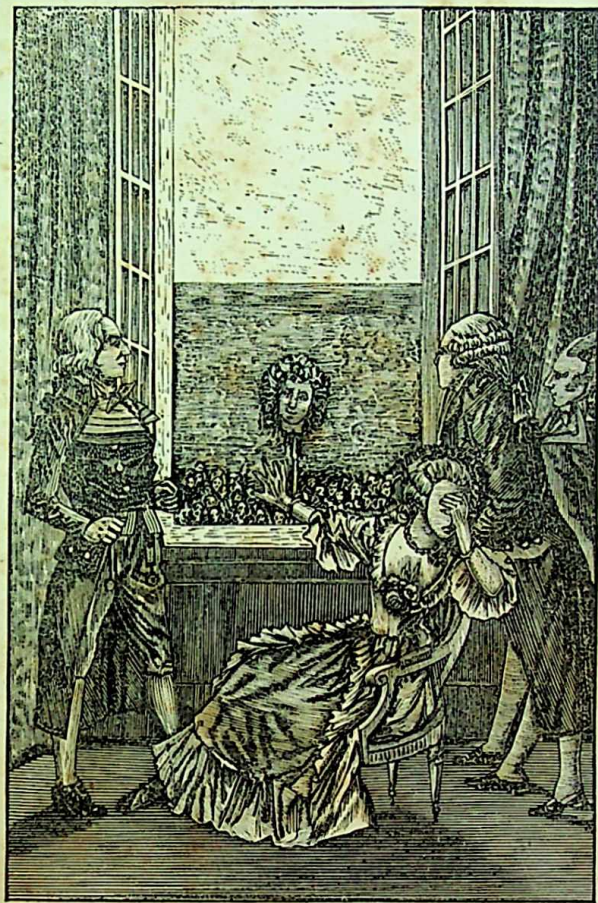
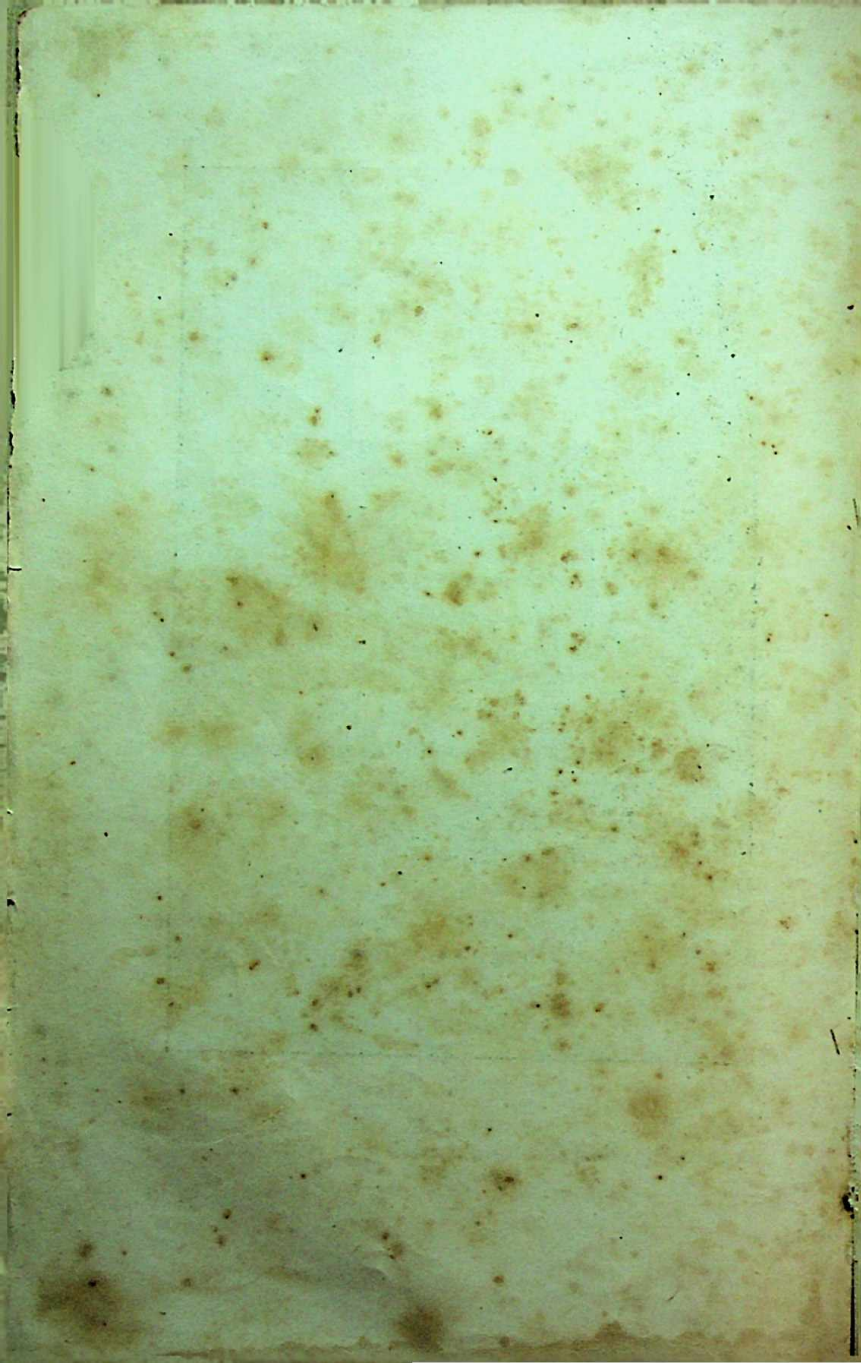
Mas, não! A senhora de Buffon lança-se n'uma cadeira, cobre o rosto com as mãos e exclama:

«—Ah! meu Deus! A minha cabeça passeará um dia da mesma maneira!»

O duque d'Orleans empallidece e cambaleia, porque julga vêr a face livida da princesa de Lamballe animar-se, os olhos, inundados de sangue, abrirem-se, a bocca agitar-se, e os labios exangues fazerem soar aos seus ouvidos, como um sopro só d'elle perceptivel, esta prophetica ameaça: «—A cada um a sua vez!»

II

O PADRE LE FRANC

Francisco Le Franc nasceu em Vire, na Normandia, a 26 de março de 1739. Seu pae, habil relojoeiro d'aquella cidade, queria que

Assassinato da princeza de Lamballe. — A cabeça da princeza, espetada no cimo d'um poste, é mostrada, em frente das janellas do Palacio Real, a Filippe Egualdade.

Francisco aprendesse o seu officio; mas o joven manifestou tão boas disposições e gosto tão pronunciado para as letras e as sciencias, que o pae annuiu a que elle fosse estudar no collegio de Vire. N'esta casa d'educação Francisco progrediu bastante, obteve admissão gratuita n'um collegio de Paris e voltou a terminar seus estudos no collegio de Vire.

Aos vinte annos abraçou o estado ecclesiastico, e a 8 de julho de 1759 entrou na Congregação dos Eudistas. Dois annos depois foi encorporado no collegio de Lisieux, onde estudou rhetorica e em seguida philosophia. Foi successivamente superior no seminario de Coutances e vigario geral de Monsenhor de Talaru de Chalmazel. N'estas diversas funcções desenvolveu sempre muito zelo.

Conta-se que, em 1788 e 1789, Francisco tinha o costume de dizer que um bom Padre devia preferir derramar seu sangue a mostrar a menor fraqueza, logo que se tratasse dos interesses do christianismo.

Com bastante antecipação, o Padre Le Franc previu as calamidades, que as doutrinas dos philosophos iam attrahir sobre a França. Escreveu algumas obras contra os franc-mações.

Em 1788 mandou imprimir em Vire um folheto de 72 paginas, intitulado: *Primeira carta a um Mestre Mação*. N'elle expunha a origem e as causas, e prognosticava os progressos da seita, que começava a perturbar a França.

Publicou ainda outras *Cartas a um Mestre Mação*, e diversos opusculos sob outros titulos,

nos quaes atacava a Franc-Maçonaria e a accusava de ser a principal causa da grande perturbação que ameaçava derruir todos os principios moraes e religiosos.

Devemos ainda citar entre suas obras: *O Véo levantado para os curiosos ou o segredo da Revolução revelado com o auxilio da Franc-Maçonaria* (1791) e a *Conjuração contra a Religião catholica e os Soberanos.* (1792). Esta ultima obra fórma um todo com a precedente, da qual é uma especie de segunda parte.

Um exemplar foi enviado ao Papa Pio VI e um outro entregue ao rei Luiz XVI.

Era mister ter coragem para pôr o nome no frontespicio de semelhantes publicações, quando já havia começado a perseguição aos Padres que não tinham prestado juramento á seita; e é certo que essas publicações chamaram particularmente a attenção dos franc-mações sobre o auctor d'ellas.

O Véo levantado dividia-se em nove paragraphos.

I. — *A origem da Franc-Maçonaria.* O auctor attribue a origem da seita aos socinianos.

II. — *Das Lojas maçonicas e do seu regimen.* A centralisação de todas as forças da seita decupla o seu poder.

III. — *O que a Assembleia Nacional deve á Franc-Maçonaria.* O Padre Le Franc mostra a Assembleia Nacional completamente composta de franc-mações, favorecendo com todo o seu poder os projectos da Ordem e reproduzindo

todas as suas maximas e todas as suas instituições.

A divisão da França em provincias, districtos e cantões, é uma copia do governo da sociedade maçonica; os nomes são os mesmos.

Na Franc-Maçonaria, o Directorio geral communica com os Directorios particulares, e, por meio d'elles, toda a machina se põe em movimento. O directorio da Assembleia Nacional, que se corresponde com os directorios das provincias, e, por elles, com os directorios dos districtos, produz o mesmo effeito.

Em cada cantão, os juizes de paz desempenham as mesmas funcções e attribuições do que, no governo maçonico, se chama a commissão de conciliação.

Todas as communas são eguaes, como todas as Lojas o são entre si.

As funcções de *Irmão Terrivel* ou *Grande Inquisidor das Lojas* são desempenhadas pela commissão das investigações, presidida pelo Irmão Voidel.

Os procuradores syndicos, os procuradores dos districtos, os procuradores da communa em cada municipalidade desempenham o papel do orador de cada Loja.

A ordem que a Maçonaria estabeleceu entre os gráos, nas suas Lojas e nos seus tribunaes, é a mesma que a Assembleia adoptou entre os officiaes, a quem confiou uma porção da sua auctoridade.

A faixa civica e o chapeu dos juizes são tambem copias da Maçonaria.

A sociedade maçonica tem uma doutrina exterior e uma doutrina interior, uma doutrina para divertir os Aprendizes e uma doutrina para os officiaes dos altos gráos, que são como a alma da sociedade. O mesmo succede com a Assembleia Nacional: tambem ella tem uma doutrina particular e uma doutrina publica, uma doutrina para as commissões, e uma doutrina para aquelles de quem precisam o suffragio.

Só o grito d'aristocrata ou de democrata lhe basta para fixar a opinião d'um grande numero; mas é um grito de guerra, como outr'ora: «Montjoie! Saint-Denis!» com o qual se significa tudo o que se quer.

O regimen da Assembleia é o das Lojas; é a mesma a maneira de pedir a palavra, de solicitar dispensa, de deliberar, d'apresentar queixa, de manter a ordem; a campainha substitue o malhete.

Aquelles que não conhecem isto, admiram-se da facilidade com que a Assembleia se familiarisou com este regimen; mas os seus membros, pela maior parte, estavam antecipadamente amestrados n'estes exercicios.

O juramento civico exigido pela Assembleia, é egualmente d'origem maçonica. Os maçães ficam satisfeitissimos quando o vêem prestar; mas os refractarios tornam-se-lhes odiosos, e perseguem-nos com furor.

A Assembleia ama tanto o regimen maçonico, que aboliu todas as corporações, excepto a dos franc-mações.

Entrando n'uma Loja, todo o homem deve depôr no vestibulo tudo o que caracterisa a sua nobreza, seus titulos, seus gráos; tudo deve ceder aos cordões e fitinhas da Ordem: só estes é que são sagrados, é que não excitam murmurios nem inveja. Pelo mesmo principio, a Assembleia proscreveu todos os ornamentos das ordens, e as mesmas ordens, para só deixar subsistir os gráos e os cordões maçonicos. Ella ainda não declarou que só havia estes; reservou dar a sua decisão sobre este ponto para quando os seus projectos hajam adquirido a madureza, que o tempo e a paciencia lhes preparam.

Os commissarios, que a Assembleia destaca do seu seio, occupam o logar de visitadores maçonicos, e a Assembleia lhes conferiu as mesmas honras.

A forma das eleições, a escolha dos eleitores, as qualidades que se lhes exije, os conselhos que se lhes dá, tudo é imitado da Franc-Maçonaria.

O modo de se conduzirem, prescripto aos officiaes municipaes e aos membros dos directorios das provincias, é moldado pelo que se recommenda ao Veneravel, que preside a uma Loja: é a doçura, a prudencia, a discreção, muita habilidade para attrahir, paciencia incalculavel, coragem e magnanimidade.

Havia a certeza d'agradar á Assembleia, quando a fizeram passar sob a *Abobada d'aço*, [1]

---

(1) A *Abobada d'aço* forma-se da seguinte maneira: todos os assistentes, collocados em duas filas, levantam as espadas de que estão armados, e as inclinam umas sobre outras, de maneira que se

na occasião em que se dirigiu em corporação á cathedral de Paris, para assistir ao *Te-Deum* no inicio da Revolução.

E' a maior honra que os franc-mações prestam áquelles a quem respeitam. Os officiaes militares, quasi todos nobres, os magistrados de todas as graduações, ha muito tempo franc-mações, não deviam ficar surprehendidos ao vêr executar, em ponto grande, o que, até então, haviam praticado em pequena escala.

No paragrapho IV do seu livro, o Padre Le Franc explica como a Franc-Maçonaria transformou os costumes da França, lançando o povo francez, outr'ora alegre, ligeiro e frivolo, nas Lojas, que são escolas d'assassinato.

Mais adiante (paragrapho V), o auctor mostra o fim da seita — a destruição da religião christã, proseguida pelos actos da Assembleia Nacional, e o estabelecimento da religião natural (paragrapho VI).

Para chegar á desorganisação do catholicismo, os franc-mações querem abolir a jerarchia ecclesiastica; e fazem-n'o, durante a Revolução, na medida dos meios de que dispõem.

Ao concluir, o Padre Le Franc demonstra porque os Irmãos Tres Pontinhos, quando estavam no poder, aboliram todas as ordens de Cavallaria, dispersaram todos os corpos constituidos que faziam a força da França: foi para fica-

---

tocam nas pontas e formam então uma especie de abobada, sob a qual passa o visitante que se deseja honrar.

(*Nota dos auctores.*)

rem só elles, os sectarios, a unica Cavallaria, uma Cavallaria do punhal; foi para só elles permanecerem o unico corpo constituido em face da desorganisação geral. A liberdade, essa palavra inscripta em todos os muros, já não existe senão para os franc-mações, depois que as Lojas triumpharam; só subsiste para os maus.

A *Conspiração contra a Religião catholica e os Soberanos*, impressa no 1.º de janeiro de 1792, era a sequencia e o desenvolvimento do *Véo levantado*. O Padre Le Franc, depois de ter mostrado que a Franc-Maçonaria perfilhava todas as antigas heresias, reunindo todos os seus erros, explica como ella caminha ao assalto do throno e do altar.

Comprehende-se que a publicação d'estas obras incommodasse consideravelmente a seita. Desde o momento em que ella estivesse descoberta, uma conspiração, mesmo em bom caminho, tinha mil probabilidades de frustrar-se. A desgraça quiz que na Côrte não acreditassem nas revelações do Padre Le Franc; a realeza, que os Padres perspicazes queriam salvar, estava cega; além d'isto era muito tarde. Mas a Franc-Maçonaria, apesar de certa então da victoria de suas execraveis conspirações, havia jurado a morte d'aquelle que a tinha denunciado.

O effeito do seu odio contra o Padre Le Franc não tardou a fazer-se sentir.

Desde o dia seguinte ao 10 d'agosto de 1792, o corajoso Padre foi preso. Sabia-se onde encontral-o; mas, para estarem seguros da sua

prisão, os chefes da seita tinham dado ordem de prender todos os Padres Eudistas que fossem encontrados. Porisso é que a secção do Luxemburgo, composta dos mais fanaticos revolucionarios, todos membros das sociedades secretas, prendeu e conduziu á egreja do Carmo, transformada em prisão, os Padres Balmain, Nicolau Beaulieu, Bérauld-Duperron, João Francisco Bousquet, Pedro Dardan, Thiago Durvé, André Grasset de S. Salvador, Francisco Luiz Hébert (coadjuctor do superior geral dos Eudistas de Paris), Roberto Lebif, um parocho da diocese de Coutances, da qual o Padre Le Franc fôra vigario geral. O Padre Lejardinier das Landes, que foi visitar aquelle a Paris e que se achava junto d'elle no momento da sua prisão, foi levado em sua companhia. A Maçonaria lançára longe as suas rêdes e queria numerosas victimas para ter a certeza de que o seu adversario não lhe escaparia.

Como não havia pretexto algum a invocar para submetter o Padre Le Franc a julgamento, decidiram que fosse assassinado; e, para não deixar adivinhar a verdadeira rasão d'esta decapitação inexplicavel, resolveram englobar na mesma mortandade os outros nove Padres Eudistas, presos pela secção do Luxemburgo.

Era mister, porém, procurar os assassinos. Pensaram nos «Marselhezes», que já tinham dado provas do que valiam desde 29 de julho, dia da sua chegada a Paris.

«Quem eram estes homens? pergunta o snr. Mortimer-Ternaux na sua *Historia do Ter-*

ror. Eram valorosos jovens das Bouches-du-Rhône e das circumvisinhanças, que tinham abandonado o lar domestico para corresponder ao appello da patria em perigo? Não; esses estavam nas fronteiras com Masséna e Championnet. Aquelles que vieram a Paris eram bandidos emeritos, expedidos pelas sociedades populares do Meio-dia para derrubar a constituição e mergulhar a França na anarchia.»

Michelet, cuja opinião a este respeito não póde ser suspeita, exprime-se assim sobre estes aventureiros, que iam tornar-se assassinos:

«Os quinhentos homens de Marselha, que não eram exclusivamente marselhezes, eram já, apesar de jovens, velhos batalhadores da guerra civil, acostumados ao sangue, e muito endurecidos; uns, rudes homens do povo, como são os marinheiros ou simples cidadãos da Provença, população rude, sem temor nem piedade; outros, muito mais perigosos, jovens de classe mais elevada, então no seu primeiro accesso de furor e de fanatismo, estranhas creaturas, desde o nascimento desordeiras e tempestuosas, dedicadas á vertigem, taes como se não encontram semelhantes senão sob este violento clima... Na sua bocca, o cantico tinha uma expressão mui contraria á inspiração primitiva, accentuação feroz e d'assassino. Esse cantico generoso, heroico, tornava-se um cantico de colera; pouco depois, associava-se aos bramidos do Terror.»

Eram estes os homens com quem a Franc-Maçonaria contava para os assassinatos, por ella premeditados. Os mações da secção do

Luxemburgo haviam-nos acolhido lisongeiramente logo após a sua chegada; tinham enviado uma deputação de doze membros para cumprimentar «os valentes *irmãos* guardas nacionaes de Marselha», testemunhar-lhes seus sentimentos civicos e fraternaes, e convidal-os para as assembleias permanentes da secção.

Afim de os terem á mão para os assassinatos projectados, deram-lhes quartel no antigo convento dos Franciscanos, a alguns passos da egreja do Carmo.

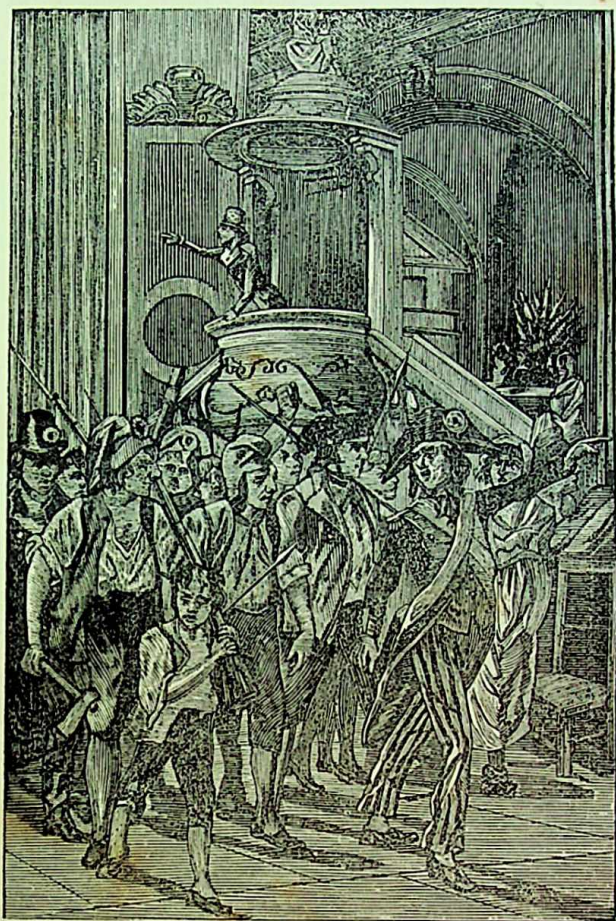
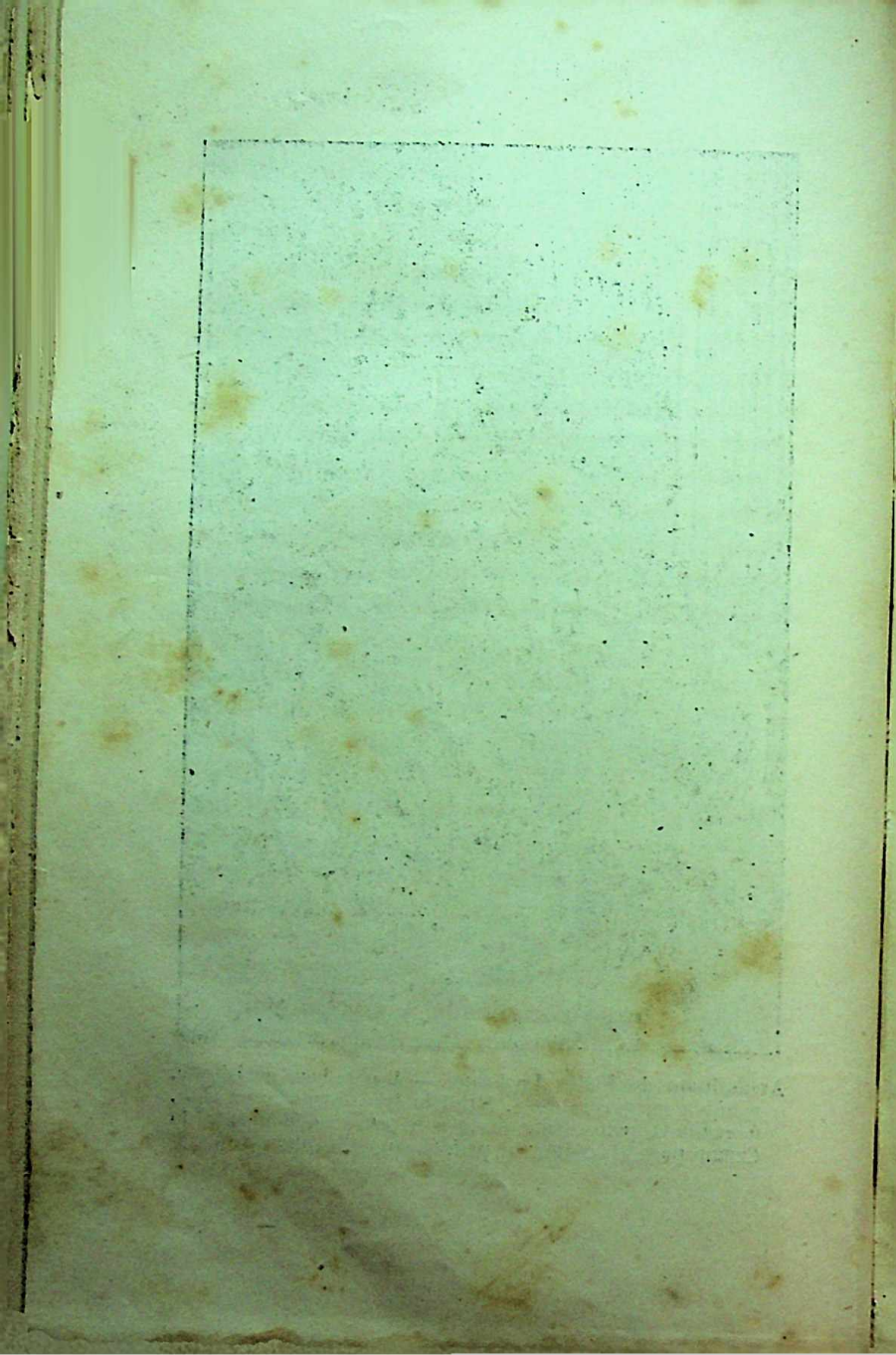
A Maçonaria tinha resolvido dar um golpe de mestre. E uma das provas mais evidentes de que os morticinios de setembro são obra sua, é que os franc-mações conhecidos do partido revolucionario, os homens cuja filiação na seita é notoria, como Robespierre, Danton, Tallien, Fabre d'Eglantine, sabiam, desde os primeiros dias d'agosto, o que ia passar-se. Alguns, no dia 31, usaram da sua influencia para obter a liberdade de presos, por quem se interessavam. Principalmente Robespierre interveio, n'aquelle dia, para libertar o Padre Bérardier, antigo reitor do collegio Luiz o Grande, onde elle estudára; este acto do terrorista é digno de louvor; mas tambem é a prova de que os assassinatos dos prisioneiros da Revolução, e principalmente dos Padres, não foi um acto espontaneo da população parisiense. A palavra d'ordem foi realmente dada, e os assassinos antecipadamente bem preparados.

O signal para o assassinato dos prisioneiros encerrados na egreja do Carmo foi dado

por Luiz Prière, negociante de vinhos, morador no pateo das Fontaines, no Luxemburgo. E' provavel, senão certo, que este homem, como grande numero de negociantes de vinhos da capital, fosse mação. Succedeu isto a 2 de setembro. Os revolucionarios da secção do Luxemburgo haviam-se reunido em assembleia geral na egreja de S. Sulpicio, transformada em club. Esta reunião era presidida pelo cidadão Joaquim Ceyrat, franc-mação notorio, novamente eleito juiz de paz, e precedentemente commissario de policia da secção. Appellára-se para os mais exaltados, dizendo-se-lhes «que se ía deliberar sobre as medidas que convinha tomar no interesse geral.» O I.·. Joaquim Ceyrat, — e isto mostra manifestamente a premeditação e d'onde vinha a revolta — não se descuidára de dirigir convite aos federados marselhezes, que abandonaram em grande numero o seu quartel dos Franciscanos para virem assistir á sessão. Afim de sobreexcitar os espiritos e attrahir a multidão, tinha-se estabelecido uma secretaria d'alistamentos voluntarios na capella do Santissimo Sacramento; mas vêr-se-á que o fim dos organisadores da reunião não era de modo nenhum recolher nomes de voluntarios para o exercito.

Quando os revolucionarios da secção estavam em numero sufficiente para approvar uma deliberação qualquer, o I.·. Luiz Prière ergueu-se impetuosamente na cadeira e pediu para interromper por um instante o alistamento, porque tinha, disse elle, uma grave noticia

a communicar á assembleia. Em primeiro logar declamou contra o estrangeiro, que avançava sobre Paris; mas accrescentou, marchetando o seu discurso d'horriveis blasphemias, que, pelo que lhe dizia respeito, era d'opinião que antes de marcharem contra c inimigo, se tornava primeiramente necessario desembaraçarem-se dos individuos encerrados nas prisões, e, em primeiro logar, dos Padres presos no convento do Carmo.

Deve crêr-se que nem todos os membros da secção eram filiados na Franc-Maçonaria; porque alguns (entre outros os cidadãos Lucron, Yose, Violette, Chavessey, Vitra e Vigneul) acolheram com certa repugnancia a moção do I∴ Luiz Prière. Na multidão, que rodeava os seccionarios, havia tambem algumas pessoas transviadas pelas ideias da moda, mas incapazes de commetter um crime. D'este numero era um tal Alexandre Carcel, relojoeiro da rua dos Cegos, que pediu a palavra, e, obtendo-a, declarou que podia ser que houvesse gente culpada nas prisões, mas que alli tambem havia pessoas que o não eram; e, appellando para o bom senso da assembleia, concluiu que certamente os cidadãos honrados não quereriam molhar suas mãos no sangue dos innocentes. Vendo que estas palavras produziam boa impressão sobre varias pessoas, o snr. Carcel fez uma proposta: escolher-se-íam seis membros da assembleia, que formariam uma commissão, a qual se transportaria ao Carmo e examinaria nos registos dos presos os motivos da prisão de cada

Assassinato do Padre Le Franc. — A populaça parisiense, reunida na egreja de S. Sulpicio transformada em club, é excitada pelos franc-mações e corre ao convento do Carmo para assassinar os padres, que alli estão presos.

um d'elles; em seguida esses seis commissionados, pondo em evidencia os crimes de que os prisioneiros eram accusados, os communicariam aos magistrados competentes, com uma petição da secção pedindo-lhes que se fizesse justiça o mais breve possivel. Um murmurio approvador acolheu esta proposta; mas os franc-mações não ficaram satisfeitos, porque queriam decretar um morticinio geral; a moção do snr. Carcel destruia o seu plano.

Em vez de a pôr á votação, o presidente, I.·. Joaquim Ceyrat, exclamou colerico:

«—O povo é quem deve fazer justiça aos culpados; nós não podemos esperar as sentenças da magistratura; a patria está em perigo e todos os Padres presos no Carmo são scelerados!»

A intervenção do presidente na discussão teve effeito decisivo. A moção do I.·. Prière foi submettida á votação, e a maioria dos revolucionarios da secção decidiram «que em presença dos supremos perigos da patria, havia urgencia de se pôrem fóra do estado de poderem prejudicar os aristocratas e os Padres refractarios.» (1)

Outrosim se decidiu que a deliberação da secção seria communicada á Communa, afim de convidar todas as secções a proceder de maneira uniforme.

---

(1) Chamava-se Padres refractários áquelles que tinham recusado prestar juramento á Revolução.

(Nota dos auctores).

Eis um documento comprovativo do que dizemos:

Extracto das actas das deliberações da assembleia geral da secção do Luxemburgo

No dia 2 de setembro de 1792, no IV anno da liberdade e I da egualdade, foi apresentada uma proposta d'um membro para se purgarem as prisões, fazendo correr o sangue de todos os presos de Paris antes de partir, e, posta á votação, foi approvada. Foram nomeados tres commissarios — os snrs. Lohier, Lemoine e Richard — para irem á cidade communicar isto, afim de se proceder d'uma maneira uniforme.

Está conforme. Por extracto:

(Assignado) HEU,

SECRETARIO DA ASSEMBLEIA GERAL.

Este documento foi descoberto nos archivos do Palacio da Justiça pelo snr. Alexandre Sorel, que o cita na sua notavel obra *O Convento do Carmo sob o Terror*. Não existe mais documento algum d'esta epoca, relativo á secção do Luxemburgo, porque a Franc-Maçonaria teve o cuidado de destruir o registo das deliberações do mez de setembro de 1792 d'esta secção. Só se sabe o que se passou pelo depoimento das testemunhas nos processos, mais tarde intentados aos setembristas.

Os franc-mações da secção triumpharam; graças áquella votação, podiam arrastar ao Carmo a escoria da populaça.

No momento de partir para a Communa, o I.·. Lohier voltou-se para a assembleia e collocou esta questão:

«—Attenção! Acabamos de votar que é mister proceder em toda a parte de maneira uniforme; mas que deve entender-se por isto? Como devemos desembaraçar-nos dos prisioneiros?

«—Pela morte! exclamou o I.·. Joaquim Ceyrat.

«—Pela morte! bradou tambem o I.·. Luiz Prière.»

E todos os franc-mações da secção berraram em côro:

«—Pela morte! (Depoimento do snr. Lemaître, testemunha ocular, morador na rua do Vieux-Colombier; era elle quem, n'aquelle dia, presidia á mesa dos alistamentos voluntarios na egreja de S. Sulpicio, onde se effectuava ao mesmo tempo a reunião dos seccionarios.)

O grito abominavel estava dado. Todos os exaltados, que se haviam deixado arrastar por Ceyrat, Prière e pelos outros franc-mações, precipitaram-se fóra da egreja; os federados marselhezes eram os que se mostravam mais furiosos. E estes miseraveis, ebrios de raiva, correram na direcção do convento do Carmo.

N'aquelle momento, um destacamento de guardas nacionaes estacionava na rua Palatina, formando a guarda. O relojoeiro Carcel, não tendo duvida alguma sobre o que ia acontecer, apressou-se a relatar o que se passou na reunião ao commandante, o cidadão Tanche. Este

sorriu-se. Baldadamente lhe supplicou o snr. Carcel que reunisse as pessoas sérias do quarteirão e fosse, com os seus homens, proteger os prisioneiros. O commandante Tanche, que certamente pertencia á seita, recusou formalmente ir em auxilio dos desgraçados Padres, contra os quaes os assassinos soltavam ferozes clamores.

A narração da matança do convento do Carmo é assás conhecida para que seja necessario reproduzil-a. Cento e quinze victimas cahiram aos golpes d'esses cannibaes; só um d'esses martyres era leigo: todos os outros eram religiosos e Padres, e, á sua frente, Monsenhor Dulan, arcebispo d'Arles, Monsenhor Francisco José de La Rochefoucauld, bispo de Beauvais, e Pedro Luiz de La Rochefoucauld, bispo de Saintes.

Na Abbaye, na Force e n'outras prisões, houve um simulacro de julgamento. No Carmo foi uma matança geral: os assassinos entraram impetuosamente no jardim, onde estavam encerrados os prisioneiros; mataram-nos a tiro e a machadadas. Algumas das victimas tinham conseguido refugiar-se no oratorio e alli mesmo as decapitaram. Foi então que appareceu uma segunda horda d'assassinos, o bando do I.·. Maillard, que vinha da Abbaye. Maillard vinha vêr «se a tarefa tinha sido bem executada.» Havia ainda umas quarenta victimas, que tinham penetrado na egreja do convento, julgando encontrar alli um asylo, e que estavam cercadas. Recomeçou a matança; mas, d'esta

vez, o I.·. Maillard fez decapitar os martyres, dois a dois, na escada da egreja, depois de ter averiguado a sua identidade. Era mister poder assegurar ao Grande Oriente que o Padre Le Franc não escapára á carnificina.

D'este modo, é indiscutivel que esta horrivel matança foi preparada pela seita para lançar o terror no paiz e assegurar a dominação do partido revolucionario. Tratava-se de «metter medo aos realistas;» é o I.·. Danton quem o diz. E' outrosim evidente que a Franc-Maçonaria se aproveitou da occasião para desembaraçar-se, particularmente, d'aquelles a quem o Tribunal Secreto do gráo 31.º ha muito tempo tinha condemnado á morte; havia sido tudo bem preparado, bem organisado. Os Irmãos Tres Pontinhos, na matança geral, tinham executado a sua sentença contra a ex-Grã-Mestra, a princesa de Lamballe, e contra o vigoroso escriptor anti-mação, o Padre Le Franc.

III

FILIPPE EGUALDADE

O duque de Chartres, Luiz Filippe d'Orleans, tambem foi assassinado pelos franc-mações. O facto é pouco conhecido, mas por isso não deixa de ser veridico e estabelecido em provas incontestaveis.

Para se conhecer bem o fio das intrigas urdidas pela seita para o conduzir ao cadafalso,

é mister retroceder um pouco e examinar o procedimento do duque d'Orleans durante a sua vida.

O duque era neto do Regente, d'esse Regente tão dissoluto que o seu nome se tornou synonimo de devassidão. Tendo nascido em Saint-Cloud a 13 d'abril de 1747, Luiz Filippe José, duque de Chartres, casou a 5 d'abril de 1769 com a filha e unica herdeira do duque de Penthièvre, Luiza Maria Adelaide de Bourbon, que tinha dezeseis annos. O duque de Penthièvre, tão conhecido pela sua beneficencia, era pae do principe de Lamballe e sogro da princesa que foi assassinada na prisão da Force, por occasião dos morticinios de setembro.

Desde mui joven, o duque de Chartres entregou-se aos exercicios corporaes, em que era habilissimo; ninguem melhor que elle conduzia uma carruagem ou domava cavallos embravecidos.

Tinha attracção pela novidade e almejava attrahir a attenção sobre a sua pessoa; devido a isso, subiu n'um aerostato, quando se fizeram os primeiros ensaios d'esta descoberta.

Era devasso; mas ao mesmo tempo affavel, d'uma affabilidade ás vezes demasiadamente familiar, pouco compativel com a sua posição,

Possuía immensa fortuna; querendo, porém, tornal-a ainda mais consideravel, só conseguiu contrahir dividas.

O jardim do seu palacio, o Palacio Real, era um passeio publico, como ainda é hoje; só se exigia vestido decente para o frequentar.

O principe mandou rodear este jardim de bonitas construcções, afim de as alogar; abriu-o a todo o mundo, sem excepção, de modo que em breve este passeio se encheu da mais grosseira e perversa população.

Em vez do ar puro e da bella sombra que, durante os dias de verão, os Parisienses vinham procurar ás alamedas do Palacio Real, apenas encontravam o exemplo de maus costumes e da mais vergonhosa dissolução.

Por outro lado esta especulação, que tirava ás propriedades visinhas uma parte do seu valor e da sua belleza e conforto, descontentou muito os proprietarios e deu occasião a algumas satyras contra o duque. Representavam-no com o vestuario de trapeiro apanhando farrapos na rua. (1)

O duque riu d'esta impertinencia, assim como de todas as outras malicias, mas não modificou o seu plano.

Mais opulento que muitos soberanos, gosando as regalias dos monarchas sem estar sujeito aos seus deveres nem compartilhar das suas inquietações, talvez se pergunte como um principe n'estas condições se resolveu a sair do circulo de commodidades e gosos, em que

---

(1) Esta satyra, traduzida, perde todo o chiste. Os francezes representavam o duque vestido de trapeiro, apanhando *des loques à terre* (farrapos na rua), palavras que, pronunciadas, se confundem com *des locataires* (locatarios), satyrica referencia ás casas que elle mandou construir para as alugar.

(*Nota do traductor*).

pacificamente estava encerrado, para abraçar a causa da Revolução?

Este facto póde explicar-se pelo caracter do duque d'Orleans. Era extrema a sua susceptibilidade quando se julgava ultrajado; penetrando-lhe no coração esse sentimento, jámais lhe sahia.

O archiduque Maximiliano d'Austria veio a Versalhes vêr a rainha de França, sua irmã, Maria Antonina, que tinha apenas vinte annos d'edade. Contentissima com a visita d'este irmão querido, e querendo gozar todos os momentos que elle podesse dispensar-lhe durante a sua permanencia em França, a joven soberana julgou que podia deixar de visitar os principes e desembaraçar-se da maior parte das etiquetas, que despresava.

Os principes ficaram muito descontentes, e principalmente o duque de Chartres mostrou-se bastante magoado com este olvido, que lhe pareceu insulto, attribuindo-o a Maria Antonina.

Por esta occasião circularam muitas conversações indiscretas na alta sociedade, na qual já se procurava denegrir o caracter da rainha, e n'estas conversas esta princesa era muito maltratada. Formaram-se então dois partidos, na cidade e na côrte: o da rainha e o dos principes, pondo-se á frente do ultimo o duque d'Orleans.

As ideias politicas, que assumiam caracter sério, começaram pouco depois a invadir tudo;

e a desintelligencia entre os dois partidos encontrou ahi novo pasto.

Os prazeres, de que o duque de Chartres tinha abusado, tornaram-se-lhe insipidos; necessitou, pois, d'occupar a sua imaginação n'outra coisa.

Primeiramente quiz ser investido no cargo de grande almirante, que pertencia ao duque de Penthièvre, seu sogro. Este principe consentiu, mas era necessario obter tambem a annuencia do rei; e, não accedendo o monarcha promptamente ao desejo de seu primo, este accusou a rainha de ser a causa da demora.

Para que cessassem todos os obstaculos, o joven duque começou a estudar os elementos da arte nautica e pediu para servir como voluntario na esquadra do almirante d'Orvilliers, que crusava na Mancha, e que a cada momento se julgava prestes a travar batalha com a marinha ingleza.

A attitude do duque d'Orleans, por occasião do combate d'Ouessant (a 27 de julho de 1778) parece que não foi brilhante, porque elle não foi investido no cargo de grande almirante.

Por um pretendido favor, que deveria parecer dolorosa ironia, o duque foi nomeado coronel general dos hussards. Depois d'isto, raras vezes appareceu na côrte.

Afastado dos prazeres de Versalhes, voltou áquelles que parecia ter abandonado; mas, para os variar, procurou nova dissipação nas modas e usos da Inglaterra. Emprehendeu uma viagem a Londres, ligou-se alli com o principe de Gal-

les, mais tarde Jorge IV, e com muitos fidalgos, e regressou enthusiasmado dos costumes e do vestuario britannicos, que desde então procurou imitar em tudo.

A elevada sociedade de Paris tornava-se notavel n'aquella epoca pela sua grande magnificencia; uma extrema simplicidade substituiu de repente o ouro e os ricos bordados que cobriam os vestidos dos fidalgos. Os burguezes começaram a vêr homens eguaes n'aquelles de quem anteriormente não ousavam apropinquar-se senão depois de terem exgotado todas as demonstrações de respeito. Estes senhores procuraram alforriar-se das honras e dos respeitos, que por muito tempo haviam sido a sua salvaguarda. Foram elles mesmos que desceram da sua posição e dignidade: e esta subita mudança, exaltada em todos os estylos, e naturalmente agradavel ás classes inferiores, tornou-se em breve geral. Até a côrte de Luiz XVI modificou os seus usos e costumes.

Quando se tratou da eleição de deputados aos Estados Geraes, o duque d'Orleans, quaesquer que fossem os meios de popularidade de que dispunha, não tinha a certeza de ser eleito. Mas o marquez de Limon, sua creatura, tendo-se dirigido a Crespy, no momento das eleições, a pretexto de visitar as propriedades do principe, houve-se com tanta habilidade junto dos eleitores da nobreza, que, apesar da repugnancia d'estes de se mostrarem em opposição com a côrte, conseguiu que fosse eleito por acclamação o duque d'Orleans, tendo-lhes previamente

dito que decerto o principe não acceitaria. Por isso viu-se poucos dias depois com muita admiração o duque ir pessoalmente a Crespy agradecer e prestar juramento.

Chegado á camara da nobreza, o principe collocou-se logo nas fileiras do partido revolucionario, e este partido aggregou-se junto d'elle.

Mais tarde fez parte da minoria da nobreza, que se reuniu ao terceiro estado.

Notou-se que no jardim do Palacio Real, propriedade e habitação do duque d'Orleans, é que foram provocados os primeiros movimentos revolucionarios; todas as revoltas alli se formaram; foi d'alli que partiram todas as reuniões; a mais importante realisou-se em frente do famoso café de Foy, na noite de 12 de julho de 1789, fallando á multidão Camillo Desmoulins; e o movimento, começado no jardim do Palacio Real, terminou no dia 14 pela tomada da Bastilha.

Circumstancias notaveis: no dia 12, os insurgentes roubaram de casa do esculptor Curtius o busto do duque com o de Necker e passearam-nos em triumpho pelas ruas e praças publicas: no dia 13, os sediciosos arvoraram como signal de reconhecimento o azul, o vermelho e o branco, que eram as côres da casa d'Orleans.

Além d'isso, diz-se que o principe foi visto a applaudir das janellas o movimento popular.

Depois dos acontecimentos de 10 d'agosto de 1792, Manuel, que era da facção do duque,

aconselhou-o a que, para dissipar todas as suspeitas que contra elle se levantavam, renunciasse ao nome de sua illustre familia e acceitasse o de *Egualdade,* que lhe seria proposto pela Communa de Paris. Filippe acceitou o nome de *Egualdade,* e, n'uma carta de agradecimento, declarou que não lhe podiam ter dado outro nome que mais agradavel fosse aos seus sentimentos.

Com este nome é que elle foi nomeado deputado á Convenção Nacional. Alli tomou logar na extrema esquerda.

Quando se tratou de deliberar sobre a sorte de Luiz XVI, Filippe votou, contra o desejo do povo, pela morte e contra a prorogação. Se para os outros deputados este voto foi um crime monstruoso, que nome se deverá dar ao procedimento de Filippe Egualdade, duque d'Orleans e primeiro principe de sangue?!...

Como explicar semelhante procedimento? Como pudera o duque ser levado, gradualmente, a tal perversão?

Não hesitamos em dizel-o: pela Franc-Maçonaria.

Por occasião da morte do duque de Clermont, o duque de Chartres fôra eleito, como seu successor, para o Grão-Mestrado da Grande Loja de França; debaixo da sua auctoridade, os diversos poderes maçonicos, então divididos, reuniram-se.

Transcreveremos o texto d'esta acceitação, peça historica curiosa:

No anno da grande Luz de 1772, terceiro dia da lua Jiar, quinto dia do segundo mez do anno maçonico 5772 (e quinto dia d'abril de 1772 do nascimento do Messias), em virtude da reunião, feita na Grande Loja no vigesimo quarto dia do mez do anno maçonico de 5771, foi proclamado o Altissimo, Poderosissimo e Excellentissimo Principe, Sua Alteza Serenissima Luiz Filippe José d'Orleans, duque de Chartres, principe de sangue, para Grão-Mestre de todas as Lojas regulares da França, e da do Soberano Conselho dos Imperadores d'Oriente e d'Occidente, Sublime Loja-Mãe Escosseza; e no vigessimo sexto dia da lua d'Elul de 5771, para Soberano Grão-Mestre de todos os Conselhos, Capitulos e Lojas Escossezas do Grande Globo da França, officios que a dita Alteza Serenissima quiz acceitar por amor da Arte Real e afim de concentrar todas as operações maçonicas sob uma só auctoridade.

Em fé do que a dita Alteza Serenissima assignou a presente acta d'acceitação.

(Assignado) LUIZ FILIPPE D'ORLEANS.

Pouco depois, a 24 de dezembro de 1772, constituiu-se o Grande Oriente da França, novo poder maçonico centralisador, e o principe foi egualmente eleito seu Grão-Mestre.

Por vezes se tem dito que Filippe Egualdade não se intrometteu activamente nas intrigas das Lojas e que apenas fôra nominalmente seu protector. Esta pretenção é destruida pelo documento que segue, o qual foi encontrado nos papeis do cardeal de Bernis e se acha reproduzido pelo Padre Deschamps e pelo snr. Claudio Jannet:

«Lista dos dignos membros que compõem o *Club de Propaganda*, o qual se reune na rua de Richelieu, 26, em Paris.

«Este club tem por fim, como todos sabem, não só *consolidar a Revolução em França*, mas introduzil-a entre todos os outros povos da Europa e *derribar todos os governos actualmente estabelecidos*.

«Os seus estatutos foram impressos separadamente.

«A 23 de março de 1790 havia em caixa 170 contos de reis, *sendo 72 contos fornecidos pelo snr. duque d'Orleans;* o restante fôra dado pelos dignos membros por occasião da sua recepção. *Estes fundos são destinados a pagar as viagens dos missionarios, que se chamam apostolos, e os folhetos incendiarios, que se compõem* para conseguir um fim tão salutar.

«Todas as questões, tanto internas como externas, são preparadas e propostas ao *Club* por uma commissão de quinze pessoas, presidida pelo snr. padre Siéyès.»

E' clarissimo, não?

Ora, querem saber quem eram os homens que collaboravam com o duque d'Orleans, principe de sangue, *para consolidar a Revolução em França e derribar todos os governos actualmente estabelecidos?*

Simplesmente os primeiros fidalgos da França, ou, pelo menos, aquelles que usavam os seus nomes, e que ha muito tempo não possuiam as suas qualidades. Eram o duque de Biron, o padre d'Espagnac, o conde de Praslin, o principe de Broglie, o marquez de Latour-Maubourg, o conde de Crillon, de Toulongeon, o visconde de Beauharnais, o visconde de Lusi-

gnan, o duque de Rochefoucauld, o visconde de Noailles, o visconde de Damas, o duque de Liancourt, o conde de Montmorin, o marquez de Montalembert, o conde de Kersaint, o conde de Croix, o marquez de la Coste, o conde de Choiseul-Gouffier, etc.

Ahi está quem fez a Revolução e amontoou um thesouro de guerra, que devia passar, á rasão de 4$500 reis por dia de trabalho, para as mãos dos assassinos de setembro de 1792.

O povo conhecia bem a participação effectiva do duque d'Orleans nos conluios revolucionarios: porque, em 1790, apregoava-se e vendia-se nas ruas de Paris um pamphleto intitulado: *A Paixão e Morte de Luiz XVI, rei dos Judeus e dos christãos.* Na frente do pamphleto figurava uma gravura, que por si só era uma lugubre prophecia. Representava Luiz XVI coroado e revestido com o manto com flores de liz, pregado á cruz. Á sua direita e esquerda achava-se o Clero e o Parlamento occupando o logar dos dois ladrões. No texto dos pamphletos, é Filippe d'Orleans que desempenha para com Luiz XVI o papel de Judas, o Iscariote.

O duque de Chartres alimentava a ambição de que, desthronado Luiz XVI, o substituiria no supremo poder. Contava servir-se das Lojas para conseguir o seu fim; mas aprendeu á sua propria custa que a torrente d'uma revolução se não domina facilmente. Pôde tambem applicar a si com propriedade o proverbio: «Quem ventos semeia, tempestades colhe.»

Vendo estabelecer-se a Republica em França, julgou que a Maçonaria não tinha d'ora ávante rasão de ser. Deixou d'exercer as suas funcções, mas sem se demittir. Esta abstenção trouxe uma certa perturbação á seita; não se formava nenhuma Loja nova e as antigas desaggregavam-se.

Tendo-lhe um jornal revolucionario de Toulouse censurado a sua inactividade como Grão-Mestre, mandou inserir a 22 de fevereiro de 1793 — um mez depois da morte do rei Luiz XVI — no *Jornal de Paris*, uma carta na qual renegava a instituição.

Transcreveremos alguns periodos d'essa carta, que lhe foram censurados como sendo um crime:

«Digam o que quizerem, a minha historia maçonica é a seguinte:

«N'um tempo, em que certamente ninguem previa uma revolução, liguei-me á Franc-Maçonaria, que offerecia uma especie d'imagem de liberdade. Depois, abandonei o phantasma pela realidade.

«No mez de setembro ultimo, tendo-se dirigido o secretario do Grande Oriente á pessoa que desempenhava junto de mim as funcções de secretario do Grão-Mestre para me fazer chegar ás mãos um pedido, relativo aos trabalhos d'esta sociedade, respondi a este em data de 5 de janeiro:

«Desconhecendo a maneira como é composto «o Grande Oriente, e como, por outra parte, penso «que não deve haver nenhum mysterio nem nenhu«ma assembleia secreta n'uma republica, principal«mente no inicio do seu estabelecimento, não que«ro continuar a tratar dos negocios do Grande «Oriente nem das assembleias dos franc-maçōes.»

O principe assignou esta carta com o nome que lhe fôra proposto pela Communa de Paris: *Filippe Egualdade.*

Os mações desesperaram-se e accusaram-no de traidor. Effectuaram-se algumas reuniões durante o mez de março, para se discutirem as medidas que deviam tomar-se. Era difficil accusar Filippe d'Orleans de pactuar com a familia real, porque, pouco tempo antes, elle votára a morte de Luiz XVI com os Montanhezes da Convenção. Espalhou-se, pois, o boato de que o principe preparava o regresso da realesa por sua propria conta. Filippe tinha provavelmente esta intenção; mas o que é certo é que elle era assás sensato para se não comprometter em semelhante momento; aguardava quiçá occasião propicia. Em todo o caso, o que é verdade é que não praticou acto algum de que pudesse ser accusado com justiça.

A 6 d'abril, o deputado franc-mação Lahaye subiu á tribuna e contou que Filippe d'Orleans havia percorrido, nos dias precedentes, o districto d'Orne, sondando as populações para saber se a sua ascenção ao throno seria bem acolhida. Esta asserção era falsa; Filippe não tinha abandonado Paris n'aquella epoca.

O duque d'Orleans não foi á Convenção no dia 6 d'abril; aproveitando-se, pois, da sua ausencia, é que Lahaye o accusou. A assembleia, cuja grande maioria—poder-se-ía dizer a quasi totalidade — se compunha de sectarios, tinha recebido a palavra d'ordem: não citou Filippe a comparecer na sua presença, mas decretou a

prisão de todos os membros da familia dos Bourbons indistinctamente.

No dia seguinte Pache, outro franc-mação, mandava prender o principe a hora matutina.

Filippe escreveu então aos seus collegas da Convenção a seguinte carta:

Paris, da Administração, 7 d'abril.

Collegas cidadãos.

Vieram a minha casa dois cavalheiros, um dizendo-se official de paz e o outro inspector de policia. Apresentaram-me uma citação assignada por *Pache* para me dirigir á Administração. Segui-os, e entregaram-me um decreto da Convenção, que ordena a captura da familia dos Bourbons. Pedilhes para suspender o effeito d'esse decreto pelo que me dizia respeito. Irresistivelmente ligado á Republica, seguro da minha innocencia, e desejando vêr apropinquar-se o momento em que o meu procedimento seja examinado e escrutado, eu não teria retardado a execução d'esse decreto, se não me parecesse que elle compromettia o caracter de deputado, de que estou investido.

Filippe Egualdade.

Esta carta foi transmittida no mesmo dia á Convenção pelo ministro da justiça Gohier, que a acompanhou da seguinte missiva:

Pariz, 7 d'abril.

Cidadão presidente da Convenção Nacional.

Em execução do decreto d'hontem, que ordena a prisão de Luiz Filippe José Egualdade, foi elle conduzido á Administração, para alli se reconhecer a sua identidade.

Pela acta, que junto remetto, vereis que elle considera o decreto como estranho á sua pessoa,

em attenção á sua qualidade de representante do povo.

O meu respeito pelo seu caracter não me permitte resolver as difficuldades; deixo esse cuidado á Convenção.

O ministro da justiça : — GOHIER.

Travou-se discussão. Os Girondinos, principalmente, eram ardentissimos. Sabe-se que estes foram sempre os mais terriveis inimigos de Filippe Egualdade. Já nos primeiros dias da Convenção haviam os Girondinos tentado banil-o da França; mas os seus collegas da extrema-esquerda impediram a realisação d'este desejo.

D'esta vez os Montanhezes, obedecendo ás ordens secretas da Maçonaria, votaram com os Girondinos.

Um só deputado da Montanha defendeu, a 7 d'abril, Filippe Egualdade. Querem saber quem foi esse defensor? Marat! Extranha coincidencia: todos os adversarios do principe d'Orleans eram franc-mações; Marat, seu unico defensor, apesar d'exaltado, não pertencia á seita.

Marat invocou em favor de Filippe Egualdade a inviolabilidade parlamentar. A Convenção a nada attendeu e votou o seguinte decreto:

A Convenção Nacional, depois de ter ouvido a leitura d'uma carta do ministro da justiça, d'uma acta dos commissarios da policia e d'uma carta de Luiz Filippe Egualdade, relativa á reclamação feita por este cidadão contra a sua prisão, fundamentando-se em que não é comprehendido nominativa-

mente no decreto d'hontem, e que se encontra n'um caso particular como deputado, passa á ordem do dia, declarando que quiz comprehender o mencionado Luiz Filippe Egualdade no decreto que ordena a prisão dos Bourbons.

Dois dias depois, a 9 d'abril de 1793, o ex-Grão-Mestre era enviado a Marselha para alli se conservar preso, aguardando o seu julgamento.

A 10 d'abril, isto é, depois da partida do prisioneiro, o franc-mação Lahaye, em vez do relatorio circumstanciado que havia promettido, leu na tribuna, para justificar as medidas tomadas contra Filippe, uma carta d'um senhor Anquelin, de Séez, carta absurda contando algumas historietas estupidas, só propria de bisbilhoteiros de taberna.

Transcreveremos a carta em toda a sua brutalidade:

5 d'abril de 1793.

Se vos não dei circumstanciadas informações sobre Egualdade, foi porque só me limitei a instruir-vos da sua passagem, porque o creio um homem de quem é prudente desconfiar, mesmo d'aquellas de suas acções que pareçam indifferentes. Além d'isso, eu não tinha certeza da sua viagem á Bretanha senão pelo rumor publico, que n'este paiz não parece ser-lhe favoravel, pois que havia já suspeitas de que elle era o fomentador dos lamentaveis acontecimentos que se teem passado. Estes factos não teem certamente relação alguma com a sua passagem em Séez no dia 22 de março ultimo, porque me certifiquei com um dos criados do cidadão Broquet, proprietario do Hotel d'Inglaterra em Séez, onde elle se alojou, que Egualdade havia

dito que ía a Alençon vêr a provincia; disse chamar-se o cidadão Fécamp, mordomo d'Egualdade. Pela descripção que me fizeram do seu talhe, do seu rosto avermelhado e borbulhento, que eu vi bastas vezes em Eu, não ha duvida que era Egualdade em pessoa. Convidou o estalajadeiro a ir a Alençon com elle na sua carruagem, com o fim de aquelle o apresentar a seu cunhado Hommez, ex-procurador em Séez, *homem em situação de lhe ser util,* visto que é actualmente membro do departamento em Alençon; mas o estalajadeiro não pôde acompanhal-o, em consequencia de se vêr forçado a partir com o destacamento de voluntarios destinados á Bretanha; ignoro o que, depois, fez o nosso homem.

Foi alojar-se no Hotel du Maure, de Bussy, em Alençon, outro cunhado do nosso membro do departamento; mas o que posso assegurar-vos é que, voltando a Séez no dia 25, se hospedou no mesmo hotel; e passando na praça, foi preso pela guarda; então apresentou um passaporte, no qual mostrava chamar-se Filippe Primeiro, Egualdade. Emquanto á conversação que teve ao passar por Séez com o estalajadeiro, que mandou ir ao seu quarto e com o qual bebeu vinho, sei que o interrogou para saber o que se dizia d'elle, se era estimado n'aquelle paiz, e se gostariam ou desgostariam de o ter como rei; ao que o estalajadeiro replicou que não tinha bastantes informações para lhe responder cabalmente.

Egualdade, sem duvida, não deixou d'interrogar os estalajadeiros por onde passou; com elle ía apenas um joven de 14 a 15 annos. Viajava em carro de posta.

Assignado — ANQUELIN.

Lahaye, depois de lêr esta carta, declarou que não havia necessidade de maiores provas

de culpabilidade e que aquella era mais que bastante.

Os convencionaes franc-mações sabiam perfeitamente que Filippe Egualdade, depois d'haver renegado a seita, era tambem repellido por ella; tinham a convicção de que o principe não havia posto os pés em Séez no dia 22 de março e que passára aquelle dia em Paris; mas, apesar d'isso, condemnaram-n'o para obedecer á palavra d'ordem das Lojas.

A Convenção ordenou que as informações contidas na carta se communicassem ao tribunal das Bouches-du-Rhône, pois decidira-se que o accusado fosse julgado a duzentas leguas de Paris. Na capital, Filippe Egualdade era muito popular, mesmo depois do regicidio; os franc-mações esperavam que o fosse menos n'uma cidade tão distante.

Marat conheceu a infame comedia que se representava, e a 13 d'abril escreveu n'uma carta dirigida á Convenção:

«Essa conjuração imaginaria, cujo pretendido fim seria collocar Filippe d'Orleans no throno, é apenas uma fabula inventada para illudir o publico.»

Entretanto, desde um certo tempo, os franc-mações altamente graduados, que faziam parte do Soberano Tribunal da Ordem, no Grande Oriente, trabalhavam bastante. Fôra redigido um relatorio sobre Filippe Egualdade e submettido successivamente aos grandes dignitarios para que o examinassem.

A 13 de maio de 1793 reuniu o Soberano Tribunal.

O presidente leu a carta do principe inserta no *Journal de Paris* de 22 de fevereiro.

Esta leitura foi ouvida em silencio.

O presidente provocou observações, mas continuou a reinar silencio.

Então os dois vice-presidentes, que usam os titulos de Muito Esclarecidos Inspectores, queimaram immediatamente, na propria sala da reunião, o relatorio que havia circulado de mão em mão.

Foi em seguida dada a palavra ao Grande Orador do Soberano Tribunal, que, com voz grave e solemne, pronunciou estas palavras:

«—Concluo que o ex-Irmão Filippe Egualdade seja declarado demissionario, não sómente do seu titulo de Grão-Mestre, mas tambem do de Deputado da Loja, e que, além d'isso, *seja privado da sociedade das pessoas honestas.*»

Estas ultimas palavras são a formula de condemnação á morte usada nas Lojas.

Então, o Muito Perfeito Presidente bateu no altar tres pancadas com o botão do punho da espada rutilante; era o signal da votação.

A' terceira pancada todos os assistentes, sem pronunciarem palavra, ergueram ao ar a mão esquerda, indicando com este gesto que votavam pela morte.

Os assistentes estavam de pé.

O Muito Perfeito Presidente tomou do altar uma espada de Mestre, que representava

symbolicamente a existencia de Filippe Egualdade; de posse da espada, levantou-a ao ar, e disse com voz lenta:

—«*Tsedakah!*» o que significa: *Justiça*.

O Chanceller Grande Secretario e o Grande Orador responderam:

«—*Miskor!*» o que quer dizer: *Equidade*.

Emfim, o Muito Perfeito Presidente collocou a espada de travez no joelho, quebrou-a e lançou os pedaços ao meio da Assembleia.

«—*Amen!*» responderam todos os assistentes.

A um signal do Presidente todos, ao mesmo tempo, bateram com a mão direita no antebraço esquerdo nove pancadas assim espaçadas: uma pancada, tres pancadas, quatro pancadas, uma pancada. Chama-se a isto «*tirar uma bateria do lucto.*»

Os Irmãos retiraram-se em silencio; ao duque d'Orleans só lhe restava preparar-se para a morte. (1)

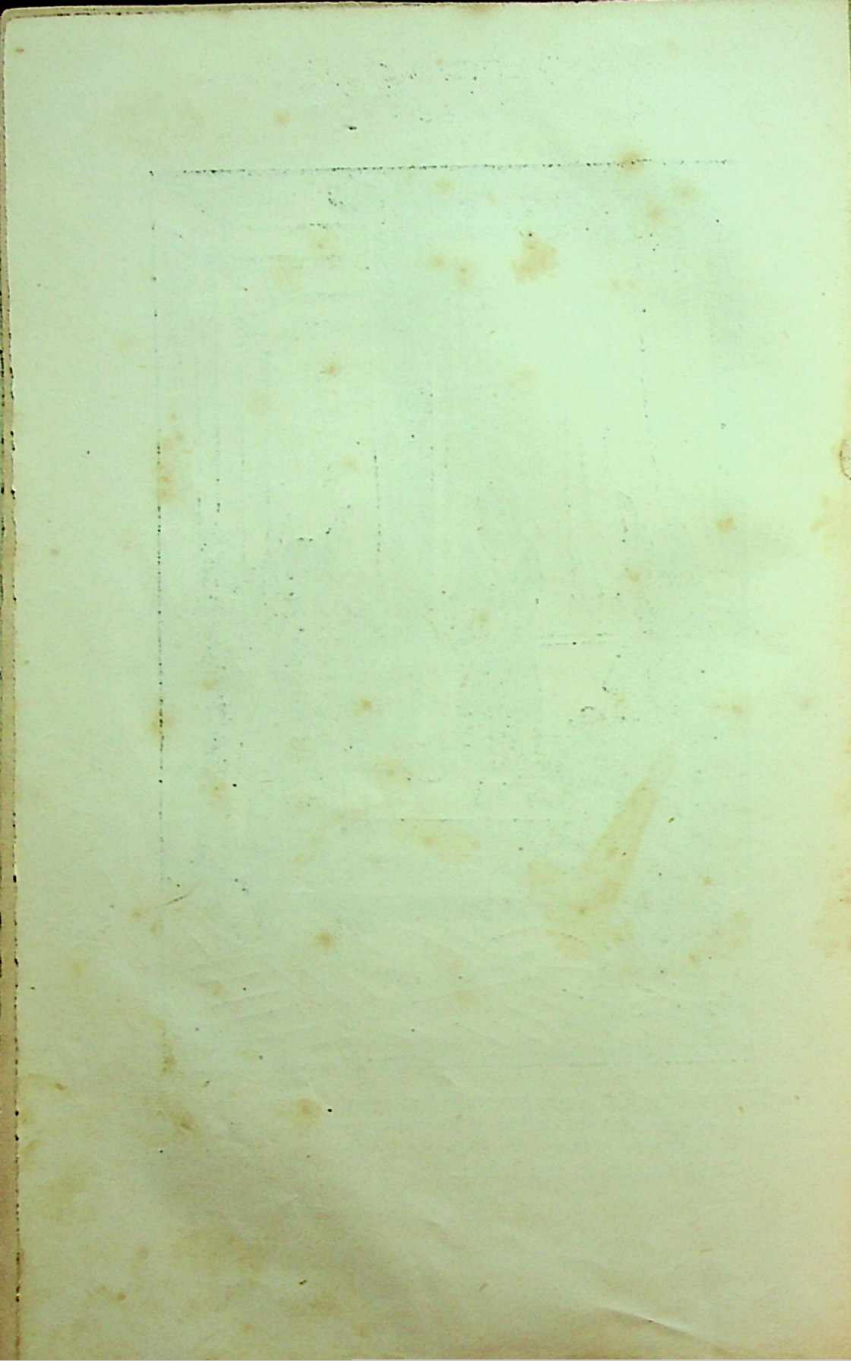
Entretanto, os franc-mações experimentaram primeiramente um dissabor.

O jury revolucionario de Marselha absolveu Filippe Egualdade. Um relatorio do deputado Ruhl declarou que nos seus papeis nada se tinha encontrado que o comprometesse. Havia uma só coisa a fazer—pôr em liberdade

---

(1) Não se creia que inventamos alguma coisa. Esta sessão é relatada na *Historia pittoresca da Franc-Maçonaria*, pelo I∴ Clavel, segunda edição (1843), pag. 239 e 240.

(*Nota dos auctores.*)

Filippe Egualdade condemnado á morte pelos franc-mações. O presidente do tribunal secreto quebra a espada do Grão-Mestre e lança ao chão os destroços. «Amen», exclamam todos os assistentes.

o accusado, reconhecido innocente dos crimes que lhe imputavam; era um acto de justiça ordinaria; mas a justiça dos Irmãos Tres Pontinhos não tem semelhança alguma com a justiça de todo o mundo.

Apezar da sua absolvição, o duque d'Orleans continuou na prisão, e, por ordens secretas emanadas do Grande Oriente, o réo absolvido foi conduzido a Pariz, guardado por boa escolta.

Durante estas viagens da victima, a seita tivera tempo d'escolher os juizes que deviam condemnal-a. O Tribunal Revolucionario de Paris, perante o qual o antigo Grão-Mestre compareceu a 6 de novembro de 1792, era composta de brutos, incapazes de ter alguma ideia de justiça.

Accusaram, *pro forma,* Filippe Egualdade de ser alliado dos Girondinos; podia tambem ter sido accusado de haver roubado a lua; entre estas duas accusações é difficil dizer qual seria mais absurda.

Para que Filippe não podesse fugir-lhe, a seita preparou a opinião publica, em Paris, para a ideia do assassinato, apparentemente juridico, do principe. Tinham-se publicado contra elle as mais estupidas accusações, e, sem duvida, serviram-se para pagar aos auctores dos pamphletos contra a sua pessoa d'uma parte dos 72:000$000 reis, que o principe loucamente deu ao *Club da Propaganda* para acudir ás despezas d'impressão dos *folhetos incendiarios*, redigidos pelos franc-mações, seus antigos irmãos.

Justa compensação das coisas d'este mundo! ou, antes, terrivel lição da Providencia, que permitte que o proprio crime forneça armas para o castigo!

A condemnação do principe, votado á morte pelo Grande Oriente desde 13 de maio, estava de tal modo decidida, que nem sequer se deram ao trabalho d'escrever qualquer libello accusatorio contra elle.

Quando Voidel, seu defensor, perguntou de que Filippe era accusado, Touquier-Tinville, que desempenhava as funcções de representante do ministerio publico, não soube que responder, e, para livrar-se d'embaraços, mandou ler em voz alta pelo escrivão o processo accusatorio d'uma questão anterior, o processo de Vergniaud, Gensonné e outros, executados alguns dias antes.

Voidel protestou, mas o Tribunal não se importou: não valia a pena encommodar-se por tão pouca coisa! A discussão correu *pro forma*.

As perguntas, que fizeram ao accusado, parece terem sahido da bocca de doidos.

Perguntaram-lhe, por exemplo:

« — Não foi depois d'uma certa combinação que o réo votou a morte do tyranno, emquanto Sillery, o marido da professora de seus filhos, votou simplesmente a prisão?»

E isto:

« — Quando o réo foi enviado sob prisão a Marselha, não foi isso feito em consequencia d'um accordo com a facção girondina?»

E tambem:

«— Como é que o réo, que esteve prisioneiro em Marselha nas mãos dos federalistas, não foi perseguido por esses inimigos dos patriotas? A que se deve o elles não o terem suppliciado?»

Vendo-se victima d'uma estupida parodia de justiça, o duque de Chartres, principe d'Orleans, devia recordar-se da princesa de Lamballe, antiga Grã-Mestra da Maçonaria feminina, como elle, Filippe Egualdade, era antigo Grão-Mestre da Maçonaria masculina; d'essa joven mulher, cunhada de sua esposa, que elle não tinha salvado, que deixára assassinar em setembro, e cuja cabeça decapitada fôra visital-o ao Palacio Real, no momento em que se sentava á mesa com sua amante!

O accusador publico não citou uma só testemunha contra elle. Era inutil, visto como a sua perda era negocio resolvido.

Condemnado á morte de manhã, pediu para ser executado logo, apressando-se assim elle mesmo a ir ao encontro da expiação de seus crimes.

Filippe teve a felicidade d'encontrar na sua prisão um Padre, preso como elle, o Padre Lothringer, ao qual se confessou. Reconciliado com Deus, e arrependido de seus erros, cujos resultados funestos via, morreu como homem corajoso e como christão a 6 de novembro de 1793.

IV

PAULO I, CZAR DA RUSSIA

Para se desembaraçar de Filippe Egualdade, a Franc-Maçonaria empregou uma especie de julgamento; em França é necessario conservar sempre certas fórmas; na Russia, paiz d'homens mais habituados a actos que a palavras, a seita não usou de tantas precauções para supprimir, a 12 de março de 1801, o czar Paulo I. Este principe era filho de Catharina II, a quem os philosophos francezes, tendo á frente Voltaire, chamavam a nova Semiramis.

«Hoje é do Norte que nos vem a luz!» diziam.

Em França, a Pompadour, intelligente e devassa, mostrára-se protectora dos encyclopedistas; na Russia, Catharina II, que era tambem das mais dissolutas, abria os seus estados aos franc-mações. Mas, quando viu o que se passava em França, quando conheceu os resultados praticos das doutrinas de Voltaire e de seus amigos, mudou completamente d'opinião e mandou para a Siberia os sectarios, que a principio favoreceu. Esta retrogradação ao bom senso verificou-se nos fins da sua vida.

Seu filho, Paulo I, foi energico a valer desde a sua ascensão ao throno. Este principe era muito intelligente e valente. Quando joven, Catharina permittiu que o principe fosse iniciado na Maçonaria, querendo d'este modo mostrar

a sua affeição aos philosophos; mas elle, esclarecido, comprehendeu o que se passava nas Lojas, e contribuiu para abrir os olhos a sua mãe a respeito dos manejos da seita.

Quando o joven subiu ao throno, os francmações procuraram rodeal-o, mas nada conseguiram. Paulo I viu claramente o jogo d'esses velhacos, que, quando lisongeiam uma monarchia, é para melhor a destruir. Sustentou os editos de sua mãe, prohibindo as Lojas; e, não contente d'usar de severidade contra aquelles de seus subditos que fossem reconhecidos como filiados na Maçonaria, tomou medidas a respeito dos Francezes, que haviam fixado residencia nos seus Estados.

Em 1793, depois da morte do rei de França, collocou-os na situação ou de partirem ou de prestarem por escripto o seguinte juramento

«Eu, abaixo assignado, juro deante de Deus Todo poderoso e sobre o seu santo Evangelho, que não tendo jámais adherido, de facto nem de vontade, aos principios impios e sediciosos introduzidos e professados agora em França, encaro o governo que alli se estabeleceu como uma usurpação e violação de todas as leis, e a morte do christianissimo rei Luiz XVI como um acto d'abominavel perversidade e de traição para com o legitimo soberano.»

Só o texto d'esta declaração indica as ideias de Paulo I; e o czar pol-as em pratica, perseguindo com ardor os Irmãos Tres Pontinhos, que preparavam a queda de todas as realesas e favoreciam com todo o seu poder, com seus vo-

tos, com seus escriptos e com a traição, a victoria do exercito da Revolução.

Renovou, com mais energia que nunca, os seus decretos contra os franc-mações. Quem tentasse restabelecer a Franc-Maçonaria na Russia ou tomasse parte n'uma reunião secreta, seria enviado á Siberia para alli terminar seus dias.

Os sectarios responderam a estes decretos com o assassinato.

Foi então que se formou uma conspiração para derrubar do throno Paulo I, á frente da qual se achava um de seus favoritos, o conde de Pahlen, governador geral de S. Petersburgo, e cujos principaes membros eram o conde Panine, e os irmãos Zoubof, os generaes Benningsen e Ouvarof.

A esta criminosa machinação associaram-se tambem alguns Francezes. Cita-se principalmente um franc-mação, que tinha o gráo de Cavalleiro Kadosch, chamado Bazaine, o qual parece ser o pae do famoso marechal do segundo imperio que, faltando ao cumprimento de seus deveres, capitulou em Metz. O conde Luiz Filippe de Ségur, celebre diplomata; foi tambem accusado de ter cooperado para o crime; sabe-se que Ségur era um dos chefes da Franc-Maçonaria.

N'aquelle momento, Paulo I parecia ter o presentimento dos perigos que o ameaçavam; via-se trahido de todos os lados. Perfidos conselheiros tinham feito com que elle afastasse Rostopchine, que lhe era dedicadissimo. Quan-

do o czar comprehendeu que aquelles que o rodeavam o vendiam, e viu surgir pela frente a conspiração, escreveu a Rostopchine: «Vem depressa, que estou perdido. Só tenho confiança em ti.»

Rostopchine partiu para S. Petersburgo; mas chegou muito tarde para salvar o seu amo e amigo.

Poucos dias antes da sua morte, Paulo, encontrando-se com Pahlen, olhou-o fixamente e disse-lhe:

« — Querem recomeçar hoje a revolução de 1762?

« — Já o sei, respondeu Pahlen; conheço a conspiração e faço parte d'ella.

« — Que dizes? fazes parte da conspiração?

« — Sim, sire, mas para estar melhor informado e mais facilmente vigiar pelos vossos dias.»

Devido ao seu sangue frio, Pahlen afastou as suspeitas que sobre elle pesavam.

A 12 de março de 1801, Paulo mandou escrever para Berlim um officio, no qual convidava o rei da Prussia a declarar immediatamente guerra á Inglaterra.

Pahlen leu o officio e acrescentou-lhe o seguinte:

«Sua Magestade está hoje indisposto. Isto poderia ter consequencias.»

Estas palavras, e a audacia com que foram escriptas n'um documento diplomatico destinado a ser conservado, mostram que Pahlen, trahindo a sua patria, a Russia, era connivente

com a Prussia, uma das potencias maçonicas d'então.

N'aquella mesma tarde, o chefe dos conjurados reuniu os seus cumplices em sua casa. A' meia noite, divididos em dois grupos, dirigiram-se ao palacio Michel, especie de fortaleza que era a residencia do Czar.

O grupo de Benningsen entrou primeiro e dirigiu-se para o aposento do imperador; o de Pahlen ficou á rectaguarda, prompto a marchar ao primeiro chamamento.

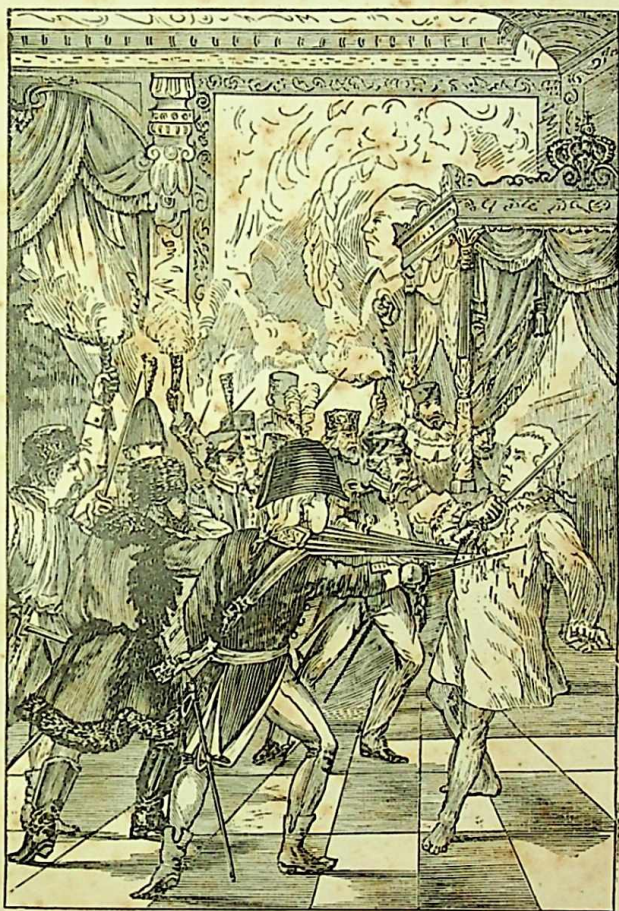
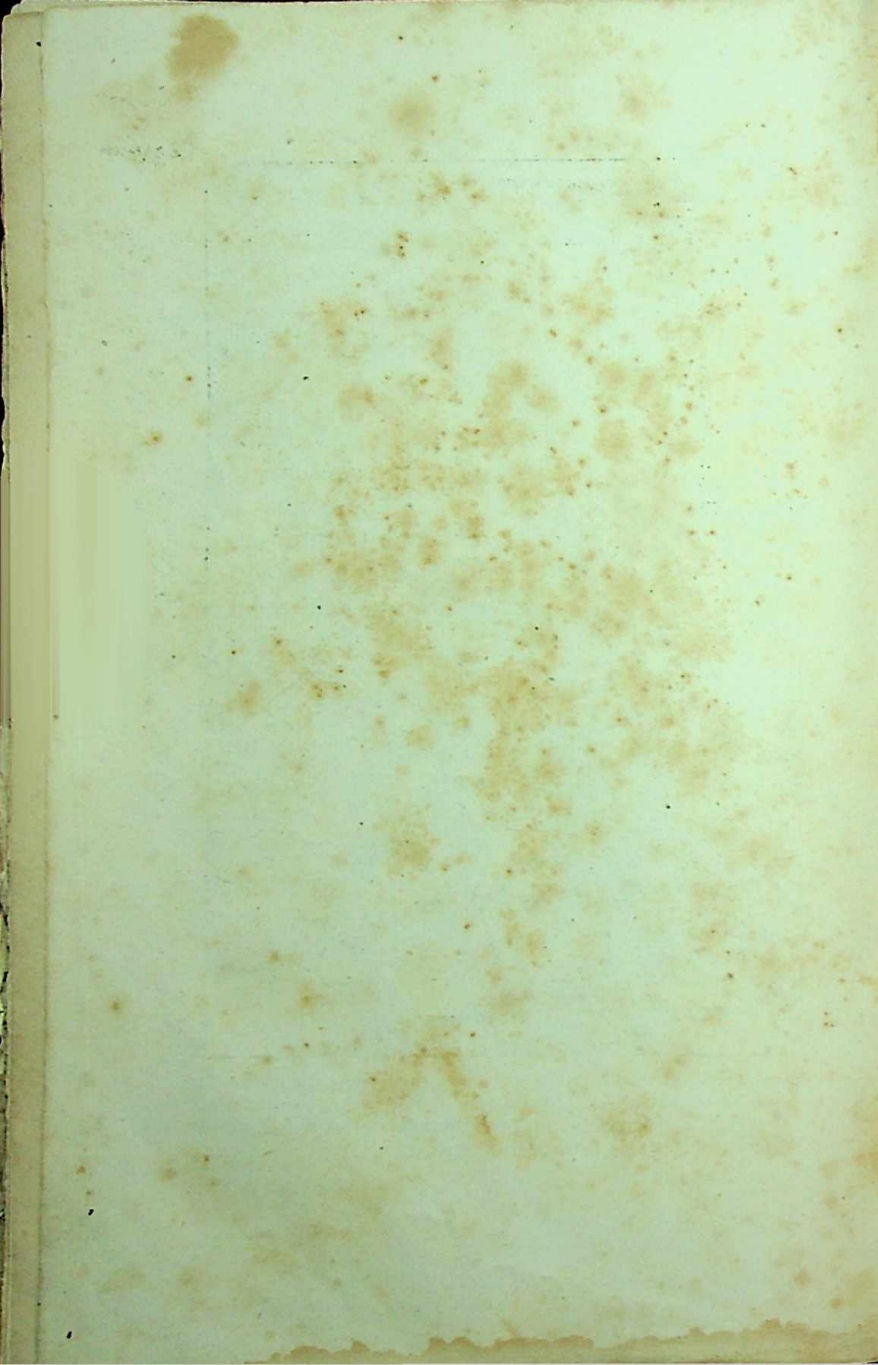
Paulo dormia, guardado por dois soldados de confiança, que vigiavam á porta exterior do seu quarto de dormir.

Os revoltosos, dirigidos por Benningsen, chegaram sem ruido, surprehenderam os soldados, mataram um, feriram o outro, que fugiu, forçaram a porta e precipitaram-se no quarto do imperador.

Despertado subitamente ao ruido da lucta, Paulo saltou do leito, armou-se da espada, e resoluto, heroico, fez face á multidão furiosa dos franc-mações que invadiram o seu quarto.

«— Miseraveis! exclamou elle. Introduzistes-vos aqui para me assassinar. Sois cobardes! A minha vida será talvez vossa; mas vendel-a-ei cara!»

E lança-se intrepidamente sobre seus inimigos, semelhante a um leão que fosse surprehendido no seu antro por uma alcatea de tigres.

Attonitos em face de tanta coragem, os conjurados recuaram. Mas reconhecendo em

Assassinato do Czar Paulo I. — O quarto do imperador da Russia é invadido, durante a noite, pelos conjurados. Paulo I, collocado na impossibilidade de se defender, é traspassado pelas espadas dos conjurados.

breve a superioridade do numero contra aquelle homem só, estreitam fileiras, estendem para a frente as suas largas espadas, e formam como uma ala d'aço que rodeia o imperador e que avança, apertando-se. Paulo salta, mas não póde attingir os assassinos. E cada vez mais o circulo assassino se estreita, tornando-se intransponivel.

O czar não pensa em chamar por soccorro. E para que? Vê que está trahido. Reconhece, entre os scelerados que juraram a sua morte, officiaes e cortezãos em quem elle confiava.

Agora, todas essas espadas criminosas estão a dois passos do seu peito, como n'aquelle dia mil vezes lamentavel em que elle recebeu, joven ainda, a nefasta iniciação.

«—Cobardes assassinos!» exclamou.

A sua espada era-lhe inutil. Não podia manejal-a; não tinha a liberdade de seus movimentos; estava condemnado á impotencia. E as armas dos assassinos attingem-n'o, sem que possa resistir. De todos os lados é ferido: succumbe alfim.

Apenas cae sem forças contra o muro em que o haviam encurralado, aquelles furiosos lançam-se sobre o cadaver palpitante.

Paulo I está morto, mas temem que resuscite. Um d'elles aperta-lhe o pescoço para o estrangular; outro crava-lhe o punhal em pleno peito; um terceiro corta-lhe a arteria carotida.

No dia seguinte annuncia-se em S. Petersburgo que o Czar morreu d'um ataque d'apoplexia fulminante.

O seu corpo foi exposto, segundo o uso, vestido com o uniforme. Cobriam-lhe as mãos mutiladas compridas luvas, e o seu rosto estava quasi completamente occulto por uma larga gravata, que subia até á bocca, e pelo chapeu, que descia até aos olhos.

Ninguem — nem na Russia, nem na Europa — teve duvida a respeito do genero da sua morte.

Obedecendo a uma palavra d'ordem, alguns escriptores franc-maçσes — que foram desmentidos pelos historiadores russos — procuraram crear uma legenda sobre a morte de Paulo I. O conde de Ségur, entre outros, imaginou uma narração completamente destituida de fundamento, segundo a qual os assassinos são representados como tendo vindo simplesmente pedir ao Czar a sua abdicação. Á meia noite! armados! e depois de terem feito correr sangue á porta do aposento imperial! Segundo a mesma narrativa, Paulo, atemorisado, occultára-se n'uma chaminé; descobrindo-o alli, tiraram-no pelos pés. Então, intimaram-no a abdicar. Entrementes, a lampada que esclarecia a scena caiu ao chão e a luz apagou-se; e, na desordem, o Czar fôra ferido mortalmente. Esta historieta é tão absurda, que é mister ser-se dotado de prodigiosa ingenuidade para a tomar a sério.

Os escriptores affeiçoados á Franc-Maçonaria procuraram tambem fazer-nos acreditar que Paulo I era um soberano inhabil e despota.

Os factos provam quam cynicas são as suas mentiras.

Basta abrir a historia para vêr que Paulo foi, sob o ponto de vista militar, o arbitro dos destinos da Europa n'algumas circumstancias graves; fixou por uma lei as condições da successão ao throno da Russia; publicou grande numero de decretos bastante sabios. No momento em que a Europa era devastada pela guerra, Paulo achou meio de fazèr executar nos seus Estados inolvidaveis trabalhos publicos, taes como canaes importantes.

Emfim,—e é por isso que a seita, depois de o ter assassinado, quer tornar execranda a sua memoria — tomou tão acertadas medidas para extirpar a Franc-Maçonaria no imperio russo e para impedir a sua reentrada alli, que este paiz está, desde então, fechado aos Irmãos Tres Pontinhos.

Ha grande numero de paizes, sem contar a França, onde um homem d'Estado de coragem, como foi Paulo I, podia dar na Franc-Maçonaria um importante e salutar golpe.

Confiemos que isto succeda breve!

V

SAINT-BLAMONT E O GENERAL QUESNEL

Em 1815, a Franc-Maçonaria franceza conspirava contra Luiz XVIII, e preparava o nascimento d'uma nova republica, ou, antes, o regresso de Napoleão ao poder.

Este, nos seus começos, fôra instrumento da

seita. Muito antes do 18 Brumario, [1] dera provas dos seus sentimentos maçonicos.

Homem de confiança do I.·. Robespierre, a este devia o começo da sua fortuna, pois de elle recebeu, com o commando em chefe da artilheria, a direcção effectiva do exercito que sitiava Toulon.

Sendo em seguida collocado á frente do exercito d'Italia com Robespierre, o joven, entabolou com elle tão estreitas relações, que este convencional lhe offereceu o commando do exercito de Paris, em substituição d'Henriot, e no qual, depois do 9 thermidor, [2] foi investido durante dez dias.

Foi a Bonaparte que, no 13 vindimiario, [3] os regicidas da Convenção, aterrorisados com a sublevação popular, chamaram em seu auxilio.

O seu proceder como general, havia sido sempre em harmonia com os planos da Maçonaria.

Por occasião da campanha d'Italia, foi elle quem dirigiu o primeiro attentado contra o poder temporal do Papa.

«A minha opinião, — escrevia elle ao Directorio, depois do tractado que desmembrava os

---

(1) Brumario era o segundo mez do calendario republicano francez, o qual começava trinta dias depois do equinoxio do outomno, desde 23 de outubro a 21 de novembro.

(2) Thermidor era o undecimo mez do calendario republicano francez, que começava a 19 de julho e terminava a 17 d'agosto.

(3) Vindimiario era o primeiro mez do calendario republicano francez. Começava a 22 de setembro e acabava a 21 n'outubro.

(Notas do Traductor).

Estados Pontificios — é que Roma, privada de Bolonha, de Ferrara e da Romanha, bem como dos trinta milhões que lhe tiramos, não póde continuar a existir; esta velha machina se desconjunctará por si mesma.»

No Egypto, Bonaparte vangloriava-se, dirigindo-se aos musulmanos, d'haver feito guerra ao Papado.

«— Não fomos nós — escrevia na sùa proclamação — que destruimos o Papa, o qual dizia que era mister fazer a guerra aos musulmanos? Não fomos nós que destruimos os cavalleiros de Malta, porque aquelles insensatos acreditavam que Deus queria que elles fizessem a guerra aos musulmanos?»

E tudo isto apenas era hypocrisia maçonica. Como o mesmo Napoleão dizia, mais tarde, em Santa Helena: «Era charlatanismo, mas do mais elevado...»

Os sectarios sabiam pois muito bem, que, guindando Bonaparte ao throno, coroavam o executor das altas emprezas da Maçonaria contra os reis e os Pontifices.

Por outro lado, Bonaparte havia dado aos Irmãos e Amigos, no derradeiro momento, um testimunho decisivo, assassinando o duque d'Enghien.

«Querem destruir a Revolução — dizia elle aos seus familiares na noite do crime — atacando a minha pessoa. Defendel-a-hei, porque eu, eu só sou a Revolução! D'hoje em diante olhar-me-hão como tal, porque se saberá do que nós

somos capazes.» Estas palavras são da *Historia do Consulado e do Imperio*, de Thiers.

O reinado de Napoleão foi a epoca mais brilhante da Maçonaria.

«Perto de mil e duzentas Lojas — diz o antigo secretario do Grande Oriente, o I.·. Bazot — existiam no imperio francez; em Paris, nas provincias, nas colonias, nos paizes reunidos, no exercito, os marechaes, os generaes, grande numero d'officiaes de todas as graduações, os magistrados, os sabios, os artistas, o commercio, a industria, quasi toda a França, nas suas notabilidades, fraternisava maçonicamente com os simples cidadãos que eram mações; era como uma iniciação geral.»

«O que Napoleão fazia em França pela manutenção da Revolução, fazia-o na Europa, em toda a parte onde o seu exercito penetrava.

«Destruição das dynastias nacionaes, egualdade dos cultos, expulsão dos religiosos, venda dos bens ecclesiasticos, partilha forçada das successões, abolição das corporações operarias, destruição das provincias e das liberdades locaes: eis o que elle fazia nos paizes que reunia directamente ao Imperio, ou o que mandava fazer pelas realezas vassallas creadas em Hespanha, em Napoles, na Italia, na Hollanda, em Westphalia, na Polonia.

«Em 1809 coroava a sua tarefa destruindo o poder temporal do Papa e querendo reduzir por toda a parte a Egreja catholica á miseravel condição d'uma Egreja russa, sonho sempre alimentado pelos habilidosos das sociedades secretas.»

O que fica transcripto é escripto pelo Padre Deschamps e Claudio Jannet no seu livro *As Sociedades secretas*.

Na vanguarda dos passos de Napoleão, durante toda a primeira parte do seu reinado até

1809, as Lojas Maçonicas dos paizes em lucta contra a França aplanavam pela traição o caminho da victoria.

«O governo imperial animára a formação de Lojas militares — diz o I.·. Clavel — e havia poucos regimentos, aos quaes não estivesse aggregado um Atelier maçonico. Quando as tropas francezas tomavam posse d'uma cidade, as suas Lojas escolhiam logo alli um local e começavam a iniciação dos habitantes que lhes parecia exercerem maior influencia sobre a população. Estes, por seu lado, abriam Lojas e pediam ao Grande Oriente de França que as constituisse. Quando estas Lojas se tornavam bastante numerosas, formavam um Grande Oriente nacional, que se filiava no de Paris e d'elle recebia o impulso.»

Vê-se, pois, qual a utilidade d'estas Lojas: serviam não só para consolidar a victoria, mas para ter com quem se entendessem entre o inimigo, no caso de retirada.

A Franc-Maçonaria considerava Napoleão como seu beleguim, encarregado de destruir todas as nacionalidades da Europa. Desbravado o terreno, a seita esperava fundar uma republica universal.

A partir de 1809, a Maçonaria conheceu que o imperador trabalhava principalmente para satisfazer a sua ambição pessoal e se servira da Ordem como d'um instrumento de dominação; primeiramente abandonou-o, depois combateu-o, e, quando o viu prestes a succumbir, inclinou-se servilmente diante de Luiz XVIII, esperançada em que este monarcha se tornaria tambem humilde servo das Lojas.

Não succedeu assim, e a seita começou de novo a conspirar, desejando estabelecer em França uma republica, ou um novo imperio de Napoleão, ao qual se imporiam antecipadamente condições. N'estas circumstancias é que foi commettido o mysterioso assassinato do general Quesnel. Este crime foi um dos episodios da lucta da seita contra Luiz XVIII, em favor de Napoleão, que então estava na ilha d'Elba.

O general Quesnel era um official valoroso. Tinha magnifica folha de serviços.

Filho d'um segeiro da côrte, que tinha alguma fortuna e foi arruinado pela Revolução, recebeu excellente instrucção e havia resolvido seguir a carreira d'actor. Representou no theatro Molière e depois no theatro Francez, onde se ligou intimamente com Talma, o qual muito o auxiliou, quando se resolveu a abraçar a carreira militar.

Serviu primeiro na guarda imperial, e distinguiu-se, durante as guerras d'Hespanha, sob as ordens dos generaes Soult e Suchet.

Nomeado marechal de campo, passou, em 1812, para o Grande Exercito, e caíu prisioneiro na retirada da Russia. Conduzido a Ukraine, ahi se conservou até á paz geral em 1814.

Tendo obtido da generosidade do imperador Alexandre auctorisação de reentrar em França, regressou a Paris.

Encontrou alli toda a sua familia ligada á causa dos Bourbons. Isto contrariou-o muitissimo; porque, com grande numero d'outros officiaes, ficára fiel á causa de Napoleão. Como a

maioria dos officiaes d'então, Quesnel era franc-mação. Frequentou assiduamente as Lojas e tomou parte nas suas esperanças e projectos.

Conheciam-no como um homem cheio de coragem e de decisão, e contavam com elle para o dia em que houvesse necessidade d'executar um acto de força.

Entrementes, o general consentira ser apresentado a Luiz XVIII. Este rei, que era um profundo politico, pensou que lhe seria util attrahir a si Quesnel, cuja valentia era notoria; fez-lhe pois excellente acolhimento e condecorou-o com a cruz de S. Luiz. Desde então, o general mudou completamente d'opinião e tornou-se fervoroso realista.

Alguns dias depois, deu provas da sua dedicação ao novo regimen; vejamos em que circumstancias.

Realisára-se uma reunião em Saint-Leu, em casa da rainha Hortensia. Quesnel assistiu. Bebeu-se á saude do imperador Napoleão. O general recusou acompanhar os convivas, declarando d'um modo mui claro que acabava de prestar juramento ao rei Luiz XVIII e queria ser-lhe fiel.

Esta declaração cavalheirosa, feita n'um centro essencialmente revolucionario, foi, como é facil de comprehender, immediatamente conhecida dos chefes da Franc-Maçonaria. Decidiram pois libertar-se o mais cedo possivel de um homem que conhecia os seus segredos e os seus projectos, e que, com a sua valentia, podia tornar-se um adversario temivel. Entretanto,

continuaram a recebel-o bem nas reuniões da seita, e o general não deixou de frequental-as.

De repente, nos primeiros dias de fevereiro de 1815, Paris teve noticia d'um acontecimento extraordinario: tirou-se do Sena, na ponte de Saint-Cloud, o cadaver d'um militar crivado de punhaladas. Este cadaver encalhou nas rêdes que obstruiam o rio n'aquelle sitio. Reconheceram-no como o do general Quesnel, que, oito dias antes, desapparecera d'um modo mysterioso.

Encontraram-se nas roupas da victima uma quantia importante, o seu relogio e alguns outros objectos; além d'isso, nos seus aposentos appareceram intactos 7:200$000 reis. Estava pois demonstrado que o roubo não fôra o mobil do crime.

O publico commoveu-se muito com este assassinato, e correram mundo mil supposições.

A opinião mais geralmente em voga era que o general, passando á noite na ponte das Artes, foi atacado por inimigos politicos, os quaes, depois de o terem assassinado, o precipitaram no rio.

Estavam as coisas assim, quando revelações posthumas d'um moribundo lançaram luz sobre este lugubre acontecimento, e vieram mostrar que o assassinato devia ser imputado aos sectarios da Franc-Maçonaria, e esclarecer como elles o haviam executado.

Dois ou tres mezes depois do assassinato, no momento em que a policia perdia a espe-

rança de lançar mão dos assassinos, quando já o publico, depois de se ter preoccupado muito com o acontecimento, começava a abandonal-o, fallecia um homem em Lausanna, na Suissa.

Este homem era desconhecido no paiz; chegára alli ha pouco tempo e andava vergado ao peso d'uma tristesa profunda. Não fallava a ninguem, passava o tempo só, emmagrecia e empallidecia a olhos vistos. Suppunha-se que elle não usava o seu verdadeiro nome, mas sim um nome d'emprestimo.

Todas estas observações, e a tagarelice a que davam occasião, começavam a criar uma legenda em redor d'este desconhecido de caracter sombrio, quando quasi subitamente morreu, carcomido — o que para todos se tornou evidente — por um pesar secreto.

Este homem deixou um manuscripto, sua confissão, no qual relata os seguintes factos:

Habitava, pouco tempo antes, em Paris; tinha-se filiado na Franc-Maçonaria e frequentava as Lojas com assiduidade.

Encontrou-se alli com o general Quesnel, cujos excellentes antecedentes militares, valentia, e, emfim, todas as qualidades que o exornavam, muito lhe apraziam. Ligaram-se intimamente e tornaram-se dois bons amigos, jantando algumas vezes um com o outro.

No dia em que o general devia ser assassinado, os dois amigos tomaram juntos a sua refeição da tarde.

Durante o tempo do jantar, Quesnel fallou ao seu amigo do quanto lhe era desagradavel

a decisão, tomada pela Franc-Maçonaria, de destruir o governo de Luiz XVIII. Duvidava que esta attitude fosse legitima.

O general estava perplexo entre o seu juramento de fidelidade ao Rei e o juramento de obediencia á Ordem. Perguntava a si mesmo se o que havia promettido e jurado aos seus associados era justo, e se não era mais criminoso sustentando o seu juramento do que quebrantando-o.

Lembrava-se do que se passára em casa da rainha Hortensia: dera alli publicamente a sua adhesão ao governo de Luiz XVIII; desde esse momento, poderia trabalhar com os Irmãos e os Amigos para destruil-o?

Ao mesmo tempo, o general estava triste e preoccupado com funebres presentimentos. Via faiscas deante dos olhos e aos ouvidos soava-lhe um ruido particular, que, dizia elle, no seu paiz o povo chama *a agonia dos moribundos*.

O seu amigo indignou-se ao vel-o abandonar-se a receios supersticiosos. Como se deixava elle, um militar, um valente, apossar de temores chimericos, d'imaginações aereas, de contos estupidos, que mulheres ingenuas e semitolas lhe contaram quando elle era criança?!

E ao dizer-lhe isto, o amigo forçava a voz a tomar um tom jovial e o rosto a assumir a expressão d'alegria; porque sabia que o general já havia sido condemnado pelo Supremo Conselho da seita, e tinha algumas rasões para temer ser elle, o amigo intimo d'esse valente sol-

dado, o escolhido para o assassinar cobardemente.

O fanatismo maçonico é horrivel, porque transforma assim um amigo, outr'ora sincero, n'um assassino vil e hypocrita!

Este perfeito mação não teve a coragem de dizer a Quesnel:

— Os Irmãos e Amigos condemnaram-no; querem matal-o; esta mesma noite vão talvez ordenar-me que o assassine; salve-se, abandone Paris, mude de nome; fuja da França, procure um paiz nas fronteiras do qual expire o poder da seita, faça-se esquecer!

Este homem não teve essa coragem; mas tentou, sem se comprometter muito, sem indicar os motivos que o levavam a assim fallar, impedir o general de sair de sua casa para se dirigir á sessão da Loja, para a qual fôra convocado.

« — Eu digo com franquesa — disse-lhe elle — que, em seu logar, e soffrendo como o senhor parece soffrer, ir-me-ia deitar. Ameaça-o uma doença.» «— Era esse, effectivamente, o meu desejo — respondeu Quesnel; uma voz interior me segreda que faça isso; mas não o farei. Quero ir vêr os nossos Irmãos, afim de lhes dizer adeus, porque será pela ultima vez.»

Estas palavras: «será pela ultima vez», foram pronunciadas n'um tom lugubre, que fez estremecer o falso amigo. Era como a prophecia do seu proximo fim que o general deixára cair de seus labios.

N'este momento sahiram para se dirigirem

ao local da Loja. Os conjurados reuniam-se então n'uma parte inexplorada das catacumbas, que se estendem em Paris e nos campos que rodeiam a grande cidade, na margem esquerda do Sena. Estes subterraneos são vastos e compostos de amplos corredores, que se crusam em todos os sentidos n'um dedalo inextricavel, e d'uma especie de salas, que se encontraram formadas nos sitios em que os trabalhadores extrahiram grandes blocos de pedra.

Descia-se á caverna, que servia de sala de reunião aos franc-mações, pela adega d'uma casa particular.

N'aquella noite, tres profanos deviam ser admittidos á iniciação do gráo d'Aprendiz.

Entre estes tres postulantes, achava-se um agente da policia real, que, desejoso de penetrar os segredos dos conspiradores, pedira para ser acceito como franc-mação. Apresentou-se sob o nome de Saint-Blamont, que provavelmente era nome supposto.

Este agente, excessivamente zeloso, commetteria alguma imprudencia? Deixaria perceber o seu intuito de prender os sectarios em flagrante delicto de conspiração? Ou a sua qualidade d'agente de policia seria o unico motivo para a sua sentença de morte? Ignora-se. O que é certo é que o seu assassinato foi decidido pelos Irmãos das Lojas logo que souberam quem elle era e antes mesmo da sua recepção na seita.

Fizeram-no passar pelas provas ordinarias do gráo d'Aprendiz, como se nada houvesse a

seu respeito, em companhia de dois outros recipiendarios.

A luz — é a expressão consagrada — foi dada aos tres neophytos. Depois d'isto, os dois novos mações, que haviam sido iniciados ao mesmo tempo que Saint-Blamont, foram convidados a retirar-se; o agente ficou só, depois do Veneravel lhe ter declarado que a Loja tinha a fazer-lhe uma communicação particular.

Então mudou a scena.

Disseram a Saint-Blamont que sabiam quem elle era, o motivo porque tinha pedido a sua admissão na Maçonaria, que havia alli entrado com a intenção de trahir os seus novos Irmãos, e que, ao pronunciar o juramento d'obediencia, fôra perjuro no seu coração e traidor á Ordem.

Quando o convenceram bem de que elle nada podia alli, quando lhe provaram que era apenas um espião e que a policia não o salvaria, condemnaram-no á morte, em virtude do juramento que, pouco antes, prestára.

Pronunciada a sentença, precipitaram-se sobre elle, e, apesar da sua desesperada resistencia, amarraram-no com solidas cordas, de modo que não pudesse fazer movimento, e, em seguida, amordaçaram-no.

A recepção, como acima dissemos, verificou-se n'uma gruta cavada nas catacumbas. Ora esta sala era, n'aquelle momento, objecto de trabalhos importantes; transformavam-na, sem duvida, para as iniciações nos gráos capi-

tulares da Real-Arca e do Grande Escossez da Abobada sagrada. (1)

Cinco fustes de largas columnas subiam do solo á abobada, em distancias deseguaes, e aqui e alli se viam outros não acabados, que apenas se elevavam a um metro ou metro e meio acima do solo, e que eram concavos.

Saint-Blamont foi conduzido e collocado de pé n'um d'esses pilares concavos.

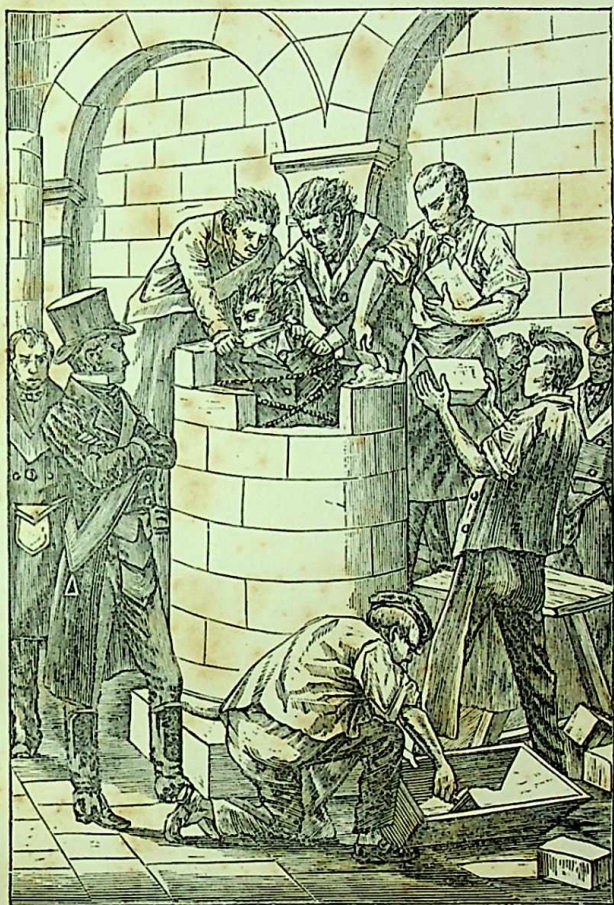
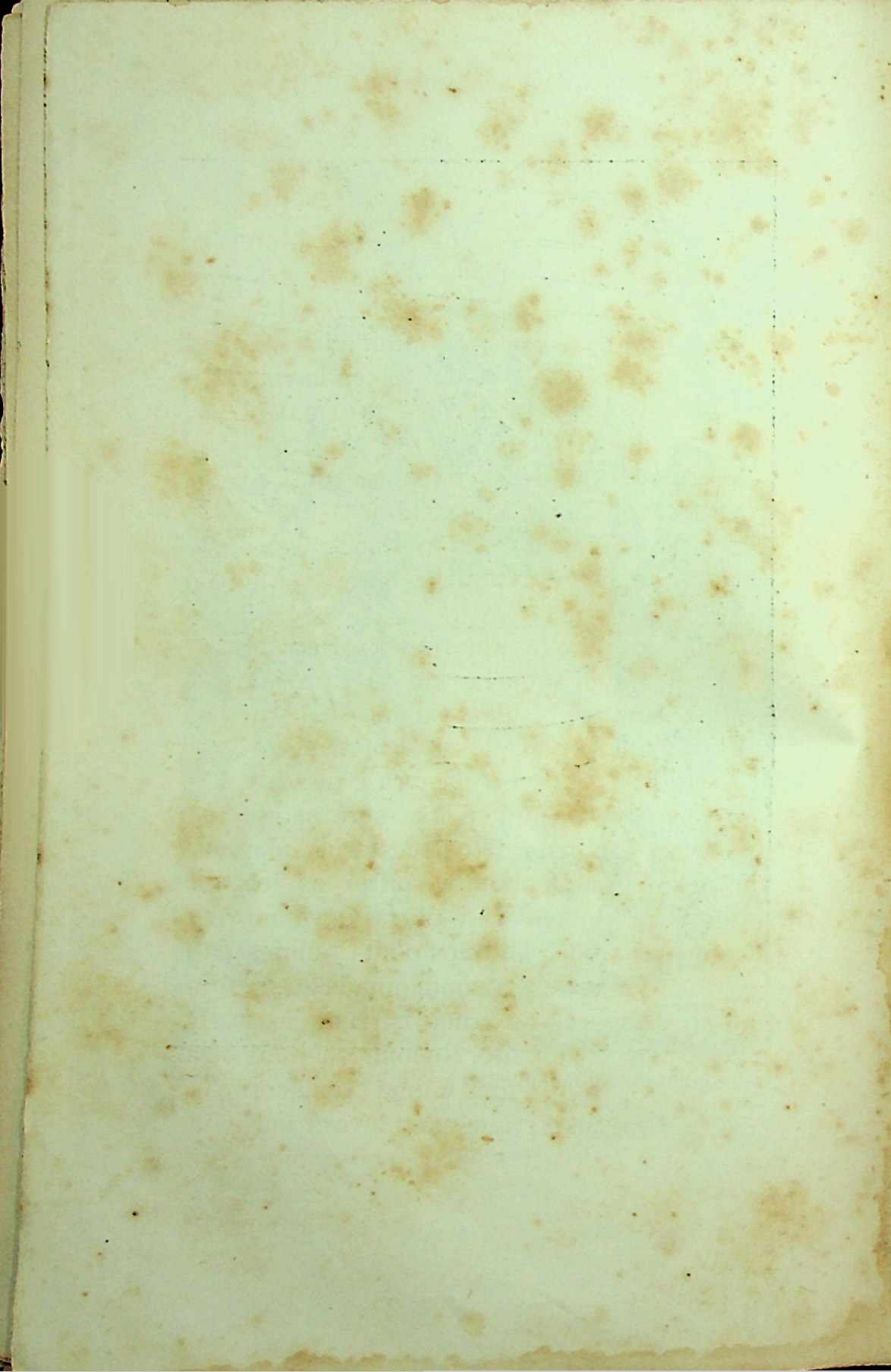
Emquanto alguns Irmãos agarravam o infeliz que, encostando os joelhos e os cotovellos ás escabrosidades da sua estreita prisão, procurava sair d'ella, outros membros da Loja acarretavam argamassa e pedras e continuavam a elevar a columna em volta do homem, que estava no meio d'ella. Quando Saint-Blamont comprehendeu a espantosa morte a que o tinham condemnado, redobrou d'esforços para sair d'aquella prisão.

Apesar da mordaça, ouviam-se-lhe sair da bocca gritos abafados, e adivinhavam-se as imprecações que lhe subiam aos labios; fremitos de furor sacudiam todo o seu corpo.

A columna elevava-se, pedra a pedra; pouco depois apenas se viam os hombros do infeliz; gemidos, profundos como o estertor, estrangulavam-se-lhe na garganta; os seus olhos, dilata-

---

(1) Para mais completas informações consulte-se o volume intitulado: *Os Mysterios da Franc-Maçonaria*, por Léo Taxil, nos gráos relativos a estes nomes.

(*Nota dos auctores.*)

Assassinato de Saint-Blamont. — O infeliz agente de policia, preso, amordaçado e amarrado, é emparedado vivo n'uma das largas columnas em construcção.

dos pelo medo, tomavam uma fixidez aterrorisadora; cobria-lhe a fronte um suor frio, e os seus cabellos inteiriçaram-se d'horror.

Pedra a pedra, a columna subia até ao tecto; d'ahi a pouco, o rosto da victima desappareceu, e, depois, apenas se ouviam suspiros abafados, que cessaram quasi immediatamente.

O desgraçado agente da policia havia sido entaipado, asphyxiado entre a argamassa e a pedra, murado vivo!

O amigo do general tinha assistido a este espantoso supplicio. Chamaram-no.

Tremulo d'emoção por presenciar o castigo d'este traidor, seguiu aquelle que o veio chamar.

Conduziram-no a uma outra gruta de catacumbas, aonde se achavam já dois outros franc-mações e o presidente d'um dos Areopagos dos Cavalleiros Kadosch de Paris.

Este ultimo tomou a palavra e disse:

«— Irmãos, a noite d'hoje será sanguinolenta. Duas victimas são necessarias á nossa segurança. Uma acaba de soffrer as leis da nossa justiça inflexivel, a outra deve morrer sem ser prevenida. Motivos d'alta politica não permittem que esta seja condemnada ao mesmo supplicio. Espera-vos uma carruagem; subí para ella com o culpado. Reconhecel-o-eis pelo vestuario: usa roupa azul e uma condecoração, e será elle o unico que não levará mascara. Além d'isso, todos tres sabeis seu nome, e dir-vol-o-hão na occasião da partida. Meus Irmãos: aquelle que hesitar em dar-lhe a morte, deve

perder a vida em seu logar. Se perdoassemos, deixariamos d'existir. Este segundo traidor resolveu denunciar-nos ámanhã, e executaria o seu plano; prevenir não é vingança, é necessidade. Ide, Irmãos, trabalhae no interesse commum da sociedade e da patria.»

Para animar os tres «ultionistas», trouxeram-lhes uma garrafa de vinho de Lunel.

Dois dos assassinos beberam dois grandes copos d'este vinho; o terceiro, que era o amigo do general Quesnel, contentou-se em molhar os labios.

O presidente do Areopago dos Kadosch admirou-se da sua sobriedade e convidou-o com instancia a beber «para ter os olhos bem abertos.»

Na verdade, elle tinha necessidade d'isso. A criminosa tarefa para que se preparava, tornou-o presa d'uma febre atroz; decidiu-se a tomar uma limonada.

Promptamente lh'a foram buscar, e trouxeram-lhe um copo cheio.

O assassino emborcou esta beberagem com tanta avidez, que uma gotta, que lhe entrou na larynge, provocou-lhe tosse violenta, e lhe fez expellir, por um vomito repentino, quasi tudo o que havia bebido.

No mesmo instante, vieram annunciar-lhe que a carruagem e o general Quesnel esperavam na rua. A esta noticia, os tres assassinos souberam o nome da sua victima.

Com a orla do chapeu inclinada para o rosto e um solido punhal occulto no manto, os

«ultionistas» subiram as escadas que conduzia á adega e encaminharam-se para a porta da casa, pela qual se sahia do local maçonico.

Na rua estacionava uma carruagem, no interior da qual se achava o general Quesnel, que de nada desconfiava. Os assassinos subiram para junto d'elle, e assentaram-se, um a seu lado, e os dois em frente.

Immediatamente a carruagem, que tinha por cocheiro um conjurado, rodou rapidamente para o Sena.

Ao general pareceria que ia para sua casa, porque a carruagem tomára a direcção do seu domicilio. Além d'isso tinha motivos para suppôr que os seus collegas, um dos quaes era conhecido d'elle, se dirigiam egualmente para suas casas, situadas tambem na margem direita, e que se atravessaria o rio na proxima ponte que se encontrasse.

Durante o caminho, conversaram sobre coisas indifferentes.

Quando chegaram ao caes, áquella hora deserto, os assassinos lançaram-se ao mesmo tempo sobre o general e crivaram-no de punhaladas. Ficou tão surprehendido, que não teve tempo, nem talvez mesmo o pensamento de se defender. Fez alguns movimentos instinctivos para se furtar ás punhaladas; mas os assassinos lançaram-se-lhe com tal phrenesi, que n'um momento o seu corpo ficou immovel. Estava morto!

Sem perda de tempo, os assassinos abriram a portinhola da carruagem, que parára não lon-

ge da ponte das Artes, tiraram o cadaver, e, erguendo-o pelos pés e braços, desceram-no á riba e lançaram-no no Sena.

Quando o viram desapparecer na agua, encaminharam-se apressadamente para casa afim de lavarem as mãos, cobertas de sangue, e se desembaraçarem das roupas, com manchas sangrentas.

Afastaram-se a pé, um só, os outros dois juntos. Entre os dois ultimos estava o ex-amigo do general Quesnel, aquelle que, antes de partir do antro maçonico, bebera limonada e a expellira quasi toda.

Apenas entraram no quarto d'este ultimo, o seu companheiro — um dos que tinha bebido dois copos de vinho de Lunel — cambaleou e viu-se forçado a sentar-se. Abundante suor frio invadiu todo o seu corpo e um fogo extraordinario brilhava nos seus olhos.

«— Estou envenenado, disse elle; o nosso companheiro e o senhor tambem o estão.

«— Oh! meu Deus! tantos crimes!... E porque?...

«— Não o sei dizer. São talvez necessarios para a segurança dos nossos chefes. Nós somos apenas instrumentos... Onde vae?

«— Procurar soccorros.

«— E' inutil. Não se preoccupe comigo; é demasiado tarde; pense em si.»

O miseravel expirou algum tempo depois.

O outro, que só conservou no estomago algumas gottas de limonada, apenas teve colicas.

Logo que se sentiu melhor, comprehendeu

que o que mais lhe convinha era abandonar Paris e a França para se pôr ao abrigo, não tanto das investigações da policia, como dos attentados dos bons Irmãos Tres Pontinhos, que, depois de terem feito d'elle um assassino do seu amigo intimo, procuraram supprimil-o por meio do veneno.

Antes de pôr em pratica o seu projecto de partida, informou-se do que havia succedido ao terceiro cumplice, áquelle que se afastou só. Não tinha dado muitos passos. Um ataque d'apoplexia fulminante (?) fel-o cair a pouca distancia do seu domicilio.

O sobrevivente d'este horrivel drama não colheu informações mais minuciosas; partiu immediatamente para a Suissa e foi d'um jacto até Lausanna.

A policia não o descobriu; mas o remorso da sua execravel perversidade encarregou-se de o punir, e matou-o em poucos mezes lentamente da morte mais espantosa.

Este infeliz teve tempo de confiar ao papel a confissão que acaba de lêr-se, destinando-a a servir de lição áquelles que não sabem que a Franc-Maçonaria é o mais cruel dos despotas para os que teem a infelicidade de se arregimentarem nas suas Lojas.

VI

O DUQUE DE BERRY

Os principes e os soberanos nunca tiveram rasões para ter saudades da sua filiação na Franc-Maçonaria. Quizeram servir-se d'ella para auxiliar a sua ambição, e só teem sido instrumentos e joguetes da seita; ou, então, julgaram que o facto d'acceitarem a filiação não tinha consequencias, e tomaram por um momento como sinceros os protestos de dedicação que lhes eram prodigalisados; porém criaram inimigos mortaes no dia em que, reconhecendo que haviam sido illudidos, retiraram ás Lojas a protecção official. Filippe Egualdade na França, e Paulo I na Russia, são exemplos frisantes d'isso. O mesmo succedeu ao duque de Berry, que se alistára na seita, e a 13 de fevereiro de 1820 caiu sob o punhal de Louvel.

Os Irmãos Tres Pontinhos tinham-se esforçado para impedir a restauração em França d'um principe da casa de Bourbon. Em 1815, no doloroso momento da invasão, os chefes da Ordem foram ao campo dos alliados invasores e solicitaram d'elles um rei que não pertencesse á antiga casa de França. Pediram por duas vezes para lhes ser dado como soberano o principe d'Orange, hollandez, propondo-se apoiar esta usurpação com as cento e trinta mil bayonetas estrangeiras que occupavam a França. O auctor d'esta proposta anti-

nacional — segundo dizem o Padre Deschamps, Claudio Jannet e Eckert — era o I∴ Teste, que, durante os Cem Dias, tinha prendido em Toulouse o duque d'Angoulême, e fôra investido em Lyão, por Napoleão, nas altas funcções de chefe da policia.

Vendo que não podia conseguir os seus fins, a Franc-Maçonaria fingiu que lhe agradava a restauração d'um Bourbon em França, mas empregou todos os esforços para diminuir o mais possivel a sua auctoridade e fazel-o descer ao nivel d'amanuense principal da Nação. Por influencia do I∴ Talleyrand e do I∴ Dallery, que já ha alguns annos se tinham afastado de Napoleão e feito nomear membros do governo provisorio, a seita influiu junto dos conselheiros do czar Alexandre, e estes impuzeram a Luiz XVIII o regimen constitucional e a Carta, por meio da qual eram mantidos em França os principios maçonicos. A egualdade de protecção para todos os cultos, que n'ella se estipulava, nivelava a Egreja catholica com a seita dos Theophilanthropos e collocava a primeira sob o dominio do Estado. A Realesa ficava limitada ao poder executivo; o verdadeiro poder era a Camara. Os roubos commettidos durante a Revolução foram reconhecidos como base da nova propriedade, em proveito dos franc-mações, espoliadores dos bens dos nobres emigrados ou guilhotinados, e contra a opinião da maioria da França. Esta constituição, segundo a expressão do snr. Thiers, «sahira das proprias entranhas da Revolução.»

Ao abrigo d'esta carta monarchico-republicana, a Maçonaria renovou todas as tacticas que poz em acção na primeira revolução. «Os agitadores — diz Eckert — serviram-se da imprensa, da tribuna, do tribunal e das associações para atacar e calumniar o governo do modo mais audacioso e infame, n'uma palavra para explicar e organisar a revolução. E' evidente que a existencia d'esta monarchia nominal era impossivel. Um rei á frente d'uma constituição republicana é uma contradicção insustentavel; é a reunião de dois elementos contrarios, o mais ousado dos quaes deve, mais cedo ou mais tarde, destruir o outro.»

Era esta a situação em França durante a Restauração; d'um lado, o partido nacional e monarchico, do qual era verdadeiro representante, não Luiz XVIII, mas o duque de Berry; do outro, o partido anti-nacional e revolucionario, que era a Franc-Maçonaria, tendo como agente principal o duque Decazes.

A seita tinha por fim immediato, segundo Eckert, «conservar a monarchia, pelo menos apparentemente; crear por eleição um Rei constitucional que, sahindo das fileiras do partido revolucionario ou da Maçonaria, lhe servisse d'instrumento no governo, que ella conquistára.» O duque de Berry era bastantemente sério, um francez assás leal e um soldado muito pondonoroso para desempenhar semelhante papel; porisso foi assassinado.

Os II.·. Talleyrand e Fouché, impostos como ministros a Luiz XVIII, tinham empregado

todos os esforços para reunir em torno de si, em 1815, uma assembleia composta de francmações; mas a França despresou as suas intrigas, escolhendo, para a representar junto do seu Rei, os mais dignos de seus concidadãos e de seus proprietarios. Independentes de posição, de fortuna e de caracter, dedicados á monarchia, mas adversarios da concentração e da omnipotencia ministerial, estes deputados, verdadeiros francezes de raça, não estavam dispostos a curvar a espinha deante dos Irmãos Tres Pontinhos.

Os velhos expertalhões do ministerio conheceram isto e fugiram. «Comprehenderam — dizem o Padre Deschamps e Claudio Jannet — que com semelhante Camara, a religião, a auctoridade, todas as liberdades publicas, a patria n'uma palavra, entregues a si mesmas, iam assentar-se nas suas bases; e, se isto durasse só alguns annos que fosse, que succederia aos planos e triumphos revolucionarios? Ao retirarem-se, escolheram, para salvar a Revolução, um successor experimentado nas Retro-Lojas, menos conhecido que elles, a quem era mais facil dissimular e tomar todas as fórmas, e ao qual as Lojas de todos os ritos tínham projectado nomear seu Grão-Mestre ou supremo poder: Decazes, para o indicar pelo seu nome.»

Decazes tinha, em 1820, uns quarenta annos. Nasceu perto de Libourne e fôra successivamente advogado, empregado no ministerio da justiça no tempo do Consulado, juiz no tribunal do Sena, conselheiro no tribunal impe-

rial em 1806, conselheiro intimo, em La Haya, do Rei Luiz Bonaparte, e, emfim, até á queda do Imperio, primeiro secretario da Rainha-Mãe. Na epoca da Restauração, obedecendo ás necessidades do momento, vestiu a casa de realista, e, depois de Waterloo, foi prefeito da policia de Luiz XVIII. A 24 de setembro de 1815, entrou para o gabinete como ministro da policia geral, e, desde esse dia, tornou-se o homem de confiança, o *alter ego* do soberano.

Decazes era complacente, lisongeador, hypocrita, conversador habil. Sustentava-o o apoio secreto que encontrava nas Lojas. A sua fortuna augmentou muito depois do seu casamento, em 1805, com a filha do conde de Muraire, um dos membros mais influentes da Franc-Maçonaria no tempo do Imperio. Foi o conde Muraire que o nomeou juiz do tribunal do Sena. [1] Como primeiras primicias de fidelidade á seita, Decazes, apenas chegou ao ministerio, obteve de Luiz XVIII o celebre decreto de 5 de setembro de 1816, pelo qual foi dissolvida aquella Camara, que, vivendo mais tempo, teria reconstituido a França. O I.·. Decazes foi subindo de favor em favor até ao assassinato do

---

(1) O conde Muraire era, desde 1804, membro do Supremo Conselho do Rito Escossez. O duque Decazes era então Cavalleiro Kadosch; entrou para o Supremo Conselho e foi pouco depois eleito Grão-Mestre (15 de setembro de 1818). Abandonou o Grão-Mestrado a 4 de maio de 1821; mas, desesete annos depois, foi reeleito Grão-Mestre (24 de junho de 1838), e conservou-se n'estas funcções até á sua morte (24 d'outubro de 1860).

(Nota dos auctores).

duque de Berry, no qual, segundo a expressão de Chateaubriand, «os pés lhe escorregaram no sangue.»

O representante e chefe da Revolução era um jurisconsulto; o herdeiro dos Bourbons um soldado. Este, lançado em 1789, quando apenas tinha doze annos, nos perigos e nas viagens da emigração, deu as suas primeiras provas no corpo d'exercito, que atacou Thionville em 1792. Mais tarde, no exercito do principe de Condé, commandou, desde o fim de 1794 até 1797, um pequeno troço de cavallaria, e bateu-se com frequencia, correndo o perigo d'um simples soldado. Viajou na Italia, na Inglaterra, na Escossia, na Suecia, e, em 1814, entrou em França pela Normandia. Instruido pela desgraça, procurou ganhar o coração dos soldados, misturando-se nos seus grupos e conversando familiarmente com elles. Tendo-lhes alguns dito com franqueza que ainda eram muito dedicados a Napoleão, elle lhes perguntou a causa d'esse affecto filial depois das grandes desgraças do imperador. «A causa é — responderam elles — porque nos fazia alcançar victorias.» — «Eu o creio — replicou bruscamente o principe — com homens como vós, era isso bastante difficil.» A phrase tornou-se celebre e contribuiu para a sua popularidade, que crescia de dia para dia, com grande pesar dos revolucionarios.

Não era menos affavel com o povo do que com os soldados. D'elle se contam historias encantadoras. Um dia, ao dirigir-se a Bagatelle,

atravessava o bosque de Bolonha, quando encontrou um rapazinho carregado com um grande cesto. Mandando parar o seu cabriolé: «— Rapaz, lhe disse, onde vaes? — Vou a Muette levar este cesto. — O cesto é muito pesado para ti. Dá-m'o pois, que o entregarei ao passar.» O cesto foi collocado no cabriolé, e o principe entregou-o exactamente no logar indicado. Em seguida foi procurar o pae do rapazinho e disse-lhe: «Encontrei seu filho; o senhor obriga-o a conduzir cestos mui pesados, com o que destruirá a sua saude e o impedirá de crescer. Compre-lhe um burro para levar o cesto.» E deu ao pae o dinheiro para comprar o burro. Esta historia é contada por Imbert de Saint-Amand.

O duque de Berry filiou-se na Franc-Maçonaria, e chegou a ser Grão-Mestre do Grande Oriente de França. Recebeu este titulo supremo nas seguintes circumstancias:

«Durante a Restauração — diz o I.·. Clavel — o Grande Oriente, não ousando esperar um reconhecimento official, esforçou-se para conseguir que o Grão-Mestrado fosse acceito por um principe de sangue. Apalpou a este respeito Luiz XVIII, que foi iniciado mação em Versalhes com seu irmão, o conde d'Artois, alguns annos antes da Revolução de 1789. O Rei não manifestou nenhuma repugnancia pessoal; mas objectou que a Franc-Maçonaria era mal vista pela Santa Alliança, que se tornava necessario respeitar, e pelo clero francez, a quem era prudente não desgostar; que, devido a este estado de coisas, havia inconveniente em dar á Franc-Maçonaria approvação formal; que o governo a

não incommodava, e isso devia bastar-lhe por então; que ella estabelecia um equilibrio, que havia interesse em conservar; e que esta consideração era assás poderosa para dissipar qualquer receio que ella tivesse do futuro. Esta resposta não satisfez o Irmão a quem foi dada. Algum tempo depois, dirigiu-se directamente ao duque de Berry e offereceu-lhe o Grão-Mestrado. Nunca se soube ao certo qual foi a determinação que o duque tomou por esta occasião. O que é positivo é que, depois d'isto, elle foi geralmente considerado como Grão-Mestre da Maçonaria franceza. O Grande Oriente pareceu tambem reconhecel-o como chefe, celebrando as suas exequias maçonicas com extraordinaria pompa.»

Nota-se a linguagem embaraçosa do I.·. Clavel, que, apesar de reconhecer o duque de Berry como Grão-Mestre do Grande Oriente, deixa uma porta aberta para negar o facto, se houver necessidade. [1] Veremos brevemente o motivo d'esta precaução.

Na sua *Historia das Tres Grandes Lojas*, o I.·. Rebold reconheceu a qualidade maçonica do duque de Berry nos seguintes periodos: «No dia 24 de março de 1820, o Grande Oriente celebrou uma festa funebre em memoria do I.·. duque de Berry, sob a presidencia do I.·.

---

(1) E' materialmente impossivel que o I.·. Clavel não tenha sabido com exactidão se o duque foi ou não Grão-Mestre da Maçonaria. Quando elle escreveu a sua *Historia Pittoresca da Franc-Maçonaria*, obra das mais completas, estava munido de todos os documentos; os archivos do Grande Oriente eram-lhe franqueados; o nome da personagem que foi Grão-Mestre de 1815 a 1820 estava alli inscripto, e este nome era o do duque de Berry.

(Nota dos auctores.)

Roettiers de Montaleau, representante particular do Grão-Mestre. A oração funebre, escripta pelo I.·. Langlois, foi lida pelo I.·. Borie, Grande Orador.»

Não deve passar desapercebido que nenhum historiador franc-mação dá o nome do Irmão que exerceu as funcções de Grão-Mestre de 1815 a 1820. Ora, quando voltaram os Bourbons, o Grão-Mestrado foi retirado ao principe de Cambacérès, que o exercia, e é evidente que foi nomeado um novo Grão-Mestre para o substituir, pois que no momento da morte do duque de Berry, havia um representante particular do dito Grão-Mestre, que era o I.·. Roettiers de Montaleau, e um Grão-Mestre Adjuncto, que era o I.·. marquez Beurnonville, marechal da França. E' bom tambem lembrar que o snr. Decazes era Grão-Mestre do Rito Escossez e que na epoca da Restauração os Irmãos Tres Pontinhos desejavam ardentemente uma fusão dos dois ritos, o Francez e o Escossez, afim de tornar a Franc-Maçonaria mais poderosa pela reunião de todas as suas forças sob a mesma direcção.

Estando claramente exposta a situação, examinemos os factos que acompanharam e seguiram o assassinato do duque de Berry, assim como as circumstancias particulares em que se encontravam a victima e o assassino.

Desde um certo tempo, o duque de Berry recebia diariamente cartas anonymas, nas quaes o advertiam que a sua vida perigava ou lhe dirigiam ameaças terriveis. O duque tinha, po-

rém, uma alma de soldado francez: interessava-se por um rapazinho que conduzia um cesto demasiadamente pesado, e não tinha receio algum pela sua propria pessoa.

«— Não nos preoccupemos com isso — dizia elle áquelles que o convidavam a acautelar-se; se alguem deliberou fazer o sacrificio da sua vida para me tirar a minha, executará o seu projecto um dia ou outro, a despeito de quaesquer precauções que eu tome. No caso contrario, preoccupar-me-ia muito de mim inutilmente.»

O duque notára, quando passeava, a presença frequente d'um individuo, que julgava ser um policia encarregado de velar pela sua segurança. Preoccupado por encontrar constantemente este homem na sua passagem, encarregou o barão d'Haussez de fallar n'isto ao snr. Decazes. O snr. d'Haussez relatou ao principe a sua conversa com o ministro, da qual se concluia que o referido homem, longe de fazer parte da policia, era um individuo suspeito, sobre o qual era necessario fixar a attenção da policia.

No dia 13 de fevereiro de 1820, que era o ultimo domingo de Carnaval, toda a cidade de Paris estava em festa. O duque e a duqueza de Berry tinham resolvido passar a noite na Opera.

Este theatro era então situado na rua de Richelieu, no local actualmente occupado pelo

jardim Louvois, em face da porta principal da Bibliotheca Nacional. O monumento não apresentava exteriormente aspecto imponente; mas, no interior, a sala estava mui elegante. Era grande e continha mais de mil e seiscentos logares. O theatro tinha uma entrada especial reservada para os membros da familia real. Esta entrada era situada n'um dos lados do edificio, precisamente em frente da rua Rameau.

Ás oito horas, a carruagem principesca parou deante d'esta porta; o duque e a duqueza de Berry desceram e penetraram na sala, emquanto que os criados gritaram do vestibulo ao cocheiro:

«—Volte ás onze horas menos um quarto.»

A representação n'aquella noite é mais brilhante e elegante que nas outras. Os camarotes estavam repletos de senhoras. Roupagens de côres vivas, muitos diamantes, alegria animada em todos os rostos. Representava-se o *Rouxinol* e as *Nupcias de Gamacho,* que obtiveram exito. O espectaculo terminou pelo *Carnaval de Venesa.* E' um bailado, cuja musica foi escripta por Persuis e Lesueur. Os principaes papeis eram interpretados por Alberto e por La Bigottini. Fallava-se tambem d'um dançarino chamado Elie, que debutava no papel de Polichinello e substituia o famoso Mérante. Cochichava-se nos corredores que este Elie, desejoso de supplantar, se fôra possivel, o seu celebre predecessor, tinha ido ao theatro das Marionettes, de Séra-

phin, observar os movimentos artificiaes dos titeres de pau, e que se propunha imital-os.

No intervallo, o duque e a duqueza de Berry foram visitar ao camarote o duque e a duqueza d'Orleans, com os quaes conversaram alegremente. O publico applaudiu os principes. Voltando ao seu camarote, a duqueza de Berry recebeu uma pancada violenta com a porta d'um outro camarote; o que, sendo visto pelo duque, lhe aconselhou que se retirasse; na vespera, a duqueza assistira ao grande baile dado pelo conde Greffuhle, tinha-se deitado muito tarde, e, como estava pejada, a prudencia aconselhava-a a ir descançar. Seu marido offereceu-lhe o braço, que ella acceitou, e desceu com a duqueza a escada do theatro para a acompanhar até á carruagem. Faltavam ainda alguns minutos para as onze horas. O duque tencionava deixar ir sua esposa só para o palacio do Elyseu, e voltar para a sala, afim d'assistir ao bailado do *Carnaval de Venesa,* que muito desejava vêr.

Os dois esposos chegam á entrada reservada para a familia real, deante da qual estaciona a carruagem mandada vir ás onze horas menos um quarto. Um homem, de pé junto d'ella, olha e espera.

«Collocado junto d'um cabriolé que está em seguida á carruagem do principe, e conservando-se á frente do cavallo, parece ser um criado, e não desperta a attenção de ninguem. Os guardas no

vestibulo, e, fóra, a sentinella que vigia a rua Richelieu, apresentam as armas. O duque e a duqueza chegam ao guarda-vento do portico. O conde de Choiseul, ajudante de campo do principe, está á direita da sentinella, ao lado da porta d'entrada. O conde de Mesnard, primeiro escudeiro da duqueza, estende-lhe a mão esquerda, e em seguida á dama de companhia, a condessa de Béthisy, afim de as ajudar a subir á carruagem. O duque apresenta-lhes a mão direita. Um dos criados ergueu o estribo.

«Estando ainda no guarda-vento do portico, o principe acenou com a mão a sua esposa e disse-lhe: «Adeus, Carolina; até logo.»

«De repente, no momento em que o duque ía a entrar na sala, um homem, aquelle que estava á frente do cabriolé, corre, e, segurando-o com uma mão pelo hombro esquerdo, com a outra dá-lhe uma punhalada no seio direito. O conde de Choiseul, crendo ou fingindo crêr que este homem, ao correr, chocára involuntariamente com o principe, empurrou-o, dizendo-lhe: «Veja bem o que faz.» (1) O assassino fugiu, deixando o punhal enterrado no peito do duque.

« — Fui assassinado!» exclamou o principe.

---

(1) A intervenção do conde de Choiseul, que, no primeiro momento, deu o lamiré aos presentes, e que, crendo ou fingindo crêr n'um simples encontro brutal, e não n'um crime, permittiu que Louvel fugisse; esta intervenção, desastrada em todo o caso, e completamente infeliz, dá occasião a todas as supposições. Um dos proximos parentes do conde, o duque Claudio Antonio Gabriel de Choiseul, era franc-mação e Cavalleiro Kadosch no momento do crime; no anno seguinte, em 1821, foi elevado a membro do Supremo Conselho do Rito Escossez, e em 29 de junho de 1825 eleito Grão-Mestre do Rito. Demais, os franc-mações teem sido numerosos na familia de Choiseul.

(Nota dos auctores.)

«E como aquelles que o rodeavam o interrogassem, exclamou de novo, com voz forte:

«—Sou um homem morto; tenho o punhal no peito!» Em seguida, arrancou o punhal da ferida e entregou-o ao conde de Mesnard.

«A princeza, cuja carruagem ainda não tinha partido, ouviu o grito doloroso de seu esposo, e, emquanto correm após o assassino, ella precipita-se para a portinhola, que um criado entreabre. A snr.ª de Béthisy quer detel-a. O duque de Berry, reunindo todas as suas forças, exclama: — «Mulher, peço-t'o, não desças.» Mas ella, passando por cima do estribo e afastando com ambas as mãos a snr.ª de Béthisy e o criado: «Deixem-me! disse ella, deixem-me; ordeno-lhes que me deixem!» Descendo da carruagem, recebeu nos braços seu marido no mesmo momento em que elle entregava ào snr. de Mesnard o punhal ensanguentado e exclamava:

«— Estou morto! Um padre! Vem, mulher, «que morro nos teus braços!» A princeza lançou-se-lhe aos pés. Fizeram-no assentar n'um banco na passagem onde está a guarda, encostaram-no á muralha, e abriram-lhe as roupas para procurar a ferida. O sangue corre com tanta abundancia que a princeza faz vãos esforços para o estancar. O seu vestido e o da snr.ª de Béthisy enchem-se de sangue.»

O que acaba de lêr-se é escripto por Imbert de Saint-Amand no seu livro — *A Duqueza de Berry*.

O conde de Choiseul, o conde de Clermont-Lodève, a sentinella, Desbiès de nome, um criado e algumas outras pessoas correram em

perseguição do assassino, que já ia muito longe; não se sabe, porém, em que direcção fugiu.

Entretanto, o duque de Berry não póde continuar a estar no banco, n'um logar franqueado a todos; tomam-no, levantam-no e conduzem-no com precaução até á sala attinente ao camarote. Alli depõem-no n'um canapé. A duqueza de Berry conserva a cabeça de seu marido apoiada ao hombro. Previnem no seu camarote o duque e a duqueza d'Orleans, assim como a senhora d'Orleans, que se dirigem á sala.

O conde de Clermont não tardou a entrar. «— O assassino está preso — disse.» «— E' estrangeiro?» — perguntou o principe. O conde respondeu que não.

«— E' mui cruel, exclamou o duque, morrer ás mãos d'um francez.»

Correram a procurar medicos. Os snrs. Lacroix, Caseneuve e Blancheton são os primeiros a chegar. Sangram os braços e tentam alargar a ferida aberta pelo punhal para dar passagem ao sangue derramado.

A duqueza de Berry pergunta: «— A ferida é mortal? Eu tenho coragem, muita coragem; estou disposta a supportar tudo; o que desejo é saber a verdade.» O doutor Blancheton não ousou dar opinião.

Entretanto, continua na sala a representação do *Carnaval de Venesa*. Os sons da orchestra acompanhando o bailado, chegam até ao

salão onde agonisa o principe, e os accordes alegres parece que zombeteiam do sangue real, que corre. Os applausos — lugubre ironia! — irrompem por vezes, á guisa de *De profundis.*

O duque de Berry pediu que lhe trouxessem sua filha e o Bispo d'Amyclea. O snr. Clermont correu ao palacio das Tulherias a procurar o Prelado. Uma outra pessoa se dirigiu ao Elyseu a prevenir a snr.ª de Gontaut, governante da filha do duque. O snr. Mesnard encarregou-se de prevenir o pae do moribundo, assim como o duque e a duqueza d'Angoulême, seu irmão e cunhada. Não se demoraram muito, e encontraram o duque de Berry n'uma sala da administração da Opera, para onde o haviam transportado, afim de mais facilmente o pensarem. Deitaram-no n'um leito arranjado com colchões que servem ás bailarinas para se lançarem d'alto. Foram os primeiros que se encontraram á mão. Entrementes, chega a snr.ª Gontaut com a filha do duque de Berry. A duqueza apodera-se d'ella e apresenta-a ao pae. Este abraça-a.

«— Pobre menina! disse elle com tristeza, oxalá sejas menos infeliz que teu pae!»

Os melhores cirurgiões de Paris, chamados a toda a pressa, reuniram-se aos primeiros medicos. Os snrs. Dupuytren e Dubois estavam presentes; não desesperam de salvar o ferido e applicam-lhe numerosas sanguesugas e algumas ventosas. O sangue sae lentamente, o peito

está menos oppresso, a respiração torna-se mais facil. Ha quem espere um milagre; o principe está em toda a força da edade, tem quarenta e dois annos, é são e de constituição robusta. Elle, porém, está desenganado, e diz aos cirurgiões: «— Os vossos cuidados, que agradeço, não prolongam a minha existencia; a ferida é mortal.»

A duqueza de Berry, d'uma coragem extraordinaria, obstina-se, apesar das opiniões em contrario, em permanecer á cabeceira do leito de seu marido. O snr. Dupuytren, antes de começar as operações cirurgicas, convida o pae do duque a pedir á duqueza que se afaste. Ella recusa-se energicamente a isso. «— Meu pae — disse — não me force a desobedecer-lhe.» E acrescentou, dirigindo-se ao cirurgião: «— Não o interromperei, senhor; comece.» A duqueza ajoelhou-se á beira do leito e durante a operação conservou entre as suas a mão esquerda do principe. Esta senhora tem realmente sangue d'heroina nas veias, e provou-o mais tarde, procurando só por si sublevar a Vendea.

N'aquelle momento é ella que incute coragem a seu marido. Quando, ao sentir penetrar no peito o ferro do cirurgião, o duque se queixa e diz: «Deixem-me, visto que devo morrer!», ella responde-lhe: «— Meu amigo, soffre por amor de mim!» E o moribundo não profere mais uma só queixa; e, vendo chorar sua mulher, anima-a tambem: «— Minha amiga, não

deixes dominar-te pela dôr; poupa-te em attenção á criança que trazes no ventre.»

Pede por varias vezes para vêr o seu assassino, e deseja saber porque esse miseravel o feriu. «— Que fiz a esse homem? Offendel-o-ía talvez sem querer?» «— Não, lhe respondeu o pae, nunca o viste, e elle não nutre contra ti odio pessoal.» «— E' pois um insensato!» acrescentou o duque.

A bondade, que o principe havia manifestado frequentemente pelos pequeninos e pelos miseraveis, impelle-o a terminar a existencia por um acto de caridade para com o desconhecido que o feriu. Quer obter do Rei o perdão d'aquelle homem, e impacienta-se porque Luiz XVIII não chega. Sente que a vida lhe foge. «— Não terei tempo de pedir o seu perdão!» repete o duque algumas vezes.

Entretanto, nem os medicos Lacroix, Caseneuve e Blancheton, nem os cirurgiões Dubois e Dupuytren, apesar de toda a sua sciencia, podem estorvar os progressos do mal. O ferido conserva a plenitude dos sentidos, mas as suas forças diminuem a olhos vistos. O duque vae morrer, mas morrer como um verdadeiro francez, como um christão.

«A primeira palavra do duque de Berry — diz Lamartine — foi para pedir não um medico, mas um Padre. Ferido no meio do delirio da juventude e do prazer, não houve na sua alma nenhuma transição entre os pensamentos do tempo

e os pensamentos da eternidade. Passou, n'um segundo, do espectaculo d'uma festa á contemplação do seu fim, como aquelles homens a quem a fria immersão n'um banho d'agua arranca subitamente aos ardentes delirios da embriaguez. Mostrou, n'este reviramento instantaneo e sem fraqueza de seus pensamentos, a coragem deliberada d'um soldado. Patenteou agora a fé d'um christão e a impaciencia inquieta d'um homem que receia, não morrer, mas morrer antes de ter confessado as suas faltas e recebido o penhor d'uma segunda vida. Encontra-se a sua educação no fundo da sua alma, á medida que a vida se retira com o seu sangue. Não cessa de perguntar em voz baixa se o Padre já chegou.»

Este chega emfim, mas é o snr. D. Latil, Arcebispo de Chartres; o duque de Berry tem por elle uma aversão instinctiva. Não importa! Suffoca esta aversão, não considera o homem, mas sómente o Padre que está no homem, e confessa-se. Depois d'isto, pede perdão ás pessoas que o rodeiam dos escandalos, que podesse ter-lhes dado.

O parocho de Saint-Roch chega entretanto, trazendo os Santos Oleos, e administra a Extrema-Uncção ao moribundo.

Tendo-se a sciencia declarado impotente, a religião prodigalisou as supremas consolações; o duque de Berry espera a morte com muita tranquillidade e resignação. N'aquelle momento solemne, esquece-se de si e só pensa em obter o perdão do seu assassino.

Ao ouvir rodar qualquer carruagem na rua, julga que é o Rei que chega.

« — Ouço a escolta,» dizia elle.

« — Mas não — diz Imbert de Saint-Amand no seu livro *La Duchesse de Berry* — o Rei está ainda nas Tulherias. Só á meia noite é que recebeu o primeiro aviso; mas a principio occultaram-lhe a gravidade do estado de seu sobrinho. Enviaram-lhe o segundo boletim. El-rei quiz partir, mas detiveram-no com receio d'alguma conspiração, que podesse rebentar sob seus passos. Emfim, depois de tomadas todas as precauções para vigiar o percurso das Tulherias á Opera, Sua Majestade abandonou o castello e dirigiu-se para junto do moribundo. São cinco horas da manhã. « — Meu pae! meu pae! exclama o principe, o Rei não chega! Não póde o pae comprometter-se, em nome do Rei, a conceder o perdão a esse homem?» Quando apenas tinha acabado de pronunciar estas palavras, estremece. Ouve ao longe o tropel de cavallos. « — Emfim — disse — eis que chega o Rei! Oh! que venha depressa! Eu morro!» Luiz XVIII entra. « — Perdão! exclama o moribundo no estertor da agonia, perdão para o homem que me feriu!» E repete com voz surda e funebre: « — Perdão ao menos para a vida do homem!» O Rei abraça seu sobrinho e responde: «Mais tarde falaremos n'isso; tranquillisa-te, não estás tão doente como julgas.» Depois sentou-se junto do leito.»

A agonia d'este homem em todo o seu vigor, e a quem qualquer doença nunca enfraqueceu por muito tempo, é horrorosa. Afastam a duquesa; mas ella protesta, quer assistir a seu marido até ao derradeiro suspiro, deseja cum-

prir até ao fim o seu dever d'esposa amorosa e corajosa. Insta para que a deixem entrar na sala onde o duque agonisa e quer conservar-se junto do leito. O pae do duque colloca-se á porta e impede-lhe a entrada; ella, porém, impelle-o violentamente e penetra á força.

São seis horas e trinta e cinco minutos da manhã. O duque de Berry articula mais uma vez as palavras: «— Perdão, perdão para o homem!» e expira. [1]

Os cortezãos instam com Luiz XVIII para se retirar. «— Não temo — disse — o espectaculo da morte; resta-me um ultimo dever a cumprir para com meu sobrinho.» E, apoiado ao braço do snr. Dupuytren, aproxima-se do leito, fecha os olhos e a bocca do principe, beija-lhe a mão e retira-se, regressando ao castello das Tulherias.

Immediatamente depois de ter ferido o duque de Berry, o assassino fugiu pela rua de Richelieu. O conde de Choiseul, o conde de Clermont-Lodève, a sentinella, cujo nome era Desbiès, e varias outras pessoas foram em sua perseguição. Não o teriam, por certo, capturado,

---

(1) Esta insistencia do duque de Berry em pedir, até ao momento d'expirar, o perdão do seu assassino, é relatada por todos os historiadores. Isto não sómente prova os sentimentos profundamente christãos do duque; mas tambem indica que este principe, que por um momento se deixou illudir pela seita, comprehendia perfeitamente que o assassino era apenas um instrumento inconsciente dos verdadeiros chefes da Franc-Maçonaria.

(Nota dos auctores.)

se não fôra um accidente que se deu com o assassino na fuga. Este foi d'encontro a um rapaz que vendia limonada, chamado Paulmier, que passava junto da arcada Colbert e conduzia para a Opera copos n'um taboleiro. O taboleiro caíu e os copos quebraram-se; o rapaz, furioso, correu atraz do fugitivo para lhe reclamar o preço da mercadoria partida. Conseguiu approximar-se d'elle, e agarrou-o; entretanto chegaram os gendarmes e apossaram-se do assassino. Conduziram-no ao theatro, e metteram-no na casa da guarda. Examinaram-no. Era um homem loiro, magro e pallido, de compleição franzina. A tez era biliosa, o olhar duro, os labios delgados e comprimidos.

«— Monstro — disse-lhe o conde de Clermont — quem te compelliu a commetter semelhante attentado?» O assassino respondeu, textualmente: «— São os mais crueis inimigos da França.» Esta resposta extraordinaria de Louvel, estas primeiras palavras que o miseravel deixou escapar n'um momento de perturbação, na occasião em que acabava de ser preso, tiveram diversas interpretações. Responderia elle directamente á interpellação do conde de Clermont, e, por consequencia, designaria assim, involuntariamente, os seus cumplices, inimigos da patria e partidarios da Revolução universal? ou teria sómente começado uma phrase, que não acabou, visando os Bourbons, que a Maçonaria

detesta, e que acabava de ferir um dos principes?... É difficil dizel-o.

O gendarme Lavigne, um d'aquelles que o prenderam, ao revistal-o encontra-lhe um buril. Interroga-o sobre o emprego que tencionava dar áquelle instrumento. O assassino responde que esperava, d'um momento para outro, ferir o duque de Berry, e trazia comsigo o buril para lhe não faltar a arma no momento opportuno. «— Eu sabia perfeitamente — accrescentou elle — o que me estava reservado, se désse este passo; mas tambem sei que faço muita gente feliz.» Este pensamento evidenciou-se muitas vezes nas suas respostas. O assassino não disse claramente quem eram essas pessoas felizes; mas repetiu que o seu crime cumularia d'alegria muitos patriotas, que libertaria a nação, etc.

Entretanto, o commissario de policia de serviço na Opera n'aquella noite, o snr. Principe Luiz Florent Ferté, commissario da cidade de Paris e especialmente do bairro Feydeau, começou, como consta do seu relatorio, o interrogatorio do assassino. Soube-se então que este se chamava Louvel (Pedro Luiz), que era corrieiro e que trabalhava nas cavallariças do Rei.

O commissario de policia, continuando o interrogatorio, pergunta-lhe:

«— Porque assassinou o principe?

«— Desde 1814 — respondeu Louvel — rumi-

nava este projecto, porque tenho os Bourbons como os maiores criminosos do meu paiz.»

Então o ministro d'Estado, chefe de policia, opinou que, começando o interrogatorio a ter certa importancia, era a elle que cumpria continual-o. O snr. Ferté dá-o a conhecer nas seguintes palavras: «Tendo o relatorio sido interrompido pela intervenção de Sua Excellencia o ministro d'Estado, chefe da policia, que quiz elle proprio interrogar o individuo, limitamo-nos por então a receber o deposito que nos foi feito pelo snr. conde de Mesnard, e reconhecemos o punhal, etc.»

A acção regular da justiça foi, pois, difficultada desde o primeiro momento. Houve, porém, um facto muito mais grave e significativo. Por ordem especial, não emanada do Rei, mas do ministro franc-mação Decazes, o assassino, em vez de ser encerrado immediatamente, escoltado por uma boa força, n'uma prisão publica, foi conduzido... aonde?... ao palacio do Grão-Mestre do Rito Escossez!... Conservou-se alli o resto da noite, durante a manhã do dia seguinte, e até depois do meio dia de 14 de fevereiro... Tornaremos opportunamente a occupar-nos d'este importante incidente.

Louvel não procurou enganar a justiça sobre a sua identidade, e a sua historia foi brevemente conhecida. Nascera em Versalhes em 1783. No momento do crime não tinha pois

ainda trinta e sete annos. Seus parentes eram muito pobres, e seu pae metteu-o no hospicio das Creanças Abandonadas por não poder alimental-o. Aprendeu o officio de corrieiro em Montfort-l'Amaury. Tendo desoito annos, começou a trabalhar em casa de varios patrões e percorreu assim a França; depois foi corrieiro durante seis mezes n'um regimento d'artilheria da guarda. Conseguiu que lhe fosse dada a baixa, pretextando a fraqueza da sua constituição.

No decorrer do processo, disse que o emocionou profundamente o espectaculo dos alliados entrando em França em 1814. Desde essa epocha — affirmou — concebeu o projecto de matar um membro da familia real. Tentára assassinar Luiz XVIII no momento em que o Rei desembarcasse em França, e, com este fim, dirigiu-se a pé de Metz a Calais. De Calais veio a Paris; em seguida dirigiu-se á Ilha d'Elba.

Como lhe perguntassem com que fim realisava esta viagem, respondeu: «Para me divertir!», o que é muito extraordinario, porque um operario corrieiro não passa por ser um millionario e não está em circumstancias de pagar viagens de recreio, principalmente quando são tão distantes como a de Paris á Ilha d'Elba, distancia que a difficuldade e a pouca rapidez das communicações tornavam então consideravel.

Na Ilha d'Elba, Louvel foi empregado de

setembro a novembro de 1814 pelo chefe das cavallariças imperiaes. Faltando o trabalho, foi despedido. Sabendo alli do desembarque de Napoleão no golpho Juan, dirigiu-se a Lyão e voltou na sua escolta a Paris. Entrando a fazer serviço nas cavallariças do imperador, seguiu-o de Paris a Waterloo, e assistiu ao grande desastre. Tendo Louvel estacionado em La Rochelle, onde se haviam detido tambem as equipagens do vencido, mandou fabricar, n'aquella cidade, segundo disse, a faca com que tencionava matar um Bourbon. Era uma faca muito solida e muito cortante, mais parecida a um punhal do que ás facas de que se servem os correieiros; além d'isso, era mais larga um centimetro do que as usadas no seu officio.

Era o duque de Berry a quem Louvel, segundo affirmou, se tinha resolvido a assassinar, «porque elle era o primeiro na descendencia», e o repetiu nos interrogatorios. Quatro annos consecutivos o seguiu, disse elle, aos espectaculos em que presumia o duque devia ir, á caça, aos passeios publicos, ás egrejas.

« — Algumas vezes encontrei excellentes occasiões, declarou Louvel; mas sempre me faltava a coragem. Em 1817, 1818 e em 1819 estava muito fraco, e renunciei mais d'uma vez ao meu projecto. Mas pouco depois dominava-me um sentimento mais forte que eu. Lembro-me principalmente dos meus pensamentos, n'um dia em que passeava no bosque de Bolonha, aguardando o principe. Tinha ataques de colera ao pensar nos Bourbons; via-os voltar com

os estrangeiros, e horrorisava-me; em seguida, os meus pensamentos tomavam outro curso: pensava que era injusto para com elles, e censurava os meus designios; mas voltava-me immediatamente a colera. Durante mais d'uma hora estive n'estas alternativas, e ainda me não tinha pronunciado sobre nenhuma d'ellas quando o principe passou; n'esse dia salvou-se. No dia 13 de fevereiro estava ainda irresoluto, apesar de dois ou tres dias antes ter ido, para me fortificar, vêr ao Père-Lachaise os tumulos de Lannes, de Masséna e dos outros guerreiros.»

No domingo em que devia commetter o crime, Louvel esteve a vêr o cortejo, composto do boi que os cortadores levam em procissão pelas ruas de Paris nos dias de carnaval; depois d'isto foi jantar sobriamente na taberna onde habitualmente comia. Sahindo d'alli, encaminhou-se para o theatro, munido da sua faca.

«—Ás oito horas — disse elle — estava eu em frente da Opera, e teria assassinado o principe quando entrou, se me não houvesse faltado a coragem. Ouvi mandar vir a carruagem ás onze horas menos um quarto; entretanto retirei-me, resolvido a ir-me deitar. No Palacio Real voltaram-me os pensamentos mais fortes que nunca. Pensava que no fim do mez devia voltar a Versalhes, e que então o meu projecto seria adiado por muito tempo. Comecei a reflectir e disse de mim para mim: «Se eu tenho rasão, porque me falta a coragem? Se a não tenho, porque me não abandonam estas ideias?» Decidi-me então a realisar o meu projecto

n'aquella mesma noite. Eram apenas nove horas, e, esperando a hora indicada, passeava do Palacio Real para a Opera, sem que a minha resolução enfraquecesse, a não ser de longe a longe, e sempre por poucos instantes.»

Já contamos como Louvel esperou o duque de Berry, de pé, em frente d'um cabriolé e conservando a attitude d'um criado, como feriu o principe, como fugiu e como foi preso. Acabamos de vêr a narração que elle fez aos magistrados, narração tão uniforme, que se assemelha a uma lição dada a preceito; e lembraremos ao leitor que o assassino, antes de se proceder a todos os interrogatorios, esteve em casa do snr. Decazes, primeiro ministro do Rei e ao mesmo tempo Grão-Mestre do Supremo Conselho da Maçonaria (Rito Escossez) e que se conservou alli dezesete horas.

No dia 15 de fevereiro, de madrugada, o assassino foi confrontado com o cadaver da sua victima, que fôra transportado para o Louvre. Instaram com elle para que denunciasse os seus cumplices, se os tinha. O assassino affirmou, porém, que os não tinha. A Camara dos Pares instruiu-lhe o processo e condemnou-o á morte. Emfim, a 7 de junho, quasi quatro mezes depois da scena da Opera, Louvel subiu ao cadafalso. Voltaremos a fallar sobre algumas circumstancias d'este processo e d'esta execução. Convem procurar agora quem armou o braço de Louvel, quem o impelliu ao assassinio e quem aproveitou com o seu crime.

Representam Louvel como um apaixonado

adorador de Napoleão I. Não é verdade. Se Louvel tivesse amado o imperador como o amavam esses velhos granadeiros que, antes de 1870, vinham, a 15 d'agosto, enfileirar-se na praça Vendôme, envergando os seus uniformes de côres desbotadas pelo pó das longinquas batalhas, afim de saudar no seu alto pedestal de bronze o busto do *Petit Caporal;* se esse assassino tivesse amado verdadeiramente o Genio da guerra, ter-se-ia alistado como soldado e combatido n'essa soberba campanha da França, a mais bella de Napoleão! Mas, ao contrario, os seus contemporaneos representam-no como um cobarde, procurando subtrahir-se por todos os modos ao serviço militar, lastimando-se constantemente e assás contente por ser enviado para casa depois de ter estado seis mezes no serviço das equipagens, ponto aliás pouco perigoso!

Dirige-se á Ilha d'Elba e trabalha nas equipagens imperiaes; terminada a obra, vae-se embora. Ha nada mais simples? Louvel é operario corrieiro: presume que na Ilha d'Elba ha arreios para concertar, e apresenta-se para desempenhar este serviço, que sem duvida é alli melhor retribuido que n'outra qualquer parte; quando o trabalho falta, vae procurar occupação n'outra parte.

O mesmo motivo o impelle a juntar-se a uma das primeiras escoltas de Napoleão, e, se a acompanha, é sempre na qualidade de corrieiro. Se, pois, elle o houvesse amado como se disse, teria desejado, como todos os soldados,

distinguir-se aos olhos do seu idolo por qualquer brilhante feito d'armas. Um bello dia teria empunhado um sabre, uma arma, lançar-se-ia na lucta, ter-se-ia batido como um leão, e á noite, voltando a occupar o seu logar nas equipagens, seria saudado na passagem por um olhar satisfeito do imperador. Não ha um só feito d'este genero a registrar na historia de Louvel; a unica arma de que lançou mão e soube manejar, foi o punhal. O fanatismo d'este homem por Napoleão deve, pois, ser tido como fabula.

Parece que o assassino procurou imputar ao vencido da Ilha d'Elba a primeira ideia do seu crime. Como lhe perguntassem o motivo porque se dirigira áquella Ilha, começou a defender Napoleão da suspeita de ter sido o seu inspirador. Admiraram-se todos d'esta defeza antes do ataque. Não deram, porém, muita attenção a este facto. Era uma manobra inspirada a Louvel por qualquer conselheiro, ou que lhe foi ditada simplesmente pela sua vaidade, que era excessiva.

Não foi, pois, para vingar Napoleão que Louvel feriu o duque de Berry. Além d'isso, o assassino não tinha contra este motivo algum d'odio pessoal; assassinou-o porque era um Bourbon, «porque era o primeiro na descendencia», e principalmente porque a Franc-Maçonaria ordenára o assassinato.

Coisa notavel: este homem do povo, este operario atacou precisamente o principe da familia real que era mais popular. Fez exacta-

mente o que teria feito um franc-mação. A seita jurára a destruição de todos os reis e particularmente dos Bourbons. A Maçonaria tinha decidido censural-os incessantemente por haverem entrado na França «comboiados pelo estrangeiro», esquecendo que ella tinha pedido para soberano o principe d'Orange. Foi tambem este o motivo que deu Louvel para explicar o seu odio. Cem vezes hesita antes de commetter o crime, e só doma a sua pusillanimidade natural depois de longo combate.

Parece que se sente ameaçado de morte, se não executar o hediondo crime, necessario ao partido da Revolução; parece que o punhal de qualquer Cavalleiro Kadosch está suspenso sobre a sua cabeça, prompto a feril-o se não cumprir a sentença decretada pelas Lojas. Ora é certo que o duque de Berry, tendo julgado, como muitos principes, que o facto de se filiar na Franc-Maçonaria não tinha consequencias para elle, acceitou a iniciação; é certo que, vendo apenas funcções honorificas no Grão-Mestrado que lhe foi offerecido, acceitou ser Grão-Mestre do Grande Oriente de França; mas provavelmente o duque deu a sua demissão no dia em que conheceu que fôra enganado; ou, melhor, o que talvez seja mais certo, foi a Franc-Maçonaria que comprehendeu que não conseguiria perverter um principe tão christão, e como então o duque punha obstaculos aos seus projectos, e os conhecia mais do que convinha, foi mister supprimil-o.

Na verdade, um franc-mação não teria pro-

cedido de modo diverso do que procedeu Louvel. Mas Louvel, que tinha primeiro passado pela associação dos operarios chamada Compagnonnages, não se filiaria depois como francmação? Interrogado sobre a sua religião, respondeu: «— Umas vezes fui catholico, outras theophilantropo, principalmente durante a Revolução.» Ora basta abrir qualquer historia da Franc-Maçonaria para se vêr que os Theophilantropos formavam e formam ainda um ramo da Maçonaria. Desde então, as ideias, as hesitações e o crime de Louvel explicam-se. Comprehende-se agora tambem como, apesar do pequeno numero de dias que elle trabalhava em cada anno, pôde realisar viagens dispendiosas «para se divertir»; vê-se d'onde lhe vinha o dinheiro necessario para as realisar.

Commettendo o assassinato, Louvel trabalhou, pois, segundo os desejos, os projectos e os conselhos da Franc-Maçonaria, da qual era executor. O crime de 13 de fevereiro foi obra do partido da Revolução; o braço foi Louvel, e o chefe occulto Decazes. O assassinato tinha sido decidido nas Lojas desde certo tempo. Entre os Irmãos Tres Pontinhos, que tinham conhecimento d'este crime, alguns, sympathisando com o principe, procuraram, sem duvida, prevenil-o: e é a elles que é logico attribuir «essa multidão de cartas anonymas e de relatorios que lhe causavam tão crueis e justos presentimentos.»

Facto extraordinario: a noticia do attentado soube-se em França em pontos distantes do

territorio e até no estrangeiro, antes que fosse commettido! Seria isto explicavel se o assassino fosse um homem isolado, assassinando para satisfazer um odio pessoal? Não. Louvel trabalhou por conta da seita e com a cumplicidade do Grão-Mestre do Rito Escossez, a quem este crime favorecia os projectos secretos.

Havia outr'ora uma policia particular para o Castello; o ministro supprimira-a. Perseguiu com particular cuidado os fieis servidores da Casa Real, que julgava capazes de defender os principes e dar-lhes os necessarios avisos para a sua segurança; não conservou um só em nenhum d'esses logares, em que poderiam ser uteis aos principes. Mais ainda: os agentes da policia e a gendarmeria de Paris deixaram de fazer o serviço de vigilancia aos principes.

Na noite de 13 de janeiro, a vigilancia na Opera não foi confiada ao prefeito da policia de Paris. O official de paz, que n'aquella noite tinha a alta direcção dos agentes e que a todos dava ordens, não recebia instrucções senão do ministro da policia geral, e não dava conta de seus actos á prefeitura da policia. Este official trabalhava diariamente com Decazes, pois era encarregado das medidas geraes de segurança politica. D'este facto resultava que o ministro tinha sob a sua direcção pessoal a policia do Castello e a que vigiava os principes.

Ora a 13 de fevereiro de 1820, não foi tomada nenhuma das precauções ordinarias; é isto que explica a tranquillidade com que Lou-

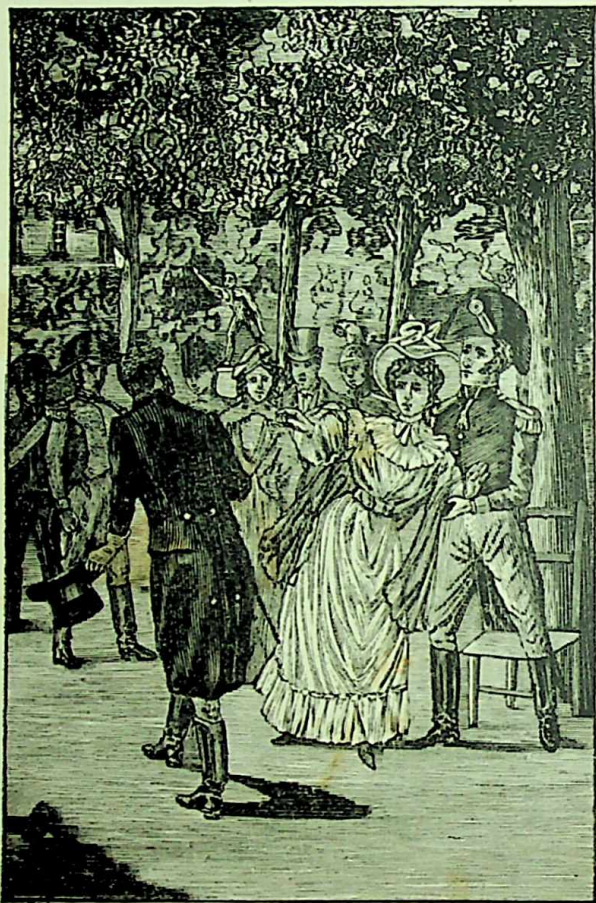
vel respondeu que, « se não houvesse sido preso n'aquelle mesmo momento, ter-se-ia ido deitar tranquillamente, certo de não ser inquietado.»

Decazes era, pois, réo, perante todo o publico, do crime de ter negligenciado todas as precauções aconselhadas pelos boatos alarmantes, que de dia para dia tomavam mais consistencia. Aos olhos d'aquelles que sabiam desemmaranhar os secretos motivos do seu velhaco proceder, Decazes era o conselheiro do assassino.

A quem aproveitava o crime senão á Franc-Maçonaria, da qual o ministro era chefe supremo? Os realistas fieis comprehenderam-no perfeitamente; e a 14 de fevereiro um d'elles, o snr. Clausel de Coussergues, deputado, subiu á tribuna da Camara e exclamou: « — Meus senhores: Não ha lei que fixe o modo d'accusar os ministros; mas, attendendo á natureza da deliberação que se tem de tomar, a accusação deve fazer-se em sessão publica. Apresento á Camara uma proposta d'accusação contra o snr. Decazes, ministro do reino, como cumplice no assassinato do snr. duque de Berry, e peço para desenvolver a minha proposta. » Os deputados franc-mações protestaram immediatamente, e a questão não pôde ser tratada na tribuna da Camara; mas o snr. Clausel de Coussergues publicou, sob titulo de *Projecto d'accusação contra o duque Decazes*, um libello accusatorio, no qual prova a participação do ministro no crime de 13 de fevereiro.

Este corajoso deputado não foi o unico a proclamar a culpabilidade do Grão-Mestre do Rito Escossez. A *Gazeta de França* e a *Bandeira Branca* apontaram-no a 15 de fevereiro como sendo o homem que armou o braço de Louvel. O presidente Séguier, homem corajoso e justiceiro, procurou Luiz XVIII, em nome dos magistrados do tribunal real de Paris, e disse-lhe: « — Existe uma conspiração permanente contra os Bourbons, e, no meio da consternação geral, presencearam-se alegrias ferozes. O sangue puro, que correu, parece que irritou mais a sêde.»

Quem manifestava essa alegria feroz eram os franc-mações, aquelles a quem o acto infame do assassino devia, segundo a sua expressão, tornar «felizes».

Luiz XVIII que, — é necessario não o esquecer, — tivera a fraquesa d'acceitar a iniciação maçonica antes da Revolução, estava mui preplexo. Não queria apparecer aos olhos dos realistas ferventes como protector do cumplice de Louvel; mas tambem desejava não suscitar contra si a Franc-Maçonaria, castigando o Grão-Mestre do Rito Escossez. Achava-se, pois, n'um cruel embaraço, quando na noite de 18 de fevereiro se deu o facto seguinte: O pae do duque e seus filhos, o duque e a duqueza d'Angoulême, que acabavam de jantar com o Rei, lançaram-se a seus pés e supplicaram-lhe que affastasse de si o snr. Decazes. Vendo que Luiz XVIII persistia, apesar da evidencia, em defen-

A duquesa de Berry, encontrando o duque Decazes no jardim das Tulherias, lança-se nos braços do conde d'Artois e exclama, indicando com o dedo o Grão-Mestre da Franc-Maçonaria: — «Eis o assassino! é elle! é elle o assassino!»

der o seu favorito, o pae do duque deu-lhe a escolher entre elle e o ministro.

«— Majestade — lhe disse com firmeza — eu não posso continuar nas Tulherias, se o snr. Decazes, publicamente accusado pelo snr. Clausel de Coussergues de cumplicidade no assassinato de meu filho, tornar a apparecer ahi, como ministro. Permitta-me Vossa Majestade que me retire para o Elyseu-Bourbon.»

Em face d'esta collisão, Luiz XVIII cedeu, e oito dias depois do crime, o *Monitor* (numero de 21 de fevereiro) noticiou aos Parisienses que o snr. Decazes cessára de ser ministro. Durante os quarenta annos que este homem ainda viveu, nunca mais subiu ao poder; o que, melhor que todas as accusações, prova que um cadaver lhe embaraçava o caminho que conduz ao ministerio.

O que fica relatado mostra que em toda a parte, na Camara, nos jornaes, na magistratura e até na familia real [1] se apreciava com justiça o procedimento do snr. Decazes.

Além d'isso, o attentado de Louvel não foi um facto isolado; pelo contrario, tem ligação intima com a campanha emprehendida n'aquel-

---

(1) O conde de Villèle conta, n'uma das suas cartas, que um dia, em que a duqueza de Berry passeava pelo braço do conde d'Artois, no jardim das Tulherias, Decazes passava e teve a audacia de cumprimentar o pae e a viuva do duque de Berry. Não podendo dominar a sua indignação, nem tampouco deter as lagrimas, a illustre viuva, lançando-se nos braços de seu sogro e apontando Decazes com o dedo á multidão dos cortezãos, exclamou, n'uma explosão de colera e de dôr: «— Eis o assassino! é elle! é elle o assassino!»

(*Nota dos auctores*).

la epocha pela Franc-Maçonaria, em todos os paizes da Europa, contra os reis e em particular contra os da familia dos Bourbons. Os acontecimentos, que em seguida se realisaram em Paris, provam-no evidentemente.

A duquesa de Berry estava pejada, na occasião em que seu marido foi assassinado. Depois da morte d'este, a duquesa habitava o palacio das Tulherias, onde occupava, no primeiro andar, um aposento cujas janellas estavam voltadas para a rua de Rivoli em face da rua da Echelle, e acima d'uma das passagens abobadadas que, atravessando o palacio, punham em communicação a praça do Palacio Real e a rua Richelieu com a praça de Carrousel. A 28 d'abril de 1820, pouco mais de dois mezes depois do crime de Louvel, ás onze horas da noite, foi lançado um petardo com a mecha accesa n'uma d'essas passagens. O petardo expluiu e o estrondo foi violento. O fim que tinham em vista era causar á duquesa de Berry um grande susto e provocar-lhe d'este modo um aborto. Não succedeu, porém, assim. A princesa era uma mulher corajosa e não perdia facilmente o sangue frio. Contentou-se em dizer:

« — Queriam atemorisar-me, mas não o conseguiram.»

Os franc-mações, depois de terem assassinado o pae, attentavam contra a vida do filho, antes mesmo do seu nascimento. O auctor d'esta criminosa tentativa não foi descoberto immediatamente. Na noite de 6 para 7 de maio, a mesma mão criminosa tentou lançar no

mesmo sitio, isto é proximo dos aposentos da duqueza, uma bomba explosiva mais forte do que a primeira; foi, porém, preso quando punha fogo á mecha. O criminoso era um antigo official que se chamava Gravier, e tinha um cumplice, Bouton. Como se vê, o plano da Franc-Maçonaria continuava a realisar-se.

Durante este tempo foi-se instruindo o processo de Louvel. Industriado pelo Grão-Mestre do Rito Escossez durante as desesete horas que havia passado no seu palacio, immediatamente depois da sua prisão, o assassino negou pertinazmente que tivesse cumplices. Fazia-o em phrases pomposas e declamatorias, tão extraordinarias na bocca d'um operario corrieiro sem educação e pouco instruido, que evidentemente haviam sido preparadas por outros, e só provavam a excellencia da sua memoria. Além d'isso, segundo todas as probabilidades, o Grão-Mestre Decazes prometteu-lhe a liberdade, se elle calasse quem foram os inspiradores do seu crime; porque o assassino comportava-se como um homem que espera ser salvo d'um momento para outro.

Por outro lado, a seita agitava-se e preparava uma insurreição.

A discussão da lei sobre a reforma eleitoral começou no dia 15 de maio, na Camara dos deputados. Disputaram ruidosamente sobre esta reforma os reaccionarios, que eram os patriotas realistas, e os liberaes, isto é os franc-mações e os seus amigos. O I.·. general Lafayette ameaçou o governo com uma revolução. A effer-

vescencia desceu do Palacio Bourbon, séde da Camara, ás ruas. Houve alguns conflictos. Os jornaes da seita prégavam a revolta. Os couraceiros e os gendarmes atacaram os grupos dos manifestantes, que dispersaram para se reunirem de novo pouco depois.

A 5 de junho, milhares d'estudantes, de gravata branca, armados de grossas bengalas, reuniram-se no caes d'Orsay, em frente da Camara dos deputados. Acossados pelos gendarmes, só cederam quando caiu uma chuva diluviana. No dia seguinte, 6 de junho, os manifestantes tornaram-se ainda mais ameaçadores. Era n'aquelle dia que a Camara dos Pares deveria julgar Louvel.

Ora, ao passo que a revolta crescia nas praças e no arrabalde Santo Antonio, o assassino do duque de Berry, que esperava ser solto pelos Irmãos e Amigos, lia deante dos juizes uma memoria, não para se defender, mas para expôr os principios da Franc-Maçonaria. Com a voz altiva d'um homem que falla em nome d'uma sociedade poderosa, dizia: «Ao morrer, tenho a consolação de crêr que não deshonrei nem a minha nação, nem a minha familia... Segundo a minha opinião e o meu systema, a morte de Luiz XVI era necessaria, porque a nação consentiu n'ella. Se fosse um punhado d'intrigantes que se tivessem dirigido ás Tulherias e lhe houvessem tirado a vida, era differente; mas, como Luiz XVI e sua familia estiveram presos por tanto tempo, não se póde conceber que a sua morte não fosse com a approvação da na-

ção... Os Bourbons pretendem ser hoje os senhores; mas, segundo penso, elles são culpados, e a nação ficaria deshonrada, se se deixasse governar por elles.»

Cá fóra, as Lojas diziam a mesma coisa pela bocca dos manifestantes.

A Camara dos Pares condemnou Louvel á morte por unanimidade.

No dia seguinte, 7 de junho, ás seis horas da tarde, o assassino foi conduzido á praça de Grève, onde se erguia a guilhotina; estava presente immensa multidão. O governo puzera em pé de guerra o exercito para fazer face aos acontecimentos. Louvel olhava para a direita e para a esquerda, e punha o ouvido á escuta. O partido da Revolução, cuja causa o assassino abraçára tão ardentemente; a Franc-Maçonaria, cujos projectos elle executára expondo a sua vida; os Irmãos e Amigos, cujos nomes recusára obstinadamente revelar; o Grão-Mestre Decazes, cujas instrucções tinha seguido cegamente, não correriam a libertal-o?

O assassino estava ancioso junto do cadafalso. Cumprir-se-íam as promessas de salvação que o Grão-Mestre lhe havia feito? Terrivel momento para o criminoso a quem se armou o braço, se fanatisou e se disse: «Fere, e sê dedicado á nossa causa! Fere, que disporemos tudo para que, dado o golpe, possas fugir! Fere, e se, por effeito de qualquer circumstancia imprevista, fôres preso, estaremos por detraz de ti, na sombra, vigiando! Fere, e no processo que se instaurar, denuncia-te sómente, sacrifi-

ca-te na apparencia, e conta comnosco! Fere, e fica convencido de que não te abandonaremos, de que tomaremos medidas para fazer rebentar, na hora suprema, a Revolução de que serás o precursor, afim de que a revolta popular te arranque ao carrasco e te passeie em triumpho! Fere, fere, valente Cavalleiro Kadosch, heroe das Retro-Lojas; no momento decisivo, os Irmãos te salvarão!»

E o louco, que foi ao mesmo tempo instrumento scelerado e abominavel joquete da seita, o Kadosch fanatico e insensato, espera. Conta os segundos, passeia a vista por sobre a multidão que o rodeia. O desgraçado não comprehendeu ainda que a Maçonaria mata aquelles cuja mão lhe serviu para assassinar. Com o olhar desvairado sonda a multidão, esperando que a um signal qualquer os grupos se formem, as armas reluzam e os Irmãos escalem o cadafalso.

Vã esperança! Elle só tem ao redor de si os apaixonados da guilhotina, a multidão ordinaria e bestial que se deleita com os espectaculos da morte. Nenhum movimento se produz, nenhum signal é dado, a não ser o do executor aos seus ajudantes. O I.·. Louvel é agarrado pelos carrascos e lançado immediatamente ao fatal instrumento, na occasião em que murmura: «Elles não virão liber..» Não teve tempo d'acabar; o seu pescoço foi introduzido na sinistra luneta; o cutelo caiu; a cabeça do I.·. Louvel rolou no lugubre cesto.

Está tudo acabado: o Grão-Mestre, duque Decazes, póde agora dormir em paz.

Mas não! Este homem não viverá socegado.

Todas as vezes que a duqueza de Berry encontrar Decazes, apontal-o-á com o dedo, e, soluçando, exclamará:

« — Eis o assassino! é elle! é elle o assassino!»

VII

WILLIAM MORGAN

Ninguem ignora o cuidado com que a Franc-Maçonaria guarda os seus segredos. E não é, como se pensará, ou como ella affirma, por modestia; mas sim porque receia, desvendados os seus famosos mysterios, succumbir ao odioso e ao ridiculo.

Por muito tempo conseguiu a seita viver na sombra, ao abrigo das indiscreções. Quando alguns escriptores independentes e corajosos descobriam as suas manobras e o seu fim, como fez em França o Padre Le Franc nas suas obras intituladas: *O Véo levantado* e *A Conjuração contra a Egreja catholica e os Soberanos*, a Maçonaria tomava medidas para adquirir todos os volumes — que, n'aquella epoca, eram tirados em pequeno numero — e fazia-os desapparecer immediatamente.

Na America não tinha apparecido ainda nenhuma revelação sobre a seita, ou, se appa-

recera, graças aos esforços dos Franc-Mações, não havia chamado a attenção do publico, quando, em 1826, foi posto á venda, em New-York, um livro intitulado: *Freemasonry exposed and explained — A Franç-Maçonaria exposta e explicada* — por William Morgan.

Esta obra não tinha semelhança alguma com as que se conheciam sobre o assumpto, pois revelava os segredos da Sociedade, até então mysteriosa, e reproduzia integralmente os Rituaes maçonicos do Rito Escossez, que eram então os que se adoptavam geralmente na America. O auctor, jornalista em New-York, tinha feito parte da Loja *Ramo d'Oliveira*, estabelecida em Batavia, condado de Genesee.

Um bello dia, aborrecido do que via e ouvia nas Lojas, sentiu despertar em si os sentimentos d'honestidade e de lealdade que a seita se tinha esforçado por abafar n'elle, sem comtudo o conseguir completamente. Espantado com o mal para que tinha contribuido, quiz reparal-o na medida de suas forças; e com toda a coragem, porque previa perfeitamente que incorreria no odio dos Irmãos e Amigos, escreveu e publicou o seu livro.

A obra causou grande sensação, e contribuiu, pela simples exposição da verdade, para desacreditar a seita. Houve então uma verdadeira explosão de raiva nas Lojas. Decidiu-se que era necessario punir o «traidor» e com a sua morte atemorisar aquelles que fossem tentados a imital-o. Os Cavalleiros Kadosch perguntavam a si mesmos quando receberiam

ordem de ferir o perjuro e os Grandes Inspectores Geraes preparavam os trabalhos para a execução.

Os Irmãos altamente graduados mandaram redigir pelos Kadosch de Batavia relatorios circumstanciados sobre a vida e costumes de William Morgan e reuniram todas as informações colhidas n'um só relatorio, que circulou de mão em mão, com as maiores precauções, entre os grandes dignitarios encarregados da supremacia judiciaria.

Os relatorios dos Kadosch de Batavia retratavam William Morgan como um homem corajoso, determinado e perspicaz, que, prevendo qualquer ataque, tomaria as necessarias precauções. Além d'isso, tendo-se um publico numeroso mostrado favoravel ao auctor da *Franc-Maçonaria exposta e explicada*, seria necessario usar de muita habilidade para o fazer desapparecer sem ruido. O relatorio geral, resumindo os particulares, insistia no facto de que o jornalista não possuia fortuna alguma pessoal, e indicava que sem duvida era por esse lado que franc-mações se poderiam apoderar d'elle.

Tendo-se reunido o Soberano Tribunal, o Grande Orador concluiu que o ex-Irmão William Morgan fosse «privado da sociedade das pessoas honestas», isto é condemnado á morte. Todos os juizes votaram esta sentença, e o Muito Perfeito Presidente quebrou a espada, que representava a vida do corajoso auctor, e lançou os destroços ao meio da assembleia. O jul-

gamento estava feito e só restava executal-o, o que na verdade não era muito facil.

Um dia, um proprietario d'hotel, chamado Kinsley, fervoroso franc-mação, procurou o juiz do seu cantão e disse-lhe: «Roubaram-me roupas brancas e outros objectos. O auctor do roubo é William Morgan; peço que seja preso.» O juiz, que tambem era franc-mação, recebera as necessarias instrucções; obedecendo ás intimações do Supremo Conselho, deu immediatamente ordem de prender o jornalista onde fosse encontrado.

Morgan estava n'aquelle momento em Canandaigua; a policia capturou-o. Mas Kinsley, mais zeloso que habil, preparára mal a calumnia, e a Morgan não foi difficil provar a sua innocencia. Em consequencia, viram-se obrigados a soltal-o passado pouco tempo.

Todavia, este acontecimento desagradavel, no qual Morgan reconheceu facilmente a inspiração da seita, tornára-o ainda mais desconfiado. Durante a sua prisão teve tempo de reflexionar: «Os meus antigos collegas—disse comsigo — mandaram-me prender para me tirar a possibilidade da escolha dos alimentos. Um bello dia administrar-me-hão algum pó, misturado n'um guisado, ou lançarão na bebida algumas gottas de *Agua Tofana,* (1) e serei enve-

---

(1) Ao declinar do seculo XVII existia em Palermo, na Sicilia, uma mulher chamada Toffana, inventora d'um perigoso toxico, que vendia a senhoras ricas, desejosas de se libertarem de seus maridos. Tendo-se descoberto este criminoso negocio, a miseravel Toffana foi presa e confessou ter assassinado com aquelle veneno mais de seiscentas pessoas. Foi executada.

nenado. Morgan examinava toda a comida que lhe serviam, mastigando bem antes de a engolir para vêr se lhe encontrava algum sabor extranho, e contentava-se em comer e beber o estrictamente necessario. Comprehende-se que estas continuas precauções lhe tornavam a permanencia na prisão pouco agradavel; porisso, apenas saíu d'ella, prometteu empregar todos os esforços para não tornar a ser preso.

Entretanto, a sua obra fazia sensação nos Estados Unidos, e muitas pessoas o felicitavam pela sua coragem. Entre os visitantes, apresentou-se um certo Loton Lawson, homem d'agradavel presença, que parecia fruir uma certa fortuna, e nas suas conversações se mostrava mui adverso á Franc-Maçonaria. Este sujeito visitava Morgan com frequencia e repetia-lhe com voz commovida, apertando-lhe cordealmente as mãos:

«—Ah! meu caro amigo, o senhor não imagina o bem, que produziu a sua obra, e o prazer, que senti ao lêl-a. Admiro a sua coragem!

Toffana não deixou declarado qual a composição do terrivel veneno; mas o que é certo é que um pharmaceutico de Napoles, franc-mação, no começo d'este seculo manipulou e aperfeiçoou o veneno de Toffana, que só se fabrica na capital do antigo reino das Duas Sicilias por conta dos chefes secretos da Franc-Maçonaria.

Hoje não se chama a esse infernal toxico *Aqua Toffana*, mas *Manna di San Nicola di Bari*. Os frascos, em que o veneno é expedido aos Supremos Conselhos que o pedem, trazem uma etiqueta adornada da imagem de S. Nicolau.

Para mais informações veja-se *La Franc-Maçonnerie dévoilée et expliquée*, pag. 317 e 318.

(Nota do traductor.)

Francamente, desejava que puzesse á prova a minha amisade; veria então que não ha ninguem que lhe seja mais dedicado que eu.»

«— Hum! hum! pensava Morgan, que era um pouco desconfiado em questão d'amisades; estes cumprimentos não passam de palavras lançadas ao vento. Antes d'acreditar n'esta amisade, aguardemos que as circumstancias permittam experimental-a.»

Este momento não tardou. Um Irmão da Loja de Rochester, David Jackson, apresentou aos magistrados do condado de Genesee, que pertenciam á seita, diversos titulos de divida, segundo os quaes Morgan lhe era devedor de um conto de reis. N'aquella epoca, nos Estados Unidos havia a prisão por dividas; David Jackson pediu que o seu devedor fosse preso. O jornalista, que receiava entrar na cadeia, defendeu-se energicamente: «—Os titulos de divida apresentados contra mim, dizia elle, são falsos! Nada devo a David Jackson!» »—Não nos importa isso por agora, responderam os juizes. A lei é formal; o credor pede que o senhor seja preso, e os titulos apresentados teem todas as apparencias d'authenticidade. O nosso primeiro dever é impedir que o senhor se subtraia ao pagamento da divida pela fuga. Prove o mais breve possivel a falsidade dos documentos apresentados contra si; ou, se não quer ser preso, deposite uma caução d'um conto de reis, que assegure o pagamento da divida, no caso em que o tribunal o reconheça como devedor. «—Não posso depositar o conto de reis, disse

Morgan, porque o não tenho.» «—N'esse caso entrará na cadeia.» E assim succedeu.

«—Isto leva mau caminho! dizia tristemente o jornalista a Loton Lawson, que obteve permissão de o visitar; decididamente é na prisão que as Lojas se querem vingar de mim. Desconfio de todos os alimentos que me apresentam; mas como evitarei o veneno, se não posso escolher a comida e a bebida? Estou convencido de que me é necessario sair d'aqui o mais cedo possivel, aguardando fóra da prisão o resultado da questão. Mas, entre os admiradores que me teem cumulado de louvores, e que me asseguraram a sua dedicação, qual d'elles transformaria as suas palavras em obras? Quem se prestaria a servir-me de fiador? Ninguem!»

Loton Lawson collocou amigavelmente a mão no hombro de Morgan:

«—Ninguem? Engana-se! servir-lhe-ei eu de fiador.»

«—O senhor! Mas sabe que os juizes exigem que essa fiança seja d'um conto de reis?

«—Sei; e amanhã, o mais tarde, trarei essa quantia.

«—Ah! amigo Lawson, o senhor é o meu salvador! Cumpre o que me prometteu por vezes!»

No dia seguinte, 13 de setembro de 1826, á hora convencionada, Loton Lawson voltou á prisão com uma carruagem e alguns amigos. Entregou no cartorio da cadeia o conto de reis; e em seguida disse ao jornalista, contentissimo

por se ver livre: «— D'aqui, o senhor vae para minha casa. Afim de festejar a sua libertação, convidei alguns amigos a irem passar uns oito dias a uma propriedade, que possuo perto do lago Ontario. Passaremos o tempo a caçar, a pescar, a comer bem e a beber melhor; emfim, o meu amigo refazer-se-ha das privações que soffreu na prisão, e fica subtrahido ao odio de seus perseguidores e rodeado d'amigos, que, em caso de necessidade, o defenderão dos punhaes da seita. Minha esposa, que leu o seu livro, está enthusiasmada, e desejando ardentemente conhecel-o, recommendou-me que o levasse comigo apenas o senhor estivesse em liberdade.»

Nada se recusa ao homem que acaba de nos prestar um importante beneficio; e William Morgan subiu sem desconfiança para a carruagem, que o esperava á porta da prisão, a qual partiu em direcção de Rochester.

A conversação foi alegre e animada emquanto se viam casas; mas quando a carruagem entrou nos logares desertos, os companheiros de Morgan, que eram Kadosch do Areopago de Rochester, lançaram-se sobre elle d'improviso. Ao passo que uns lhe atavam solidamente as mãos e os pés com cordas, outros o amordaçavam fortemente com um lenço.

A carruagem rodou até á noite e conduziu-os perto do Forte-Niagara. Parou alli, e os Cavalleiros Kadosch saltaram em terra. O Veneravel da Loja *O Ramo d' Oliveira* de Batavia, da qual Morgon fizera parte, esperava-os. Des-

ligaram as pernas do seu prisioneiro; e, erguendo-o pelos braços e hombros, arrastaram-no para uma casa isolada, situada perto do lago Ontario.

Os Cavalleiros Kadosch mimoseavam-no com murros e pontapés para o obrigarem a caminhar; e quando tardava, ou procurava defender-se, um d'elles picava-lhe as costas com um punhal; se o prisioneiro se extorcia ou exhalava um grito de dôr, abafado pela mordaça, os carrascos zombeteavam. Durante o percurso, insultavam-no atrozmente.

«—Traidor! diziam, não temeste violar os teus juramentos publicando os Rituaes da Ordem; mas vaes ser castigado. A pena a que foste condemnado, perjuro, será executada com todo o rigor. Lembras-te dos tormentos a que serias submettido, se divulgasses os segredos da Franc-Maçonaria? Ser-te-hão applicados! Não pódes esperar perdão, perjuro! E' mister que, se se chegar a descubrir o teu cadaver, o espectaculo de tuas feridas aterrorise os profanos que queiram penetrar os nossos mysterios, e faça reentrar no dever os falsos irmãos, que fossem tentados a imitar-te!»

Era clara aquella noite de setembro, e a lua mostrava o seu brilho de quando em quando. O fiel do armazem do Forte-Niagara, chamado Edward Giddins, viu distinctamente os franc-maçães rodeando e maltratando a sua victima, e ouviu-lhes as censuras e ameaças. Pensando, porém, que era uma quadrilha de la-

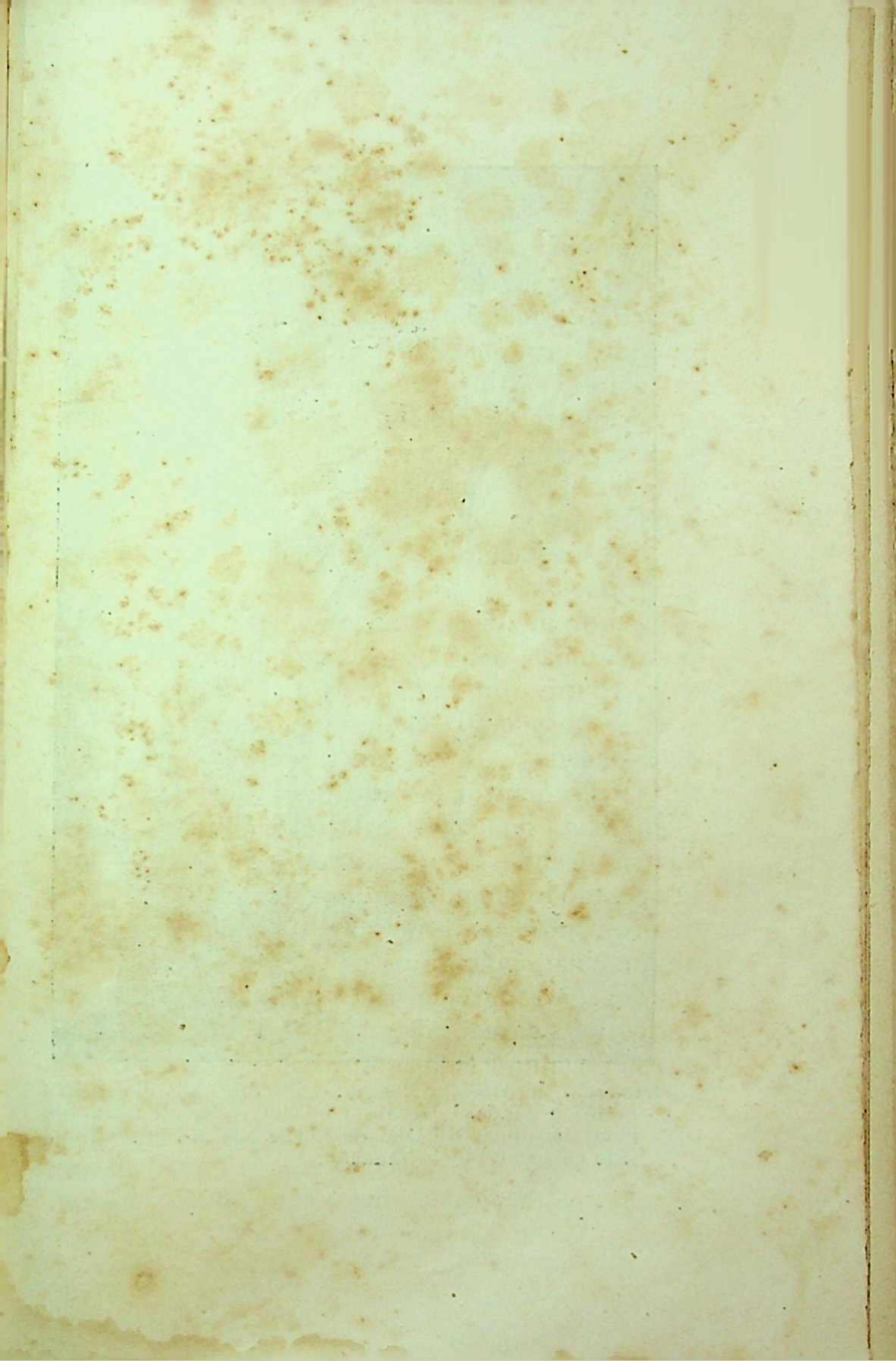
drões que castigava um dos seus, não teve coragem d'intervir.

Os carrascos e a victima entraram na casa isolada, cuja porta foi hermeticamente fechada.

No dia seguinte, ao declinar da noite, uma preta, que vinha buscar agua junto d'esta casa, que julgava deshabitada, estremeceu de repente, porque ouviu gemidos e gritos selvagens. Vacillante entre o terror e a curiosidade, resolveu-se por fim a subir a um muro, d'onde podia olhar por uma janella em que havia alguma luz.

O espectaculo, que presenciou no interior, aterrorisou-a!

Em frente d'ella, bastantemente illuminado por algumas velas, via-se um homem, nu, fixado contra o muro, com as mãos e as pernas abertas, formando uma cruz de Santo André. Em volta dos pulsos e dos tornozellos estavam enroladas quatro cordas, que, violentamente estendidas, tinham a extremidade presa em quatro grandes pregos cravados na muralha. D'este modo mantinham o suppliciado n'uma dolorosa posição, a meio metro acima do solo, no qual não poisava os pés. O seu peito era uma chaga sangrenta. Em redor d'elle homens, ebrios de sangue e d'aguardente, chacoteavam e insultavam-no. Sobre um brazeiro de carvões candentes, estava uma haste de ferro, rubra de fogo. Era uma scena digna do inferno!

«— E' a tua vez, Henrique Brown,» disse aquelle que parecia commandar os assassinos e que era Loton Lawson, presidente do Soberano

Supplicio de William Morgan. — Durante dois dias e tres noites o corajoso jornalista foi horrivelmente torturado pelos membros da Loja de Rochester, aos quaes tinha sido entregue traiçoeiramente.

Tribunal maçonico de Boston, organisador do assassinato. (Foi em Boston que se fundou, em 1733, a primeira Loja dos Estados Unidos da America do Norte.)

O homem interpellado levantou-se do banco em que estava sentado, lançou mão da haste de ferro em brasa, e approximou-se, titubiando, do suppliciado. Ergueu o atiçador á altura do rosto de Morgan e queimou-lhe os olhos. Mas, como o executor estava ebrio, queimou dolorosamente o rosto do paciente, abrindo-lhe chagas horriveis. A carne encoscorou, e a victima soltou um grito tão terrivel, que a preta, testimunha d'esta horribilissima scena, fugiu, com os cabellos ouriçados de terror.

No dia seguinte á tarde, tendo voltado a buscar agua e ouvindo gemidos na casa lugubre, mas mais enfraquecidos que na vespera, subiu de novo ao muro para espreitar pela janella. O corpo de William Morgan nada mais era que uma chaga. As carnes, que tinham sido golpeadas, tomaram côres violaceas; haviam, sem duvida, lançado sobre ellas algum liquido para tornar a dôr mais aguda.

« — Vamos, Monroë, decidir-te-has emfim a terminar com isso? disse Loton Lawson; é a terceira noite que passamos aqui. Dá-lhe o golge de misericordia, o golpe da arteria carotida, e partamos!»

Monroë levantou-se, tirou um punhal, e, visando bem o sitio, enterrou-o no lado esquerdo do pescoço da victima. O infeliz estremeceu

e a cabeça inclinou-se. O supplicio estava terminado.

Durante a noite, o cadaver foi transportado n'um barco e levado a Pembrocke, na provincia d'Ontario, Alto Canadá, onde o enterraram clandestinamente.

Só mais tarde é que as minucias do assassinato foram conhecidas; porque nem Edward Giddins nem a preta ousaram fallar no primeiro momento.

O rapto do jornalista produziu profunda sensação nos Estados Unidos. Formou-se uma Liga Anti-Maçonica para auxiliar os magistrados nas suas investigações; mas estes, que eram franc-maçðes, assim como Clinton, governador do Estado de New-York, não empregaram esforços para que o inquerito désse resultado.

Entretanto, Giddins e a preta decidiram-se a declarar o que tinham visto; os magistrados não prestaram fé aos seus depoimentos. Henrique Brown, n'um momento d'embriaguez, deixára escapar algumas palavras comprommettedoras. Este homem era considerado pelo publico como um dos principaes assassinos; mas, apesar d'isso, os juizes nem sequer o fizeram comparecer na sua presença para investigações.

Em face d'isto, os cidadãos do paiz indignaram-se. Clamaram contra a injustiça dos magistrados. O crime era indiscutivel; e, se o era, qual a rasão porque os magistrados se encerravam em tão escandalosa abstenção? Or-

ganisaram-se comicios em todos os pontos dos Estados Unidos. Por toda a parte se declarava que os franc-mações deviam ser excluidos de todas as funcções publicas. As mães juravam publicamente jámais darem suas filhas em casamento a franc-mações; as filhas compromettiam-se por sua vez a nunca acceitar franc-mações por esposos. A indignação popular alastrava-se de provincia a provincia.

Dois annos depois do assassinato de William Morgan, a 4 de julho de 1828, reuniu-se em Leroy uma assembleia solemne de Anti-Mações. Tresentos Irmãos renegaram publicamente a Maçonaria, e, com applauso d'immensa multidão, declararam que o infeliz Morgan, nas suas revelações, causa da sua morte, nada publicára que não fosse escrupulosamente verdade.

Para se desculpar, a seita mandou propalar pelos seus jornaes que Morgan era um ebrio, e que, tendo ido passear para os lados do lago Ontario, cahiu e se afogou incidentalmente. Os amigos de Morgan protestaram, provando que elle era muito sobrio. Os franc-mações apresentaram então um cadaver encontrado no lago Ontario. Esse cadaver foi, porém, reconhecido: era o de Monroë, assassinado tambem, sem duvida por ter manifestado alguns remorsos. O publico disse, e com rasão, que aquelle cadaver era um novo maleficio da seita. A colera subiu então de ponto.

As Lojas, perante a explosão da indignação publica, deixaram d'effectuar sessões em todo

o territorio dos Estados Unidos, no Canadá e nas outras colonias inglezas da America.

Todavia, tudo tem fim: pouco a pouco a colera popular serenou. Para terminar, em 1832 os jornaes pagos pela Franc-Maçonaria insinuaram que Morgan não tinha morrido, que o ruido feito em torno do seu nome foi obra dos inimigos da Sociedade, e que alguns viajantes o tinham encontrado em Smyrna, onde vivia tranquillamente, de mistura com os discipulos de Mahomet. Como Smyrna, situada na Asia, na extremidade do Mediterraneo, está a alguns milhares de leguas de New-York, que se acha situada nas margens do Oceano Atlantico, a verificação da versão maçonica era difficil de fazer. Além d'isso, a opinião publica estava enfastiada. Por isso ficou tudo com até então.

Só em agosto de 1875 é que o *New-York Hérald,* o mais importante jornal dos Estados Unidos, recomeçou o inquerito e descobriu, em julho de 1881, a sepultura do infeliz Morgan, em Pembrocke, como já dissemos. Os membros da Loja de Rochester foram reconhecidos officialmente como os assassinos. Na fossa da victima encontraram-se alguns pedaços de papel com o nome do franc-mação Henrique Brown, um dos principaes assassinos. Pelo que diz respeito a Loton Lawson, não se soube mais o que foi feito d'elle.

Hoje, a estatua de William Morgan eleva-se n'uma das praças publicas de Batavia, estado de New-York. Foi inaugurada solemnemente em 1882. E' conveniente que se saiba que os

jornaes europeus, redigidos por franc-mações, não disseram uma só palavra a respeito d'esta ceremonia, cujo fim era glorificar o corajoso escriptor, que pagou com a vida o seu amor á verdade.

VIII

OS CARBONARIOS DE MARSELHA

Um triplice assassinato commettido com inaudita audacia em 1834, aterrorisou a cidade de Rodez, situada no Meio-dia da França. As investigações da policia provaram que este crime foi realisado em execução d'uma sentença promulgada por uma «Venda de Carbonarios.»

Antes d'avançarmos mais, tornam-se necessarias algumas explicações.

Em todas as revoluções que se teem realisado, quer em França, quer nos outros paizes, desde a queda de Napoleão I, tem apparecido uma associação secreta chamada em italiano «Carbonara», e nas outras linguas Carbonaria ou Maçonaria Forasteira.

O que é a Carbonaria? Quem são os homens que fazem parte d'ella, os carbonarios?

A Carbonaria é filha activa da Franc-Maçonaria, e tem como dogmas principaes, como regra de proceder, os seguintes artigos do regulamento d'uma das mais importantes Retro-Lojas da Europa: referimo-nos á Alta Venda *A Joven Italia*, fundada pelo celebre Mazzini.

«Artigo 2.º Tendo reconhecido os horriveis males do poder absoluto e os ainda maiores das monarchias constitucionaes, devemos trabalhar para fundar uma republica una e indivisivel.

«Artigo 30.º Aquelles que não obedeçam ás ordens da Sociedade, ou que desvendam os seus mysterios, serão apunhalados sem remissão. O mesmo castigo é reservado aos traidores.

«Artigo 31.º O Tribunal secreto pronunciará a sentença e designará um ou dois filiados para a sua execução immediata.

Artigo 32.º Quem recusar executar a sentença será declarado perjuro, e, como tal, morto immediatamente.

Artigo 33.º Se o culpado escapar, será perseguido sem tregoas nem descanço em qualquer logar, e deverá ser apunhalado, mesmo que seja no seio de sua mãe ou no Sanctuario de Christo.

«Artigo 34.º Qualquer Tribunal Secreto será competente, não só para julgar os adeptos culpados, mas tambem para condemnar á morte qualquer pessoa que haja incorrido no seu anathema.»

A Alta Venda *A Joven Italia*, que tem e segue semelhantes regulamentos, é considerada pelos franc-mações altamente graduados como a Alta Venda modelo. Julgue-se por isso qual é o espirito da «Carbonara» ou Maçonaria Forasteira.

Este grupo é a guarda avançada da seita; organisa as revoluções e toma parte em todas as sedições, que possam ser uteis ao fim que tem em vista a Maçonaria.

Os carbonarios recrutam-se do seguinte modo:

Entre os Irmãos Tres Pontinhos ha ho-

mens de todos os caracteres. Uns satisfazem-se com os discursos que ouvem nas Lojas, com as ceremonias a que assistem, e contentam-se e não querem sair de suas occupações habituaes senão no dia fixado e na hora determinada; outros são de temperamento ardente e não concebem uma associação politica sem a acção publica, quer pela palavra, quer pelas armas.

São estes ultimos os chamados pelos dignitarios da seita para fazerem parte da Maçonaria Forasteira.

Para qualquer mação se filiar n'esta guarda avançada, é necessario reunir as seguintes condições: ter recebido o gráo de Mestre, ser membro activo e assiduo da sua Loja, e haver assistido pelo menos ás ultimas quatro sessões dos Mestres do seu Atelier.

A Maçonaria Forasteira não é organisada da mesma maneira que a Maçonaria ordinaria. As Lojas d'esta podem ter numero illimitado de membros; não succede o mesmo na Carbonaria.

Veja-se o quadro resumido e completo da sua organisação:

No logar mais elevado está a Venda Suprema, que conta tantos membros quantos são necessarios; nunca, porém, são numerosos, e brevemente se verá porque. Todos receberam o gráo 32.º na Franc-Maçonaria; por consequencia, são classificados entre os chefes da Ordem.

Cada um dos carbonarios da Venda Suprema reune em redor de si desenove Irmãos

Tres Pontinhos, nos quaes tenha plena confiança. Esta reunião toma o titulo d'Alta Venda, e não póde contar mais de vinte membros, comprehendido o presidente. Só este a representa junto da Venda Suprema. Cada um dos desenove conjurados que obedecem a este chefe, só a elle conhecem, e a nenhum dos membros da Venda Suprema.

Cada um dos carbonarios da Alta Venda agrupa a si desenove associados. O grupo assim formado chama-se Venda Central.

Forma-se um quarto grupo, sob o nome de Venda Particular, que é o ultimo degráo da escada. Este grupo, composto de vinte conjurados, obedece a um d'elles, que o representa na Venda Central, da qual é membro.

Vê-se, pois, que cada mação 32.º que faz parte da Venda Suprema, commanda directamente vinte Irmãos d'uma Alta Venda, e indirectamente quatrocentos Irmãos das Vendas Centraes, e oito mil das Vendas Particulares.

Ha, portanto, na Venda Suprema tantos membros quantas vezes oito mil existam em toda a associação.

Graças a esta jerarchia, os carbonarios obedecem a chefes supremos que não conhecem, pois que só tratam com o seu commandante immediato.

Além d'isso, é expressamente prohibido aos Irmãos frequentarem uma outra Venda que não seja aquella de que façam parte. E' o contrario do que se pratíca na Maçonaria ordinaria, pois n'esta os associados são admittidos

em todas as Lojas não só do seu rito, mas até d'um rito estranho.

Da organisação da Maçonaria Forasteira e do segredo a que são obrigados os seus membros, resulta que a Alta Maçonaria dos gráos chamados administrativos dispõe d'um exercito d'escravos cegos e d'uma força politica não só consideravel, mas que principalmente tem um poder espantoso, em consequencia da unidade d'acção e da promptidão com que as ordens emanadas d'alto são transmittidas e executadas no momento opportuno.

E' tambem conveniente saber-se que a Maçonaria Forasteira não funcciona permanentemente. Os Irmãos dos altos gráos organisam-na e fazem-na manobrar sómente quando o exigem as necessidades da politica, isto é quando a Maçonaria não occupa o poder ou vê a instituição ameaçada por qualquer perigo.

Em França funccionou principalmente no fim do reinado de Napoleão I; no de Luiz XVIII, em que preparou os Cem Dias; e no de Carlos X e Luiz Filippe.

No tempo da segunda Republica, a Maçonaria organisou tambem numerosas Vendas, para sustentar a agitação e conservar um poder, que a seita sentia fugir-lhe.

Emfim, a época mais recente do funccionamento do Carbonarismo em França, é a do septenato do marechal Mac-Mahon; desde a queda da Communa até á eleição do snr. Grévy tem alimentado a conspiração latente, prompta para o que der e vier, sempre álerta para dar

um golpe decisivo, manobrando na sombra com o effectivo d'umas oitocentas Vendas, isto é, com deseseis mil Irmãos resolvidos a tudo.

O carbonario é o soldado da revolta, como o Cavalleiro Kadosch é o secreto executor das vinganças maçonicas. O instrumento predilecto do Kadosch é o punhal; o do carbonario é a espingarda. Qualquer membro d'uma Venda deve ter permanentemente em casa uma carabina e cincoenta cartuchos, e estar preparado para descer á rua ao primeiro signal.

Eram necessarias estas explicações para intelligencia do que vae relatar-se. E' mister conhecer-se os principios da Maçonaria Forasteira, a sua organisação e o seu fanatismo para explicar o odio com que foram assassinados em Rodez, em 1834, os esposos Emiliani e o seu amigo Lazzoneschi.

As victimas haviam sido condemnadas por sentença secreta, lavrada em Marselha na Loja *A Perfeita União*. Esta Loja, fundada em 18 d'abril de 1828 pelo Grande Oriente da França, ainda existe. Os seus membros reunem-se regularmente todas as segundas feiras, ás oito horas da noite; o local é em Marselha, rua Piscatoris, n.º 24.

Em todo o littoral francez do Mediterraneo, na Provença e no Languedoc, habitam muitos emigrados Italianos. Principalmente na provincia das Bouches-du-Rhône, numerosos Maçoes estrangeiros frequentam as Lojas do paiz e acabam por se filiar n'ellas quando se resolvem a estabelecer-se definitivamente em França.

N'este caso estavam, em 1833, quatro Italianos, os snrs. Emiliani, Scuriatti, Lazzoneschi e Adriani. Todos tinham o gráo de Mestre, eram assiduos ás sessões da Loja e pareciam homens energicos. Os chefes da seita sympathisaram com elles e fizeram-nos entrar na Maçonaria Forasteira.

Quando viram que não se tratava d'ouvir conferencias e d'assistir a iniciações repletas d'incidentes comicos, mas de se prepararem para ao primeiro signal fazerem fogo por detraz d'uma barricada, reconsideraram e demittiram-se.

Infelizmente para elles, já conheciam, mais do que convinha aos chefes, a Maçonaria Forasteira; além d'isso, quando Emiliani se retirou, exprimiu d'uma maneira mui cathegorica a sua reprovação pelos conluios revolucionarios dos carbonarios.

Isto produziu grande sensação na Venda, porque se receiou que os demissionarios fizessem qualquer revelação compromettedora para a seita.

Que conviria fazer n'esta situação?

N'esta difficil conjunctura, escreveram a Mazzini, que estava em Genebra, e que dirigia a acção das Retro-Lojas e das Vendas.

O chefe da Maçonaria Forasteira deu tanta importancia á questão, que se dirigiu a Marselha, reuniu na Loja *A Perfeita União* os Irmãos que tinham os mais elevados gráos e constituiu-os em tribunal secreto.

Mazzini presidiu á sessão, tendo por secre-

tario o I.·. La Cécilia, pae do revolucionario que mais tarde, em 1871, foi general da Communa de Paris.

A Franc-Maçonaria abriu um inquerito sobre os quatro Italianos, e pelos espiões que tinha ao seu serviço, soube que os carbonarios demissionarios estavam em Rodez.

O Tribunal Secreto decidiu que Emiliani, aquelle que tinha francamente manifestado sentimentos hostis á Carbonaria, fosse assassinado.

Ordinariamente, quando a seita lavra semelhante sentença, toma precauções, não só para não deixar escripta em qualquer folha de papel a sua resolução, mas até destroe todos os documentos de inquerito, que motiva a sentença; no caso de que se trata não procedeu assim.

Segundo o seu costume, Mazzini, muito prodigo da sua assignatura, mandou redigir integralmente a abominavel sentença, e teve a audacia de a assignar com o titulo de M.·. P.·. P.·. (Muito Perfeito Presidente) e de a fazer rubricar por La Cécilia com o titulo de C.·. G.·. S.·. (Chanceller Grande Secretario.)

Esta sentença de condemnação terminava d'este modo: « O Presidente da Venda de Rodez escolherá os executores da presente sentença, que ficarão encarregados de a executar no rigoroso praso de vinte dias; aquelle que se recuse a isso, incorrerá na pena de morte *ipso facto.*»

Entretanto a Franc-Maçonaria resolveu proceder com prudencia e occultar o verdadeiro motivo do crime. Deliberou que Emiliani fosse

assassinado por Italianos, afim de fazer acreditar n'uma vingança particular. Era necessario prevêr o caso de que os assassinos não conseguissem fugir a tempo e fossem capturados pela policia.

Algum tempo depois Emiliani, ao passar pelas ruas de Rodez, foi assaltado por seis dos seus companheiros, que, questionando com elle sobre motivo futil, na confusão da desordem lhe deram algumas punhaladas. Os assassinos julgaram-no morto e fugiram.

Durante algum tempo, conseguiram substrair-se ás investigações da policia, mas por fim foram descobertos e presos.

Relativamente a Emiliani, teve a felicidade de sobreviver aos ferimentos; ficou, porém, muito enfraquecido. A justiça instruiu o processo; mas, enganada por certas apparencias, que a seita habilmente tinha engendrado, não suspeitou o verdadeiro motivo da aggressão, e julgou-se apenas em presença de simples desordeiros, sempre dispostos a manejar o punhal.

Na audiencia do tribunal, os culpados foram condemnados apenas a cinco annos de prisão, não tendo sido provada a premeditação do crime.

Emiliani, ainda descórado pela perda do sangue, assistiu á audiencia, acompanhado de sua esposa, que lhe prodigalisava os cuidados reclamados pelo seu estado de fraqueza.

Ao sair da audiencia, sentindo-se fatigado, entrou n'um café pelo braço de sua consorte,

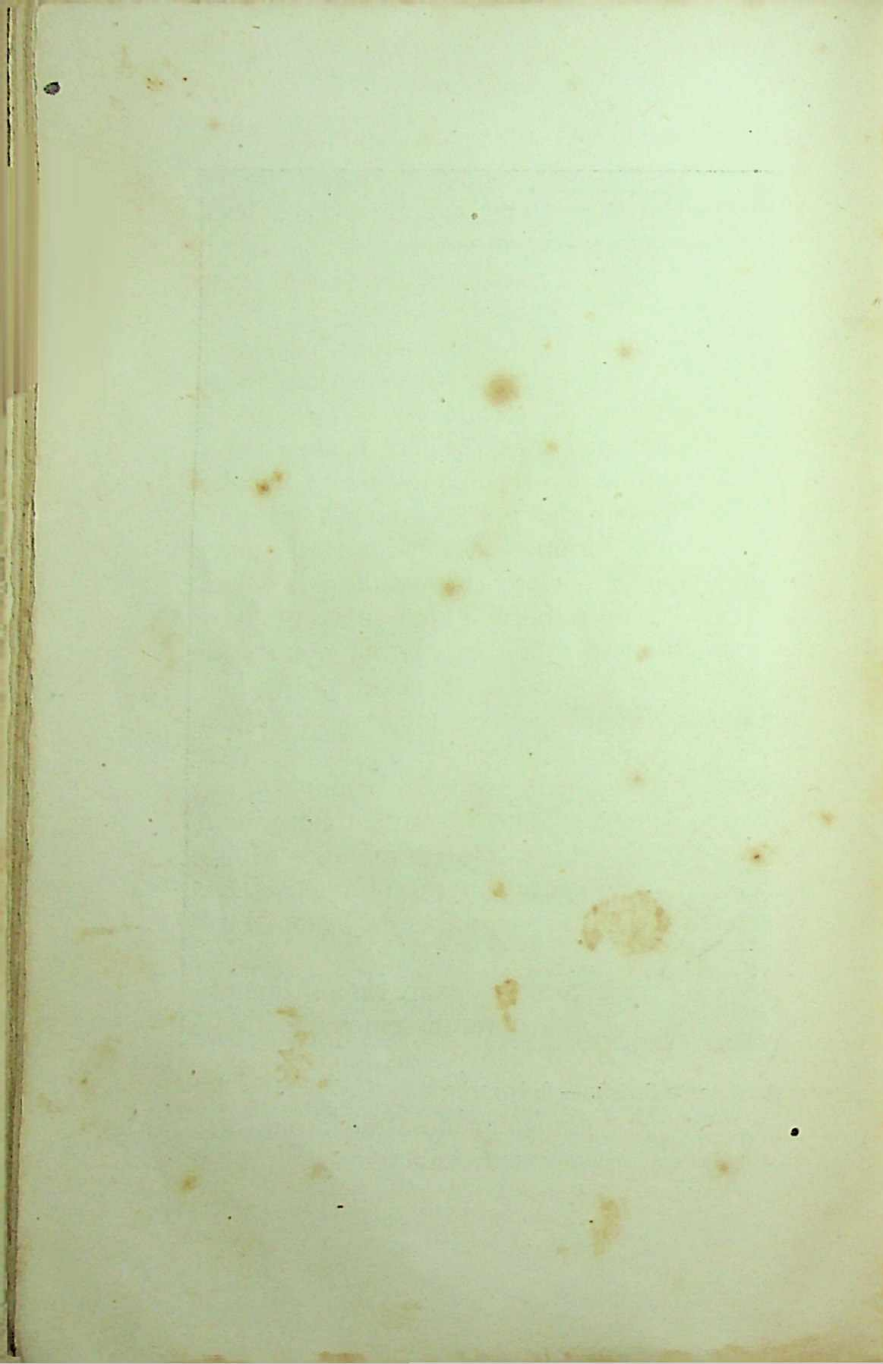
acompanhado do seu amigo Lazzoneschi. Davam-se reciprocamente os parabens por se verem desembaraçados de seus inimigos e de poderem levar uma vida tranquilla, pelo menos durante os cinco annos que os assassinos estivessem entre ferros; mas os seus projectos não deviam realisar-se.

Apenas se sentaram, um homem, que não conheciam, entrou no café. Sem dizer palavra, dirigiu-se para Emiliani e cravou-lhe um punhal no peito; voltou-se para Lazzoneschi e estendeu-o por terra com segunda punhalada; e, como a esposa de Emiliani se precipitasse em auxilio de seu marido, agarrou-a e vibrou-lhe duas punhaladas.

Esta scena apenas durou alguns segundos. O assassino não pronunciou uma só palavra, não proferiu um unico grito. Depois de perpetrado o crime, fugiu. Algumas pessoas correram após elle, aproximaram-se-lhe e prenderam-no. O assassino defendia-se desesperadamente; conseguiram, porém, domal-o. Veio a policia e encarcerou-o.

Então a justiça desconfiou que n'este assassinato havia alguma coisa mais que vingança particular. Os magistrados procederam a minucioso inquerito e conseguiram apoderar-se da famosa sentença do Tribunal Secreto de Marselha, assignada por Mazzini e rubricada por La Cécilia.

Emiliani e sua esposa, assim como Lazzoneschi, succumbiram pouco tempo depois. As exequias realisaram-se com certa solemnidade;

O crime de Rodez. — Dois carbonarios italianos, Emiliani e Lazzoneschi, ao demittirem-se deixaram comprehender que tinham horror á seita e por esse facto foram apunhalados em Rodez, bem como a snr.ª Emiliani, pelo I.·. Gaviol.

todavia era tão grande o terror na cidade, que as pessoas que assistiram aos funeraes como protesto contra o crime, pediram licença á auctoridade para trazerem constantemente armas comsigo, afim de se defenderem, em caso d'ataque.

O assassino foi guilhotinado. Chamava-se o I.·. Gaviol. Este miseravel tinha subido todos os degráos da escada do assassinato da Franc-Maçonaria: era Cavalleiro Kadosch.

As victimas e os culpados n'este horrivel facto são conhecidos por seus nomes; os motivos do crime foram desvendados clarissima e evidentemente; a sentença lavrada pela Venda de Marselha foi publicada com as assignaturas (este documento ainda existia, ha poucos annos, nos archivos do tribunal de Montpellier, que conta Rodez na sua circumscripção judiciaria); os jornaes da epoca relataram os factos circumstanciadamente; nunca nenhum crime foi, pois, melhormente provado, mais incontestavelmente estabelecido do que este triplice assassinato, commettido por um Cavalleiro Kadosch, executor das vinganças da Franc-Maçonaria.

Vê-se, pois, que não exageramos quando, no preambulo d'esta obra, dissemos que a seita prepara nas Retro-Lojas os seus iniciados para a pratica do assassinato.

Começa por mandar-lhes que apunhalem manequins, cabeças sem vida e carneiros; e, depois de os acostumar ao pensamento do cri-

me, dirige-lhes o braço homicida contra os Emiliani e os Lazzoneschi.

IX

O CONDE ROSSI

Expuzemos, no capitulo precedente, a organisação da Maçonaria Forasteira ou Carbonaria. Vimos os carbonarios de Marselha condemnar quatro dos seus, cujo crime era terem-se demittido para se não associarem aos crimes da seita, e, por ordem de Mazzini, perseguirem dois dos condemnados até Rodez e assassinarem-nos com odio inaudito.

Antes de começarmos um estudo necessario sobre o consideravel papel desempenhado n'este seculo por Mazzini e pelo Carbonarismo; antes d'explicarmos, apoiando-nos em factos historicos, qual o verdadeiro fim da unidade italiana, obra capital da Franc-Maçonaria, relataremos um assassinato que sobrepujou em audacia todos aquelles de que temos fallado até ao presente, um assassinato na execução do qual a seita não tomou a precaução de se occultar, sobre cujos motivos não procurou illudir o publico, como fez por occasião do assassinato do duque de Berry, e do qual até se chegou a gloriar!

Referimo-nos ao assassinato do conde Pellegrino Rossi. Trata-se d'um homem de quem a seita se apoderou na sua juventude, ao qual

formou, educado para o fim de combater frente a frente o Papado, e que, sendo furibundo carbonario contra o Soberano Pontifice, soffreu a benefica influencia do Papa, operou-se n'elle uma completa transformação, viu de repente a luz da fé brilhar na sua alma, esclarecel-a, dissipar as trevas accumuladas na sua consciencia por odio irreflectido á Egreja, e, quebrando os grilhões que o prendiam, converteu-se, dando os mais brilhantes testemunhos da sua sinceridade e da sua abnegação. O conde Rossi pagou com a vida esta corajosa conversão.

Rossi fôra apaixonado partidario da unidade da Italia. Mazzini queria a Italia una, mas republicana; outros tinham formado o projecto d'unificar a peninsula sob o dominio da monarchia de Saboia. Rossi, rompendo, depois da sua conversão, com o programma da seita, sustentou que o seu paiz encontraria a força nacional, para o estabelecimento da qual elle trabalhava, agrupandó todos os principes italianos n'uma confederação, que seria presidida pelo Papa. Era uma ideia nova, patriotica, não impossivel de realisar, mas que destruia os sombrios fins da Franc-Maçonaria. Porisso, os carbonarios assassinaram o promotor d'esta ideia, ao mesmo tempo patriotica e christã.

Rossi, que nasceu em 1787 em Carrara, na Italia, advogado no tribunal de Bolonha e já celebre aos vinte annos, filiou-se cedo na Maçonaria, que o fez passar pouco depois das Lojas para as Vendas. Combateu, sob as ordens de Murat, contra os Bourbons de Napo-

les. Depois do restabelecimento dos Bourbons, foi obrigado a expatriar-se, dirigindo-se a Genebra, onde em 1820 foi nomeado deputado ao Grande Conselho d'este cantão, tornando-se em pouco tempo na Suissa o chefe reconhecido do partido anti-clerical.

Guizot, que o apreciava muito, e que, como elle, odiava o catholicismo, conseguiu decidil-o a ir estabelecer-se em França, quando Luiz Filippe subiu ao throno. Rossi naturalisou-se francez em 1833. De 1833 a 1837, regeu no collegio de França o curso d'economia politica com claresa e eloquencia, mas sem se esquecer de propagar as doutrinas, que então se chamavam liberaes; ou, para fallar com mais exactidão, não despresou occasião alguma de preparar os espiritos de seus ouvintes para receberem e admittirem a doutrina maçonica. Seria demasiado longo e fóra de proposito alargarmo-nos n'esta obra sobre este assumpto; talvez nos occupemos d'elle qualquer dia.

Em 1845, Rossi foi enviado a Roma, como plenipotenciario, afim de pedir ao Papa, da parte de Guizot, «a repressão da ordem dos Jesuitas.» Esta missão, dada no seu proprio paiz a um Irmão que tinha sido proscripto por carbonario, encheu d'alegria a Maçonaria italiana, que viu n'ella um desafio ao Papado. Mas esta alegria foi de pouca duração. Depois da morte de Gregorio XVI, o anti-clerical Rossi, esclarecido como um novo Saulo pela graça de Deus, libertou-se do jugo vergonhoso da seita

e tornou-se o principal conselheiro do novo Pontifice — Pio IX.

«Quero tornar-me italiano e não emigrado — escreveu a um amigo — poucos dias antes de subir ao poder. O Papa destruiu todas as minhas duvidas. Conheço as difficuldades da empresa que acceito; sei que hei de encontrar obstaculos e empecilhos, onde devia achar animação e auxilio. Todavia, farei o que puder para satisfazer a minha consciencia d'homem, de cidadão e d'italiano, deixando, como sempre tenho feito, os miseraveis e os loucos criticar a seu bel prazer...»

Foi o Padre Vaures, religioso francez residente em Roma, que decidiu o ex-I.·. Rossi a acceitar o poder. «E' isso um dever de consciencia», lhe disse. Então, o eminente homem d'Estado tomou uma heroica resolução e respondeu: «Faça-se a vontade de Deus!»

Em 16 de setembro de 1848 resolveu-se a entrar no governo na qualidade de ministro do reino, encarregado ao mesmo tempo da policia e das finanças. Rossi queria pôr em evidencia a auctoridade papal, tornando-a o centro do patriotismo italiano e submettendo-lhe moralmente toda a peninsula. Os carbonarios, guiados por Mazzini, comprehenderam immediatamente que, se o conde continuasse no poder, a revolução em Italia tinha os dias contados. Juraram, pois, anniquilal-o, e preludiaram o seu assassinato com ataques na imprensa. Rossi contentou-se em responder aos insultos

na *Gazeta de Roma*: «Ha louvores que offendem e insultos que honram.»

Pouco faltou para que o crime fosse commettido em outubro de 1848, em vez de o ser em novembro, como effectivamente foi. Os carbonarios propunham-se, durante uma noite designada, occupar em massa a praça do Povo e o Forum de Trajano, apoderar-se das portas de Roma, invadir o Quirinal e forçar o Papa a renunciar á sua auctoridade temporal, proclamando em seguida a republica. A revolta, revelada a Rossi por um dos conjurados, que sentiu remorsos, não pôde rebentar, em consequencia das medidas tomadas pelo ministro.

A 15 de novembro de 1848 devia realisar-se a abertura do parlamento romano. O ministro tencionava pronunciar na camara um discurso que, estabelecendo claramente o programma que se propunha seguir, daria o ultimo golpe na revolução. Os franc-mações resolveram, pois, assassinal-o antes d'elle entrar na sala das sessões. Já em 28 d'outubro o jornal satyrico *Don Pirlone*, havia designado a data do crime: 15 de novembro. Em 14, a *Epoca* predizia a queda do ministerio em termos positivos. Demais, as Lojas de Paris conheceram com antecedencia a data do assassinato, a qual lhes fôra communicada pelos Irmãos d'Italia que a 10 de outubro, n'um conselho reunido em Turim, a fixaram. Mazzini, n'uma carta que foi publicada, tinha declarado que «aquella morte era indispensavel.»

Rossi, longe de desanimar, permanecia ina-

cessivel ao medo, e dizia corajosamente na *Gazeta de Roma*, de 11 d'outubro, «que não seria feliz quem tentasse executar certos projectos.»

Na noite de 13 para 14, Rossi mandou prender dois dos conjurados, Januario Bomba e Vicente Carbonelli, e conduzil-os á prisão dos forçados de Civitta-Vecchia. Durante o trajecto os presos não cessaram d'ameaçar o ministro. «Saír-lhe-á cara a nossa captura! dizia Carbonelli; antes de chegarmos a Civitta-Vecchia, teremos noticias d'elle!» E, com effeito, realisou-se o que Carbonelli previa.

No dia 14, os carbonarios reuniram-se no theatro Capranica, decidindo assassinar Rossi, na occasião em que fosse a entrar para o palacio da Chancellaria. O nome dos assassinos foi tirado á sorte. Foram designados cinco ou sete. Sante-Costantini foi o incumbido de dar o primeiro golpe. Diz-se que os conjurados procuraram, no hospital de San-Giacomo, um cadaver da estatura de Rossi. Conduziram-no á sala do theatro Capranica, ergueram-no d'encontro a um supporte, e Sante-Costantini, para se adestrar, deu-lhe o golpe da arteria carotida. Este golpe é ensinado nas Retro-Lojas; teremos occasião de vêr, pela narração circumstanciada do assassinato, em que consiste esse golpe.

Para prevenir as perturbações que podia occasionar a abertura do parlamento, Rossi quiz confiar aos carabineiros, com a fidelidade dos quaes contava, a guarda do palacio da Chancellaria; mas não conseguiu vingar a sua opi-

nião perante a maioria dos ministros, que julgavam que a guarda civica bastaria para manter a ordem.

Na manhã do dia 15 de novembro, Rossi recebeu, quatro ou cinco vezes, advertencias para se acautelar, mas respondia desdenhosamente: «Elles não ousarão!» A duqueza de Rignano, entre outros, esposa do ministro das obras publicas, escreveu-lhe: «Não saia, porque será assassinado!» Baldadamente a condessa Rossi o aconselhou a não saír; em vão lhe disse Pio IX, quando elle foi vel-o ao Quirinal: «—A sua vida está ameaçada!» «Elles não ousarão!», respondeu mais uma vez o conde. «Deus o queira! Mas receba a benção que lhe dou de toda a minh'alma!» E o Pontifice estendeu a mão sobre aquelle que caminhava para a morte com tanto heroismo.

Quando sahia dos aposentos do Santo Padre, recebeu um aviso de Monsenhor Morini, respondendo o seguinte: «—*La causa del Papa è la causa di Dio; andiamo!* A causa do Papa é a causa de Deus; ávante!»

A sessão da Camara estava fixada para a uma hora depois do meio dia. Desde as nove horas da manhã, os conjurados foram chegando, por grupos, á praça que se estende em frente do palacio da Chancellaria. Em breve a praça encheu-se quasi completamente com esses homens. O seu chefe, o I.·. Grandoni, vestido d'official e d'espada á cinta, caminhava da direita para a esquerda, vigiando se cada Irmão estava no seu posto. Os franc-maçções não

occultavam o seu sinistro projecto. Percorriam a praça, conversavam em voz alta, e olhavam constantemente para o lado por onde devia vir a carruagem do ministro, «como se aguardassem qualquer animal de caça ou algum inimigo embuscado.» Nenhum d'elles perdia de vista Grandoni, promptos todos a executarem as suas ordens. No interior do palacio, grande numero de deputados occupavam já o seu logar, e as tribunas regorgitavam d'espectadores, avidos d'ouvir o eminente homem d'Estado pronunciar o discurso, do qual elle dissera dois dias antes: «Se me deixarem fallar, se me derem tempo para pronunciar o discurso que preparei, e que talvez traga a salvação da Italia, fica morta a demagogia na peninsula.»

No caminho o cocheiro, José Decque, tendo ouvido assobios e visto correr homens de rosto sinistro, parou a carruagem, mas Rossi fez-lhe signal para continuar.

Chegado á praça, a carruagem atravessou lentamente a multidão, transpoz a porta do palacio e parou no meio do vestibulo. Os conjurados, em numero de sessenta, faziam alas de cada lado da passagem que separava a carruagem da escada, nos primeiros degráos da qual estava o I.·. Grandoni. Quando a carruagem parou, uma voz exclamou: «Chut!» Estabeleceu-se silencio profundo. O lacaio abriu a porta e desceu o estribo. Righetti, substituto de Rossi no ministerio da fazenda, foi o primeiro que saiu.

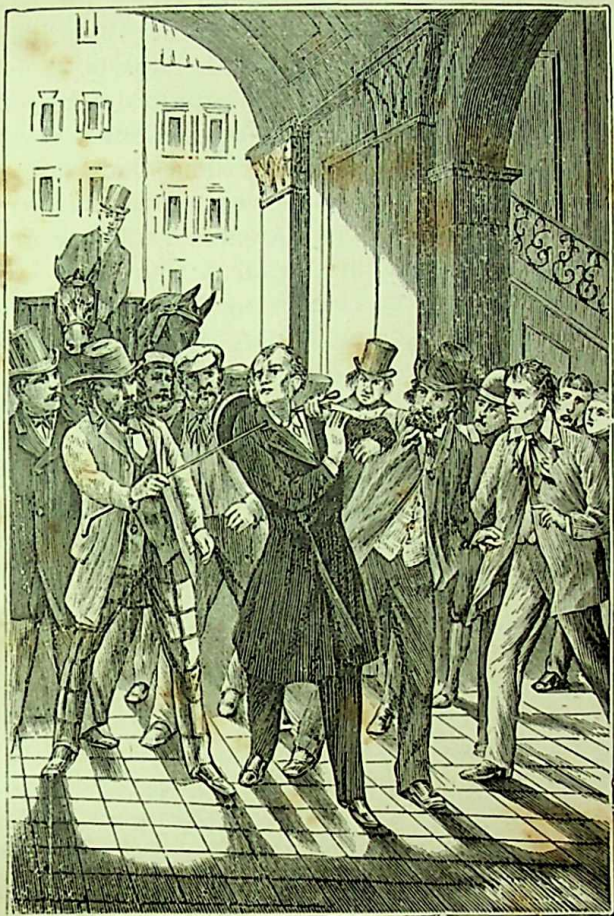
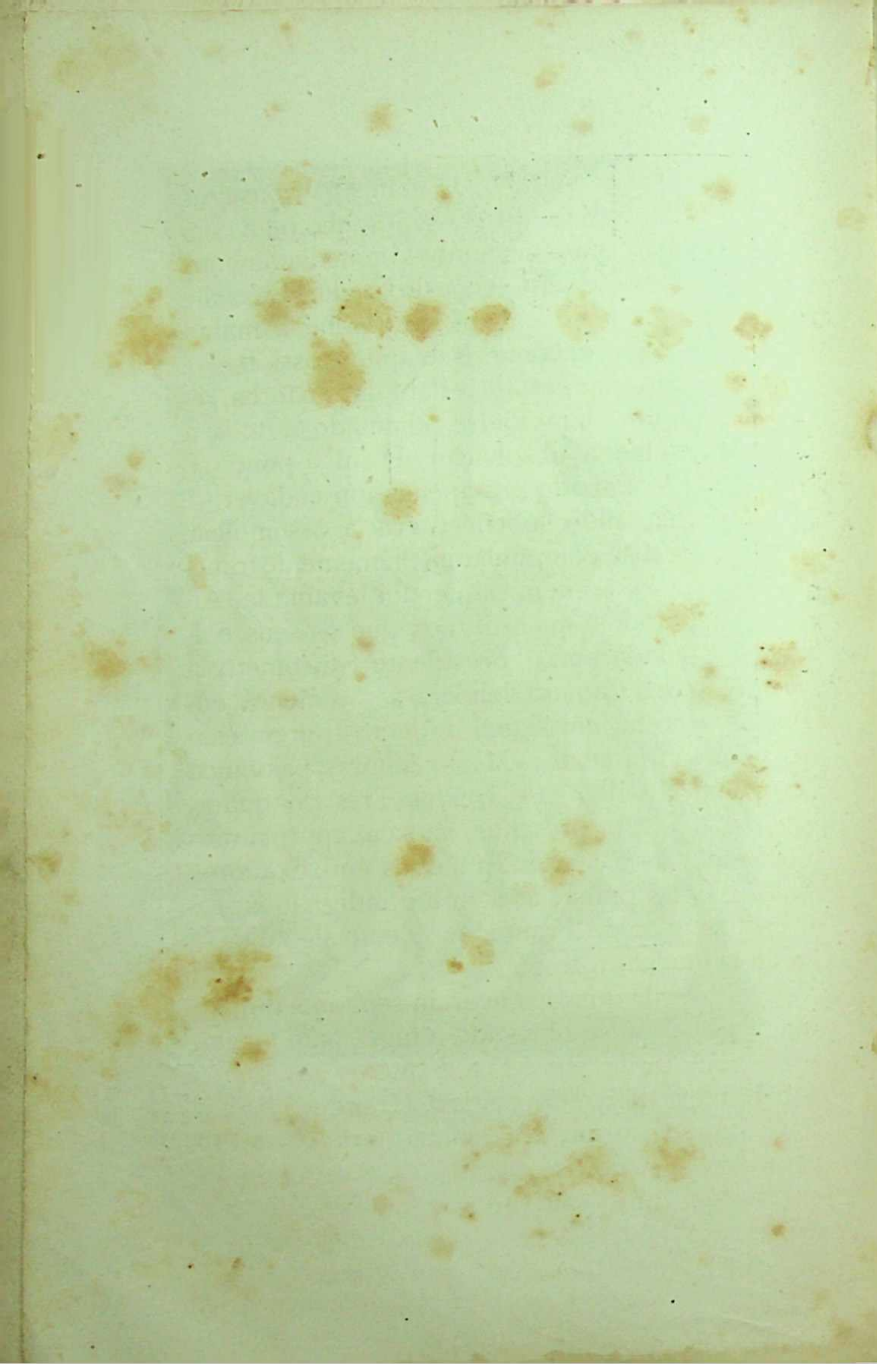
Quando o ministro appareceu, descendo

por sua vez da carruagem, os carbonarios romperam em assobios e gritos de: «Trucide-se Rossi! Abaixo Rossi! Morte a Rossi!»

O intrepido ministro, seguido de Righetti, caminhou, de cabeça erguida, por entre os seus insultadores; mas apenas tinha dado alguns passos, os carbonarios, por um movimento combinado, sahiram de seus logares e collocaram-se atraz d'elle para lhe cortar a retirada e separal-o de Righetti. Então os «ultionistas», que haviam sido designados para o assassinato, executaram «o golpe da arteria carotida.» Um d'elles bateu ligeiramente no homem direito do ministro com uma bengala. Rossi voltou a cabeça para o insolente, estendendo com este movimento a parte esquerda do pescoço e deixando em saliencia a arteria carotida. No mesmo instante, Sante-Costantini enterrou-lhe o punhal no lado esquerdo do pescoço, cortando-lhe a arteria.

Apenas Rossi sentiu penetrar nas carnes a lamina fria, levou a mão á ferida e murmurou entre dentes: «Assassinos!» Esforçou-se por continuar a andar, mas as forças abandonaram-no; cambaleia, arrasta-se para o muro afim de se apoiar a elle, e cae desfallecido, ao mesmo tempo que da sua ferida golfa abundante sangue.

«— Rossi está ferido! Rossi morre!» uivam os assassinos, que, de pé, formando circulo em volta da victima, folgam com a sua agonia.

Entretanto, Righetti, atravessando a multidão, chega junto de Rossi e procura levantal-o.

Assassinato do conde Rossi, franc-mação convertido. — O ministro de Pio IX é rodeado pelos conjurados, ao entrar no palacio legislativo, e um d'elles corta-lhe com o punhal a arteria carotida.

O lacaio vem ajudal-o. O ministro consegue ainda subir sete ou oito degráos, que rega com seu sangue; mas succumbe immediatamente. Conduzem-no aos aposentos do Cardeal Gazzolli. Collocam-no n'um canapé; tiram-lhe a manta do pescoço, e reconhece-se que Rossi tem a arteria carotida cortada. Para isto não ha remedio algum. Um Padre, chamado a toda a pressa, dá-lhe a absolvição. D'ahi a pouco, o defensor do Papado era apenas um cadaver.

Na sala onde se effectuava a assembleia, cuja maioria se compunha infelizmente de francmações, a sessão nem sequer foi levantada. Alguns deputados, mais dignos que os seus collegas, convidaram o presidente Sturbinetti a propôr que a Camara deliberasse, ao menos, em sessão secreta, em signal de lucto; porém este respondeu friamente: «Meus senhores, passemos á ordem do dia.» Os Irmãos Tres Pontinhos, que se achavam presentes na sala, approvaram estas cynicas palavras. Então, os embaixadores das diversas potencias sahiram indignados; foi o embaixador da França que deu o signal d'este alevantado protesto.

Os revolucionarios ficaram senhores de Roma, o Papa viu-se obrigado a fugir para Gaeta, e só mais tarde, em 1854, é que os assassinos soffreram o merecido castigo. Grandoni e Sante-Costantini foram condemnados á morte. O primeiro enforcou-se na prisão, o segundo foi executado, mas não se arrependeu do seu crime.

Pio IX mandou elevar a Rossi, na basilica

de S. Lourenço de Damas, um mausoleu, tendo como epitaphio estas simples palavras, que o corajoso ministro pronunciou pouco antes do seu assassinato: «*Mihi optimam causam tuendam assumpsi, miserebitur Deus.* Encarreguei-me da defeza da maior das causas; Deus terá misericordia de mim.»

X

MAZZINI E A QUESTÃO ORSINI

Nos dois capitulos precedentes, deixamos um pouco de parte a Maçonaria ordinaria para nos occuparmos da Carbonaria ou Maçonaria Forasteira. Este ramo da seita desempenhou realmente, desde a Restauração até ao segundo Imperio, um dos mais importantes papeis. Fallamos outrosim de Mazzini, o audacioso conspirador que ordenou o assassinato d'Emiliani e de Lazzoneschi, e que certamente foi o inspirador da morte do conde Rossi; a acção de Mazzini foi, na verdade, consideravel na Franc-Maçonaria, e merece estudo particularissimo, sem o qual seria impossivel comprehender diversos attentados que assignalaram o reinado de Napoleão III.

Emiliani e Lazzoneschi foram condemnados a succumbir sob o punhal de seus Irmãos, porque pensaram que os queriam levar mais longe no caminho em que se haviam mettido: liberaes, sonharam com o estabelecimento

da Republica universal, e foi para trabalhar n'essa obra que entraram nas Lojas; mas recuaram, espantados, quando, passando para as Retro-Lojas, comprehenderam que era pelos meios mais criminosos que a Ordem queria desembaraçar-se dos principes e dos reis. Rossi, convertido pela benefica influencia de Pio IX, pagára com a vida a sua conversão. O fim da seita é destruir as monarchias e o Papado, e insistimos n'isto, porque nunca será demais repetil-o.

Em 1821, os grupos da Maçonaria Forasteira estavam organisados por toda a parte d'uma maneira formidavel; foi n'este anno que as revoltas rebentaram ao mesmo tempo em todos os pontos; os carbonarios estiveram quasi a conseguir os seus fins. Todavia, a immensa conspiração abortou, devido á energia dos governos monarchicos. Mas, se os revolucionarios soffreram completa derrota, o abalo que produziram n'essa epocha deixou após sí, principalmente em França, na Hespanha e na Italia, uma longa e terrivel agitação.

Na Italia, os membros das Lojas e das Vendas não se deram por vencidos, apesar de ter abortado o movimento que tinham tentado no Piemonte e em Napoles, antes de procurarem revolucionar a França.

Encontram-se as provas das suas esperanças e conhece-se a sua maneira de proceder na curiosa circular que a Alta Venda de Turim mandou distribuir, em 20 d'outubro de 1821, a todos os grupos dos carbonarios.

Copiaremos alguns periodos d'essa circular:

«Na lucta, agora travada entre o despotismo sacerdotal ou monarchico e o principio de liberdade, ha consequencias que é mister supportar, principios que, primeiro que tudo, devemos fazer triumphar. A derrota estava nos acontecimentos previstos; não devemos entristecer-nos por isso; mas se esta derrota a ninguem desanima, deverá, em tempo opportuno, facilitar-nos os meios d'atacarmos o fanatismo com mais fructo. Do que se trata, é d'exaltar cada vez mais os espiritos e aproveitarmo-nos de todas as circumstancias. A intervenção estrangeira nas questões, por assim dizer de policia exterior, é uma arma effectiva e poderosa, que é necessario saber manejar dextramente. Em França conseguir-se-á facilmente exterminar o ramo primogenito dos Bourbons, censurando-lhes sem cessar o terem voltado comboiados pelos cossacos; na Italia é tambem mister tornar impopular o nome do estrangeiro, de sorte que, quando Roma fôr seriamente assediada pela revolução, o auxilio estrangeiro seja considerado uma affronta, mesmo para os indigenas fieis.

«Nós não podemos ir ao encontro do inimigo com a audacia dos nossos paes de 1793, porque somos estorvados pelas leis e mais ainda pelos costumes; mas, com o tempo, ser-nos-á talvez permittido attingir o fim a que nos propomos. Os nossos paes foram demasiadamente precipitados em tudo, e perderam a partida; nós ganhal-a-emos, se, contendo os temerarios, conseguirmos fortificar os fracos.

«E' de derrota em derrota que se chega á victoria. Tende, pois, sempre os olhos á espreita sobre o que se passa em Roma. Tirae a popularidade á padralhada por toda a especie de meios. Fazei no centro da catholicidade o que todos, in-

dividualmente ou em corporação, fazemos n'outras partes. Agitae, lançae a revolta para a rua, com ou sem motivo, pouco importa. N'estas palavras encerram-se todos os elementos de victoria. A conspiração melhor urdida é aquella que mais trabalhada é e que menos compromette; tende martyres, tende victimas, pois sempre encontraremos pessoas que possam dar a isto as necessarias côres.»

Como se vê, a quem principalmente se visa é ao Papado. E' mister a agitação, e mórmente no centro da catholicidade.

A 4 de junho de 1825, um assassinato maçonico, commettido em pleno dia nos degráos da escada da egreja de Santo André della Valle, lançou o terror em Roma. A victima era um antigo carbonario e franc-mação, José Pontini, a quem os sectarios puniram pelo seu arrependimento. Os seus assassinos foram presos e provou-se-lhes o crime depois d'um longo processo. Os mais culpados, Targhini e Montanari, foram condemnados á morte. Soffreram-na como verdadeiros fanfarrões do crime e da impiedade, regeitando os soccorros da religião. Targhini exclamou do alto do cadafalso:

« — Povo, morro immaculado! Morro como deve morrer um franc-mação!»

A seita transformou estes dois assassinos em martyres, e, por occasião do seu supplicio, os Irmãos fizeram uma propaganda desenfreada. Um poeta francez, franc-mação, compoz, por ordem do Grande Oriente, uma elegia em honra de Targhini e Montanari, «victimas do

Papado.» Os conselhos, dados pela Alta Venda de Turim, eram fielmente seguidos.

Além d'isso, os assassinatos executados pela Maçonaria Forasteira foram numerosos. Não podemos narral-os todos; um volume não chegaria para essa tarefa. Citamos, de memoria, algumas victimas dos carbonarios: o director da policia de Modena; o prefeito da policia de Napoles; o legado Ravenna; o estudante Lessling, de Zurich, accusado de ter penetrado demasiadamente os segredos de Mazzini; os generaes Latour, Auerswald, Lemberg, Lignowski, e muitos outros menos conhecidos foram condemnados á morte e feridos pelas mysteriosas assembleias. Até na Suissa, o illustre patriota José Leu, que ousou levantar a sua voz poderosa e pura contra Robespierre e Saint-Just, caiu, como verdadeiro martyr, aos golpes dos infames sectarios.

Demais, Mazzini, que, durante muitos annos, se soube impôr como chefe supremo a todas as Altas Vendas e a todos os Grandes Orientes da Europa, não se retrahia quando era necessario prégar abertamente o assassinato. Todos os actos da sua vida são inspirados pelos execraveis principios expostos na circular que acabamos de citar.

Dissemos ainda ha pouco qual era, e qual é ainda o fim final da seita. Depois da derrota de 1821, urdiu novas sedições. A Maçonaria criou adeptos em toda a parte. Em 1825 conseguiu ter cumplices até no seio de cada gabinete europeu. Meditava estabelecer a Republi-

ca universal, fundada sobre as ruinas dos thronos e dos altares. Todavia, em 1830, os chefes viram-se obrigados a reconhecer que os povos ainda não estavam preparados para a sua malefica obra.

Mas eis que rebenta a revolução franceza de julho; a levadura anti-religiosa fermenta. Em 1831, Bolonha sacode a auctoridade pontificia e estabelece um governo provisorio. Os dois filhos da rainha Hortensia, Luiz e Napoleão Bonaparte, fieis ás tradicções maçonicas do chefe de sua familia, veem juntar-se ao exercito dos insurrectos. Alistados muito cedo no Carbonarismo, na Venda de Césène, pelo pae do famoso Orsini, e tendo jurado nas suas mãos, segundo disse Orsini, filho, no seu interrogatorio, destruir o Papado e a Egreja catholica, responderam á commissão directora, que lhes perguntára se se podia contar com elles e com o seu nome para a insurreição que se preparava, que estavam á sua disposição, mas que não queriam apparecer senão quando a Romagna estivesse sublevada. Esta carta, «cujo original tivemos nas nossas mãos,» diz o Padre Deschamps, era escripta em francez e assignada: *Luiz Bonaparte.* Sabe-se que a insurreição foi suffocada e que o mais velho dos dois irmãos, o principe Luiz Bonaparte, morreu em Forli.

Foi n'este momento que appareceu Mazzini, o qual, como dissemos no capitulo anterior, fundou a Alta Venda *A Joven Italia,* a «Venda modelo», como lhe chamam os carbo-

narios, e se tornou logo o inspirador das sociedades secretas.

Mazzini nasceu em Genova, em 1808. Seu pae, professor na escola de medicina, ministrou-lhe cuidadosa educação. Desde mui cedo, mostrou-se tal como devia ser, sabendo tomar grande ascendente sobre os jovens com quem tratava. A sua attitude era sempre severa. Sobrio por natureza, andava quasi sempre só, era pouco communicativo com os seus companheiros de juventude, afastando-se d'elles, e comtudo dominava-os por uma especie de fascinação. Activo, laborioso, energico, opinioso, era tido por todos aquelles que poderam estudal-o como um d'esses homens que se não confundem com a multidão e que transformam os seus companheiros e amigos em fanaticos admiradores.

Depois de se ter occupado algum tempo de litteratura, lançou-se na politica. Era um temperamento de fogo, que só se podia inclinar para os extremos: para o bem ou para o mal. Entregou-se de braços abertos á Revolução. Aos vinte e dois annos filiou-se no Carbonarismo; mas começou desde logo a pensar que os chefes eram muito molles. Declarava que as suas manifestações eram pueris, dizendo que não dariam resultado sério. As suas violencias de linguagem apontaram-no á policia. Foi preso por sedição contra a segurança do Estado. Todavia, em consequencia da sua pouca edade, o governo de Carlos Felix, usando de clemencia,

não quiz conserval-o na prisão e contentou-se em expulsal-o.

Refugiado em Marselha, reuniu os seus companheiros d'exilio n'uma estalagem, e ahi foram lançadas as bases da nova organisação do Carbonarismo.

O seu systema era o da «propaganda de facto»; segundo dizia, era necessario trabalhar, trabalhar apesar de tudo.

Chegou até a dirigir-se a Carlos Alberto, esperando que este soberano, que por um momento se deixára seduzir pela seita, no tempo da sua juventude, mas que depois entrára no verdadeiro caminho, cahiria de novo nos seus primeiros erros. Fez realçar a seus olhos a gloria de fundar a união italiana, afim de o arrastar a tornar-se na realidade o apostolo da Revolução.

Na sua carta a Carlos Alberto dizia:

«Toda a Italia espera de vós uma palavra, uma só para se tornar vossa. Pronunciae essa palavra! Collocae-vos á frente da nação e inscrevei na vossa bandeira: *União, liberdade, independencia.* Proclamae a liberdade de pensamento. Declarae-vos vingador, interprete dos direitos populares, regenerador de toda a Italia. Libertae-a dos barbaros. Edificae o futuro. Dae o vosso nome a um seculo. Toda a humanidade tem pronunciado: «Os reis não me pertencem»; a historia consagrou esta sentença por factos. Dae um desmentido á historia e á humanidade. Obrigae-a a escrever sob os nomes de Washington e de Kozciusko, que nasceram cidadãos: «Houve um nome maior que estes; foi um throno erigido por vinte milhões d'homens livres, que inscreveram na sua base: *A*

Carlos Alberto, que nasceu rei, a Italia por elle resuscitada.»

Carlos Alberto não respondeu a esta astuciosa excitação, porque conhecia o verdadeiro fim das seitas. A unidade da Italia foi sempre um pretexto para a Franc-Maçonaria; e a prova é que hoje está realisada essa obra de unidade, e comtudo as seitas não se desarmaram.

Infelizmente, as excitações de Mazzini despertaram as más paixões de muitos homens, espiritos sonhadores da republica. Pouco depois, o governo piemontez soube que se tramavam conspirações contra elle, e creou uma commissão criminal extraordinaria para investigar e fazer julgar os culpados pelos tribunaes militares. A instrucção demonstrou que os conjurados faziam profissão de «não serem nem catholicos, nem protestantes, nem judeus, nem musulmanos, nem sectarios de Brahma»; que estavam resolvidos a «servir-se do fogo, do punhal e do veneno» e de todas as armas dos assassinos; que tinham formado o projecto de fazer voar o paiol da polvora de Chambéry, de queimar Turim, Genova e Alexandria, etc.

Em consequencia d'um projecto tão hediondo, os tribunaes excepcionaes usaram de rigor. O chefe José Tamburelli foi fusilado em Chambéry; a João Baptista Degubernati, condemnado á morte como o primeiro, foi commutada a pena em vinte annos de galés. Entre os principaes conspiradores mazzinianos que tambem foram fusilados, citaremos: o tenente

Tola; Francisco Miglio, sargento d'engenharia, Biglia, Gavotti, Luciano Piacenza, Luiz Tuffi, Domingos Ferrari, José Menardi, José Rigasso, Amandio Costa, André Vachieri, etc. O medico Thiago Rufini, de Genova, suicidou-se com um prégo para se subtrahir ao supplicio, quando viu reunidas contra si as provas da sua participação na revolta.

Pelo que toca a Mazzini, estava refugiado no solo estrangeiro, e assim ao abrigo do castigo; foi condemnado á morte, mas por contumacia.

Os carbonarios da *Joven Italia* não se deram por vencidos. Mazzini reuniu na Suissa os conspiradores que escaparam á policia de Carlos Alberto, aggregando-lhes proscriptos polacos e allemães, e este pequeno exercito insurreccional, do qual o general Ramorino tinha tomado a direcção militar, veio até á Saboia (fevereiro de 1834). A tentativa abortou e custou a vida a Volonteri e a Borel, que foram fusilados em Chambéry. Grande numero d'individuos foram presos, outros fugiram; entre estes estava Garibaldi, então official na marinha sarda.

Depois de ser suffocada a insurreição de 1834, Mazzini passou ainda dois annos na Suissa. Foi d'alli que se dirigiu a Marselha, no anno de 1835, para ordenar o assassinato de Emiliani e de Lazzoneschi, que já relatamos. Em 1836 passou a Inglaterra e travou relações com os centros revolucionarios estabelecidos em Malta e em Paris. Em seguida fundou em Lon-

dres, em 1842, o *Apostolato Popolare*, jornal de propaganda insurreccional. N'este periodo da sua existencia, Mazzini occupou-se principalmente de Maçonaria occulta, concentrando toda a sua actividade em organisar as Retro-Lojas. O assassinato é sempre a regra por elle seguida; ordena aos Grandes Orientes e aos Supremos Conselhos que multipliquem os Areopagos de Cavalleiros Kadosch, que formem o maior numero possivel d'assassinos; e torna-se, de certo modo, o Soberano Grão-Mestre de todos os Orientes e de todos os Ritos. Na Inglaterra préga publicamente o assassinato. Em 1843, foi elle o instigador da tentativa dos irmãos Bandiera. Todas as vezes que se commettia ou tentava um crime, encontrava-se sempre a sua mão na preparação do attentado.

Entre os documentos emanados de Mazzini, um, bastante curioso, é o que tem a data de 1 de novembro de 1846, no qual elle resume a tactica que, em politica, devem seguir as sociedades secretas. Vamos transcrever alguns periodos d'essas instrucções:

«O povo está ainda por crear na Italia, mas está prompto a rasgar o enveloppe que o manieta. Fallae frequentemente, muito e por toda a parte, das suas miserias e das suas necessidades. O povo não se entende; mas a parte operosa da sociedade compenetra-se d'esses sentimentos de compaixão pelo povo, e, cedo ou tarde, agita-se. Não são necessarias nem opportunas discussões sabias. Ha palavras regeneradoras que em si tudo conteem, e que é habil repetir com frequencia ao povo. *Liberdade, direitos do homem, progresso, egualdade, fra-*

ternidade é o que o povo comprehenderá, principalmente quando se lhe oppuzerem as palavras *despotismo*, *privilegios*, *tyrannia*, *escravidão*, etc. O difficil não é convencer o povo, é reunil-o. No dia em que elle se reunir, será o dia da éra nova.

«A escada do progresso é comprida; é mister tempo e paciencia para chegar ao cume. O meio d'ir mais depressa, é apenas subir um degráo de cada vez. Querer attingir o ultimo d'um vôo, é expôr a obra a mais d'um perigo.

«Em certos paizes, pelo povo é que se deve ir á regeneração; n'outros é pelos principes, e torna-se necessario pol-os do nosso lado. O concurso dos grandes é indispensavel para fazer a Revolução n'um paiz onde impera o feudalismo. Se só tiverdes por vós o povo, nascerá immediatamente a desconfiança e este será esmagado; se elle fôr conduzido por alguns grandes, os grandes servirão de passaporte ao povo. A Italia é ainda o que era a França antes de 1789; faltam-lhe, pois, os Mirabeau, os Lafayette e outros. Um grande póde ser attrahido a nós e conservar-se-nos fiel por interesses materiaes, mas tambem póde ser attrahido pela vaidade; dae-lhe o primeiro logar, emquanto elle queira caminhar comnosco. Poucos d'elles querem ir até ao fim. O essencial é que o termo da grande Revolução lhes seja desconhecido; nunca lhes deixemos vêr mais que o primeiro passo.

«Acceitae, pois, todos os auxilios que se vos offereçam, sem nunca os olhardes como pouco importantes. O globo terrestre é formado de grãos de areia. Qualquer que queira dar um só passo, deve ser dos vossos até que pare. Um Rei dá uma lei mais liberal: applaudi-a, pedindo a que se lhe deve seguir. Ha um ministro que mostra intenções progressivas: apontae-o como modelo. Apparece um fidalgo que apparenta despresar os seus privilegios: dae-vos pressa em vos collocardes sob a sua direcção. Se esse Rei, esse ministro ou esse fidalgo

quizerem parar, estaes sempre a tempo de os abandonar; qualquer d'elles ficará isolado e sem força contra vós; e vós tereis mil meios de tornar impopular quem se opponha aos nossos projectos.

«Todos os descontentamentos pessoaes, todas as decepções, todas as ambições esmagadas podem servir a causa do progresso, com a condição de lhes ser dada uma boa direcção.»

Que cynismo, e, ao mesmo tempo, que consummada sciencia na velhacaria! Como se vê, Mazzini sabia alliar a má fé com a violencia. E o que aconselhava aos seus asseclas, elle mesmo o fazia. Ao subir ao throno Carlos Alberto, que Mazzini julgou capaz de tornar a caír nos erros do liberalismo da sua juventude, escreveu a este principe a inqualificavel carta que reproduzimos. Do mesmo modo, quando Pio IX foi eleito Papa, Mazzini, tomando a mansidão e a clemencia do Pontifice por fraqueza e ingenuidade, teve a impudencia de lhe dirigir uma carta, que é um monumento d'hypocrisia. Elle, o sectario fanatico, cujo deus era o Grande Architecto das Retro-Lojas, ousou conceber a esperança d'interessar o Papa nos seus projectos, e imaginou que, especulando com a palavra *patria*, podia illudir o Vigario de Jesus Christo!

Leiam-se os principaes periodos da carta de Mazzini a Pio IX (8 de setembro de 1847):

«Eu creio profundamente n'um principio religioso superior a todas as instituições sociaes, n'uma ordem divina que devemos procurar realisar na terra, n'uma lei e vistas providenciaes que todos devemos, na medida de nossas forças, estudar e desenvolver. Tenho fé nas aspirações da minha

alma immortal e na tradição da humanidade... Julgo-vos bom. Nenhum homem, não direi só na Italia, mas na Europa, é mais poderoso que vós. Em nome do poder que Deus vos deu, e que vol-o não deu sem motivo, convido-vos a realisar uma obra boa, renovadora, europeia... Fazei a unidade da Italia, vossa patria. Para isso, não tendes necessidade de trabalhar, mas sómente d'abençoar aquelles que trabalham para vós e em vosso nome. Nós vos suscitaremos activos sustentaculos nos povos da Europa; encontrar-vos-emos amigos até na Austria.»

Desnecessario será dizer que esta carta não teve resposta. Era necessario que Mazzini tivesse uma rara audacia para ousar escrever d'este modo a Pio IX, que, na sua Encyclica *Qui Pluribus*, de 9 de novembro de 1846, tinha fallado sobre as sociedades secretas no mesmo sentido que os seus predecessores, comprehendendo Pio VIII (Encyclica *Traditi*, de 21 de maio de 1829), e Gregorio XVI (Encyclica *Mirari*, de 15 d'agosto de 1832).

Não vamos escrever a conhecidissima historia da revolução de 1848, que rebentou quasi simultaneamente entre os principaes povos da Europa. Não é mysterio para ninguem que essa revolução foi obra da Franc-Maçonaria. Havia muito tempo que o fogo lavrava sob a cinza; Mazzini era um dos que mais tinham contribuido para atear o incendio. Porisso, quando Pio IX foi obrigado a abandonar Roma e a refugiar-se em Gaeta, os revolucionarios apressaram-se a chamar o chefe da *Joven Italia* ao parlamento insurreccional da Republica, que a violencia das

seitas impoz ás populações dos Estados Pontificios.

Por outra parte sabe-se que toda a Italia do norte se levantára contra a dominação austriaca. Ninguem ignora a famosa lucta do Piemonte e a abdicação de Carlos Alberto depois do desastre de Novara, em 23 de março de 1849. Foi n'este momento que Mazzini fez parte do triumvirato da Republica romana com Armellini e Aurelio Saffi.

O grande conspirador era, pois, o chefe reconhecido da Revolução, não sómente em Italia, mas na Europa. Foi elle que, no anno precedente, tinha declarado «indispensavel» o assassinato do conde Pellegrino Rossi, ministro de Pio IX.

Em França, as desordens de junho haviam esclarecido o povo, por um momento illudido, e lhe tinham feito comprehender que a demagogia sectaria queria renovar os horrores de 1793. A Assembleia Constituinte, eleita pela nação, era catholica na sua maioria. Esta indignou-se vendo as hordas mazzinianas ameaçar o Papado, e não pôde conter a sua indignação quando chegou a Paris a noticia do assassinato do conde Rossi, que o snr. Guizot tinha naturalisado francez e que a França tivera como embaixador.

Foi este horrivel attentado que decidiu o governo a intervir. Apenas foi conhecido o assassinato, expediu-se ordem pelo telegrapho a Toulon para reunir uma esquadra, embarcar 3:500 soldados escolhidos com uma companhia

d'engenharia e uma bateria. O crime commettido por ordem de Mazzini foi, pois, a primeira causa da intervenção franceza, o que é mister não esquecer. Sabe-se o resto. O exercito expedicionario do general Oudinot, d'accordo com as tropas napolitanas e hespanholas, restabeleceu o poder pontificio.

Entretanto, depois do desastre de Novara, Victor Manuel II tinha succedido a seu pae, Carlos Alberto. O joven Rei — tinha então vinte e nove annos — confiou a direcção dos negocios a Maximo d'Azeglio; mas na realidade foi Cavour, membro das sociedades secretas, quem inspirou o novo gabinete. Todavia, é justo dizer que Cavour não pertencia á massa radicalmente revolucionaria da Franc-Maçonaria: era um homem que queria guardar em face do Papado certas contemplações: o seu fim era obter espontaneamente do Papa a renuncia ao poder temporal.

Um dos homens mais nefastos nos conselhos do Rei do Piemonte foi Rattazzi, carbonario militante, antigo ministro profundamente anti-clerical de Carlos Alberto, chefe da opposição na Camara. Esta personagem soube adquirir uma influencia real, de que fez uso no peior sentido. Desde que o Rei lhe começou a dar ouvidos, as medidas perseguidoras contra a Egreja accentuaram-se. Tendo o veneravel Arcebispo de Turim, Monsenhor Franzoni, protestado e denunciado corajosamente as ligações que Rattazzi tinha com a Franc-Maçonaria, foi victima das mais indignas perseguições. Pren-

deram-no e condemnaram-no a pagar multa e á prisão; depois, a instancias dos sectarios, foi enviado para o exilio. O mesmo succedeu ao Arcebispo de Cagliari.

Rattazzi era um mazziniano determinado, e tinha pertencido á *Joven Italia*. Ligando-se á realeza, levou-lhe tambem o apoio dos seus, arrastando Victor Manuel a seguir um caminho claramente anti-religioso. Eleito presidente da Camara em 1852, entrou no ministerio em 1854 e propoz logo uma lei para confiscar os bens das corporações religiosas. Tendo-se declarado crise ministerial, Victor Manuel usou da sua prerogativa real para sustentar Rattazzi no poder e fazer votar a lei (28 de maio de 1855) pela Camara, ameaçada de dissolução.

Desde então, houve scisão nas sociedades secretas, em Italia. Mazzini tinha por objectivo a republica federal; Rattazzi e Cavour queriam criar a unidade da Italia sob a dynastia de Saboia. Uma das mais importantes adhesões ás ideias d'estes dois homens d'Estado foi a de Manin, que fôra presidente da Republica de Veneza em 1848; este poz a sua influencia e a das Lojas francezas e italianas, das quaes era um dos chefes, ao serviço da ideia unitaria sob a monarchia piemontesa. Deixaram Mazzini trabalhar, renegaram-no officialmente, mas aproveitando-se sempre das suas intrigas, e concentraram as forças. Mas, por qualquer importancia que tivesse esta concentração dos elementos revolucionarios italianos sob a direcção de Cavour e de Rattazzi, ella não teria sido suf-

ficiente para preservar Victor Manuel d'uma segunda Novara, se não houvesse encontrado em Napoleão III um dos mais activos cooperadores.

Comtudo, este cooperador não se dedicou de boa vontade á obra unitaria. Napoleão III, antigo carbonario, tinha um plano secreto. Executando o programma da Revolução e rebaixando o Papado, o seu principal fim era servir a sua ambição pessoal. O seu cerebro, diz o Padre Deschamps, alimentava o sonho d'emprehender de novo a obra de Napoleão I. Da Italia, libertada da Austria, esperava fazer uma vassalla do seu imperio. O principe Napoleão, que o apoquentava em Paris, estabelecer-se-ia na Italia central, na Toscana e nas Romanhas; Murat reinaria em Napoles. Eis a explicação do seu modo de proceder, apparentemente cheio de contradicções. Quando, aterrorisado pelas ameaças de seus antigos cumplices carbonarios, se decidiu a entrar em Italia, prometteu tornal-a livre até ao Adriatico; e comtudo viu-se que elle parou bruscamente em Villafranca e apresentou um projecto de confederação italiana, dirigido contra a ambição do Piemonte. De 1856 a 1859, minou por todos os meios possiveis o governo dos Bourbons em Napoles; espalhou proclamações no exercito napolitano excitando á revolta contra os Bourbons e lembrando a memoria do Rei Joaquim; um centro muratista, estabelecido em Paris, funccionava activamente; depois, quando Garibaldi foi detido em frente de Gaeta, viu-se que o imperador deu

um certo apoio a Francisco II para derrotar Victor Manuel. Foi necessaria a influencia de Palmerston, homem d'Estado inglez, que tambem se serviu das sociedades secretas, e a influencia adquirida pela Revolução para o obrigar a acquiescer definitivamente á unidade italiana sob a monarchia piemontesa.

Mas, para bem se comprehender a que especie d'ameaças Napoleão III teve de ceder para emprehender a campanha d'Italia depois da da Crimeia, é mister contar a historia de Felix Orsini.

Um dos periodos da allocução papal de 25 de setembro de 1866, contra os quaes a Franc-Maçonaria mais se revoltou, foi aquelle em que Pio IX advertiu os fieis que fugissem das sociedades secretas. Mas o Santo Padre, sem se importar com as reclamações da seita, insistiu de novo n'este ponto n'uma allocução, que pronunciou no anno seguinte na egreja dos Stigmates. O Papa referiu alli um facto sensibilisador, que todos os jornaes, excepto aquelles que pertenciam ao partido revolucionario, reproduziram do *Osservatore Romano* :

«O' filhos meus! — exclamou o Pontifice dirigindo-se aos jovens que se achavam no auditorio — considerae os perigos que vos rodeiam, e vinculae-vos ao precioso thesouro da fé. Os perversos virão ter comvosco, repelli-os; offerecer-vos-hão conselhos, despresae-os; arrastar-vos-hão, fugi-lhes das mãos. Oh quantos que, jovens como vós, criam e praticavam a fé, cahiram depois, seduzidos pelos maus, no erro e

no vicio! Eu mesmo conheci uma d'essas tristes celebridades dos nossos dias, um homem que, aos vinte annos, conversava comigo sobre a perfeição e santidade e meditava entrar n'um convento como religioso; e vi-o depois, arrastado pelos seus companheiros, precipitar-se d'abysmo em abysmo, deixar definitivamente um renome d'Erostrato na Europa e no mundo, e perder a cabeça no cadafalso.

«Tende sempre este exemplo deante de vossos olhos — accrescentou o Papa — e orae para que vos conserveis no bem.»

A victima das más companhias e das sociedades secretas, de que Pio IX fallava, era Felix Orsini.

Orsini nascera em 1819 em Meldola, cidadesinha da provincia de Forli, nos Estados Romanos. Tendo nove annos, foi viver com seu tio, Orso Orsini, em Imola. Em 1838, depois de ter dado excellentes provas no estudo e mostrado as melhores disposições, seguiu o curso de direito na universidade de Bolonha; foi n'esse momento que elle se perdeu, com a convivencia de companheiros já corrompidos. As ideias sustentadas por Mazzini transtornaram-lhe completamente a cabeça, e não levou muito tempo que se não filiasse na *Joven Italia*.

Desde este momento, a sua vida foi uma lucta incessante contra os governos estabelecidos na Peninsula. Tomou parte activa na revolta que rebentou em 1843 na legação de Bolonha. Julgado nos tribunaes de Roma, foi condemnado a trabalhos forçados por toda a vida.

A ascensão de Pio IX, que proclamou a amnistia, libertou-o da cadeia dos forçados de Civitta-Castellana, onde elle estava ha desoito mezes e d'onde inutilmente havia tentado evadir-se. Por occasião da sua sahida, assignou uma declaração, segundo a qual se compromettia pela sua honra «a não mais perturbar a ordem publica e a nada fazer contra o governo legitimo.»

Apenas posto em liberdade, lançou-se de novo no movimento revolucionario, e d'esta vez em Toscana, para onde se retirára. Em Florença estabeleceu uma imprensa clandestina, onde as sociedades secretas mandavam imprimir os seus manifestos. Esta imprensa foi, porém, descoberta pelo governo do grão-duque Leopoldo II e fechada depois de ter lá penetrado a gendarmeria. Quanto a Orsini, foi conduzido á fronteira e expulso do territorio toscano; não tardou, porém, a reentrar e continuou a conspirar com Ribotti e Nicolau Fabrizzi, servindo de secretario a este ultimo para a correspondencia que trocava com Mazzini. Descoberto e preso de novo, foi enviado a Forli, nos estados do Papa, e encarcerado; mas, tendo conseguido evadir-se, voltou pela terceira vez a Florença. Foi alli que teve noticia da revolução franceza de fevereiro de 1848.

Toda a Peninsula estava em fogo. Orsini poz-se ao serviço da nova republica veneziana, e, depois dos combates de Vicence e de Trévise, viram-no em Venesa capitão d'um batalhão encarregado da defeza da luneta n.º 12 do forte de Marghera. Na noite de 27 para 28 d'outu-

bro, contribuiu para a tomada de Mestre contra os Austriacos.

Tendo rebentado a revolução romana, dirigiu-se a Bolonha com o seu batalhão. Em fevereiro de 1849 foi nomeado deputado á Assembleia constituinte de Roma pelos collegios eleitoraes de Bolonha e de Forli; optou por Forli. No mez de março seguinte, o centro executivo com séde em Roma enviou-o, na qualidade de commissario extraordinario, provido de plenos poderes, a Terracine, depois a Ancôna, e por fim a Ascoli.

Depois da tomada d'Ancôna pelos Austriacos, voltou para Roma e combateu ao lado de Garibaldi, durante o cerco d'aquella cidade pelo exercito francez. Cahindo a Republica, occultou-se e pôde refugiar-se em Genova, que abandonou pouco depois para ir habitar Nice. Alli, conspirando mais que nunca com os seus companheiros carbonarios, quiz fomentar uma nova insurreição nos Apeninos (1853). Preso pelos gendarmes piemontezes, esteve na cadeia em Sarzanna, e depois foi conduzido a Genova e encerrado n'um forte, d'onde saíu para ser embarcado com destino a Inglaterra. Continuou a conspirar em Londres e partiu de novo para a Italia, afim de levar a insurreição á Lunigiana. Tendo sido as suas esperanças mais uma vez illudidas, refugiou-se em Genebra, onde, após uma entrevista com Mazzini, se decidiu que fosse exercer a sua actividade para Valteline.

Em 14 de junho de 1854, Orsini partiu,

sob o nome de Tito Celsi, para Coire, onde se conservou perto d'um mez. Alli trabalhou para promover em Côme perturbações que deviam estender-se a toda a Valteline. Esta expedição, de que Mazzini tomou o commando, abortou como as precedentes. De duzentos homens colligados para esta empresa, apenas dez se foram juntar a Orsini em Coire, logar aprasado para a reunião. A policia do cantão dos Grisons descobriu tudo, apprehendeu as espingardas e as munições e capturou Orsini, que conseguiu fugir aos gendarmes suissos.

Depois de curta demora em Zurich, o furibundo conspirador dirigiu-se a Milão, e communicou ao centro revolucionario d'aquella cidade instrucções de Mazzini para uma proxima insurreição; esta insurreição devia começar pelo assassinato de todos os officiaes da guarnição. De Milão, Orsini dirigiu-se á Austria e percorreu a Hungria, com o nome de Jorge Hernagh, afim d'organisar uma revolta que coincidisse com a da Lombardia.

Foi preso na Transylvania, em Hermanstadt, pela policia austriaca, que o conduziu a Vienna. Transferido para Mantua, foi, em 20 d'agosto de 1855, condemnado á pena de morte por crime d'alta traição. Encerraram-no no castello de de S. Jorge, fortalesa d'onde nenhum prisioneiro até então tinha conseguido evadir-se. Entretanto, uma mulher dedicada pôde fornecer-lhe uma lima. Para fugir, era necessario serrar oito barras. Durante o mez de fevereiro de 1856 começou este trabalho, que lhe levou 24 dias.

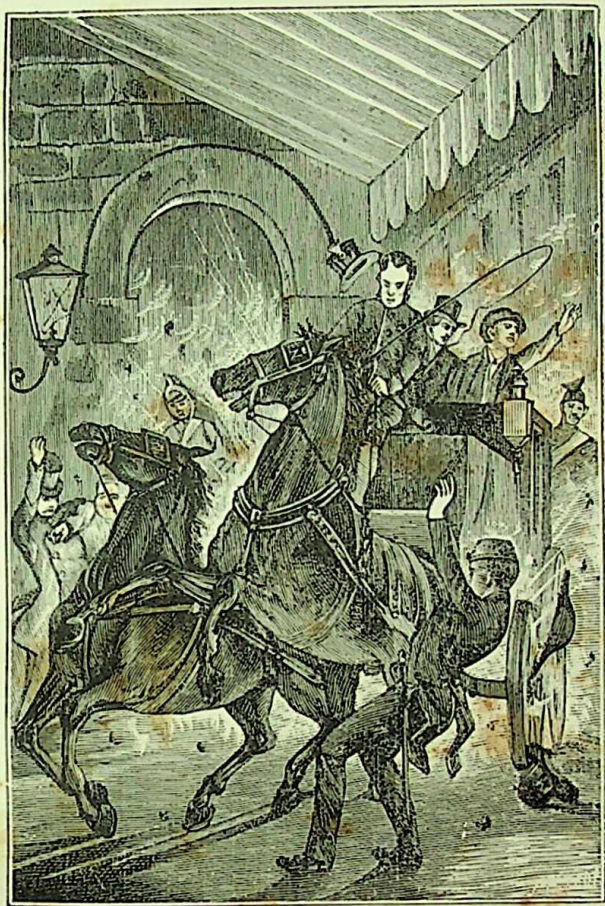
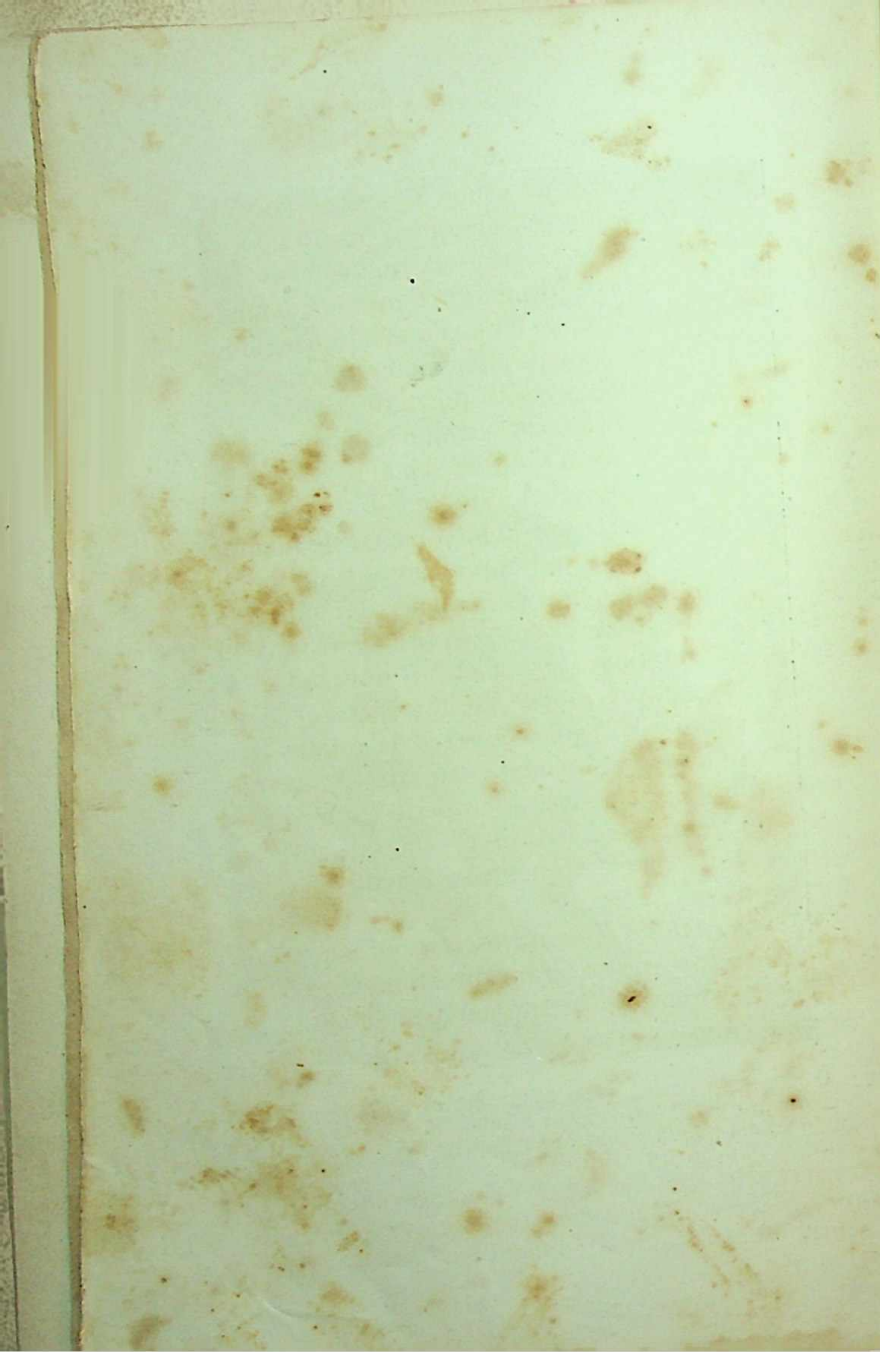
Ao mesmo tempo conseguiu, á força d'astucia, obter alguns lençoes, dos quaes formou uma especie de corda. A sua cellula era no terceiro andar; sahiu d'esta na noite de 29 para 30 de março; mas sendo a corda muito curta, caiu n'um fosso da altura de seis metros e feriu-se gravemente n'um pé e n'um joelho. Arrastou-se até á parte inferior das fortificações que rodeiam o castello, e ao romper do dia, no momento em que se julgava perdido, foi retirado d'este tumulo por transeuntes, que d'elle se amerceiaram. Depois d'estar, durante alguns dias, em casa d'amigos seguros, ao abrigo das investigações da policia austriaca, conseguiu fugir para Inglaterra e chegou a Londres a 26 de maio de 1856. Publicou alli as *Memorias Politicas*, especie d'autobiographia, e um livro sobre *As prisões da Austria em Italia.*

Eram estes os precedentes d'Orsini, quando um espantoso attentado veio dar ao seu nome uma horrivel celebridade.

No dia 14 de janeiro de 1858, o imperador Napoleão III e a imperatriz deviam assistir em Paris a uma representação na Opera. O edificio estava brilhantemente illuminado e na rua havia uma multidão compacta. Pelas oito horas, chegaram as carruagens da côrte: eram tres; o soberano e a sua esposa iam na segunda. No momento em que a carruagem imperial entrava, afrouxando o passo, na passagem reservada na extremidade do peristylo, fizeram-se ouvir, uma após outra, tres detonações terriveis, provenientes da explosão de bombas fulminantes; ao mes-

mo tempo, consideravel numero de projectis de todas as fórmas e de todas as grossuras esfusiaram em todos os sentidos. O abalo foi tão violento, que os bicos do gaz se extinguiram simultaneamente; no meio das trevas, durante longos minutos, só se ouviam os gritos de terror e os gemidos dos feridos. Por um acaso providencial, nem o imperador nem a imperatriz foram attingidos. Entretanto, a carruagem recebera setenta e seis projectis em diversas partes. Dos cavallos atrelados á carruagem, um morreu immediatamente, outro foi abatido. O cocheiro e os lacaios ficaram mais ou menos feridos. O general Roguet, que acompanhava os soberanos na sua carruagem, recebeu uma violenta pancada na cabeça, que lhe occasionou um grave derramamento de sangue.

As proximidades do theatro apresentavam o aspecto d'um campo de batalha: a confusão era extrema: os feridos e os moribundos juncavam o solo. O relatorio judicial comprovou que haviam sido attingidas cento e cincoenta e seis pessoas, e que o numero das feridas, reconhecidas pelo exame medico, não se elevava a menos de quinhentas e onze. Na lista das victimas figuravam vinte e uma mulheres, onze soldados d'infanteria, treze lanceiros da escolta, onze guardas de Paris e trinta e um agentes de policia. Alguns não sobreviveram ás feridas.

A justiça foi logo no encalço dos culpados. Foram presos quatro Italianos: Orsini, Pieri, Rudio e Gomez. A 12 de fevereiro, tendo terminado a instrucção judiciaria, foram enviados

O attentado Orsini. — Os franc-mações italianos, embuscados no peristylo, lançam bombas fulminantes á carruagem em que ia o imperador Napoleão III e a imperatriz.

ao respectivo tribunal de Paris. Pieri quiz negar a participação no crime. Orsini confessou; comprovou-se que foi elle quem manipulou as bombas; os outros apenas serviram de seus instrumentos. Os tres primeiros foram condemnados á pena de morte; tendo Gomez conseguido adduzir circumstancias attenuantes, foi condemnado a trabalhos forçados por toda a vida.

Não era a primeira vez que os carbonarios attentavam contra a vida do seu antigo cumplice, a quem accusavam de ter desertado da sua causa. Limitar-nos-hemos a citar de memoria os attentados do Hippodromo (7 de junho de 1853), da Opera Comica (9 de julho de 1853) e o de Pianori (28 d'abril de 1854). O attentado d'Orsini fez reflictir o imperador, e, com a reflexão, veio-lhe essè terror retrospectivo que se apodera muitas vezes das almas melhor temperadas: o principe imperial era apenas uma criança; que seria do imperio e que viria a ser o principe herdeiro, se a seita, que jurára a morte de Napoleão, chegasse a realisar o seu designio?

O *Jornal de Florença* esclareceu, em 1874, certos factos que se ligam directamente com o crime da Opera e que até então se tinham conservado mysteriosos.

«O imperador — disse o citado jornal — luctava com terriveis perplexidades; recordou-se então d'um conselho que lhe dera sua mãe, a rainha Hortensia: «Se alguma vez te encontrares n'um peri«go, se tiveres necessidade d'um conselho extremo, «dirige-te com toda á confiança ao advogado X...

«Elle te livrará do perigo e te conduzirá com se-
«gurança.»

«Este advogado era um exilado romano, que Napoleão conheceu nas Romanhas durante o movimento insurreccional de 1831 contra a Santa Sé. Vivia perto de Paris n'uma situação que não era nem a fortuna nem a mediocridade, esse estado de mysteriosa commodidade que a Franc-Maçonaria assegura aos seus capitães.

«Napoleão encarregou um dos seus mais seguros confidentes de ir procural-o e convidal-o a ir ás Tulherias. O advogado annuiu e a audiencia foi combinada para o dia seguinte de manhã.

«Quando entrou no gabinete do imperador, este levantou-se, apertou-lhe a mão e exclamou:

«— Querem matar-me? Que fiz eu?

«— Esquecestes que sois italiano e que, por ju-
«ramento, estaes ligado ao serviço da grandesa e
«da independencia do nosso paiz.»

«Napoleão objectou que o seu amor pela Italia permanecia inalteravel no seu coração, mas que, sendo imperador dos Francezes, primeiro e antes de tudo devia dedicar-se á grandeza da França. O advogado respondeu que ninguem impedia que o imperador se occupasse dos negocios da França, mas que podia e devia trabalhar nos interesses da Italia e unir a causa dos dois paizes, dando-lhes liberdade egual e o mesmo futuro, o que conseguiria se estivesse francamente decidido a empregar todos os meios para supprimir os obstaculos, afim de libertar a Peninsula do jugo da Austria e fundar a unidade italiana.

«— Mas que é mister que eu faça? O que querem de mim? perguntou Napoleão.

«O advogado prometteu consultar os seus amigos e dar a decisão em breves dias. A seita pediu a Napoleão tres coisas: 1.ª o perdão d'Orsisi, de Pieri e de Rudio; 2.ª a proclamação da independencia da Italia; 3.ª a participação da França

n'uma guerra da Italia contra a Austria. Concedia-se a Napoleão o praso de quinze mezes para preparar os acontecimentos, e, durante esses quinze mezes, podia contar com uma segurança absoluta. Os attentados não se renovariam, e os patriotas italianos aguardariam o effeito das promessas imperiaes.»

O *Jornal de Florença* lembra em seguida os acontecimentos conhecidos que assignalaram o brusco reviramento da politica imperial e ligaram esta politica á famosa carta d'Edgard Ney. O certo é que o imperador multiplicou os seus esforços para realisar o primeiro pedido da seita. Mandou pedir o perdão d'Orsini pela imperatriz, consultou os seus ministros, o corpo diplomatico estrangeiro, e apenas encontrou resistencia n'uma só personagem; mas essa personagem, a mais propensa á clemencia pelo seu estado, não opinou que o imperador tivesse auctoridade para manietar os braços da justiça: era o Cardeal Morlot, Arcebispo de Paris, o qual disse ao imperador:

« — Vossa Majestade póde, sem duvida, muito em França, mas não tem poder para fazer o que agora quer. Por admiravel misericordia da Providencia, a vida de Vossa Majestade foi poupada n'esse horrivel attentado; mas em redor de vós, Sire, correu o sangue francez; e esse sangue clama castigo. Sem isso, perder-se-ía toda a ideia de justiça, e *justitia regnorum fundamentum.*»

Napoleão comprehendeu. Só lhe restava uma coisa, e fel-a. Foi fallar com Orsini. Sim, o

imperador deu esse inaudito passo, dirigiu-se a Mazas, á cellula do homem que tinha tentado assassinal-o; humilhou-se deante d'esse malvado. Qual foi a conversação dos dois adeptos da Venda de Césène? Talvez nunca se saiba. O que todavia se sabe é que n'essa conversação Napoleão confirmou os compromissos tomados em Italia na sua juventude, renovados ao advogado X..., e que jurou, nos braços d'aquelle a quem não podia salvar, fazer-se o seu executor testamentario.

A expressão é justa. O snr. Keller, valoroso deputado alsaciano catholico, consagrou-a na tribuna do Corpo Legislativo, repetindo-a com toda a auctoridade que lhe davam a sua coragem e a sua eloquencia: a guerra d'Italia foi a execução do testamento d'Orsini. Foi resolvido entre o imperador e o assassino que este escreveria uma carta, que Napoleão tornaria publica, e na qual se declararia o programma da unidade italiana.

Presenciou-se então um dos maiores escandalos do nosso tempo: a leitura, na presença dos magistrados, d'essa carta-testamento do carbonario assassino e a sua publicação no *Monitor Official do Imperio.*

N'essa carta, Orsini dictava, de certo modo, a sua vontade e dizia o que esperava em troca do sacrificio da sua pessoa. Escreveu, entre outras coisas: «Para sustentar o equilibrio actual da Europa, é necessario tornar a Italia independente ou apertar mais as cadeias com que a Austria a conserva em escravidão... Da von-

tade imperial depende a vida ou a morte d'uma nação, á qual a Europa é, em grande parte, devedora da sua civilisação. É esta a prece que da minha enxovia ouso dirigir a Vossa Majestade, não desesperando que a minha fraca voz seja ouvida. Peço a Vossa Majestade que dê á minha patria a independencia que seus filhos perderam em 1849 por culpa dos Francezes. Lembre-se Vossa Majestade que os Italianos, no meio dos quaes estava meu pae, verteram com alegria o seu sangue por Napoleão, o Grande, em toda a parte por onde lhe aprouve conduzil-os; lembre-se de que, emquanto a Italia não fôr independente, a tranquillidade da Europa e a de Vossa Majestade não serão senão uma chimera. Não repilla Vossa Majestade o voto supremo d'um patriota nos degráos do cadafalso; liberte a minha patria, e as bençãos de vinte e cinco milhões de cidadãos seguil-o-hão na posteridade!»

O cadafalso foi erguido a 13 de março. A pena de Rudio foi commutada na de trabalhos forçados por toda a vida. Pieri e Orsini foram suppliciados. Tendo o primeiro mostrado uma especie de sobreexcitação nervosa, o seu companheiro na morte disse-lhe em italiano: «Socego!» Orsini conservou sempre o seu sanguefrio, e, ao collocar a cabeça na fatal machina, exclamou: «Viva a Italia! viva a França!»

Pouco tempo depois da expiação do crime, a *União*, de Turim, orgão official do Carbonarismo piemontez, intimava Napoleão III a ser o

executor testamentario do regicida. «Se hesita, se se demora — dizia o monitor das sociedades secretas — as bombas e os punhaes saberão cumprir a sua missão.»

A campanha d'Italia fez-se assim. Mazzini e a Maçonaria triumpharam.

Mas, não o esqueçamos, triumpharam pelo crime.

O assassinato! sempre o assassinato! Os franc-mações não teem outro argumento ao seu dispôr. É por meio do assassino que elles trabalham, é pelo attentado que impõem a sua vontade.

A participação da França na guerra de 1859 era o primeiro acto decisivo decretado ha muito tempo pelos chefes da seita; era o primeiro passo para a invasão de Roma e para a abolição do poder temporal, com a esperança de chegar um dia á suppressão do Papado e da Egreja.

XI

O MARECHAL PRIM

Custou muito á Franc-Maçonaria a implantar-se em Hespanha. Em 1727 e 1728, a Grande Loja d'Inglaterra deu as constituições a duas Lojas, em Gibraltar e em Madrid; mais tarde, constituiu uma outra em Cadiz. Mas estes Ateliers eram só frequentados por Inglezes, que d'elles se serviam como d'uma fonte de relações para o seu commercio.

Na Hespanha, profundamente catholica, a seita não podia ser favorecida pelo poder. O Rei Fernando VI, filho do illustre Filippe V, prohibiu as reuniões maçonicas sob as mais severas penas. O decreto foi publicado a 2 de julho de 1756. Desde esta epocha até á invasão da Hespanha pelas tropas de Napoleão, em 1808, as Lojas trabalharam na sombra, augmentando pouco a pouco o seu poder e vivendo sob a dependencia da Grande Loja de Londres.

A invasão franceza foi o ponto de partida do desenvolvimento consideravel que a Maçonaria tomou na Peninsula. Os officiaes e e os funccionarios estabeleciam Lojas em todas as cidades, nas quaes filiavam os Hespanhoes sympathicos á dominação da França; estes Hespanhoes receberam de seus compatriotas, fieis á causa da Patria, o significativo sobrenome de *Afrancezados*.

A Maçonaria, importada pelos Francezes, cresceu ao lado da antiga Maçonaria hespanhola, que continuava a depender da Grande Loja d'Inglaterra. Foi durante a occupação franceza que se formaram em Xeres uma Grande Loja e em Granada um Grande Oriente e um Supremo Conselho.

Desde 1812 até nossos dias, as perturbações e revoluções que agitaram a Hespanha tiveram duas grandes causas principaes: primeira, a lucta que a Maçonaria travou com a religião e a realeza; em segundo logar, as rivalidades das differentes fracções da seita. E' effectiva-

mente digno d'interesse vêr-se como os diversos poderes maçonicos, sempre unidos para combater a ordem social christã, se esphacelam entre si apenas se apoderam do poder.

Os diversos homens politicos que se teem succedido em Hespanha desde a invasão franceza, engrandeceram-se com o apoio dos Irmãos e Amigos, e, apenas se vivam assás poderosos, esforçaram-se para se apoderar da direcção das Lojas afim de consolidar o seu poder.

Uma outra causa, principalmente na Peninsula, produziu tambem divisões no interior da Maçonaria. O paiz está separado, por elevadas cadeias de montanhas, em provincias, cujos habitantes são muito independentes e teem costumes especiaes, de sorte que as antigas naciolidades nunca foram bem fundadas e unidas; o mesmo succedia com as diversas fracções da seita.

Sabe-se como a Franc-Maçonaria procede na sua lucta contra a realeza. A sua attitude é sempre a mesma: primeiro, enfraquecer a monarchia, retirando-lhe um após outro todos os seus privilegios; segundo, transformal-a em monarchia constitucional; terceiro, substituir esta ultima por uma republica, cujos cargos são desempenhados por Irmãos Tres Pontinhos.

Esta attitude foi seguida em Hespanha: no reinado do Rei Fernando VII, que governou de 1814 a 1833; no da Rainha Isabel, no começo collocada sob a regencia de sua mãe, Maria Christina, de 1833 a 1840, e sob a d'Esparte-

ro, de 1840 a 1843; e, mais tarde, governando o mesmo Espartero, de 1843 a 1868. Depois da queda da Rainha Isabel, esteve submettida, durante dois annos, á dictadura do I.·. Serrano; e só em 1870 é que o paiz teve de novo um Rei, que foi Amadeu I.

A republica foi proclamada em 1873, mas durou apenas dois annos. A Hespanha não estava ainda preparada para esta fórma de governo; mas, provavelmente, estal-o-á brevemente.

Era necessario indicar summariamente as differentes phases politicas porque passou a Peninsula. Sem este conhecimento, seria impossivel comprehender o papel que Prim, esse general da revolta, representou, e distinguir as causas do seu assassinato.

O Rei Fernando VII prohibira a Franc-Maçonaria sob as mais severas penas e tinha até mandado executar o I.·. Riégo, accusado de ter fomentado uma sedição. Comprehende-se que os sectarios não perdoassem ao soberano este castigo infligido a um dos seus e ficassem muito satisfeitos quando elle morreu, em 1833.

A sua successão foi disputada por seu irmão D. Carlos e pela Rainha-Mãe Maria Christina, representante dos interesses de Isabel II, então menor, filha do Rei fallecido. Os franc-mações apoiavam Maria Christina, cujas ideias lhes eram favoraveis, e esperavam, sob a sua regencia durante a menoridade d'Isabel, realisar progressos consideraveis favoraveis á seita. Rebentou a guerra civil entre o partido de D.

Carlos e o de Maria Christina e foi então que Prim, tendo apenas desoito annos d'edade, mas já filiado nas Lojas, fez as suas primeiras provas nos corpos francos da Catalunha.

Tendo a regente triumphado, mostrou-se reconhecida para com os franc-mações, pelo apoio que lhe prestaram, e accedeu aos seus desejos, introduzindo em Hespanha o regimen constitucional. Principalmente Prim foi alvo da protecção de Maria Christina, porque em 1837 era já coronel no exercito regular; tinha então apenas 23 annos.

Homem ambicioso e pouco escrupuloso na escolha dos meios, verdadeiro irmão dos carbonarios d'Italia, Prim viveu na revolta e dedicou a sua vida a preparar *pronunciamentos*.

Tendo Maria Christina fugido de Hespanha em face da Revolução, dirigida pelo I.·. Espartero, o I.·. Prim, que pertencia então ao partido progressista, fracção mais avançada da Maçonaria, organisou uma sublevação, que rebentou em 1842 em Saragoça. Os partidarios do I.·. Espartero sahiram vitoriosos, e o I.·. Prim refugiou-se em França, o que é um testemunho eloquente da fraternidade que reina entre os adeptos da seita.

O I.·. Prim, que foi nomeado deputado ás Côrtes pela cidade de Barcelona em 1843, recomeçou a lucta e revolucionou a cidade de Reus. Expulso d'esta localidade por Zurbano, tenente das forças d'Espartero, refugiou-se em Barcelona, que conseguiu sublevar. N'esta epoca, Maria Christina, que entrára em Hespanha,

graças á maioridade de sua filha, recompensou Prim pelas revoltas que fomentára em seu favor, nomeando-o general, depois conde de Reus e, por fim, governador de Madrid.

Tendo desmerecido das boas graças da sua protectora, promoveu em 1844 uma sedição contra ella, mas foi capturado e condemnado a seis annos de prisão. Posto em liberdade pela clemencia regia, conservou-se afastado dos negocios politicos da Hespanha até 1854; n'este anno, tendo os chefes da União Liberal, que eram franc-mações, sido chamados ao poder, Prim foi eleito deputado ás Côrtes. Em 1859 fez a guerra contra Marrocos, e em 1861 conduziu ao Mexico as tropas hespanholas ao lado dos regimentos francezes e inglezes.

Em 1864, despertando de novo n'elle o sentimento revolucionario, tomou parte n'uma sedição militar que foi suffocada e viu-se obrigado a procurar a salvação na fuga. Reentrando em Hespanha em 1865, minou de novo o exercito, e nos principios de 1866 fel-o revoltar contra Izabel com o fim de a desthronar para a substituir pelo Rei de Portugal. Não tendo vingado esta revolta, Prim fugiu; voltou, porém, alguns mezes mais tarde, organisou uma nova sedição, a qual não foi mais feliz do que a antecedente, e salvou-se fugindo para o estrangeiro.

A Franc-Maçonaria hespanhola tinha obtido uma monarchia constitucional, espoliada da quasi totalidade do seu poder; era muito, mas não era bastante; ella queria a republica, e foi

com esse fim que trabalhou para derrubar o throno d'Izabel II. Por outro lado, a seita, apesar do favor de que gosavam os seus chefes junto da Rainha, não lhe perdoavam o apoio, que ella sempre procurára prestar ao Papado.

A revolução que se preparava, foi combinada nas Lojas, muito tempo antes que rebentasse, em 1868. Os jornaes, redigidos por francmações, tinham-n'a annunciado em toda a Europa. Izabel, obrigada a abandonar Madrid, refugiou-se em S. Sebastião, prompta a embarcar para França.

No momento em que a rainha se affastava da sua capital, os Irmãos e Amigos espalharam nas cidades e villas da Peninsula uma proclamação afim de chamar o povo ás armas, lembrando-lhe a memoria de Cid (era dar a Cid um papel mui differente d'aquelle que desempenhou este grande capitão) e convidando-o a vingar a memoria de Riégo, o francmação revolucionario, executado em 1823 por ordem do Rei Fernando VII.

Esta proclamação produziu um effeito extraordinario. Todas as Lojas d'Hespanha, esquecendo as suas rivalidades, reuniram-se para a destruição da monarchia. O I.·. Prim e os seus amigos apresentaram-se de repente em frente de Cadiz, que caíu em seu poder.

Desde este momento, a Revolução tinha a causa ganha. Os generaes exilados durante o reinado d'Izabel por promoverem revoltas, apressaram-se a entrar no paiz, espalharam-se pelas provincias e sublevaram-nas contra os

Bourbons. Baldadamente os generaes del Duero, Cheste e Novaliches se collocaram á frente das tropas reaes e tentaram abafar a insurreição; os soldados, que tinham sido industriados com antecedencia pelos franc-mações, abandonaram quasi por toda a parte os seus chefes e juntaram-se aos revolucionarios. Em vão Concha, nomeado pela rainha presidente do conselho de ministros, procurou tomar medidas energicas: foi impotente em face dos sectarios.

Estes, senhores da situação, formaram em Madrid uma junta provisoria. D'ahi a pouco, a queda dos Bourbons foi solemnemente proclamada, o voto universal foi admittido como principio da constituição, e os Jesuitas foram expulsos. Vê-se que os Irmãos Tres Pontinhos não perderam tempo.

Foi constituido um governo provisorio com a missão de proceder ás eleições de deputados do povo ás Côrtes. Estas eleições illudiram as esperanças dos franc-mações. Os hespanhoes nomearam uma maioria monarchica, que, depois de ter regeitado a fórma republicana, confiou a regencia da Hespanha ao I.·. Serrano com a missão de procurar um Rei.

O I.·. Prim, que esperava ser nomeado regente, foi simplesmente convidado para ministro da guerra. Um outro ter-se-ia contentado com isso; mas elle, ambicioso como era, procurou meios de subir ainda mais. Se tinha, desde 1833 até 1868, tomado parte em nove revoltas, não era tanto para fazer progredir a

Maçonaria, como para augmentar a sua importancia. Por outro lado, lembrava-se que tinha aproveitado bastante com servir a Rainha-Mãe, Maria Christina, e via que não havia ganho grande coisa desthronando Isabel II.

Porisso, não podendo elle subir ao throno, procurou, para se sentar n'elle, um principe que, devendo-lhe a corôa, o recompensasse magnificamente. Desde esta occasião, abandonou os republicanos, e tendo-se estes sublevado, em outubro de 1869, na Catalunha e na Andaluzia, Prim reprimiu a insurreição com grande energia, proclamou o estado de sitio, mandou bombardear e tomar Valencia d'assalto e restabeleceu a ordem material pelo terror.

Os franc-mações republicanos, reduzidos á impotencia, resolveram vingar-se, mas não por meio da guerra, d'este falso irmão, ambicioso, prompto a cortejar o primeiro Rei que viesse e que lhe pagasse pinguemente o trabalho, que elle tivesse tido para o elevar ao throno.

A parte mais avançada da seita tinha por chefe o mais audacioso e influente, Ruiz Zorrilla, um homem de baixa origem, ajudado nos seus estudos pela caridade publica e a quem o seu charlatanismo e a protecção de certas Lojas haviam tornado uma personagem influente. Por outro lado, muitos franc-mações opinavam que o I.·. Prim dispunha das coisas publicas ha bastante tempo já e que devia retirar-se do poder para deixar o logar livre a outros mais jovens que elle.

Prim não o entendia assim, e multiplicava

os esforços para obter um Rei. Um principe da casa de Saboia tinha recusado. Em junho de 1870, esta corôa em disponibilidade foi offerecida a um principe da familia de Hohenzollern, que começou por acceitar. E' necessario não esquecer que foi este o motivo da guerra de 1870 entre a França e a Allemanha. Não tendo podido ser mantida a candidatura Hohenzollern, Prim entabolou negociações com o segundo filho de Victor Manuel, Amadeu, duque d'Aosta.

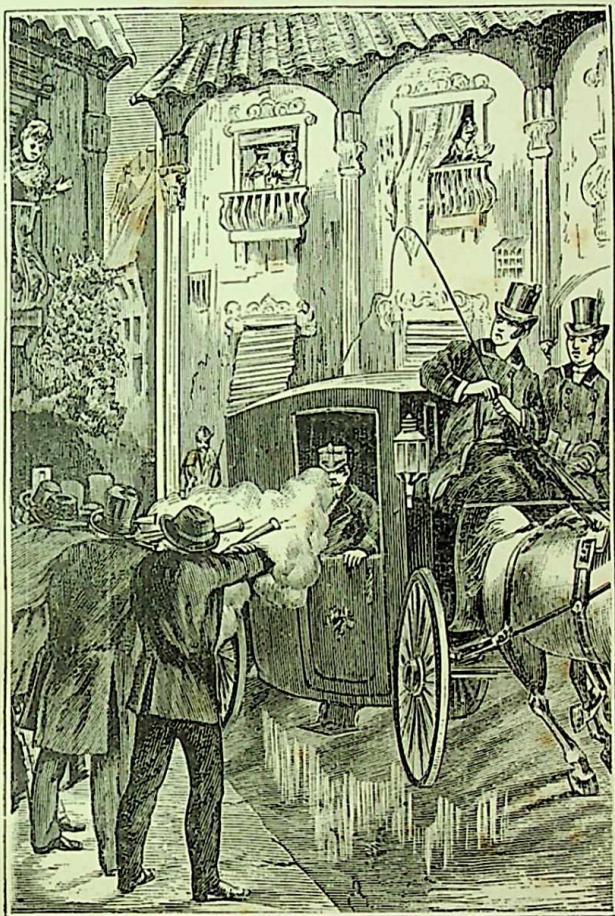
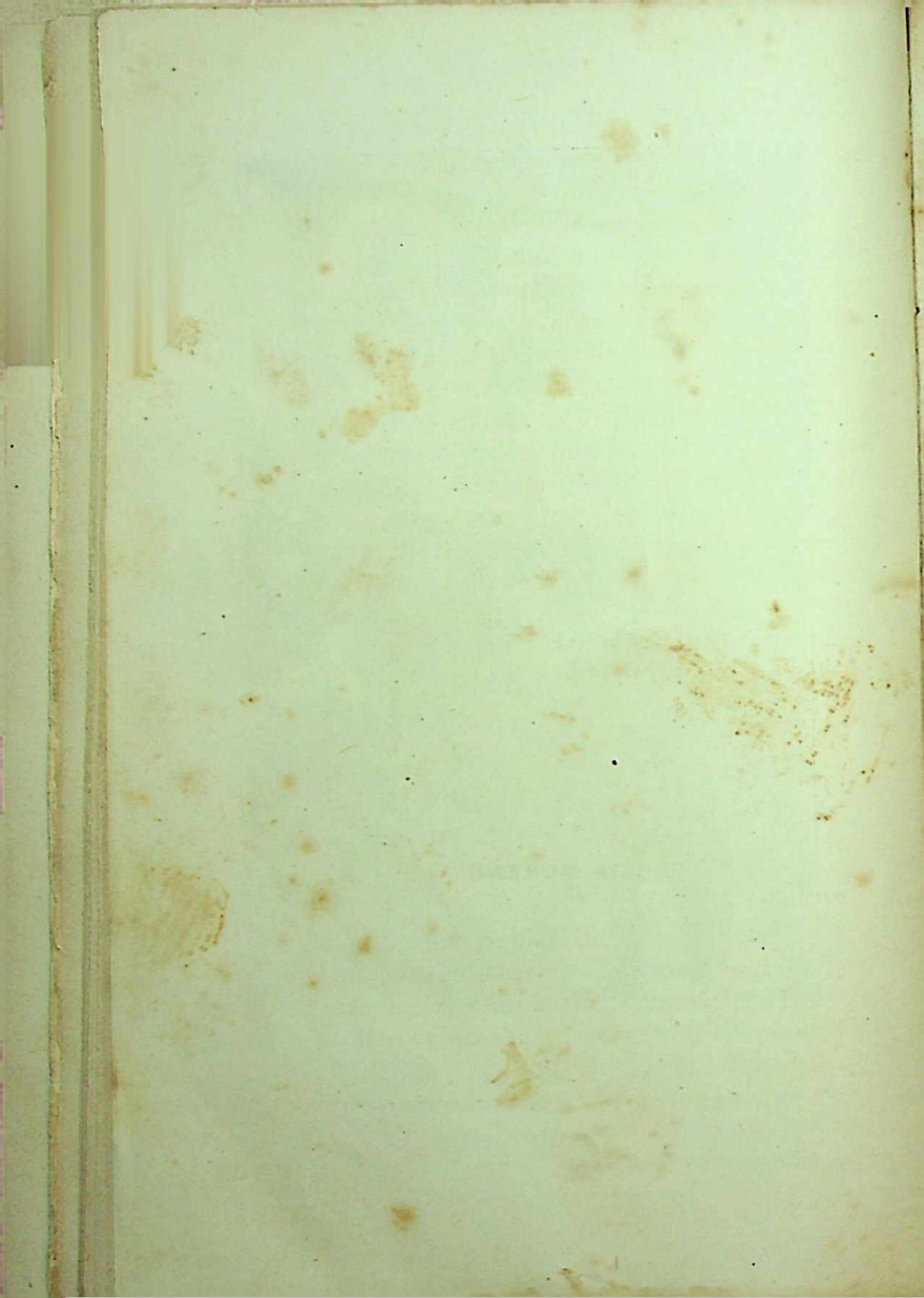
A 3 de novembro de 1870, na abertura das Côrtes, Prim, depois de ter exprimido o seu pesar pelo tragico resultado que teve a questão Hohenzollern, propoz officialmente a candidatura do principe Amadeu. Os franc-mações avançados, que queriam immediatamente a republica, chamaram traidor a Prim e pediram á Camara um voto de censura ao governo, e, em particular, ao ministro que preparou aquella candidatura sem auctorisação preambular das Côrtes. A maioria, que era monarchica, não escutou estes republicanos intransigentes; em consequencia d'isto, decidiram-se a fazer entrar na ordem o Irmão infiel por outro meio que não o voto de censura.

A 16 de dezembro, o duque d'Aosta foi proclamado Rei sob o nome d'Amadeu; a 27, Prim, respondendo ao snr. Bugallal n'uma sessão das Côrtes, declarou que passaria por cima da Constituição, se fosse necessario, para salvar a patria e a liberdade, confiando-as á guarda do novo monarcha. O ambicioso Irmão assi-

gnou, por assim dizer, com esta declaração, a sua sentença de morte, decretada pelo Supremo Conselho, onde dominava a influencia de Zorrilla.

A execução não se demorou. Ao sair da sessão, Prim entrou na carruagem para se dirigir a sua casa. No momento em que atravessava a rua Turco, alguns Irmãos que alli estavam embuscados, armados d'espingardas, apontaram-lhe e fizeram fogo, emquanto os cocheiros, cumplices, paravam os cavallos a um signal convencionado. Partiram grande numero de tiros. O I.·. Prim, que recebeu sete balas no hombro esquerdo, expirou a 30 de dezembro de 1870, no momento em que o novo Rei desembarcava em Carthagena para tomar posse d'um throno que devia occupar pouco tempo.

A justiça abriu inquerito sobre este assassinato; mas foi simplesmente mera formalidade. Como em todos os crimes em que a Maçonaria figura, o inquerito baralhou-se e complicou-se bastante; fizeram-no durar até fins de 1874, mas ninguem foi punido. E como succederia o contrario, se as auctoridades civis, judiciaes e militares de Madrid pertenciam, em 1870, á seita? Além d'isso, é sabido que a Franc-Maçonaria exige a maior discreção dos seus adeptos, e, em caso de necessidade, obriga-os ao segredo por meio do punhal dos seus Kadosch.

O facto do assassinato de Prim por ordem da Maçonaria é indiscutivel. Os franc-mações hespanhoes — pelo menos aquelles a quem os

Assassinato do marechal Prim. — Quando Prim ia na carruagem, o cocheiro, cumplice dos sectarios, parou os cavallos a um signal convencionado, e os franc-maçoes embuscados fuzilam immediatamente o marechal.

acontecimentos politicos ulteriores obrigaram a procurar um refugio no estrangeiro — teem-se vangloriado d'isso. Um d'elles chegou a gloriar-se, no jornal revolucionario *La Bataille*, de Paris, numero de 18 d'agosto de 1885, de ter tomado parte no crime; fez até uma narração dramatica, pretendendo que os conjurados obrigaram Prim a descer da carruagem e forçaram-no a ajoelhar deante d'elles para ser assassinado; esta narração foi desmentida mais tarde, e parece ter sido apenas uma fanfarronada dos assassinos.

Mas, fossem quaes fossem os ultimos momentos de Prim, o que é certo é que este assassinato deve juntar-se á serie dos ordenados pela seita; e, apesar do I.·. Prim ser uma personagem pouco interessante, tinha logar destinado n'este livro.

XII

GARCIA MORENO

A Republica do Equador, antiga colonia hespanhola, é um d'esses estados que, no começo do seculo XIX, deveram a sua libertação a Bolivar, o Washington da America do Sul.

Infelizmente, aquelles povos não souberam aproveitar-se da sua liberdade. Durante muitos annos soffreram o despotismo dos tyrannos militares, cujo governo, nascido dos *pronunciamentos*, era fundado sobre a violencia.

O verdadeiro libertador da Republica Equatoriana foi Gabriel Garcia Moreno.

Para se comprehender bem a obra realisada por este homem de genio, é mister lançar um olhar sobre o estado do seu paiz antes de Garcia Moreno entrar nos negocios publicos.

O Equador, situado na America do Sul, occupa um territorio tão grande como quasi duas vezes o da França. O paiz tem a fórma d'um longo triangulo, cuja maior dimensão é de Oeste a Este. A Oeste a base d'este triangulo, e o seu mais pequeno flanco, é formada pelo Oceano Pacifico; a fronteira dos Estados Unidos de Colombia determina, ao Norte, um dos grandes flancos do triangulo; ao sul, o Peru limita o terceiro flanco. Emfim, o Equador prolonga a Este uma ponta extrema até ao Brazil.

A população d'este paiz não é muito numerosa, relativamente ao seu vasto territorio: tem apenas 1.143:000 habitantes.

A Republica é dividida em tres zonas mui distinctas, que se alongam do Norte ao Sul, isto é, parallelas ao Oceano Pacifico. Ao longo do littoral estende-se, como uma fita, uma planicie, que não tem menos de vinte leguas de largura. Inunda-a os raios d'um sol ardente, o sol do equador. A terra é fertil, assás aljofrada pelas torrentes e rios que descem das montanhas, beneficiada durante longos mezes por chuvas quotidianas. A vegetação é tambem esplendida; o acaju, o cedro, a pimenteira, a fi-

gueira e a palmeira crescem alli em abundancia e attingem proporções gigantescas; o algodão, a canna do assucar, o café e o cacau nascem quasi sem cultura. O littoral é, pois, muito rico. Tem por cidade principal e por porto Guayaquil, patria de Garcia Moreno.

A Este d'esta primeira zona ergue-se uma cadeia de montanhas conhecidas pelo nome generico de Cordilheiras dos Andes. Estas montanhas são mui altas, pois teem 4:000, 5:000 e até 6:000 metros d'altura. Os seus flancos, do lado do Oceano, são cobertos d'espessos bosques e cortados de gargantas selvagens, de torrentes impetuosas, de barrancos e precipicios. São necessarios alguns dias para atravessar as Cordilheiras. O trajecto effectua-se a cavallo em muares e não se faz sem perigo.

A Este d'esta primeira cadeia de montanhas, eleva-se uma segunda, e, entre as duas, estende-se, a tres mil metros d'altura acima do nivel do mar, uma vasta planura que tem dez a quinze leguas de largo e cento e cincoenta de comprido, do Norte ao Sul. Esta planura é um verdadeiro paraiso terrestre: a primavera é alli eterna e a vegetação esplendida. E' n'esta planura que a população equatoriana se acha concentrada. Alli se elevam Quito, capital do paiz, Ibarra, e as cidades mais importantes, rodeadas de numerosas villas e aldeias.

N'estas paragens estendem-se diversas propriedades chamadas *haciendas*, nas quaes vi-

vem rebanhos de tres a quatro mil bois, de quinze ou vinte mil carneiros. [1]

A Este da planicie de Quito, ao pé das montanhas que a sustentam, estende-se até ás fronteiras do Brazil uma immensa campina coberta de florestas virgens e atravessada por enormes rios, tributarios do Amazonas. E' o refugio das tribus indianas, cujo numero é avaliado muito aproximadamente em duzentos mil. E' a terceira zona.

Um longo triangulo apoiando-se no Oceano Pacifico e dividido em tres zonas: o littoral, a planura de Quito e o territorio dos indios, tal é pois a Republica do Equador, da qual Garcia Moreno foi o organisador.

O futuro salvador do seu paiz nasceu em Guayaquil, como já dissemos, a 24 de dezembro de 1821, vespera do Natal. Era oriundo de familia antiga e distincta; seu pae, D. Garcia Gomez, esposára a snr.ª D. Mercedes Moreno, que lhe deu numerosos filhos, dos quaes Gabriel, o nosso heroe, era o mais novo. Usou sempre, reunidos, os nomes de seu pae e de sua mãe.

Mui joven ainda, teve tres grandes mestres: a pobresa, o perigo e a sciencia.

Seu pae, depois de ter possuido enorme fortuna, perdeu-a e caiu na miseria. Não mais

---

1 A maior parte d'estas informações foram hauridas na notavel obra *Garcia Moreno*, pelo padre A. Berthe, redemptorista, obra cuja leitura muito recommendamos, por ser instructiva por mais d'um titulo.

(Nota dos auctores).

pode readquirir bens temporaes e falleceu no momento em que o joven Gabriel se achava em edade de frequentar as aulas.

O joven foi testemunha das insurreições e dos bombardeamentos que affligiram Guayaquil, e assim se tornou indifferente em face do perigo.

Gabriel estudou com paixão. Apto para as sciencias exactas, assim como para as letras, conquistou em pouco tempo todos os seus diplomas. Era doutor em medicina, conhecia o direito, mathematico de primeira ordem, excellente professor de chimica, orador de grande eloquencia e tambem notavel escriptor.

Em 1846, tendo vinte e quatro annos d'edade, entrou na vida publica, redigindo jornaes satyricos, — O *Azorrague*, o *Vingador* e o *Diabo* — nos quaes combateu com rara coragem pela emancipação politica, intellectual e moral do povo.

Garcia Moreno tinha uma força de vontade extraordinaria. Citaremos um exemplo. Moreno era muito estimado na sociedade e sentia-se impellido a passar as noites em conversação nas casas das familias, onde era acolhido. Durou isto pouco tempo; porque, conhecendo que este habito lhe fazia perder muito tempo inutilmente, tomou uma resolução decisiva. A exemplo de Demosthenes, mandou rapar a cabeça como um frade, de sorte que não podia sair sem se expôr ás zombarias do publico. D'este modo esteve encerrado em uma casa seis semanas; e,

no fim d'este tempo, havia readquirido os seus habitos de trabalho persistente.

De 1854 a 1856 fez uma viagem pela França, demorando-se bastante tempo em Paris. Depois voltou á America afim de provocar o despertamento do povo equatoriano.

Em 15 de setembro de 1857, foi eleito membro do Congresso.

Dois tyrannos, Roblez e Urbina, dividiam entre si o poder. Não encontrando na assembleia nacional uma maioria docil aos seus caprichos, dissolveram-na illegalmente e se nemearam, um d'elles dictador, e o outro general em chefe do exercito equatoriano. Além d'isto, transportaram a capital para Guayaquil, cidade onde pullulavam os franc-mações.

Este acto de força indignou o paiz; a reprovação foi geral e houve uma verdadeira sublevação nacional. O povo, fazendo causa commum com os seus deputados, constituiu-se em exercito republicano sob as ordens dos membros do congresso, bateu-se valorosamente e derrotou os despotas usurpadores.

Estes, não podendo resolver-se a acceitar a situação que lhes foi creada, e que os tornava simples cidadãos, abandonaram o paiz, estabeleceram-se no Perú, isto é entre os inimigos hereditarios da sua patria, e, de lá, não cessaram de conspirar, de fomentar a guerra civil, graças á qual contavam voltar ao poder.

Em 1860, Garcia Moreno foi eleito presidente do governo provisorio. O seu primeiro acto foi instituir no Equador o suffragio univer-

sal; porque, até então, o direito de voto era sómente privilegio d'um numero restricto.

A 10 de janeiro de 1861 entregou os seus poderes á Convenção. Alguns dias depois, a assembleia procedeu á eleição do presidente da Republica, nomeado por quatro annos; o nome de Garcia Moreno reuniu por unanimidade os suffragios dos mandatarios do povo.

Segundo a constituição n'aquella epoca, o primeiro magistrado da Republica não era reelegivel depois de ter expirado o seu mandato. Foi Jeronymo Carrion que foi eleito, em 1865, em substituição de Garcia Moreno; o Congresso votou então a ordem do dia seguinte:

«Visto a abnegação do presidente cessante, os seus sublimes esforços e os seus heroicos sacrificios, o Congresso declara que Garcia Moreno é um benemerito da patria; e, contando com o zelo do presidente actual, o povo espera que elle caminhe sobre as nobres pegadas do seu predecessor.»

Foi exactamente o contrario o que succedeu. Carrion era um homem fraco, mas zeloso do seu poder, que imaginou que, recorrendo aos conselhos de Garcia Moreno, e seguindo o seu exemplo, amesquinharia a sua auctoridade. O novo presidente deu ouvidos aos franc-mações, cumplices d'Urbina, esse faccioso, que, como já dissemos, se refugiára no Perú e d'alli dirigia os sectarios do Equador.

Carrion, mal aconselhado, enviou Garcia Moreno ao Chili para contractar com esta Republica um tratado de commercio e de navegação.

Os revolucionarios esfregaram as mãos de contentamento ao terem noticia d'esta missão, e não occultaram o projecto de se libertarem, durante o caminho, do homem que os molestava.

Algum tempo antes, tinham formado o projecto de o assassinar na Carolina, fazenda para onde Garcia Moreno se tinha retirado, nos arredores de Quito; mas certas indiscreções dos conjurados os forçaram a adiar o horrivel designio.

Garcia Moreno, apesar de muito prevenido dos perigos que o esperavam na estrada e principalmente em Lima, capital do Perú, paiz onde os franc-mações eram poderosissimos, partiu no dia 27 de junho de 1866, acompanhado de D. Paulo Herrera, seu secretario, e de D. Ignacio de Alcazar, adjuncto á legação. Herrera levava comsigo seu filho, joven de quatorze annos, e Garcia Moreno uma segunda sobrinha de oito annos que se dirigia a Valparaiso. Era toda a sua escolta.

O vapor chegou a 2 de julho a Callao, que é o porto de Lima.

«Garcia Moreno — diz o Padre Berthe, sabio auctor da sua vida — tomou immediatamente com o seu sequito um comboio, que chegou ao desembarcadeiro de Lima ao meio dia.

«Ignacio de Alcazar foi o primeiro a descer para conversar com um adjuncto da embaixada, que veio ao seu encontro. Garcia Moreno seguiu-o logo e em seguida ajudou sua segunda sobrinha a descer.

«No momento em que elle se voltava para um amigo que viera felicital-o pela sua viagem, um

certo Viteri, parente d'Urbina, aproximou-se subitamente d'elle, chamou-lhe ladrão e assassino e atirou-lhe dois tiros de rewolver á cabeça antes que Moreno tivesse tempo de fazer qualquer movimento. O seu chapeu, furado pelas balas, caiu por terra.»

Immediatamente Garcia Moreno, armando-se com o seu rewolver, avançou para o assassino e com a mão esquerda segurou-lhe o braço direito. Este movimento fez desviar a terceira bala que o assassino atirou e que não attingiu o embaixador, cujo sangue corria de duas ligeiras feridas, uma na fronte, outra na mão direita.

«Emquanto Garcia Moreno apertava o braço do seu adversario, um de seus amigos, D. Felix Luque, apesar de não estar armado, correu em seu auxilio; mas um novo tiro, atirado por um companheiro de Viteri, lhe atravessou a mão. Ao ruido d'estas detonações, Ignacio de Alcazar precipita-se por sua vez no meio dos combatentes e cresce para Viteri, descarregando-lhe pancadas com a coronha do rewolver. Ferido na cabeça, o furioso assassino descarrega duas vezes a sua arma sobre este novo assaltante, ao passo que Ignacio, respondendo egualmente com uma dupla descarga, o obriga a abandonar o campo. Esta horrivel scena durou apenas um instante.»

Viteri voltava á carga quando foi preso pelos policias, que emfim chegavam em auxilio das victimas d'esta aggressão maçonica.

Não deve passar desapercebido que Garcia Moreno se contentou em affastar a arma do seu inimigo, em vez de lhe queimar os miolos,

como estava no pleno direito de o fazer, pois se encontrava n'um caso de legitima defesa.

Mas — facto extraordinario! — os juizes peruvianos, que eram franc-mações, encontraram meio de não condemnar Viteri, o assassino confesso da seita!

Continuando o seu caminho, Garcia Moreno chegou ao Chili e contratou com o governo d'este paiz as mais vantajosas convenções para o Equador. Voltou a Quito, rodeado d'um prestigio augmentado pela ominosa tentativa de que foi objecto e pelo bom resultado das suas negociações.

A 6 de novembro de 1867, depois de dois annos e meio de presidencia, Carrion, que se mostrára deploravelmente fraco e versatil, foi obrigado a dar a sua demissão. Para a conclusão do periodo constitucional, foi eleito um advogado muito estimado, D. Xavier Espinoza.

Em 1868, uma espantosa catastrophe desolou o Equador. Uma provincia inteira, a provincia d'Ibarra, situada na planura de Quito, entre as duas cadeias de montanhas das Cordilheiras dos Andes, foi destruida por irrupções vulcanicas e tremores de terra. Só na cidade d'Ibarra, mais de cinco mil homens ficaram sepultados nas ruinas.

Garcia Moreno, a quem os seus concidadãos sempre tinham recorrido quando se encontravam n'uma difficuldade, da qual não sabiam como sair-se, Garcia Moreno, o *Salvador*, organisou soccorros com uma actividade prodigiosa.

Por outra parte, os Indios acantonados n'essa terceira zona do paiz, da qual fallamos ao expormos as grandes divisões geographicas do Equador, os Indios julgavam chegado o momento d'expulsar os brancos, favorecidos pela desordem. Sahiram, pois, das suas florestas, promptos para saquear tudo.

Garcia Moreno, nomeado governador civil e militar da provincia d'Ibarra, poz-se á frente das tropas e conseguiu encurralar de novo os aggressores nas suas florestas.

Um mez depois, a população salva entregava ao seu libertador uma medalha d'ouro, enriquecida de diamantes, com este exergo: *Ao Salvador d'Ibarra.*

Em pouco tempo, Garcia Moreno tinha reparado todo o mal, e as cidades, ha pouco destruidas, começaram a renascer. Na verdade este homem tinha sido encarregado pela Providencia d'uma missão sublime, e cada passo seu marcava um beneficio.

Em 1869, vendo Garcia Moreno que o presidente Espinoza ia ser derrubado pelos francmações, partidarios d'Urbina, poz-se á frente do exercito e salvou o seu paiz da anarchia.

A assembleia nacional modificou então os artigos da constituição relativos á presidencia. Approvou o seguinte: «O presidente é eleito por seis annos, reelegivel no segundo periodo, mas não poderá ser investido do terceiro mandato senão depois do intervallo d'outros seis annos.»

A 29 de julho de 1869, Garcia Moreno foi

eleito presidente da Republica do Equador. Realisou então, em pleno seculo XIX, este milagre: a organisação d'um Estado christão, onde o reinado de Christo assegurava a felicidade de todos e no qual a divisa do governo era: «Liberdade para todos e para tudo, excepto para o mal e para os malfeitores.»

Entretanto, os franc-mações não queriam deixar Garcia Moreno trabalhar tranquillamente para o bem de seus concidadãos, e a 14 de dezembro de 1869 suscitaram contra elle um joven, chamado Cornéjo e alguns outros. Haviam resolvido assassinal-o, e este projecto ia ser executado quando um dos iniciados, cedendo aos remorsos, revelou ao presidente o perigo que o ameaçava e o nome dos conjurados, que foram presos e condemnados á morte, excepto Cornéjo, que obteve indulto e foi sómente exilado.

O partido da revolução ficou então esmagado por muito tempo.

Em 1875, no mez de maio, Garcia Moreno foi reeleito presidente pelo suffragio directo da nação. Era a terceira vez que Moreno se via guindado á magistratura suprema; a legalidade da eleição era incontestavel, porque a nova constituição estipulava que o presidente podia ser reeleito durante dois periodos successivos. Como a lei não tinha effeito retroactivo, não contava a eleição de 1861.

Além d'isso, em 1875 Garcia Moreno tinha feito tanto bem, era tão popular, que os seus adversarios politicos não ousaram oppor-lhe um

só concorrente. Foi eleito pelos votos de quasi tres quartas partes dos eleitores.

Mas porque era Garcia Moreno tão popular?

Porque as suas obras como presidente eram maravilhosas.

No Equador estava tudo por fazer e elle tudo fez. Reforma do clero e do exercito; creação d'uma escola de cadetes, especie d'escola de Saint-Cyr na qual os jovens das melhores familias se preparavam para officiaes do exercito; introducção d'espingardas aperfeiçoadas; instrucção dos soldados; reforma e desenvolvimento do codigo judiciario; reforma da magistratura. Emfim, tratou sabia e prudentemente de todas as grandes questões do Estado, reprimiu as desordens e elaborou regulamentos para as prevenir de futuro.

Antes de Garcia Moreno ser presidente, não havia no Equador uma só estrada real. No seu tempo, mandou construir seiscentos kilometros; e que viaductos era necessario edificar atravez os valles dos Andes! Estes trabalhos são dignos dos Romanos.

Devido á sua iniciativa, o Equador tem caminhos de ferro, telegraphos, etc.

Mandou construir numerosos hospitaes, cuja administração elle vigiava pessoalmente, dirigindo-se d'improviso a estas casas e examinando tudo.

Um dia, tendo-se os leprosos queixado do regimen alimenticio, Moreno foi inesperadamente sentar-se á mesa d'estes infelizes, parti-

lhou do seu humilde repasto e deu ordem para ser melhorada a comida.

Tambem se esforçou para espalhar a instrucção no paiz, fundando innumeraveis escolas.

Creou uma escola polytechnica, academias de sciencias, um observatorio em Quito, destinado a tornar-se o primeiro do mundo pela sua situação a tres mil metros d'altura e sob a linha do equador.

Creou tambem faculdades de medicina e mandou vir professores da Faculdade de Montpellier para a de Quito.

Moreno tinha um tal ardor de reformas, que se occupava de tudo, mesmo dos prisioneiros. A sua reforma do systema penitenciario póde ser proposta como exemplo aos governos de todos os paizes. Transformou as prisões em escolas e em officinas, afim de melhorar a condição dos presos. Fez cessar todos os abusos, não receiando vir passar dias inteiros n'estes edificios sombrios e tristes.

Para estimular a boa vontade dos prisioneiros, Garcia Moreno fez-lhes entrever a liberdade como recompensa da melhoria dos seus sentimentos. No fim do anno, o presidente, rodeado dos seus ministros e d'uma escolta militar, dirigia-se ás prisões e assistia aos exames escolares dos presos; ás vezes era elle que interrogava esses escolares d'um novo genero, a maior parte dos quaes de maior edade. D'este modo averiguava-se que aquelles miseraveis se

emendavam e voltavam ao bom caminho; o seu comportamento melhorava todos os annos.

Depois de os ter felicitado pelos seus progressos e pelo seu proceder, Garcia Moreno distribuia recompensas aos que mais as mereciam, reduzia a pena a alguns e concedia a liberdade, mesmo na occasião da visita, áquelle que mais saliente se tornára entre todos pelo respeito ao cumprimento de seus deveres.

Os presos choravam d'alegria; não comprehendiam como um chefe d'Estado se abaixava d'aquelle modo até á sua miseria; e cada vez se esforçavam mais para merecer as suas boas graças.

Esta bellissima attitude não tardou a produzir fructos; os crimes e os delictos tornaram-se menos numerosos; no fim d'alguns annos, apenas havia nas prisões da capital uns cincoenta presos.

Entre outras reformas, devem mencionar-se as que dizem respeito ás finanças.

Antes da presidencia de Garcia Moreno, o estado estava muito individado. A' força d'economias e sem augmento d'impostos, o presidente chegou a extinguir completamente a divida do estado. Para os admiraveis trabalhos que mandou executar para o bem publico não foi necessario contrahir nenhum emprestimo.

Não contente de liquidar o passado, Garcia Moreno não quiz sobrecarregar o futuro. Concluiu tudo, graças ao augmento dos recursos nacionaes; a prosperidade foi tal, que em seis annos as receitas orçamentarias dobraram.

Além d'isso, convencido de que o exemplo impelle á imitação, Garcia Moreno foi modelo de desinteresse. Durante os seis annos de presidencia, não quiz nunca receber para si cinco reis sequer da sua lista civil: metade deixava-a ao Estado para diminuir os encargos do thesouro e obrigar os outros funccionarios a reduzir os seus ordenados ao estrictamente necessario; a outra metade era gasta em obras de beneficencia.

Um só traço pinta este homem:

«Por occasião da sua primeira eleição, sua esposa, a virtuosa snr.ª D. Rosa Ascasubi, lembrou-lhe que um presidente de Republica não podia dispensar-se, quando entrava em funcções, de dar um banquete official aos ministros, diplomatas e outras personagens importantes.

«Moreno observou-lhe que a sua humilde fortuna lhe prohibia semelhante luxo.

«A nobre senhora respondeu-lhe que se encarregava das despezas e deu-lhe quinhentas piastras (450$000 reis, moeda portugueza), recommendando-lhe que preparasse um banquete esplendido.

«Garcia Moreno, munido d'uma bolsa bem recheiada, encaminhou-se para o hospital de Quito, proveu ás mais urgentes necessidades dos seus queridos doentes e mandou-lhes preparar um magnifico jantar.

«Regressando a casa, a generosa esposa perguntou-lhe se precisava de mais dinheiro:

«— Pensei — disse-lhe elle rindo alegremente — que um bom jantar seria mais pro-

veitoso aos doentes do que aos diplomatas. Entreguei, pois, o dinheiro no hospital, onde me declararam que com quinhentas piastras se daria um excellente jantar a todos.»

A obra do Padre Berthe, que temos seguido para informar os leitores do que foi Garcia Moreno, está repleta de factos analogos.

Por occasião da sua morte, o administrador encarregado dos seus negocios apresentou uma conta minuciosa das suas receitas e das suas despezas, d'onde resulta que o presidente era tão desinteressado que não guardou cinco reis para si; não deixou fortuna alguma; tudo fôra gasto em obras de caridade e principalmente em soccorrer secretamente familias necessitadas, cujos chefes viviam no Perú ou no Chili. A esposa d'Urbina, o seu mais mortal inimigo, recebia do presidente uma subvenção mensal!

Um homem assim devia ser detestado, odiado por todos os exploradores, por todos os miseraveis intrigantes que são sanguesugas do povo.

Nos ultimos tempos, Moreno tinha-se apropriado d'uma ideia de Bolivar. O libertador da America do Sul havia publicado outr'ora um decreto assim concebido:

«Considerando que as sociedades secretas teem por fim principal preparar as revoluções politicas e que o mysterio de que se rodeiam revela assás o seu caracter prejudicial:

«E' ordenada a dissolução d'estas sociedades e são mandadas fechar as Lojas maçonicas.»

Segundo o pensamento de Garcia Moreno, as associações politicas só deviam funccionar em pleno dia, podendo o publico assistir ás suas sessões.

Persistindo os franc-mações em realisar reuniões clandestinas, Moreno promulgou uma lei condemnando á perda dos direitos eleitoraes aquelles a quem o tribunal indicasse como pertencendo a sociedades secretas.

Desde este momento, os sectarios resolveram matar o presidente e prevenirem-se bem para o plano não abortar d'esta vez; era-lhes necessario, custasse o que custasse, assassinar esse heroe que desconcertava, pela sua lealdade e coragem, os sinistros projectos das Lojas.

Nas provas das iniciações nos altos gráos, substituiram os manequins chamados symbolicos, que o recipiendario deve apunhalar, por manequins representando Garcia Moreno. D'este modo se excitavam os fanaticos.

Por outra parte, espalhava-se no publico o boato de que Garcia Moreno fôra iniciado, em 1860, na Loja *A Philantropia,* de Guayaquil, — o que nunca se provou — e que, fazendo approvar a lei de que se tratava, o presidente trahira os seus antigos Irmãos.

O crime, annunciado algumas vezes pelos jornaes do Perú, foi emfim commettido a 6 d'agosto de 1875.

Os assassinos designados pelas Lojas eram cinco: Moncayo, Campuzano, Andrade, Cornejo e Rayo. Um advogado, chamado Polanco,

devia conservar-se a alguma distancia para favorecer a fuga dos assassinos.

No dia 6 d'agosto — conta o Padre Berthe — Garcia Moreno dirigiu-se, pelas seis horas da manhã, como era seu costume, á egreja de S. Domingos para ouvir missa... O presidente aproximou-se da Santa Mesa... Depois de tantas advertencias, vindas de diversos lados, conhecia que a sua vida perigava.

Os conjurados expiavam-no desde a madrugada. Tinham-no seguido de longe até á praça de S. Domingos, onde estacionaram durante a missa, ora reunidos em pequenos grupos, ora aproximando-se uns dos outros para se communicarem as suas observações.

Conjecturou-se que os assassinos queriam assaltal-o ao sair da egreja, mas que um obstaculo imprevisto, talvez o concurso assás numeroso de fieis, os impediu d'effectuar o seu designio.

O presidente entrou tranquillamente em sua casa, passou algum tempo com sua familia e em seguida retirou-se ao seu gabinete para terminar a mensagem que tencionava, n'aquelle mesmo dia, communicar aos seus ministros.

Pela uma hora, munido do precioso manuscripto que devia ser o seu testamento, saiu com o seu ajudante de campo para se dirigir ao palacio, mas deteve-se no caminho em casa dos parentes de sua esposa. Alguns instantes depois, dirigiu-se para o palacio do governo.

N'este momento os conjurados achavam-se reunidos n'um café attinente á praça, d'onde

observavam os passos da sua victima. Apenas o viram, sahiram uns após outros e embuscaram-se por detraz das columnas do peristylo, cada um no posto designado pelo seu chefe Polanco, o qual se dirigiu para a praça afim d'affastar os obstaculos e prevenir qualquer acontecimento inesperado.

Houve então para estes assassinos um momento de terrivel angustia. Antes d'entrar no palacio, o presidente sentiu desejos d'elevar a sua alma a Deus e penetrou na cathedral, que está situada na mesma praça onde se ergue o pala cio governamental. Moreno demorou-se bastante tempo.

Rayo, um dos conjurados, impaciente com a demora, que podia tornar-se perigosa, mandou dizer ao presidente por um de seus cumplices que alguem o esperava para negocio urgente.

Garcia Moreno levantou-se logo, saiu da egreja e subia as escadas do peristylo quando Rayo, que o seguia, tirou uma enorme faca e deu-lhe uma terrivel facada no hombro.

« — Vil assassino! » exclamou o presidente voltando-se e fazendo inuteis esforços para sacar o seu rewolver do casaco, que levava apertado. Entrementes, Rayo abriu-lhe uma enorme fenda na cabeça, e os outros conjurados, vindo em auxilio d'este, descarregaram os seus rewolvers sobre Garcia Moreno.

N'aquelle momento um joven, que por acaso se achava proximo, quiz segurar o braço de

Assassinato de Garcia Moreno, presidente da Republica do Equador. — Garcia Moreno, tão fervoroso christão como grande homem d'Estado, fizera votar uma lei prohibindo as sociedades secretas; os franc-mações assassinam-no em Quito, em pleno dia.

Rayo, mas ferido e exhausto de forças, teve de o abandonar.

Crivado de balas, com a cabeça ensanguentada, o heroico presidente encaminhava-se, apesar d'isso, procurando a sua arma, para o lado d'onde partiam os tiros, quando Rayo, com uma dupla punhalada, lhe inutilisou o braço esquerdo e lhe deu tão vigorosa facada na mão direita que quasi lh'a amputou.

Uma segunda descarga fez cambalear a victima, que se apoiou á balaustrada e caiu á praça da altura de quatro a cinco metros.

Estendido no chão, com o corpo todo ensanguentado e a cabeça apoiada no braço, o moribundo estava sem movimento, quando Rayo, n'um accesso de ferocidade, desceu a escada do peristylo e lançou-se sobre elle para lhe acabar a vida.

« — Morre, carrasco da liberdade! » exclamou elle, apunhalando-lhe a cabeça.

« — *Dios no muere*! Deus não morre! » murmurou pela ultima vez o heroe christão.

Entretanto, o estrepido produzido pelos tiros attrahiu curiosos ás janellas...

Polanco, Cornéjo, Andrade e outros assassinos fugiram immediatamente, exclamando:

« — Está morto o tyranno! »

A praça encheu-se de pessoas assustadas, de soldados que procuravam os assassinos e de Padres que sahiam apressadamente da cathedral para ministrar ao ferido, se ainda respirasse, os ultimos soccorros da religião.

Garcia Moreno não póde responder a quem

lhe falla nem fazer o menor movimento; o seu olhar trae, porém, um resto de vida e de conhecimento.

Transportam-no á cathedral e d'alli para a habitação do Padre capellão afim de serem pensadas as suas hiantes chagas. Inuteis cuidados, porque, de seus labios descorados e lividos, se vê que poucos minutos lhe restam de vida.

Um Padre pergunta-lhe se perdoa aos seus assassinos; o seu olhar moribundo responde que a todos perdoa.

Recebe a absolvição; a Extrema-Uncção é-lhe administrada no meio das lagrimas e dos soluços dos presentes, e expira um quarto d'hora depois da espantosa tragedia do palacio.

Entretanto Rayo, ferido na perna por um tiro d'um de seus cumplices e destinado ao presidente, não pôde fugir com os outros assassinos. Brandindo a sua faca, o miseravel gloriava-se do seu crime. Alguns soldados rodeiam-no. Um d'elles aponta-lhe a arma.

«—Tu não tens o direito de me matar, exclamou Rayo.

«—E tu tinhas o d'assassinar o nosso presidente?» respondeu o soldado, ao mesmo tempo que fazia fogo e estendia sem vida o miseravel.

O cadaver de Rayo, calcado aos pés pela multidão, foi arrastado, de côrda ao pescoço, pelas ruas da cidade e lançado n'um barranco, no meio d'immundicies, como o cadaver d'uma besta immunda. Conduzido em seguida ao ce-

miterio, enterraram-no no terreno reservado aos parricidas e aos excommungados.

Encontraram-se-lhe provas da sua filiação na Franc-Maçonaria, assim como a quantia que recebeu para commetter o crime, n'um cheque sobre o banco do Perú, estabelecimento que é, para assim dizer, propriedade da seita.

Na noite d'este nefasto dia, accrescenta o Padre Berthe, o decano da faculdade de medicina, doutor Guayraud, reconheceu officialmente o cadaver do presidente e fez-lhe a autopsia. O martyr recebeu cinco ou seis tiros e quatorze punhaladas, uma das quaes lhe fracturára o craneo. Tinha sete ou oito feridas mortaes.

Sobre o peito do heroe foi encontrada uma reliquia da verdadeira Cruz e diversos objectos de piedade. No seu casaco havia uma agenda cheia de notas diarias; na ultima pagina, Garcia Moreno escreveu a lapis, n'aquelle mesmo dia, estas palavras que bastam para descrever a alma d'um santo: «Meu Senhor Jesus Christo, dae-me o amor e a humildade e fazei-me conhecer o que devo fazer hoje para vosso serviço.» Em resposta a este generoso pedido, Deus reclamou o sangue do heroe christão.

A Republica do Equador fez magnificos funeraes ao seu presidente; toda a nação se cobriu de lucto.

Quanto aos assassinos, Andrade e Moncayo conseguiram refugiar-se no estrangeiro; Polanco, que não tinha ferido, foi condemnado a dez annos de prisão; Campuzano e Cornejo foram condemnados á morte. Este ultimo morreu re-

conciliado com Deus: Campuzano, ao contrario, acabou seus dias como verdadeiro franc-mação. Tendo-se-lhe promettido, depois da sua condemnação, salvar-se-lhe a vida se revelasse os nomes dos organisadores do attentado:

«— E' inutil, exclamou elle; os meus companheiros não me perdoariam. Prefiro ser fusilado a ser apunhalado.»

Este conhecia bem o bom coração dos Irmãos e Amigos, os quaes não se reunem (a acreditarem-se as suas mentiras), senão para se occuparem d'obras philantrópicas.

Afim de dar uma fórma ao lucto publico e de perpetuar a recordação do grande patriota, tendo-se reunido os representantes da Republica do Equador em congresso solemne no dia 16 de setembro de 1875, dois mezes e meio depois do crime, approvaram, por unanimidade, o seguinte decreto:

Considerando:

Que o Excellentissimo D. Gabriel Garcia Moreno, tanto por sua douta intelligencia como por suas altas virtudes, merece occupar o primeiro logar entre os filhos do Equador;

Que consagrou a sua vida e os raros dotes do seu espirito e do seu coração á regeneração e á grandeza da Republica, baseando as instituições sociaes no fundamento solido dos principios catholicos;

Que, com a magnanimidade dos grandes homens, affrontou sem receio a diffamação, a calumnia e os sarcasmos impios, dando assim ao mundo o nobre exemplo d'uma inquebrantavel firmeza no cumprimento do seu dever;

Que amou a religião e a patria até ao ponto

de soffrer por ellas o martyrio, e legou d'este modo á posteridade uma memoria illustrada da immortal aureola com que Deus corôa as mais heroicas virtudes;

Que encheu a nação d'immensos e impereciveis beneficios na ordem material, intellectual, moral e religiosa;

E que, emfim, a nação deve honra, gratidão e respeito aos cidadãos que sabem ennobrecel-a e servil-a sob a inspiração do mais puro e do mais ardente patriotismo:

O Senado e a Camara dos Deputados, reunidos em Congresso Nacional, decretam:

I. — O Equador, por intermedio dos seus representantes, concede á memoria do Excellentissimo D. Gabriel Garcia Moreno a homenagem da sua eterna gratidão, e, para o glorificar segundo os seus merecimentos, lhe concede os nomes de REGENERADOR DA PATRIA e de MARTYR DA CIVILISAÇÃO CATHOLICA.

II. — Para a conservação dos seus restos mortaes, será construido, no local que o poder executivo designar, um mausoleu digno d'este grande homem.

III. — Afim de recommendar o seu glorioso nome á estima e ao respeito da posteridade, uma estatua em marmore, erecta em sua honra, terá no pedestal a seguinte inscripção: *A Garcia Moreno, o mais nobre dos filhos do Equador, morto pela Religião e pela Patria, a Republica reconhecida.*

IV. — Nas salas dos conselhos municipaes e n'outras assembleias officiaes, figurará egualmente um busto de Garcia Moreno com a inscripção: *Ao Regenerador da Patria, ao Martyr da Civilisação Catholica.*

V. — A estrada nacional e o caminho de ferro, obras principaes do presidente fallecido, usarão o nome de Garcia Moreno.

Se em Garcia Moreno o homem particular é grande, o homem politico é ainda maior; a sua obra é magnifica. Elle tirou o Equador da anarchia e deu-lhe a riqueza e a felicidade.

Os franc-mações assassinaram-no, porque elle realisára esta maravilha: uma Republica catholica.

Julgue-se entre o regenerador da sua patria e a seita homicida!

Entretanto, o Equador, abandonando durante alguns annos, pouco a pouco, os principios de Garcia Moreno, ía caír nas mãos dos franc-mações, quando se operou uma feliz transformação.

Em 1883, os habitantes elegeram presidente o snr. D. José Maria Caamano. García Moreno já o tinha recommendado aos suffragios dos seus concidadãos em 1864, escrevendo então a seu respeito:

«José Maria Caamano, de Guayaquil, possue, na minha opinião, as qualidades essenciaes d'um homem d'Estado: honradez a toda a prova, energia de caracter, amor da justiça e espirito religioso; Caamano é do pequeno numero d'aquelles que, em Guayaquil, nunca se envergonharam de praticar os seus deveres de christãos; pelo que conquistou o odio dos franc-mações, tão numerosos n'esta cidade.»

Elegendo D. José Maria Caamano, os Equatorianos seguiram o conselho de Garcia Moreno, e nomearam para presidente um homem capaz de pôr em pratica a bella maxima governamental do *Regenerador :* «Liberdade para to-

dos e para tudo, excepto para o mal e para os malfeitores.»

XIII

LEÃO GAMBETTA

E' esta a quarta vez que um dos auctores d'esta obra accusa publicamente a Franc-Maçonaria de ter assassinado Leão Gambetta.

O que se vae lêr já foi publicado; a primeira vez na grande obra *Os Mysterios da Franc-Maçonaria* (editada pelos snrs. Letouzey e Ané); a segunda no jornal *A Petite Guerre;* a terceira n'um folheto de propaganda, intitulado: *Gambetta assassinado pelos Franc-Mações.*

A seita nunca ousou responder a estas accusações. Imagina que, refugiando-se no silencio, virá o esquecimento sobre os seus crimes. Engana-se, porém. Quando alguem toma sobre si a missão de combater a Maçonaria, não mais a abandona.

E' por isso que publicamos de novo esta narração. Além de que, ella tinha logar destinado n'esta obra. Não é mister mudar-lhe uma palavra.

Na manhã do dia 27 de novembro de 1882, uma mulher apresentou-se no domicilio particular de Leão Gambetta, na *villa* dos Jardies, em Ville d'Avray, nos arredores de Paris.

Esta mulher, que ha muito tempo era admittida á intimidade do dono da casa, foi introduzida, como sempre, sem difficuldade.

Apenas se encontrou só com elle, dirigiu-lhe uma violenta serie de recriminações.

Acabava de saber, disse-lhe ella, uma noticia que a irritára muitissimo. Gambetta, tendo resolvido regularisar uma situação das mais incorrectas, preparava-se para esposar uma senhora, Leonia L..., da qual tinha um filho, e para legitimar a creança.

Ora a visitante, que se considerava como tendo direitos sobre este homem, de quem tambem era amante, queria oppôr-se ao casamento projectado.

Esta mulher era muito conhecida no mundo parlamentar, onde tinha certa reputação pelo seu espirito e belleza, que sahira victoriosamente triumphante dos estragos da edade, pois contava então cincoenta annos aproximadamente, antes um pouco mais do que menos. Tomando parte activa na politica republicana e maçonica desde o meio do imperio, quando apenas tinha vinte e nove annos, o seu salão foi sempre um dos pontos de reunião dos homens d'acção do seu partido.

Gambetta foi recebido em sua casa quando a questão Baudin o classificou entre os oradores da democracia. Este tinha então trinta annos; ella, em todo o esplendor da sua belleza, tinha mais seis ou sete annos que elle. O joven tribuno era d'um temperamento ardente; desligado de todo o sentimento religioso, abandonava-se ás suas paixões e até chegava a ser escravo d'ellas. Gambetta amou aquella mulher

e disse-lh'o; ella ouviu-o; amor culpado, porque aquella senhora era casada.

Veio a guerra. Ella permaneceu em Paris durante o cerco. Elle partiu em balão, como se sabe, nomeado delegado do governo da Defesa Nacional para as provincias. Na provincia, Gambetta travou conhecimento com uma joven, Leonia L..., filha d'um negociante de Bordeus. Era uma graciosa menina, tambem republicana, como a outra amante do tribuno. O inconstante apaixonou-se ardentemente d'ella e seduziu-a. Ainda não era passado um anno e a infeliz deu á luz um menino, ao qual pôz o nome de Leão, em recordação de seu pae; a criança não foi, porém, reconhecida por este.

Desde então Gambetta viveu partilhando a sua vida entre estes dois amores, dominado pela mulher casada, que exercia sobre elle poderosa influencia, e visitando de longe a longe a joven abandonada.

Não é necessario, para interesse d'esta narração, mencionar outras aventuras galantes, que não deixaram subsistir nenhuma ligação.

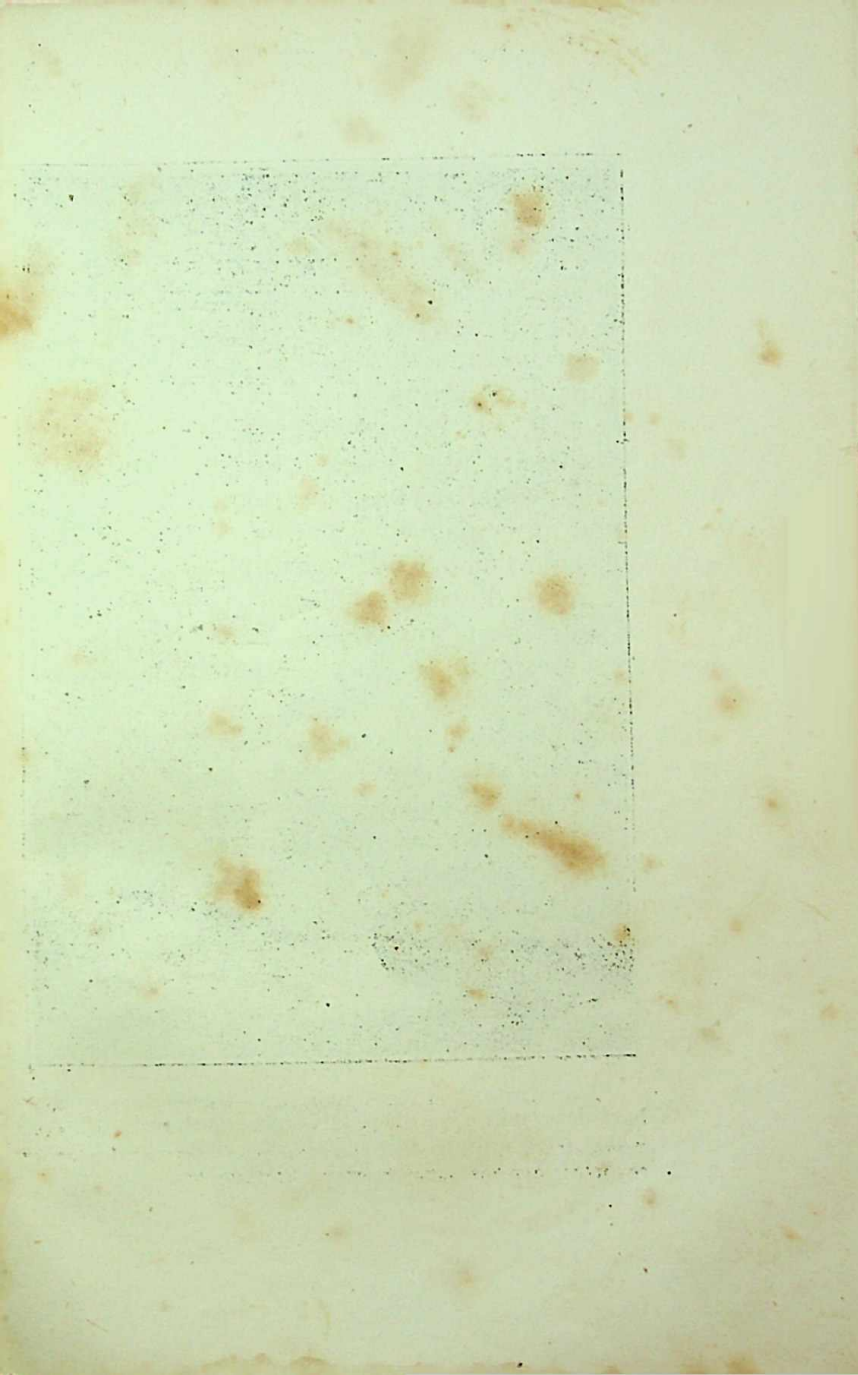
A amante casada obteve de Gambetta o compromisso formal, o juramento de que não esposaria nunca a sua rival. Devido a isto, fechava os olhos a tudo. O rapasinho, nascido dos amores de Bordeus, foi collocado n'um collegio do estrangeiro, e ella levava a complacencia até fingir crêr n'uma viagem diplomatica, quando elle ía vêr seu filho.

Entretanto, nos ultimos annos, esta mulher ficou viuva. Ella teria, sem duvida, querido usar

legitimamente o nome do tribuno popular, então presidente da Camara, depois primeiro ministro, e certamente designado para o cargo de primeiro magistrado da Republica. Mas, n'aquelle momento, Gambetta começava a afastar-se d'ella, a libertar-se do seu jugo por demasiado tyrannico; a sua belleza não a impedia de caminhar para os cincoenta annos, apesar de ter apenas quarenta e quatro. Semelhante casamento, n'estas condições, teria dado que fallar e prestar-se-ia a commentarios pouco edificantes, principalmente porque o tribuno era conhecido como tendo sido um dos mais intimos amigos do esposo fallecido.

Por outra parte, quando Gambetta estabelecia no seu espirito um parallelo entre os dois objectos do seu volatil amor, a comparação era muito mais favoravel a Leonia L... Esta amava-o com dedicação, com sacrificio; submettera-se, resignada, á sua posição não sómente falsa, mas sem esperanças de melhorar, porque elle jurára, para obedecer á outra, não legitimar nunca a sua união; ella não chegava a ser uma amante declarada.

Porisso, quando a viuva tentou que Gambetta a esposasse, este não se deixou convencer; recusou energicamente, applicando á altaneira belleza a pena de talião. Depois, pouco a pouco, indo mais longe, considerando como sem valor a promessa feita a esta contra a sua rival, decidiu-se a regularisar a sua situação com Leonia L...

E ahi está porque a viuva, em consequen-

Assassinato de Leão Gambetta. — Gambetta, que acabava de sacudir o jugo da seita, recebe, na sua villa d'Avray, d'uma Irmã Maçona, que julgava sua amiga, dois tiros de revolver, um dos quaes o feriu mortalmente.

cia d'esta ruptura, foi, *dizia ella,* á *villa* dos Jardies no dia 27 de novembro de 1882.

As explicações entre ella e Gambetta foram violentas.

De repente, no meio da scena, a amante tirou do bolso um rewolver. Gambetta encaminhou-se para ella, de mãos estendidas, para lhe tirar a arma antes que fizesse uso d'ella. Aquella mulher visou o seu amante na cabeça e desfechou; o tiro recebeu-o elle na mão direita. Depois, abaixando-se, desfechou um segundo tiro, que o attingiu no ventre.

« — Infeliz! que acabas de fazer? exclamou Gambetta. Estás louca... »

Então aquella mulher lançou-se-lhe aos pés e pediu-lhe perdão, vertendo bruscamente abundantes lagrimas.

Era sincera esta explosão de soluços, esta subita manifestação de desesperado pesar? Ou seria comedia?... Apreciaremos tudo sem demora... Gambetta, que era d'uma grande e ingenua bondade, acreditou na sinceridade d'aquella que acabava de desfechar sobre elle o rewolver. Imaginando que ella havia cedido a um accesso de furioso ciume, perdoou e não quiz que o crime fosse divulgado.

Ao ruido da detonação, o pessoal da casa acudiu. Gambetta declarou que se tinha ferido na mão, no momento em que imprudentemente manobrava a arma.

Foram chamados a toda a pressa dois medicos da visinhança.

Emquanto foram procural-os e elle conser-

vava a mão mergulhada n'uma bacia d'agua salgada, conheceu que tinha uma segunda ferida no abdomen; esta ultima não o fazia, porém, soffrer tanto. Deitou-se.

Os dois medicos fizeram os primeiros curativos.

Entrementes, tinham ido chamar dois outros doutores, amigos intimos do ferido, entre os quaes o snr. Paulo Bert, que chegou pouco depois.

O snr. Paulo Bert, inteirado do que se tinha passado, approvou a resolução tomada pelo seu amigo de conservar secretas as verdadeiras circumstancias do drama e prodigalisou-lhe os necessarios cuidados. O outro doutor veio tambem, mas sómente uma hora depois do meio dia. Quanto á viuva, tinha abandonado os Jardies apenas a sua victima ficou entregue aos cuidados dos medicos.

Todavia, em Paris espalhou-se o boato d'um attentado commettido contra o chefe do partido opportunista. Publicaram-se diversas versões. Alguns amigos do ferido tinham fallado. Mas, como Gambetta havia exigido formalmente que o crime ficasse occulto e que se dissesse que apenas se tratava d'um incidente, desmentiram-se as indiscreções da imprensa. Aquelles que rodeavam a victima julgavam, então, que as feridas não seriam mortaes e que a cura não se demoraria.

A bala, que penetrou na mão direita de Gambetta, saiu-lhe pelo ante-braço. O snr. Paulo Bert fez a extracção da outra; na região abdo-

minal não havia lesão alguma que parecesse perigosa.

A 2 de dezembro — cinco dias depois d'esta scena — a *République Française*, que era o principal jornal representante da politica do ex-ministro, relatou o «incidente», em conformidade com o que fôra resolvido entre Gambetta e os seus amigos. Desnecessario será dizer que n'essa narração só se alludia á ferida da mão, a unica de que se fallou a principio.

«O snr. Gambetta feriu-se a si mesmo, dizia o jornal; tinha na mão esquerda um rewolver, no qual ainda havia um cartucho; tinha deslocado o cano, e, para o fazer entrar no seu logar, apoiava a palma da mão direita na extremidade da arma; porém o cartucho, não estando completamente mettido no cylindro, oppunha-se a que o cano ficasse direito. Como a pressão do fulminante fosse assás forte, a capsula d'este partiu, e o snr. Gambetta recebeu o projectil na palma da mão direita. O trajecto da bala seguiu o sentido do ante-braço, por onde o projectil saiu.»

A explicação não era mal imaginada, como se vê; só peccava pela base. Para que as coisas se tivessem passado assim, era necessario que Gambetta fosse canhoto. Ora como o não era, se elle tivesse realmente manobrado o seu rewolver, segundo a versão da *République Française*, a mão direita era a que conservaria a arma e a mão esquerda a que teria sido atravessada pelo projectil.

Além d'isso, não deixa de ser extraordina-

ria essa manobra d'um rewolver carregado, n'um salão, em meio d'uma conversa com uma senhora; porque ninguem ignorava que Gambetta não estava só, quando succedeu o «incidente.»

Gambetta foi, pois, tratado como desejava, sem que outras pessoas, além do snr. Paulo Bert e dos mais intimos, se occupassem da segunda ferida.

A 8 de dezembro tinha desapparecido da mão a inchação. O ferido foi dado como curado. Comeu ostras e gallinholas ao almoço.

No dia 9 parecia ir muito bem.

De repente, no dia 10, houve mudança, não na mão, cuja ferida estava quasi cicatrisada, mas na região abdominal. Gambetta sentia um grande mal estar interior.

Mau dia, o 11.

No dia 12 parecia ir melhor. Recebeu, fumou e jantou abundantemente. Os dias 13 e 14 passou-os bem. No dia 15, bruscamente, declarou-se uma peritonite, sem duvida provocada pela inflammação interior da segunda ferida.

No dia 16 o perigo augmentou. A temperatura do doente era de 39°6; o pulso accusava 88 pulsações.

Gambetta sentia muito calor, mas não precedido de calafrios; estava em completa transpiração. Um dos doutores presentes julgou que era uma typhlite.

Desde então, o doente foi de mal a peior.

Os medicos combateram a doença como entenderam, mas sem resultado. O snr. Paulo

Bert era incansavel. A dedicada Leonia L... installou-se á cabeceira do doente. Como os amigos queriam a todo o custo occultar a ferida d'onde fôra extrahida a bala, e só se tratava de fazer desapparecer a inflammação interior, o snr. Paulo Bert ordenou, no dia 23, a applicação d'um vesicatorio.

A 28 o pulso dava 100 pulsações; a 29, 108; a 30, 110; a 31, de manhã, 120; e, depois do meio dia, 140. Veio o delirio e os symptomas alarmantes multiplicaram-se e aggravaram-se; ás onze horas e um quarto, o doente pronunciava as ultimas palavras; chegou a morte sem agitação alguns minutos antes da meia noite; os medicos, depois de se terem reunido em conselho, declararam que Leão Gambetta tinha succumbido a uma perityphlite.

Mas, apesar das precauções tomadas, apesar dos calculos d'uns e das complacencias d'outros, as verdadeiras causas d'esta morte prematura são indiscutiveis; a negação do crime não resiste ao mais leve exame.

Se é certo que o alimento copioso, copiosissimo que Gambetta tomou no momento em que se julgava salvo, lhe tirou a vida, não é menos evidente que, se não tivesse a ferida, não teria succumbido a uma vulgar indigestão. Na autopsia ao cadaver, os medicos verificaram duas perfurações, dois buracos no intestino. O snr. Paulo Bert, que sabia o que tinha produzido aquelles buracos, não assignou a acta da autopsia; os outros reconheceram as referidas perfurações, mas não as explicaram. Se o fizes-

sem, o mesmo era que assignar o certificado do assassinato.

Chegou o momento d'analysar até que ponto é sincera a scena do ciume, no decorrer da qual Gambetta foi ferido a tiros de rewolver.

Dissemos já que a auctora do assassinio era muito conhecida. Não nos pertence designal-a mais claramente, porque a «justiça» se absteve de proceder. Mas cremos ter o direito d'indicar o papel representado por esta mulher na Franc-Maçonaria, á qual pertencia.

O assassino de Gambetta é uma Irmã Maçona, não uma simples Aprendisa, não uma Companheira, não mesmo uma Mestra; é a Grã-Mestra das Lojas d'Adopção.

Bastará um exemplo para mostrar a importancia maçonica da pessoa.

E' sabido que, se os Irmãos são admittidos nas Lojas das senhoras, o contrario succede com as Irmãs, que não teem accesso nas Lojas d'homens. Os ritos masculinos e femininos são essencialmente distinctos. Em França só se citam tres mulheres, que, graças á sua situação excepcional, foram auctorisadas pelo Grande Oriente a assistir ás sessões dos Ateliers de Irmãos: a snr.ª de Xaintrailles, uma das duas jovens Fernig (irmã d'um Grão-Mestre), e a Irmã de que se trata. Esta possue tal influencia na seita que foi a unica mulher que pôde assistir, ha alguns annos, á iniciação do snr. Julio Ferry.

Os regulamentos são formaes. Uma Loja masculina, a Loja de Pecq (Seine-et-Oise), foi collocada em estado de somno, isto é fechada

pela auctoridade central maçonica, por ter recentemente admittido ás suas sessões a Irmã Maria D..., conferente bem conhecida em Paris.

E entretanto, repetimol-o, as portas dos Ateliers Symbolicos abrem-se, quando a viuva dos Jardies se digna de bater a ellas.

Ora, como o curso da justiça foi interrompido em favor d'esta mulher, como houve intervenções poderosas de tal ordem que nem sequer se fez inquerito judiciario nem se realisou a menor apparencia d'instrucção, não se está no direito de pensar que o crime de 27 de novembro de 1882 era mais alguma coisa do que um crime pessoal?

E' possivel, é provavel que Gambetta fosse victima da sua generosidade. Certamente ignorava o sentimento das Lojas a seu respeito. Frequentou-as pouco na epoca em que era mação; póde mesmo dizer-se que não as frequentou completamente; além de que rompeu com ellas no fim da sua curta passagem no poder.

Voltaremos a fallar, ainda que brevemente, do passado. Gambetta não foi nunca enthusiasta da seita; considerava-a como um conciliabulo, e não se privava de o dizer fosse a quem fosse.

Gambetta não lhe devia a sua fortuna politica. Ao contrario, foi a maçonaria que veio agarrar-se-lhe ás abas do casaco, quando era certo o futuro do orador popular.

Elle conquistou a sua reputação de repente, — não o esqueçamos — no processo Delescluze (questão da subscripção Baudin); a sua

eloquencia de tribuno tinha-se revelado com a velocidade d'um raio. Não era franc-mação, e pensava então tanto na seita como a seita pensava n'elle.

Pouco depois do processo de Delescluze, uma Loja dos arredores de Paris, a Loja de Bolonha, tentou attrahir a si o brilhante orador. Um Irmão, chamado Mahias, procurou-o para o convencer da utilidade da iniciação maçonica. Gambetta não disse que sim nem que não; Mahias interpretou a resposta do advogado no sentido affirmativo e tomou a iniciativa d'apresentar Gambetta á Loja. Esta recebel-o-ia da melhor vontade, mas elle não tinha assignado o pedido d'admissão. Esta formalidade era indispensavel. Alguns Irmãos meticulosos formularam objecções. Mahias comprometteu-se a levar Gambetta á Loja no dia da recepção; mas os seus confrades entenderam que não deviam confiar nas suas promessas, e o profano foi objecto d'uma recusa, sem talvez saber que tinha sido proposto.

Nas eleições legislativas de 1869, Gambetta, candidato em Marselha contra o snr. Lesseps, foi sollicitado para entrar na seita. Julgou-se n'um momento, quando se procedia ás eleições, que elle acceitaria a sua filiação para attrahir a si os moderados; mas, por fim, as Lojas de Marselha perderam o seu tempo, como o tinha perdido a de Bologne-sur-Seine. Rebenta a Republica; Gambetta é nomeado ministro; a seita procura de novo attrahil-o a si, mas elle resiste mais uma vez.

Na Assembleia Nacional, Gambetta ainda não era franc-mação.

Em 1876, depois da dissolução da Assembleia de Versalhes, apresentou a sua candidatura em Paris, em Lille, em Marselha, em Bordeus e em Avinhão.

Tencionava optar por Paris, depois da eleição; mas desejava ser eleito por Marselha, não só porque tinha sido o berço da sua vida politica, senão tambem porque tinha n'aquella cidade por adversario o snr. Alfredo Naquet, que representava então o radicalismo intransigente; Gambetta sonhava n'aquelle momento applicar á França o seu systema d'equilibrio governamental que se chamou opportunismo.

Em Marselha o I.·. Alfredo Naquet era, naturalmente, o candidato preferido da Franc-Maçonaria. Os republicanos estavam hesitantes; os franc-mações radicaes, não intransigentes, embaraçados. De novo pediram a Gambetta para entrar na seita. Tratava-se d'apagar os escrupulos d'aquelles de seus numerosos amigos que pertenciam á maçonaria; desde que dois candidatos, egualmente filiados, estivessem em presença um do outro, os votos seriam livres. Os opportunistas fizeram estas observações ao seu chefe, e este teve a fraquesa d'annuir ao que lhe pediam.

Oh! esta iniciação foi bem anodina! Poz-se de parte todo o ceremonial indicado pelo ritual, porque se tratava d'um recruta d'alta posição. Reuniram-se algumas Lojas e Gambetta foi recebido. Foi mais uma *soirée* do que uma ini-

ciação: a recepção era irregular, mas ninguem fez caso d'isso, e tão irregular que, das sete Lojas que ha em Marselha, nenhuma póde dizer qual foi a que iniciou o ex-ministro da Defesa Nacional.

Mas o essencial estava feito. Gambetta tinha, desde então, a estampilha maçonica.

Comprehende-se que, n'estas condições, o nosso homem não fosse nunca um mação assiduo.

Apenas o viram presidir a dois banquetes da seita; e note-se que eram banquetes de propaganda, banquetes que, por serem organisados pelos Irmãos, não deixavam de ser franqueados ao publico.

Seria ocioso contar a historia politica de Gambetta. Limitar-nos-hemos a resumir a sua rapida passagem no poder, sob a presidencia do snr. Grevy.

Em França ninguem esqueceu os factos.

Depois de ter governado por muito tempo nos bastidores, Gambetta foi encarregado de conduzir officialmente o carro do Estado.

O tribuno foi então assediado pela Franc-Maçonaria; invocaram a confraternidade das Lojas para obterem isto e aquillo; mas Gambetta não consentiu que ninguem se lhe impuzesse e mandou «tratar d'outra vida» aos sectarios importunos que pretendiam governal-o. Elle era gambettista e não franc-mação.

Nunca nenhum chefe de partido esteve tão pouco tempo no ministerio. Quasi desde logo teve contra si grande numero dos deputados

do seu proprio campo. Aquelles que tramavam a intriga contra Gambetta eram todos summidades da Franc-Maçonaria. Apreciando os acontecimentos a distancia, não parece que todos obedeciam a uma palavra d'ordem?

Precipitado do poder, não deixava por isso de ser o homem designado para uma proxima occasião. Era evidente que elle, no futuro, não seria mais humilde servo dos grandes Orientes e dos Supremos Conselhos do que o fôra antes. Póde criticar-se Gambetta como homem politico; mas é necessario reconhecer que elle tinha caracter; nas suas veias não corria o sangue d'um lacaio.

O tribuno encolhia os hombros, quando os influentes da Ordem maçonica vinham fallar-lhe da sua força. Gambetta não tinha confiança senão em si, pensava que todas as intrigas parlamentares não haviam conseguido roubar-lhe o prestigio entre a massa do povo e ria-se dos intriguistas dos Capitulos e dos Areopagos tão abertamente, que chegou a mostrar colericamente os punhos cerrados aos berradores de Belleville; os revolucionarios tinham tido mais o dom de o commover do que todos os portadores d'aventaes de creança.

Nas lojas dizia-se ha muito tempo:

«—Ah! Gambetta não é o nosso homem!»

Pela sua parte Gambetta, quando era assaltado pela Confraria dos Tres Pontinhos, dizia com a sua brutal franqueza:

«—Ah! essa gente bestialisa-me!... Pedi-lhes eu jámais alguma coisa?»

Estavam furiosos. A campanha, travada contra elle pelas Lojas de Paris, tinha attingido os ultimos limites da hostilidade. (1)

A seita tambem não esquecia diversos actos e varias declarações de Gambetta.

Elle tinha chamado «escravos ebrios» aos radicaes parisienses. Foi amigo intimo do general Gallifet, um dos mais terriveis vencedores da Communa. Collocára á frente do exercito o general Miribel, «um dos infames sequazes do 16 de maio.» Emfim, pronunciou-se pela manutenção da Concordata, afim de cessarem as hostilidades contra a Egreja; mais ainda: insistindo para que os missionarios fossem apoiados pelo general francez nas colonias e no Extremo Oriente, disse que «o anti-clericalismo não devia ser um artigo d'exportação.»

---

(1) Daremos aqui um incidente, que foi relatado pelo snr. Léo Taxil nos *Mysterios da Franc-Maçonaria:*

Por occasião da minha iniciação, em 1881, um doutor de Belleville, o Irmão G..., que assistia á sessão, accusou-me, em termos mui acres, por ter escripto, algum tempo antes, no meu jornal, um artigo em favor de Gambetta.

Eu combatia então a Egreja, tendo-me afastado da religião muito joven, por perfidos conselhos de falsos amigos; respondi, porém, na Loja a quem me interrogava que, se eu fizera o elogio de Gambetta, fôra porque via n'elle um anti-clerical.

«— Elle não o é como devia ser, replicou o dr. G...; é um mau maçao, que só faz o que lhe dita a sua cabeça; é um auctoritario e um traidor á Maçonaria!»

Estas palavras foram acolhidas por unanimes applausos. Toda a Loja exclamou:

«— Sim, sim, Gambetta é um traidor!»

Eu não comprehendia absolutamente nada d'esta scena; só ouvia os clamores dos meus futuros collegas e não via nada, porque tinha os olhos vendados. Todavia esta explosão d'odio selvagem contra um homem que eu, ao invez, julgára sympathico á Franc-Maçonaria, me sensibilisou bastante, e a lembrança d'esta scena, que me pareceu inexplicavel, ficou sempre impressa no meu espirito.

O odio maçonico attingira o cumulo.

A palavra «traidor» pronunciava-se correntemente nas Lojas; a colera attingia o mais elevado gráo.

E este homem, este traidor podia, d'um dia para o outro, voltar ao poder...

Foi então que o rewolver d'uma Irmã Maçona desempenhou a sua missão na *villa* dos Jardies.

Ah! o golpe foi bem preparado, porque na apparencia, mesmo para a propria victima, apenas se tratava d'uma historia de mulher, d'um drama de ciume.

Mas vejamos, pezemos os factos, reflictamos seriamente.

Consideremos a não intervenção da magistratura — então republicanisada — n'esta questão. Não esqueçamos que nem sequer se puzeram os sellos nos moveis do defuncto, contrariamente a todos os usos; porque Gambetta tinha sido ministro, e é de regra absoluta que o governo, depois da morte de qualquer homem d'Estado, se assegure de que elle não deixa documentos d'ordem publica. Receiava-se, sem duvida, verem-se obrigados a comprovar ao mesmo tempo a existencia de provas flagrantes do crime.

Quem poderia admittir que a acção da justiça, em presença do assassinato d'uma personagem tão importante, estacionaria deante d'uma intriga de alcova?

Entretanto, é necessario não tomar os francmações por uma cafila d'imbecis.

Em França ha o defeito de dar ouvidos ás historietas; mas ha tambem a qualidade de as esquecer mui depressa e de julgar friamente os acontecimentos d'importancia, logo que o tempo os desembaraça das nevoas das velhas legendas.

Pois bem: agora, a nevoa que rodeava a morte de Gambetta dissipou-se, a legenda da aventureira ciumenta desvaneceu-se. Só ficou de pé o assassinato. E todas as pessoas de bom senso dizem: «Se o assassino tivesse sido uma aventureira, a sua responsabilidade seria promptamente averiguada, os proprios amigos de Gambetta a teriam entregado impiedosamente á justiça, em vez de se opporem com toda a sua influencia á applicação da lei. O que, pois, publicaram os jornaes dos franc-mações, foi inventado para occultar ao paiz um grave e terrivel mysterio.»

Pelo que nos diz respeito, vemos a mão da Franc-Maçonaria no assassinato de Gambetta.

Objectar-nos-hão que a seita assistiu aos funeraes do tribuno e encheu de corôas o seu feretro?

Mas esta exageração de pezares é precisamente suspeita da parte d'homens que, poucos mezes antes, tinham derrubado Gambetta, e que só lhe mostravam o seu odio, quando elle era vivo. (1)

---

(1) Em 1820, como já dissemos n'outro logar, a Franc-Maçonaria tambem organisou, para afastar suspeitas, pomposas ceremonias funebres em honra do duque de Berry, assassinado pelo I∴ Louvel.

(Nota dos auctores).

Os franc-mações, em regra geral, não se arruinam com os enterros dos seus amigos. Viu-se isso nas exequias dos II.·. Luiz Blanc e Victor Hugo, a quem proclamavam como «os dois maiores santos da democracia do seculo XIX.» Nunca nenhuma sociedade, reputada como pobre, fez tão poucas despezas; n'estas duas occasiões a Ordem millionaria mostrou-se inferior á ultima das corporações dos trapeiros.

E a Maçonaria teria, por mera dôr, gasto todos os seus Troncos da Viuva em homenagem a um defunto, recentemente odiado? Ide contar essas coisas a outros, que não a nós!

A victima estava immolada, os assassinos cobriram-n'a de flores.

Os republicanos ergueram uma estatua a Gambetta, em Paris, na praça do Carrousel, e os que d'entre elles pertencem á seita maçonica, imaginam que este monumento fará esquecer o crime de 27 de novembro de 1882.

Não! não!... Presentemente ninguem ignora que Gambetta desappareceu do mundo, ferido por uma mão que elle julgava amiga, e em circumstancias que os franc-mações, que o rodeavam, conservaram envolvidas em mysterio.

É esse mesmo mysterio que os condemna.

Gambetta foi assassinado pela Maçonaria, como, antes d'elle, o foram todos aquelles que desagradavam á seita. O seu nome deve acrescentar-se á já longa lista das victimas da Franc-Maçonaria. Todos os artigos dos jornaes op-

portunistas e todos os discursos hypocritas dos oradores das Logas não conseguirão nunca apagal-o d'essa lista.

XIV

O PREFEITO BARREME

N'uma das ultimas sessões da Camara franceza, que, sendo eleita nos dias 4 e 18 d'outubro de 1885, terminou a sua legislatura algumas semanas depois da abertura da Exposição Universal — sessão das mais tempestuosas — arengava na tribuna, interpellando um ministro, um orador da opposição.

A atmosphera legislativa estava mui carregada; os espiritos altamente exaltados; as invectivas chuviam com um furor pouco ordinario. Principalmente o orador era assaltado pelos republicanos e não podia começar uma phrase sem ser immediatamente interrompido, muitas vezes em termos violentissimos.

Entre os interruptores da esquerda tornava-se saliente nos esforços, que empregava, para tornar impossivel ao seu collega, que estava na tribuna, o exercicio do direito da palavra, o snr. Papon, deputado do Eure.

De repente, dos bancos da direita, partiu esta apostrophe:

— Senhor Papon, falle-nos da questão Barrême!

Estas poucas palavras, pronunciadas em voz de trovão no meio da tempestade parlamentar,

produziram um effeito instantaneo e prodigioso. A maioria republicana e franc-maçonica recebeu a apostrophe como se fôra um duche de agua fria; os interruptores acalmaram-se subitamente; o snr. Papon emmudeceu até ao fim da sessão; e o orador pôde emfim, em meio d'um silencio relativo, desenvolver os argumentos do seu discurso.

Que era esta questão Barrême, cuja recordação, evocada d'uma maneira inesperada, tivera o dom d'esfriar o ardor dos deputados da esquerda? E que relação teria esta questão com a politica e as coisas do parlamento?

E' sabido que as eleições de 1885 para a Camara dos deputados se realisaram por escrutinio de lista. O gabinete, que então occupava o poder, era presidido pelo snr. Henrique Brisson, ministro da justiça. Os republicanos julgaram-se tão certos da victoria, que foram, mórmente na primeira corrida do escrutinio, um pouco lisos nos processos eleitoraes. O ministro do reino, que era o snr. Allain-Targé, homem muito pacifico, dirigiu, ao começar o periodo eleitoral, a todos os funccionarios collocados sob suas ordens, uma circular recommendando-lhes expressamente que observassem a mais estricta neutralidade, o que queria dizer: «Não violenteis intransigentemente; contentae-vos em exercer uma pressão moderada.»

Os republicanos tinham confiado demasiadamente no seu triumpho. Os primeiros resultados do escrutinio trouxe-lhes cruel decepção. No primeiro apuramento, foram eleitos 117 con-

servadores; e os republicanos, que acabavam de ter uma Camara na qual estavam em numero de 482 sobre 557 deputados, apenas conseguiram a muito custo, apesar de todas as vantagens do seu partido estar no poder, obter 189 cadeiras nas eleições de 4 d'outubro. Em quasi todos os circulos perderam a eleição; por toda a parte diminuiu o numero da sua votação. Nas eleições precedentes, em que alcançaram grande victoria, tinham tido 65 empates contra 483 eleitos; d'esta vez havia 268 empates, muitos dos quaes não eram em seu favor.

Ora este primeiro escrutinio era de muito mau augurio para a Republica.

Houve verdadeiro panico no mundo official. Todas as culpas recahiram n'aquelle pobre Allain-Targé, a quem accusaram de ser demasiado molle. Ah! se o snr. Constans fosse ministro do reino, com toda a certeza não se teria dado tal caso! A Franc-Maçonaria tambem não gostou. A Republica, como tem sido praticada até agora em França, é o reinado da Franc-Maçonaria. Por consequencia, a seita tem todo o interesse em manter o regimen.

O Conselho da Ordem no Grande Oriente, o Supremo Conselho do Rito Escossez, a Grande Loja Symbolica, n'uma palavra todas as altas auctoridades maçonicas se reuniram e decidiram que seria imposta aos centros republicanos a mais absoluta união. Um conselho geral da Franc-Maçonaria franceza funccionou permanentemente no Grande Oriente, rua Cadet, 16; e alli todas as rivalidades dos diversos

candidatos opportunistas, radicaes, moderados, revolucionarios, se inclinaram deante das decisões dos chefes da seita. A hora era critica; porisso os centros se submetteram sem murmurar ao despotismo dos Grão-Mestres.

O Supremo Conselho, a Grande Loja Symbolica e o Conselho da Ordem disseram d'uma maneira cathegorica: «—Promettemos salvar a Republica, compromettida pela inercia do snr. Allain-Targé; mas é mister que nos obedeçam cegamente.» E d'este modo se fez a união, em toda a França, entre os numerosos centros das diversas fracções do partido republicano, que, na vespera, se combatiam com a sua habitual violencia. Houve uma submissão cega, geral, ás ordens da Franc-Maçonaria.

No ministerio foi o snr. Brisson, que, apesar de ser ministro da justiça, tomou a direcção dos prefeitos para o segundo escrutinio. Tratava-se d'alcançar uma brilhante desforra; era mister conquistar em quinze dias o terreno perdido; custasse o que custasse, era necessario, indispensavel, sair victorioso. Além d'isso o snr. Brisson, ao mesmo tempo que era ministro da justiça, occupava o logar de presidente do Conselho, e por esta razão tinha, senão qualidade, ao menos poder para dar ordens, n'estas excepcionaes circumstancias, aos funccionarios que dependiam do ministerio do reino.

Chamou a Paris, uns após outros, com urgencia, os prefeitos dos districtos onde havia empate. Interrogou-os, sondou-os e communi-

cou-lhes instrucções confidenciaes. Essas instrucções resumiam-se para todos no seguinte: «Fazer triumphar, não importando porque preço e meios, a lista republicana unica, chamada de conciliação, que seria apresentada pela Franc-Maçonaria para o segundo escrutinio.»

No numero dos funccionarios que se dirigiram a Paris a receber ordens do governo, achava-se o snr. Julio Barrême, prefeito do Eure.

Tendo nascido em Avignon a 25 d'abril de 1839, o snr. Julio Barrême, depois de ter sido por algum tempo alumno dos Jesuitas, foi enviado a Paris e terminou os seus estudos no collegio de Sainte-Barbe. Fez successiva e brilhantemente todos os exames de direito, e tomou assento como advogado no Conselho d'Estado e no Tribunal d'Appellação.

A sua primeira educáção fizera-o conservador; mas, pouco a pouco, o seu zelo foi esfriando, tornando-se um d'esses conservadores que muitas vezes transigem com os seus deveres de christão, guardando a sua fé no fundo do coração; homens fracos que crêem, mas praticam pouco a religião e muitas vezes não a praticam nada. Estava ligado com o duque Decazes, esse monarchico inconsequente, que, imbuido das ideias de seu pae, tambem pertencia á Franc-Maçonaria e tinha a missão d'auxiliar a causa da seita, no caso em que a realesa houvesse sido restaurada.

O snr. Barrême seria franc-mação? Não es-

tamos longe de o crêr, apesar de não termos encontrado o seu nome em nenhuma das listas que possuimos. Presumimol-o, em consequencia das suas relações e fluctuações politicas. Em todo o caso, não o affirmamos; e crêmos mesmo que, se n'um momento qualquer o snr. Barrême se filiou na seita, não foi certamente contado nunca entre os Irmãos activos.

No tempo do ministerio Dufaure, o seu amigo, duque Decazes decidiu-o a abandonar a advocacia e a entrar na politica administrativa; graças á protecção do duque, que fazia parte do gabinete, o snr. Barrême foi nomeado, a 24 de maio de 1876, sub-perfeito de La Réole. No anno seguinte, quando o snr. Julio Simon, que succedeu ao snr. Dufaure, foi despedido pelo marechal de Mac-Mahon, o snr. Barrême demittiu-se; d'aquelle modo censurava implicitamente o acto do chefe d'Estado e creava um titulo ao reconhecimento dos republicanos, cuja proxima victoria eleitoral elle previa.

Segundo a expressão vulgar, o snr. Barrême virava a casaca. Os republicanos foram-lhe gratos; depois da sua victoria de 14 d'outubro de 1877, foi collocado de novo, com promoção: nomearam-no secretario geral da prefeitura da Gironda. Pouco depois, deram-lhe a prefeitura das Deux-Sèvres.

Era prefeito do Eure, na epocha em que o snr. Brisson presidia ao conselho de ministros.

Todavia, passando-se para as fileiras republicanas, tinha procedido com muita habilidade

para não alienar completamente as sympathias dos conservadores. Era um homem affavel, desprovido do espirito jacobino, observando prudente reserva em frente d'uns e d'outros, cortejando prasenteiramente os seus novos amigos da esquerda e desculpando-se, por assim dizer, junto de seus antigos camaradas da direita por tel-os abandonado. Como elle era de mui agradaveis maneiras, estes chegaram quasi a perdoar-lhe a sua deserção; sempre que o encontravam, o acolhiam amavelmente, com o seu mais gracioso sorriso nos labios.

Infelizmente para elle, o districto, para que fôra nomeado prefeito, era profundamente affeiçoado aos principios conservadores, e nas eleições de 4 d'outubro de 1885 os republicanos soffreram alli uma monumental derrota. Ora como aos olhos dos sectarios da Franc-Maçonaria não parecia que o snr. Barrême tivesse sufficientemente rompido com os seus primitivos amigos, os mações estavam um pouco inclinados a accusal-o de tibio, senão de traidor.

O snr. Brisson recebeu-o como um juiz d'instrucção recebe um accusado.

Effectivamente, sob o ponto de vista republicano, os resultados das eleições de 4 d'outubro, no Eure, não eram brilhantes.

O Eure tinha 105:598 eleitores inscriptos; foram 86:584 os votantes, e 86:178 os votos expressos; a maioria absoluta era, pois, de 43:089.

Luctavam doze candidatos: seis conservadores e seis republicanos.

A lista conservadora compunha-se de: um realista, o snr. duque de Broglie; dois bonapartistas, os snrs. Fouquet e Leão Sevaistre; e tres conservadores sem qualificação especial, os snrs. Raul Duval, Luiz Passy e La Ferrière.

A lista republicana compunha-se de: quatro opportunistas, os snrs. Develle, Papon, Bulley e Moutier; dois republicanos da fracção da esquerda radical, os snrs. Bonpland e Parisot.

No primeiro escrutinio, em 4 d'outubro, os suffragios dos eleitores dividiram-se do seguinte modo:

CONSERVADORES

Luiz Passy.	46:111	votos
Fouquet.	45:108	»
Raul Duval	45:070	»
Leão Sevaistre . . .	44:798	»
De La Ferrière . . .	44:116	»
Duque de Broglie . .	41:771	»

REPUBLICANOS

Develle.	41:088	votos
Papon	40:481	»
Bulley	40:339	»
Moutier.	40:193	»
Parisot	39:925	»
Bonpland	30:807	»

Em resumo: de 6 deputados que deviam ser eleitos, 5 tinham passado no primeiro escrutinio, e eram 5 candidatos conservadores, os snrs. Luiz Passy, Fouquet, Raul Duval, Leão Sevaistre e de La Ferrière. Só o snr. duque de

Broglie não obteve a maioria absoluta e ficou a eleição empatada.

Todas estas informações são importantes para a sequencia d'esta narração.

Devido a isto, o snr. Brisson, já de si bastante aspero, acolheu o snr. Barrême com aspecto severo.

Cinco deputados conservadores eleitos n'um districto em que havia seis para eleger: isto provava uma culposa inercia da parte do governo civil! O prefeito era a origem de todo o mal. Havia relatorios a seu respeito. Elle mantinha amigaveis relações com o snr. Leão Sevaistre, um dos mais terriveis reaccionarios que ficou victorioso no primeiro escrutinio. Esta amisade deixava o campo livre ás mais compromettedoras supposições.

O snr. Barrême respondeu observando que tambem estava intimamente ligado com o snr. Develle; além d'isso todos os candidatos republicanos reconheciam que elle os tinha apoiado tanto quanto podia. Chegára até a não se importar com a circular Allain-Targé: trabalhára francamente em favor da candidatura official. E não se contentou em dizel-o, provou-o.

O snr. Brisson tornou-se menos carrancudo.

Resumindo: o duque de Broglie não fôra eleito; e este, mais que todos os outros, era o reaccionario execrado. O duque de Broglie era o ministro de 24 de maio e de 16 de maio. Se conseguisse entrar na Camara, seria o chefe das direitas.

E o snr. Brisson concluiu:

— Senhor prefeito, arranje-se como poder; é necessario que o duque de Broglie seja derrotado no segundo escrutinio.

Isto era facil de dizer; mas como realisal-o?

O snr. Develle, antigo sub-secretario d'Estado, que figurava á frente da lista republicana, estava designado para sustentar a lucta na Meuse, por onde, effectivamente, saiu eleito; d'este modo só havia a oppôr ao duque de Broglie... o snr. Papon, uma nullidade.

Pedir a um prefeito que fizesse eleger um Papon contra o duque de Broglie, era, na verdade, exigir d'elle um prodigio de força.

O snr. Barrême consentiu em tentar este acto de força; mas era mister dinheiro, muito dinheiro. E a caixa dos fundos secretos estava completamente exhausta; os snrs. Julio Ferry e Waldeck-Rousseau, membros do ministerio anterior, tinham-na exhaurido. Mas que importa isso? O governo que se individe. Deu-se carta branca ao prefeito; custasse o que custasse, era necessario impedir o duque de Broglie de entrar no parlamento.

O snr. Barrême dirigiu-se a Evreux, depois de ter recebido instrucções muito confidenciaes. Todavia o segredo d'estas instrucções era facil d'adivinhar. Organisou-se a candidatura official. O snr. Brisson enviou ao prefeito do Eure uma especie de consulta eleitoral, um verdadeiro manifesto, sob o titulo: *Carta aos meus eleitores*. Imprimiram-se milhares e milhares d'exemplares d'este manifesto e foram collocados em todas as esquinas do districto. Centenas d'agentes

eleitoraes se pozeram em campo. Não faltaram os copos de vinho e de cidra. Não se olhava a despezas. E não era o snr. Papon quem pagava tudo isso, pois que elle não tinha acceitado ser candidato em opposição ao duque de Broglie senão com uma condição, mui formal: era «que não teria de desembolsar nem um real.» O ministerio acceitou, e o nosso homem manteve-se energicamente nos termos d'este contracto.

A 18 d'outubro era o dia da eleição. Só luctavam os snrs. duque de Broglie e Papon. Qual dos dois venceu? Nunca se soube com certesa. A' politica republicana não repugna a arte da escamoteação. O que é certo é que o snr. Papon foi proclamado eleito pela prefeitura; mas, para fazer esta proclamação, o snr. Barrême baralhou impudentemente as cifras. E' verdade que o ministro lhe não pediria contas!

Vejamos os resultados da eleição de 18 de outubro no Eure, segundo as informações publicadas no *Jornal Official*:

Eleitores inscriptos . . .	106:598
Votantes.	81:808
Suffragios expressos	81:771
Papon.	40:554
Duque de Broglie.	40:346

D'estas mesmas cifras se vê que tinham sido arbitrariamente supprimidos ao snr. duque de Broglie 871 votos.

Na realidade, o snr. duque de Broglie, que obteve 41:771 votos no primeiro escrutinio, só conseguiu obter 41:217 no segundo; mas, ape-

sar d'isso, venceu o snr. Papon por uma maioria de 663 votos. A prefeitura empalmou, pois, ao duque 871 listas, e o candidato official, que estava em minoria, foi proclamado em seu logar.

Quando a camara, reunida, procedeu á verificação dos poderes, foi a terceira commissão a encarregada d'examinar as eleições do Eure. Esta commissão não contava um só deputado do districto do Eure. Tendo a 7.ª sub-commissão recebido um protesto, chegado á camara no dia 14 de novembro, que mencionava as irregularidades commettidas pela prefeitura em detrimento do snr. duque de Broglie, resolveu adiar o assumpto para ouvir o snr. duque e o snr. Papon; mas a terceira commissão, exclusivamente composta de republicanos, decidiu passar por cima do protesto, e, apesar d'esta patente iniquidade, foi proposta á camara a validade do diploma do snr. Papon pelo radical Beauquier, relator. A maioria republicana e maçonica apressou-se a validar a eleição do snr. Papon na sessão de 19 de novembro de 1885.

Agora restava pagar as enormes despezas da candidatura official.

Já o dissemos: a caixa dos fundos secretos não tinha 5 réis; era necessario esperar que fosse votado o orçamento de 1886. O snr. Barrême disse aos credores da prefeitura que tivessem paciencia e esperassem.

O orçamento foi emfim votado nos ultimos dias do anno de 1885.

No fim da discussão, as verbas pedidas

para o Tonkin pelo ministerio foram concedidas, na sessão de 24 de dezembro, pela infima maioria de 4 votos (274 contra 270). Esta maioria foi ainda reduzida no dia seguinte por algumas rectificações á acta; entre os votos ministeriaes figurava o d'um deputado das colonias que ainda não havia chegado á França e que se achava no alto mar no momento da votação. Esta fraude levantou vivos protestos; ordenou-se um inquerito que, como era d'esperar, não deu resultado algum; entretanto, o snr. Brisson e os seus collegas, muito humilhados, deram a sua demissão.

O paiz esteve durante quinze dias sem ministerio. Patinhava-se em pleno lodaçal. Só a 7 de janeiro é que o snr. Freycinet conseguiu constituir novo ministerio. E' desnecessario dizer que o snr. Allain-Targé foi sacrificado; confiaram a pasta do reino ao snr. Sarrien, que no ministerio precedente era ministro dos correios e telegraphos.

Entretanto, como o orçamento tinha sido votado, os pagamentos effectuaram-se na abertura do exercicio de 1886; o dinheiro affluiu de novo á caixa dos fundos secretos, no ministerio do reino. Os prefeitos que tinham a saldar despezas eleitoraes extraordinarias, passavam, uns após outros, á repartição competente para retirar as quantias de que tinham necessidade, afim de pagar as dividas contrahidas para o triumpho das candidaturas officiaes.

O snr. Barrême estava em Paris no dia 13 de janeiro.

Tres pessoas se achavam presentes, quando elle foi recebido pelo ministro:

1.º O snr. Sarrien, ministro do reino;

2.º O snr. René Laffon, antigo prefeito, nomeado apenas ha quatro dias director do pessoal no ministerio do reino e director do gabinete do ministro, direcção que havia sido aggregada á do pessoal por decreto especial. Este senhor é hoje deputado.

3.º O snr. Alfredo Foubert, chefe do secretariado particular do ministerio, sub-director da segurança geral e do pessoal, dispenseiro dos fundos secretos.

D'estes tres personagens, os dois primeiros eram novos no ministerio. O snr. Alfredo Foubert era, pelo contrario, desde ha muito tempo, dispenseiro dos fundos secretos; occupava já estas delicadas funcções no tempo do snr. Waldeck-Rousseau e do snr. Allain-Targé.

O snr. Alfredo Foubert é filho d'um homem honrado, o snr. Paulo Luiz Foubert (nascido em 1821), antigo solicitador, depois advogado em Paris, o qual tendo abandonado a magistratura para emprehender importantes trabalhos agricolas na provincia da Mancha, se tornou rico proprietario em Saint-Salvador-le-Vicomte (districto de Valognes) e, sendo eleito em 1871 deputado á Assembleia Nacional, tomou assento no centro-direito. Muito dedicado ao snr. Thiers, o snr. Foubert, pae, separou-se dos conservadores depois do 24 de maio e inscreveu-se no centro-esquerdo. Depois da votação das leis constitucionaes, foi eleito se-

nador inamovivel. Consummado homem de negocios, a sua experiencia tornára-o util e apreciavel nas commissões. Patriota esclarecido, sabia collocar-se acima dos calculos interesseiros dos partidos, e então, apesar de não ser orador, a sua palavra guindava-o até á eloquencia. O seu caracter impunha respeito; a sua inexgotavel benevolencia creára-lhe nos collegas amigos pessoaes.

Notar-se-á que fallamos no imperfeito, como se falla d'um homem que já não existe. Effectivamente o snr. Foubert falleceu no momento em que escrevemos estas linhas, e brevemente diremos em que dia morreu. Mas a 13 de janeiro de 1886 estava em plena vida; era um homem de sessenta e cinco annos, de saude robusta, fruindo galhardamente uma vigorosa velhice.

O snr. Foubert, pae, era conselheiro geral da Mancha, representando o cantão de Berneville; seu filho Alfredo tinha assento no mesmo conselho, representando o cantão de Saint-Sauveur-le-Vicomte.

Devido á protecção de seu pae é que o snr. Foubert entrou no ministerio do reino e pôde ser aggregado ao secretariado do ministro.

Voltemos a occupar-nos do que se passou no dia 13 de janeiro de 1886: eram approximadamente 11 horas da manhã quando o snr. Barrême foi recebido pelo snr. Sarrien, em presença dos snrs. René Laffon e Alfredo Foubert. Ao sair do hotel Beauvau, o prefeito do Eure dirigiu-se para a Magdalena, ao bairro

S. Horonato. Em frente do Elyseu encontrou o snr. Décherrac, antigo chefe do gabinete do snr. Labruze, na epoca em que este era subsecretario d'Estado no ministerio da fazenda; o snr. Barrême conversou alguns instantes com o snr. Décherrac e deixou-o para ir almoçar. Diz-se que o prefeito do Eure almoçou com o deputado Papon; esta informação não tem, porém, importancia, porque o snr. Papon nada teve com o que succedeu n'aquella mesma noite. O que é interessante saber-se é que o snr. Barrême, depois d'almoçar no Circulo Nacional foi, segundo se diz, visitar a caixa central do ministerio do reino, que está situada na rua da Universidade, 176.

E que relação póde existir entre o gabinete do ministro e o secretariado particular, e a caixa central do ministerio? E' isso o que é util conhecer.

Para se comprehender esta relação, é necessario saber o seguinte:

No dia 16 de novembro de 1885, por decreto presidencial, a direcção do pessoal no ministerio do reino foi reunida á direcção da segurança geral; e o snr. Isaias Levaillant, director da segurança geral, tornou-se assim, ao mesmo tempo, director do pessoal do ministerio. No mesmo dia, um decreto do ministro decidia que o snr. Alfredo Foubert, chefe do secretariado particular, tomasse o titulo de subdirector. As funcções do snr. Levailliant, como director do pessoal, cessaram a 9 de janeiro de 1886, dia em que um decreto presidencial ag-

gregou a dita direcção do pessoal ao gabinete do ministro e nomeou para este importante logar o snr. René Laffon.

O gabinete do ministro, á direcção do qual o snr. Alfredo Fouquet estava aggregado com o titulo de sub-director e com as funcções de chefe do secretariado particular, tem as mais importantes attribuições. E' alli que se abrem os telegrammas politicos e de segurança geral; é d'alli que partem todas as ordens ministeriaes; é alli que se occupam do que, na giria governamental, se chama «negocios reservados.» Por negocios reservados deve entender-se tudo o que é subvencionado pelos fundos secretos do ministerio do reino.

Por outro lado, a caixa central do ministerio paga as quantias ordenadas pelo secretariado particular do ministro. E' alli que está a contabilidade dos pagamentos effectuados pelos «fundos secretos». Esta caixa acha-se aberta desde as 11 horas da manhã até ás 3 da tarde.

Portanto, quem quer que do gabinete dos negocios se dirija á caixa dos fundos especiaes, vae simplesmente buscar uma quantia que pertence aos fundos secretos.

Prosigamos a narração.

No dia 13 de janeiro, o snr. Barrême entrou na estação do caminho de ferro de S. Lazaro, pelas seis e meia horas da tarde, para seguir no expresso n.º 55, que devia leval-o a Evreux. O prefeito do Eure, que viajava muitas vezes n'esta linha, era conhecido dos principaes empregados. Deram-lhe um compartimento de primeira

classe, para o qual, como habitualmente se faz quando se trata de importantes funccionarios, se não deixa entrar ninguem.

Alguns minutos antes da partida do expresso — partida que se realisou ás 6 horas e 55 minutos — um homem gordo, bochechudo, de mediana estatura, usando chapeu alto, munido de uma senha que a companhia entrega ás pessoas que desejam abandonar só no ultimo momento os viajantes que acompanham, veio ao local do embarque, certificou-se, por um rapido exame, de que o snr. Barrême estava na carruagem, e, voltando apressadamente á sala onde se compram os bilhetes, tomou um d'ida e volta para Mantes, dirigindo-se açudadamente para o empregado encarregado de examinar o bilhete, e subiu para o compartimento em que ia o prefeito do Eure.

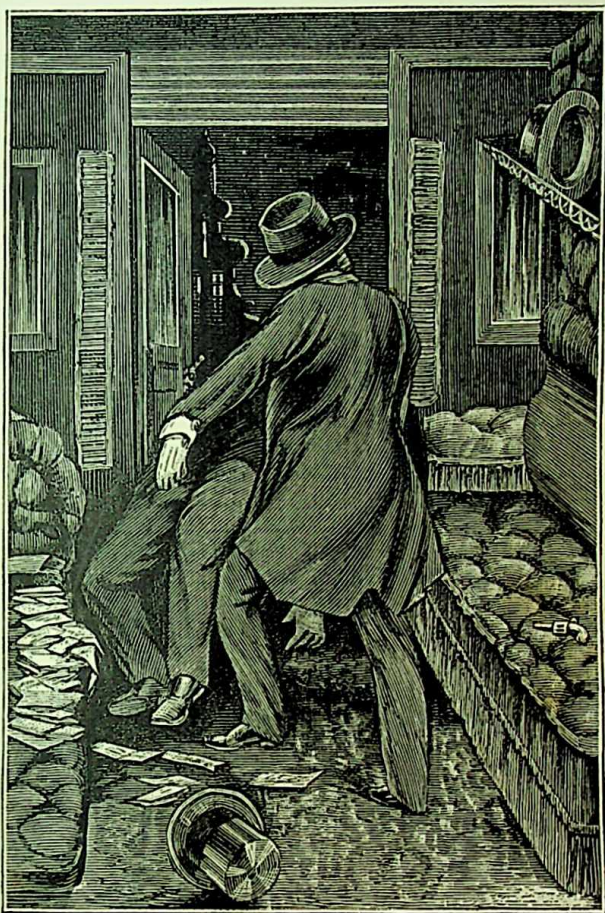
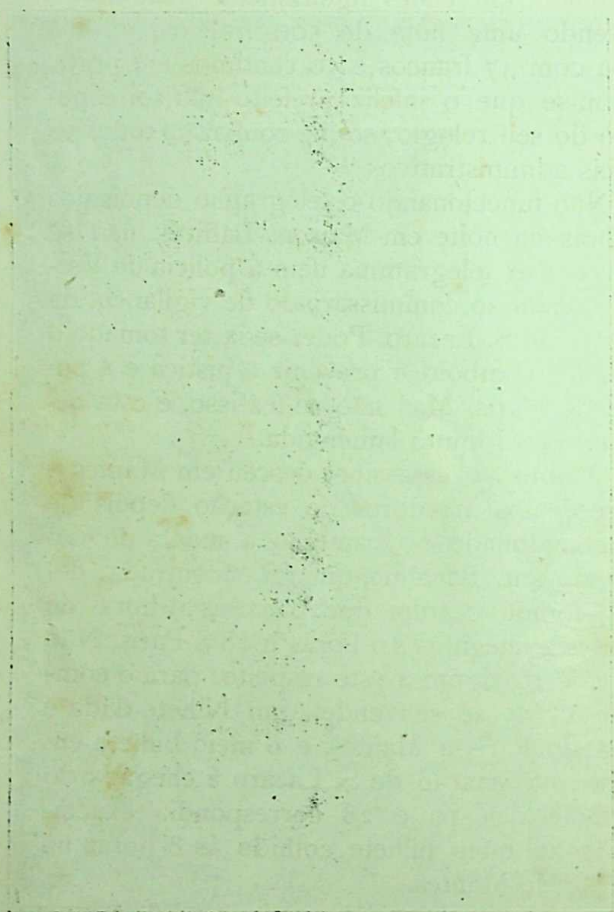
O expresso n.º 55 parou antes de Mantes, onde chegou ás 8 horas, partindo cinco minutos depois.

Entre Paris e Mantes ha uma dezena de pequenas estações, entre as quaes Maisons-Laffitte. Pelas 3 horas um conductor de comboio de mercadorias divisou, ao passar, sobre a ponte que corta o Sena a 300 metros approximadamente antes da estação de Maisons-Laffitte, um homem estendido na via; esse conductor, ao atravessar a estação, como o comboio marchasse com pequena velocidade, teve tempo de chamar, por meio de signaes com a lanterna, o chefe da estação e dar-lhe parte da sua descoberta em algumas palavras.

O snr. Vuillerme, chefe da estação de Maisons-Laffitte, pediu logo uma lanterna, e, acompanhado d'um empregado, dirigiu-se ao logar indicado, onde effectivamente encontrou, sobre a ponte, um cadaver estendido na entre-via, deitado sobre o lado direito, com o braço direito detraz das costas e a cabeça envolvida n'um lenço d'algodão, que lhe cobria a parte superior do rosto e estava fortemente atado na cabeça, pelo lado da nuca.

O chefe da estação foi buscar outros empregados e uma maca e o cadaver foi conduzido a Maisons-Laffitte; collocaram-n'o n'um alpendre que servia d'arrecadação dos candieiros, esperando a chegada do chefe dos gendarmes e d'um medico, que se tinha ido procurar.

O doutor, depois de ter verificado a morte da victima, procurou-lhe as causas e descobriu duas feridas: uma, na testa, proveniente da queda da carruagem á via; a outra occulta sob o lenço, n'uma fonte, originada por uma bala de rewolver de pequeno calibre. Como o projectil tivesse penetrado uns dez centimetros, attingira o cerebro e determinára morte repentina.

O chefe da gendarmeria procedeu, pela sua parte, á verificação da identidade da victima. Este homem assassinado era o snr. Barrême. Nos bolsos tinha o bilhete de circulação do caminho de ferro com o seu nome e titulo de prefeito do Eure, duas cartas provenientes d'Evreux, um envelope sem sobrescripto fecha-

Assassinato do snr. Barrême, prefeito do Eure. — Este funccionario, portador d'uma importante quantia proveniente dos fundos secretos, é assassinado na carruagem d'um comboio por um outro alto funccionario, pertencente à Franc-Maçonaria. Este crime ficou impune.

do, tendo um canto ligeiramente rasgado e contendo uma nota de 500 francos, e uma bolsa com 37 francos e 50 centimos em prata. Notou-se que o infeliz prefeito não foi espoliado do seu relogio; só lhe roubaram todos os papeis administrativos.

Não funccionando o telegrapho depois das 9 horas da noite em Maisons-Laffitte, não se pôde enviar telegramma nem á policia de Versalhes, nem ao commissariado de vigilancia da estação de S. Lazaro. Poder-se-ia ter tomado o primeiro comboio e prevenir a justiça e a policia de Paris. Mas não se fez isso, e esta negligencia foi muito lamentada.

Quanto ao assassino, desceu em Mantes e passeou nos arredores da estação depois de ter abandonado no caminho a manta de viagem do snr. Barrême, que foi encontrada; depois, tomou o trem que parte ás 9 horas de Mantes e chega ás 10 horas e 28 a Paris. Não houve erro algum a este respeito: para o comboio n.º 55 só se vendeu um bilhete d'ida e volta de Paris a Mantes, e o meio bilhete entregue na estação de S. Lazaro á chegada do comboio das 10 e 28 correspondia exactamente ao meio bilhete colhido ás 8 horas na estação de Mantes.

O assassino não tinha, pois, perdido tempo para reentrar em Paris. Ao passar de novo na estação de Maisons-Laffitte poderia ter visto, no alpendre, o cadaver da sua victima; e se não era homem para ter remorsos do seu cri-

me, podia ter entrado em casa e passar tranquillamente a noite.

No dia seguinte, o snr. Alfredo Foubert foi, mui cedo, ao ministerio. Tendo-lhe sido dada a noticia do assassinato do snr. Barrême, tomou immediatamente o comboio e dirigiu-se a Maisons-Laffitte, onde quiz vêr o cadaver do infeliz prefeito, que havia sido transportado para uma hospedaria. O chefe do secretariado particular do ministro do reino estava de volta a Paris ao meio dia. A' 1 hora e 50, partiu de novo para Evreux, encarregado pelo ministro, o snr. Sarrien, de noticiar á senhora Barrême a horrivel desgraça que a feria. Na sua opinião, dizia elle, o prefeito do Eure fôra victima d'uma vingança pessoal; evidentemente o segredo profissional prohibiu-lhe fallar da quantia importante que o snr. Barrême devia ter levantado, segundo todas as probabilidades, na caixa dos fundos especiaes, quantia que não foi encontrada no cadaver, em Maisons-Laffitte. Na prefeitura d'Evreux, o snr. Foubert queimou grande quantidade de papeis que, segundo disse, o futuro prefeito não devia conhecer. Depois d'isto, voltou de novo a Paris no comboio que parte d'Evreux ás 7 horas da tarde. «Tinha passado — declarou a um redactor do *Gaulois* — um dos mais rudes dias da sua existencia.»

O assassinato do snr. Barrême causou em toda a França a maior sensação.

A principio todos se admiravam da astu-

cia do assassino, que, á hora em que escrevemos estas linhas, ainda não foi preso. Mais tarde, estranharam a lentidão da justiça em instruir o processo.

O snr. Leão Sevaistre, deputado conservador do Eure, soube, logo na manhã do dia 14, do assassinato do prefeito, com o qual sustentava amigaveis relações. Dirigiu-se logo a Maisons-Laffitte; ás 11 horas da manhã partiu d'alli, sem ter visto lá um só membro do tribunal de Versalhes ou um agente da prefeitura da policia.

N'aquelle dia redearam-no muitos dos seus collegas á sua chegada á camara, e o snr. Sevaistre manifestou a sua admiração pela indifferença da força publica perante tal crime; porque, dizia com razão, é da celeridade da policia que depende, em semelhantes casos, a prisão do assassino.

Grande numero de deputados aconselharam-lhe que interrogasse immediatamente a este respeito o ministro da justiça, snr. Demôle. Este ministro foi procurado, mas não estava na camara. O snr. Sevaistre telephonou-lhe da camara para o ministerio da justiça afim de o prevenir da interpellação que desejava fazer-lhe; o ministro não estava no palacio da praça Vendôme. O snr. Sevaistre telephonou-lhe para o senado; o snr. Demôle brilhava alli pela sua ausencia. Não foi possivel encontrar o ministro durante todo o dia.

Parecia que todo o ministerio tinha perdido completamente a cabeça.

Só ás tres horas depois do meio-dia é que o procurador da Republica de Versalhes, prevenido emfim do que se passava, chegou a Maisons-Laffitte, acompanhado d'um juiz d'instrucção. Estes dois magistrados limitaram-se a reconhecer o cadaver; haviam-se esquecido de lhes telegraphar de Paris os signaes do assassino. Entretanto soubera-se no ministerio que o individuo, que sahira á ultima hora para o compartimento (reservado) do snr. Barrême, no comboio n.° 35, era um homem gordo, bochechudo, d'estatura mediana. E' verdade que os empregados apenas o tinham visto vagamente; mas não eram para despresar os menores indicios.

No dia 18 de janeiro, dia dos funeraes do snr. Barrême em Evreux, a procuradoria geral de Rouen, de quem depende o procurador da Republica d'Evreux, não tinha ainda recebido os signaes do assassino. O snr. procurador geral de Rouen, jantando n'aquelle dia no hotel Grand-Cerf, em Evreux, á mesa particular com o snr. Hendle, prefeito do Sena Inferior, e com o snr. René Laffon, representante do ministro do reino nos funeraes, queixou-se em voz alta d'esta estranha maneira de proceder.

Afinal o ministerio terminou por dar signaes de vida. Fallava-se em fazer uma interpellação nas camaras, e era necessario afastal-a. Então, lançaram-se a torto e a direito em todas as pistas imaginaveis. Cavaqueiras, realisadas no café, e accusações feitas a pessoas que se suppunham em más relações com o snr. Barrê-

me, deram causa a numerosas prisões, que pouco depois foram annulladas. Confrontavam-se uns e outros com o empregado da estação de Mantes e com os empregados da estação de S. Lasaro; nenhuma das pessoas accusadas era reconhecida; todas justificavam onde tinham passado o tempo durante a noite de 13 de janeiro. A policia lançou-se sobre sessenta pistas, disse a *Lanterna*.

E' verdade que as unicas accusações que se faziam eram as que attribuiam aos accusados motivos ou pretextos de vingança pessoal. Não se admittia que o snr. Barrême houvesse sido roubado; porque, para admittir isso, era necessario reconhecer que a pista indicada pelos jornaes conservadores podia dar resultado, e, além d'isso, teria sido confessar o levantamento d'uma quantia enorme, pertencente aos fundos secretos, para as despezas da candidatura official do snr. Papon contra o snr. duque de Broglie.

— Mas, perguntar-nos-á o leitor, attribuis á Franc-Maçonaria este mysterioso crime?

Não, responderemos. Mas foi attribuido a um franc-mação notorio, a um homem que, em janeiro de 1886, tinha innumeraveis dividas e não sabia porque meio adquirir dinheiro, a um homem que estava então n'uma alta posição administrativa, ao qual o snr. Barrême, que mantinha com elle relações politicas constantes, acolheu sem desconfiança no compartimento do comboio em que ia.

O nome d'este homem foi impresso com todas as letras nos jornaes; e elle nunca ousou perseguir os seus accusadores por diffamação.

Este homem não é nem ministro, nem senador, nem deputado. Mas, em face da impunidade de que gosa, — se é que elle é o assassino do prefeito do Eure, como publicamente foi accusado — parece que tem nas suas mãos os segredos dos deputados, dos senadores e dos ministros.

Contentaram-se simplesmente em demittil-o.

Ora, como este homem pertence á Franc-Maçonaria e como esta seita é hoje poderosissima em França, temos o direito de crêr que a Maçonaria o cobre e o proteje.

Se o crime de Maisons-Laffitte não foi commettido por ordem da seita, pelo menos a seita absolveu-o e d'este modo o fez seu.

Ainda um ponto a pôr em evidencia, e terminaremos com o assassinato do prefeito Barrême:

Fallamos do snr. Foubert, pae, que era um homem honrado em toda a accepção da palavra.

Na manhã do dia em que o crime foi commettido, o snr. Foubert gosava perfeita saude. Ficou admirado, como todos, quando leu, a 14 de janeiro, nos jornaes, as informações communicadas ao publico sobre este espantoso crime. A audacia do assassino sensibilisou-o muitissimo. Pediu a seu filho informações complementares sobre o snr. Barrême e sobre as circumstancias do assassinio; sabe-se que no mesmo

dia do attentado, o snr. Alfredo Foubert tinha conversado com a victima.

Estas informações, que o snr. Foubert, pae, exigira e lhe foram dadas no dia seguinte ao dos funeraes do desgraçado prefeito, impressionaram tão profundamente o excellente velho, que, a 20 de janeiro, os seus collegas do senado, ao abrirem o *Jornal Official*, leram com dôr as seguintes linhas:

«*São informados os senhores senadores de que os funeraes do snr. Foubert, senador inamovivel, se realisarão no dia 21 de janeiro, ao meio dia em ponto, na egreja de Santa Clotilde.*

«*Devem reunir-se na casa mortuaria, na rua Varenne, 44, ás onze horas e tres quartos.*»

XV

A QUESTÃO DO BANCO D'ANCONA

Guardamos para o fim uma questão muito interessante, mas ao mesmo tempo das mais mysteriosas, que preoccupou, ha alguns annos, o publico italiano, e que tambem teve certa resonancia na Europa. Trata-se d'um roubo de dois milhões e meio commettido em Ancôna em prejuizo do Banco Nacional d'Italia, crime realisado por franc-mações de cumplicidade com os empregados da succursal do referido Banco, tambem filiados na seita. Não relatariamos, porém, este roubo n'esta obra, se não houvesse sido seguido de numerosos envenenamen-

tos; porque, d'esta vez, não foi com o punhal que a Franc-Maçonaria se desembaraçou d'aquelles que a molestavam.

N'esta questão o auxilio franc-mação evidenciou-se d'uma maneira bem mais caracteristica do que na questão Barrême. Quem podesse informar a justiça sobre os franc-mações ladrões era impiedosamente envenenado, apenas se soubesse que se propunha fallar; o veneno foi ministrado ás testemunhas e até aos agentes de policia encarregados das investigações.

Os factos foram narrados por grande numero de jornaes. Seguiremos, de preferencia, a narração publicada pela excellente revista do snr. Chantrel, os *Annaes Catholicos;* esta revista, que é dirigida, como se sabe, por um dos nossos mais eminentes e sympathicos confrades, reuniu d'uma maneira admiravel todos os incidentes da questão, no seu n.º 761, de 7 d'agosto de 1886.

O heroe d'este drama judiciario é o Veneravel d'uma das Lojas d'Ancôna, o I∴ Baccarini.

Este Baccarini era um antigo typographo, iniciado desde a sua juventude nos mysterios da Franc-Maçonaria. Em 1849 foi condemnado como carbonario; mas conseguiu fugir da Venda e refugiar-se no Oriente. A sua passagem foi por toda a parte assignalada por crimes. Em Smyrna incendiou a casa da moeda; no Egypto fez descarrilar um comboyo d'Alexandria ao Cairo, que levava alguns milhões ao

Khediva; na Grecia tornou-se pirata; em Constantinopla, com os seus *séides* (1), obrigou a policia a andar desorientada uma noite inteira.

Quando a Franc-Maçonaria triumphou em Italia e foi assegurada a impunidade aos sectarios pela realisação do plano unitario elaborado nas Lojas, o I∴ Baccarini aproveitou-se da amnistia concedida aos membros das sociedades secretas e regressou á Italia. Poderosamente apadrinhado, na sua qualidade de Veneravel reclamou do governo uma occupação qualquer, o qual o encarregou... da reorganisação da policia d'Ancôna.

Baccarini reorganisou-a tão bem, que o Banco d'Ancôna tinha já sido victima de cinco roubos, um dos quaes de 120:000 francos, antes do monumental roubo de que vamos fallar.

Foi no anno de 1878 que isto succedeu.

Baccarini tinha associado a si alguns membros da Loja. Começou pelo I∴ Quirino Governatori, antigo empregado na thesouraria do Banco, que perdeu o seu logar por causa d'um erro (?) de 10:000 francos nas suas contas; para melhor dizer, foi expulso. Um outro de seus cumplices era o I∴ André Lorenzetti, que se dizia contractador de gado, mas que na realidade era um larapio, que vivia d'expedientes illicitos. Não passaremos em claro um terceiro, o I∴ Pilonza, cocheiro, velhaca personagem

---

(1) *Séïd* significa *senhor*, e dá-se como titulo honorifico aos israelitas e aos descendentes de Mahomet. E' palavra arabe.

(Nota do traductor.)

que augmentava o seu insignificante salario contrafazendo fracções de titulos de banco (pequenos bilhetes italianos d'um e dois francos) que dava aos seus clientes em troco da moeda. Emfim, o quarto cumplice de Baccarini era um correeiro, cujo nome ignoramos.

Apesar da sua expulsão, Governatori tinha conservado relações na succursal que o Banco Nacional d'Italia possue em Ancôna. Na Loja tambem se encontrava com alguns empregados d'esta succursal. O thesoureiro Mellini e o guarda-livros Albertini eram franc-mações. Habilissimo para «saccar nabos do pucaro sem se escaldar», soubera que a succursal d'Ancôna tinha d'effectuar brevemeute uma importante remessa de valores á succursal de Genova. Informou d'isto o Veneravel Baccarini, e combinaram, á sahida d'uma sessão maçonica, os meios que deviam empregar para commetter o roubo.

Esta remessa de valores, expedidos de succursal a succursal, faz-se por meio de malas, nas quaes se mettem os bilhetes de banco, e as malas vão sob a vigilancia de dois empregados e d'um ou dois amanuenses, que não devem perdel-as de vista.

Tractava-se d'aproximar as malas durante o seu transporte e operar habilmente a substituição.

André Lorenzetti tinha um irmão, chamado Eduardo, que era cobrador na succursal d'Ancôna. Por elle soube com exactidão qual a quantia que devia ser enviada a Genova. Con-

seguiu até obter uma das malas do Banco para que servisse de modelo ao correeiro, que era cumplice no roubo projectado; este fez uma absolutamente egual. Quando os bilhetes do banco foram mettidos nas malas, Eduardo pesou uma em segredo, e os franc-mações tiveram o cuidado de dar o mesmo peso áquella que haviam preparado, enchendo-a de papeis e de aparas de madeira.

A direcção de Rouen tinha dado ordem á succursal d'Ancôna para enviar, em 19 d'outubro de 1878, á succursal de Genova, uma quantia de seis milhões e quinhentos mil francos. Esta quantia foi distribuida em tres malas, uma de tecido d'algodão e duas de couro. A que tinha sido imitada pelo correeiro era de couro, e o seu pezo equivalia á d'uma mala contendo dois milhões e quatrocentos mil francos.

As malas deviam ser acompanhadas por quatro pessoas: o thesoureiro Mellini, o guarda livros Albertini, e dois empregados, Tangherlini e Eduardo Lorenzetti.

Metteram-nas n'uma carruagem do Banco, na qual se achava Albertini, Eduardo Lorenzetti e Tangherlini. Mellini não assistiu ao carregamento; foi visitar de passagem sua familia, e chegou á estação justamente no momento da partida do comboio. Os outros tres vigiavam as malas na sua ausencia; não foi n'este momento que a substituição se realisou.

Os ladrões sabiam a hora da partida do comboio em que deviam ir as malas. Dois d'elles, o Veneravel Baccarini e o I.·. Governato-

ri, chegaram á estação ao mesmo tempo que a carruagem do Banco; iam n'um carro guiado pelo I.·. Pilonza, cocheiro.

Na estação, Albertini e Tangherlini pegaram nas malas que continham os valores; Eduardo Lorenzetti foi, com a carruagem do Banco, procurar o thesoureiro a sua casa, situada a pouca distancia d'alli. Durante este tempo, Tangherlini dirigiu-se ao postigo do bilheteiro para comprar os bilhetes de viagem, e Albertini guardou as tres males.

Baccarini e Governatori desceram immediatamente da carruagem de Pilonza; um d'elles dirige-se logo para o postigo do bilheteiro adiantando-se a Tangherlini, e o outro, com ar indifferente, colloca a sua mala ao lado das tres do Banco. Em seguida, quando o primeiro dos dois ladrões voltou do bilheteiro, o segundo tomou sem hesitação alguma, não a mala que tinha levado, mas a do Banco qne lhe estava proxima e que continha dois milhões e quatrocentos mil francos. Depois d'isto, sem se apressarem, os dois cumplices transpõem uma das portas da sala d'entrada, em frente da qual o I.·. Pilonza esperava; sobem á carruagem, o I.·. Pilonza dá uma vigorosa chicotada nos dois cavallos e estes partem a galope. O roubo estava consummado.

Agora restava dividir o producto d'elle. Os franc-mações tinham combinado reunir-se na taberna das Arcadas, propriedade d'um dedicado Irmão, que estava ao facto da trama. Baccarini e Governatori tomaram para si um milhão

cada um; André Lorenzetti contentou-se com trezentos mil francos. Os cem mil francos restantes reservaram-se para uma «personagem importante» que protegeria os dous Irmãos em caso de necessidade. Apesar das suas investigações, a justiça italiana não pôde descobrir quem era esta personagem importante. Pilonza, que apenas fôra um comparsa, recebeu vinte mil francos dados por Governatori, e Baccarini cerceou a sua parte no roubo em dez mil francos para o estalajadeiro, e, sem duvida, deu egual quantia ao correeiro; o que este recebeu não se conseguiu saber.

Entretanto, Eduardo Lorenzetti ficou em Ancôna. Só Melline, Albertini e Tangherlini acompanharam as malas a Genova. Quando se abriram, na sua chegada á succursal d'aquella cidade, a verificação do roubo produziu-lhes o effeito d'um raio. Albertini achou-se mal. Mellini cambaleou e caiu como um boi abatido. Tangherlini correu a prevenir a policia, que, por medida de prevenção, começou por prendel-o, assim como a Albertini. Por outro lado, os magistrados telegrapharam para Ancôna e procedeu-se immediatamente á prisão de Eduardo Lorenzetti. Quanto a Mellini, a emoção do primeiro momento tornou-o louco; morreu pouco depois no hospital dos alienados.

A audacia com que este roubo foi executado espantou a todos. Todavia, em Ancôna, cochichava-se os nomes dos ladrões; mas as auctoridades não começaram por inquietar Baccarini e os seus cumplices. Por fim, tendo-se

tornado escandaloso o viver de Governatori, que fazia despezas loucas, foi redigido contra elle um mandato de captura; prevenido por Baccarini, teve tempo de procurar um retiro, que julgou seguro. O tratante teve, porém, a ingenuidade de confiar a sua mulher o segredo do seu asylo e de lhe indicar o esconderijo do milhão. Esta, que não tinha costumes muito correctos e que estava anciosa de se desembaraçar do marido, denunciou-o, e Governatori foi mettido entre ferros.

Baccarini não se comprometteu. Não mudou d'habitos. Tinha passado, por intermedio d'um dos membros da sua Loja, o I.·. Paccapelo, o seu milhão a sua irmã, casada com um negociante de Lyão, refugiado em Malta por ser accusado de quebra. Infelizmente para o Veneravel, o I.·. Paccapelo tinha a lingua muito comprida; quando voltou deu com ella nos dentes, mostrou o dinheiro que recebeu como recompensa da sua missão a Malta, e, em consequencia d'isso, prenderam-no.

Era tambem mister prender Baccarini, ou, pelo menos, lavrar um mandato de captura contra elle. O mandato foi assignado, mas deu-se tempo ao Veneravel para se pôr a salvo. Este dirigiu-se a França, depois a Malta, onde provavelmente recebeu o seu thesouro, em parte, senão na totalidade. Tres mezes depois, disfarçado em velho *lord* inglez gotoso, atravessava a fronteira italiana em Vintimiglia. A Maçonaria tinha-lhe assegurado a impunidade, comtanto que se occultasse. Com elle iam duas

pretendidas *miss*, apparentemente suas filhas; na realidade eram duas Irmãs maçonas.

O governo deixou-o entrar de novo em Italia. Estava tão certo da protecção maçonica, que não receiou ir reinstallar-se em Ancôna, sob um falso nome. Occultou-se em casa d'uma tal senhora Morelli, viuva do barytono da Opera, dotando duas filhas d'ella, em reconhecimento da hospitalidade recebida.

Desde este momento, a questão tomou proporções completamente extraordinarias.

A casa Morelli não fôra escolhida ao acaso como albergue de refugio; a sua escada era commum com a secretaria da policia. O Veneravel estava alli excellentemente collocado para seguir de perto o processo que o interessava. A' noite, um escrivão pertencente á Loja fornecia-lhe copia dos depoimentos sobre a questão, e quando estes depoimentos compromettiam um pouco mais os accusados, um Irmão dirigia-se ás testemunhas, e, quer por ameaças, quer por promessas, arrancava-lhes uma retractação. Baccarini, o chefe dos ladrões, dirigia secretamente o processo, que se não pudera evitar. Foi elle que escolheu os advogados para a defeza dos seus cumplices presos; dois d'esses advogados foram, mais tarde, ministros da justiça.

Os debates deviam abrir-se em outubro de 1880. A instrucção durou dois annos.

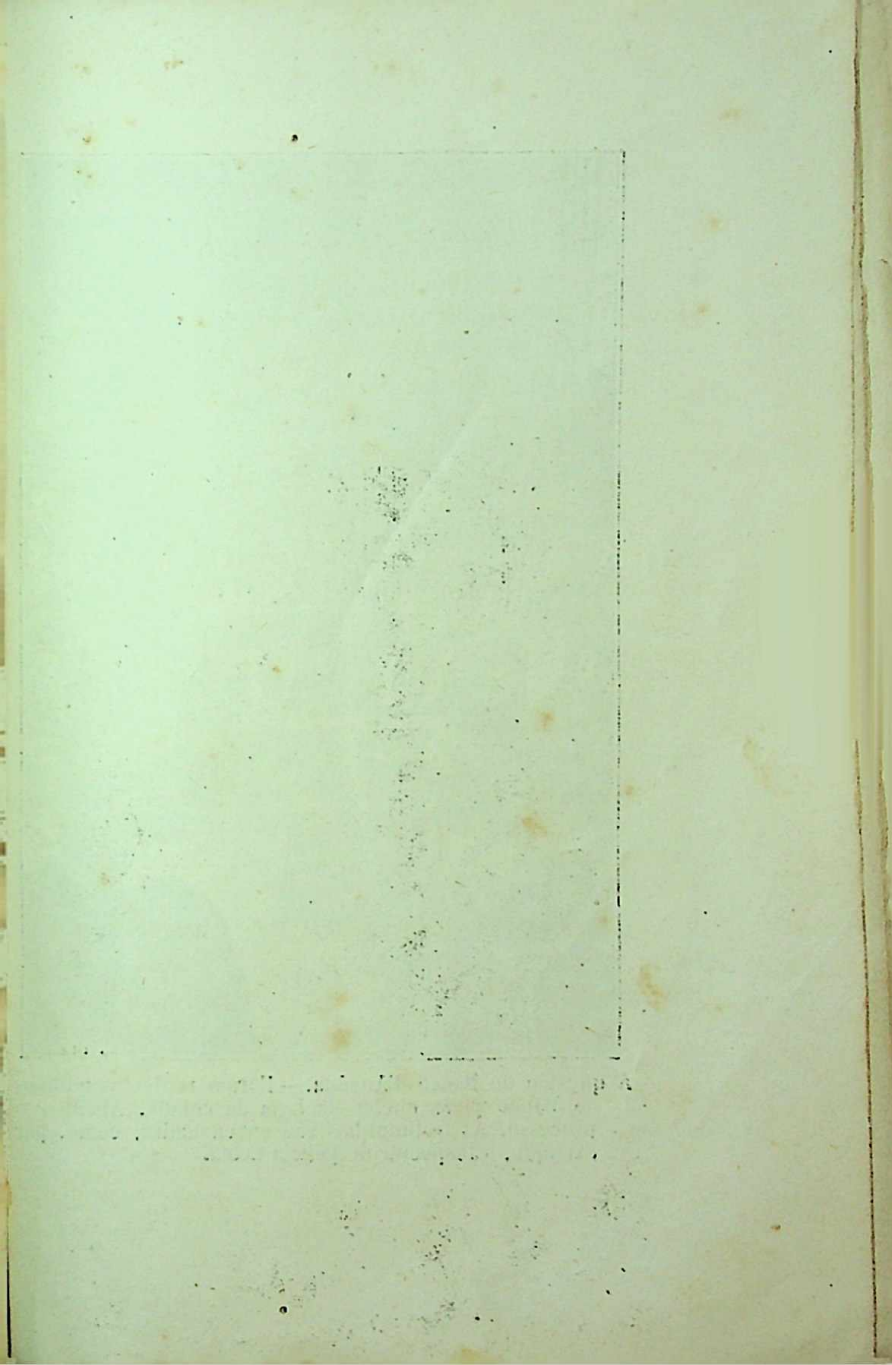
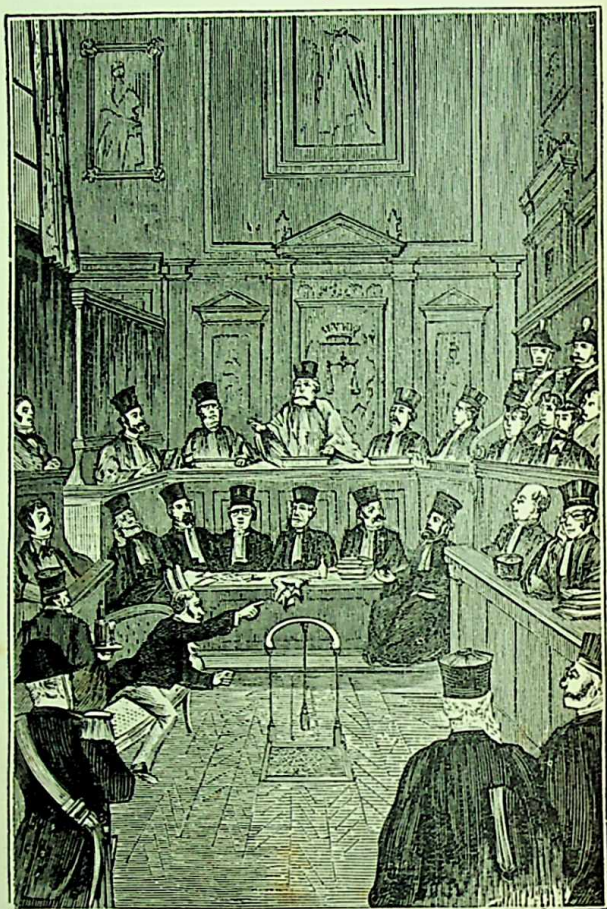
Uma semana antes da abertura das sessões no tribunal, annunciou-se a morte de Baccarini; este fallecimento vinha muito a proposito

para evitar revelações que podiam fazer-se na audiencia. No publico, ninguem acreditou n'uma morte tão subita e principalmente tão opportuna.

Como o fallecimento fôra declarado pela viuva Morelli, indicavam-se no publico, para dar informações, diversas pessoas que se tinham aproximado do Veneravel, quando elle se occultava em Ancôna. Apontaram-se principalmente as duas criadas da viuva Morelli. Estas pobres raparigas tinham sido testemunhas das relações de Baccarini com o escrivão da policia durante a instrucção do processo; podiam, pois, comprometter a seita; morte repentina as fulminou, com tres dias d'intervallo, no momento em que se preparavam para dirigir-se ao tribunal.

Desappareceram egualmente outras testemunhas ou abstiveram-se d'ir a Roma; prescindiu-se d'ellas.

Os debates só se encerraram em novembro. O jury, cuidadosamente escolhido, era exclusivamente composto de franc-mações. Portanto, os jurados conformaram-se com as ordens secretas que lhes foram dadas e só condemnaram aquelles d'entre os ladrões que haviam sido sacrificados pela seita.

Os Lorenzetti, até o proprio Eduardo que forneceu as informações, foram absolvidos; o systema de defeza do correeiro que fabricou a mala, e que disse que julgava ter trabalhado por conta do Banco, foi acceito, o que lhe valeu ser posto em liberdade. O I.·. Albertini, o

A questão do Banco d'Ancôna. — Foram roubados milhões ao Banco pelos chefes da Loja da cidade. Abriu-se o processo. As testimunhas são envenenadas, como, por exemplo, o inspector de policia Ceola.

guarda-livros que tinha guardado as malas na estação e sob as vistas do qual se havia operado a substituição, foi mais do que absolvido, pois que o ministerio publico abandonou a accusação contra elle. Agora o reverso: Paccapelo foi condemnado a cinco annos de prisão por ter levado o milhão de Baccarini a Malta; o cocheiro Pilonza e Quirino Governatori tiveram oito annos de prisão. Mas o mais escandaloso é que Tangherlini, que estava innocente — era elle que comprava os bilhetes para o comboio, no momento em que se realisou o roubo — foi condemnado a doze annos de reclusão. E' verdade que Tangherlini não era franc-mação.

« Os debates, que a principio foram assás frios — referem os *Annaes Catholicos* — tornaram-se de grande interesse quando depozeram os agentes de policia. O governo tinha posto á disposição do Banco um de seus melhores agentes, o inspector Ceola, conhecido por « Senhor Lecoq ». Não tardou muito que uma espantosa doença o prostrasse no Hotel da Europa, onde estava hospedado como sendo um viajante commercial. A sua doença tinha todos os caracteres d'envenenamento pela *Agua Tofana*, o veneno dos franc-mações; mas como Ceola era joven e vigoroso, resistiu.

« O publico do tribunal estremeceu ao vêr caminhar para depôr este homem, outr'ora cheio de vigor, que se apoiava em duas muletas, sustentado por dois agentes. Estendido n'uma cadeira, tinha ao alcance da mão uma

garrafa de Marsala para se reanimar durante os seus deliquios.

« O depoimento d'este morto-vivo occupou dois dias de longa audiencia; como interesse, ultrapassa os mais commoventes folhetins. Permanecerá como uma fisga de luz atravez d'esse mundo subterraneo das sociedades secretas maçonicas. N'esta caça ao homem, o agente da policia tinha empregado todas as astucias do beleguim. Na audiencia, o presidente viu-se obrigado a lembrar ao moribundo que se acalmasse.

« Ceola, que hoje recebe uma pensão do Banco, é agora apenas uma sombra de si mesmo. Foi envenenado pelos franc-mações. »

Apesar de longos debates, este processo permaneceu mysterioso. D'elles evidenciou-se, todavia, o seguinte: que numerosas pessoas encarregadas das investigações não tinham cumprido o seu dever; e que, em toda a parte onde a instrucção fôra feita por magistrados conscienciosos, a acção da justiça tinha sido difficultada.

Por outra parte, deram-se ainda depois do processo mortes subitas e desapparições, e sempre em circumstancias singulares. Alguns jornaes, entre elles o *Ezio* e o *Messagero* de Roma, accusaram os principaes advogados de terem recebido dos ladrões parte do roubo. O redactor do *Messagero* não pôde continuar as suas revelações, porque foi ameaçado pelo punhal dos Irmãos Tres Pontinhos e fugiu precipitadamente, segundo se diz, para a America. Em

todo o caso, desappareceu de Roma d'um dia para o outro, e o jornal interrompeu os artigos sobre o processo. Com o *Ezio* succedeu exactamente o contrario: um dos advogados indicados por este jornal como tendo partilhado do roubo, chamou ao tribunal o director, por diffamação; mas de repente, este advogado, que até então se tinha portado muito bem, morreu subitamente. Um outro advogado, Lopez, defensor de Governatori, foi accusado de ter tido em deposito o milhão do seu cliente e de o haver dissipado na devassidão e nas especulações da Bolsa.

Em resumo, a questão dos milhões do Banco d'Ancôna mostra, mais uma vez, os perigos que as sociedades secretas trazem para a sociedade moderna.

Quando a Franc-Maçonaria não assassina os homens publicos que a denunciam ou que recusam protegel-a, assassina os particulares para salvar adeptos seus que se tornaram reus de crimes de direito commum. Aos seus olhos, a vida humana não vale nada. Quando se torna mister, fere até os individuos que lhe são dedicados, quer porque sejam instrumentos que é necessario destruir depois de se ter servido d'elles, quer porque lhe pareça terem-se tornado compromettedores.

CONCLUSÃO

Na Encyclica *Humanum Genus*, que é um monumento de sciencia religiosa, o Nosso Santissimo Padre o Papa Leão XIII escreveu estas linhas, que nunca se reprodusirão assás:

« Sob apparencias mentirosas, e fazendo da dissimulação regra constante de proceder como outr'ora os Manicheus, os Franc-Mações não poupam esforço algum para se occultarem e não terem outras testemunhas que os seus cumplices.

« Sendo o seu maior interesse não parecerem o que são, desempenham o papel d'amigos das letras ou de philosophos que se reunem para cultivar as sciencias. Não fallam senão do seu zelo pelos progressos da civilisação, do seu amor pelo pobre povo. A dar-se-lhes credito, o seu unico fim é melhorar a sorte da multidão e estender a maior numero d'homens os beneficios da sociedade civil. Mas, suppondo que estas intenções fossem sinceras, estariam longe d'exgottar todos os seus designios. Effectivamente, aquelles que se filiam devem prometter obedecer cegamente e sem discussão ás ordens dos chefes; estarem sempre apparelhados para á menor indicação, ao mais leve signal executarem as ordens dadas, promettendo com antecipação, em caso contrario, sujeitarem-se aos mais rigorosos tratos, mesmo á morte. De facto, não é raro que a pena do derradeiro supplicio seja infligida áquelles d'entre si que

sejam convencidos, quer de terem revelado a disciplina secreta da sociedade, quer d'haverem resistido ás ordens dos chefes; e isto se pratica com tal habilidade que, a maior parte das vezes, o executor d'estas sentenças de morte escapa á justiça, estabelecida para vigiar pelos crimes e tirar vingança d'elles.

«Ora, viver na dissimulação e querer ser envolvido pelas trevas; attrahir a si pelos mais estreitos laços, e sem lhes ter preambularmente feito conhecer aquillo a que se compromettem, homens a quem d'este modo reduzem ao estado d'escravos; empregar em todas as especies d'attentados estes instrumentos passivos d'uma vontade estranha; armar, para o assassinio, mãos ás quaes se assegura a impunidade para o crime: são monstruosas praticas condemnadas pela propria natureza.

«A rasão e a verdade luctam, pois, para provar que a Franc-Maçonaria está em formal opposição com a justiça e a moral naturaes.»

Estas linhas, que a nossa obra se encarregou de commentar com factos, estas linhas, traçadas pela mais auctorisada penna qne ha no mundo, servir-nos-hão de conclusão.

OUTRO ASSASSINATO MAÇONICO

O livro de Léo Taxil e Paulo Verdun termina nas precedentes paginas. Deviamos tambem dal-o por findo; mas pessoa de muita auctoridade e respeitabilidade nos lembrou que não seria desproposito addicionar aos assassi-

natos narrados por Taxil e Verdun um outro, relatado por um missionario da Africa Central, publicado em primeira mão n'um jornal allemão — *Alte und Neve Weist*, de Elinsieden, e depois transcripto, ahi por 1875, por *Il Conservatore*, de Florença. Annuimos do melhor grado ao pedido, porque nos pareceu ser isso de conveniencia para o fim que temos em mira: desmascarar e tornar odiada, como merece, a satanica seita dos franc-mações, a maior inimiga da religião catholica, que por mercê de Deus professamos.

Ouçamos, pois, a narração do missionario, que não é desprovida d'interesse:

Na noite de 22 de dezembro do anno de 1867, achava-me em Pariz, para onde tinha ido com o fim não só de agenciar esmolas para os meninos negros, mas tambem de restabelecer a minha saude bastante alterada. N'esse dia havia recolhido bastantes esmolas, e sentindome muito cançado, voltei para a minha residencia dando graças a Deus.

Eram 10 horas da noite; estava resando o officio divino, quando ouvi de repente baterem na porta do meu aposento. Surprehendido por vêr que me procuravam a taes horas, tomo uma luz e vou vêr quem batia. Abro e pergunto o que queriam de mim a essa hora. Um cavalheiro vestido com distincção e de maneiras elegantes, respondeu, fazendo-me uma reverencia:

— Perdoe-me se incommodo v. rev.^{ma} em hora tão impropria. Venho buscal-o para um

moribundo, que desejava entreter-se com v. rev.ma

— Mas, disse eu, porque solicita a minha assistencia espiritual, sendo eu estrangeiro, e não a do seu Parocho?

— O moribundo pede expressamente os seus auxilios e não os de outro Padre: se v. rev.ma quizer cumprir esta sua ultima vontade, não ha tempo a perder.

Então, sem dizer palavra, segui o desconhecido pelas escadas abaixo. Havia na rua um carro magnifico; o individuo fez polidamente signal para que eu entrasse, e entrou commigo, sentando-se da parte de diante. A' luz das lanternas, notei, com grande surpreza, que havia no mesmo carro mais tres homens de ar tão suspeito que tentei saltar do carro; porém no mesmo instante um d'elles agarrou-me com uma mão e com a outra applicou-me ao peito a ponta de um punhal, em quanto os outros dous, cada um com o seu rewolver, ameaçavam-me de maneira que não tive animo de me mover do logar.

Elles prometteram-me que não me fariam mal algum, se eu não resistisse, e que podia ficar tranquillo e seguro. Então vendaram-me os olhos, no que consenti sem resistencia; mas julgava chegada a minha derradeira hora, e pedia a Deus tivesse piedade de mim.

Teriamos andado cerca de duas horas, quando paramos; fizeram-me descer e entrar n'uma vasta casa com muitas escadas, corredores e rodeios. Emfim tiraram-me a venda dos

olhos ao mesmo tempo que o sobredito desconhecido trancava a porta porque haviamos entrado.

Achei-me n'uma magnifica sala, elegantemente ornada com mobilia de jacarandá, relogios dourados, cadeiras de molles estofos; mas em vão procurava a cama em que devia estar o doente. Não sabia o que dizer nem o que pensar.

N'este comenos, dei com os olhos n'um cavalheiro respeitavel, são, de bella apparencia e em toda a força da sua virilidade; achava-se sentado n'uma magnifica poltrona. Chamou-me e convidou-me para tomar assento ao pé d'elle: respondi-lhe que tinha sido chamado para assistir a um moribundo, mas vendo-o tão são e forte, começava a descobrir o engano em que me haviam feito cair.

— Tem razão, rev.^mo^ Padre, a minha saude não póde ser melhor, mas tenho de morrer dentro de uma hora, e desejava preparar-me para uma morte christã. Dir-lhe-hei em resumo que sou membro d'uma sociedade secreta, fui promovido aos mais altos gráos, pois a minha influencia no Estado e na sociedade, bem como a minha coragem no cumprimento dos mais difficeis encargos, eram estimadas.

Por mais de vinte e oito annos servi com boa vontade e zêlo aos fins da nossa sociedade.

Ha pouco, tendo sido designado pela sorte para assassinar um respeitavel e venerando Prelado por todos estimado, recusei absolutamente cumprir esse encargo, comquanto estivesse cer-

to de que tal recùsa me custaria a vida, conforme o rigor dos nossos estatutos. A sentença já foi pronunciada: tenho de morrer dentro de uma hora.

Quando entrei para esta sociedade, não quiz prestar o juramento de regeitar os soccorros espirituaes tanto na vida como na morte; e como podia ser util á sociedade, admittiram-me sem este juramento. Chamaram, pois, v. rev.ma como estrangeiro para assim afastarem qualquer suspeita, visto como é pessoa que tem poucas relações n'esta cidade.

Disse-me tambem que a sua sentença seria executada cortando-se-lhe as duas veias da garganta perto da clavicula, (1) para que não ficasse signal algum visivel de ferimento. Accrescentou ainda que haviam feito morrer alguns por esta fórma, já por terem faltado á sua palavra, já por outros motivos. Para esta sentença não ha appellação, me dizia elle, e os tramas secretos d'esta sociedade estendem-se por todo o mundo.

Em seguida pediu-me que o ouvisse em confissão, pois o tempo era escasso. Nunca, em minha vida, creio ter dicto com mais fervor: « O Senhor seja no teu coração e nos teus labios, para que me declares devidamente os teus peccados. »

---

(1) É o golpe da arteria carotida, que se ensina nas Retro-Lojas aos Cavalleiros Kadosch, e de que os franc-mações se servem em alguns casos para se desembaraçarem dos seus inimigos ou dos falsos irmãos.

(Nota do traductor.)

Ainda não era passada uma hora, abriu-se a porta com estrepito e appareceram tres homens para agarral-o.

Elle pede anciosamente mais meia hora para acabar a sua confissão. Os homens recusam, e agarram-no, porém elle reclama pela promessa que lhe fizeram de lhe deixarem a liberdade de se apparelhar para a morte; e unindo-me aos seus rogos, concedem-lhe por favor mais vinte minutos.

Acabada a confissão com muito arrependimento, elle beijou-me, agradecido, a mão e n'ella deixou cahir furtivamente uma lagrima.

Não me era possivel administrar-lhe a communhão, já porque não tinha auctorisação do Parocho, já porque os algozes não lhe davam o tempo preciso para isso; mas tirando do meu pescoço um relicario de prata com o *Sancto Lenho da Cruz*, entreguei-lh'o, dizendo que invocasse até o ultimo suspiro Aquelle que se não envergonhou da Ignominia da Cruz para nos remir de nossos peccados. Com sentimentos de compuncção recebeu-o, beijou-o e o poz ao pescoço por baixo dos vestidos.

Perguntei-lhe se tinha algum encargo a fazer-me, e respondeu-me que, em seu nome, pedisse perdão a sua virtuosa mulher dos excessos que o conduziram a tão deploravel fim; disse-me tambem que tinha uma filha no convento do Sagrado Coração, que o amava com ternura, e que seria feliz de saber que elle havia morrido christãmente. Pedi-lhe então um signal para certifical-as de que realmente eu tinha tido

uma conferencia com elle, e roguei-lhe escrevesse algumas palavras no meu livro de lembranças, e elle escreveu a lapis estas poucas linhas:

«*Minha querida Clotilde.* — No momento de deixar este mundo, supplico-te me perdoes o grande desgosto que te ha de causar a minha morte. Sauda, em meu nome, a minha querida filha; consolae-vos uma e outra com a certeza de que morro reconciliado com Deus, e espero ver-vos no ceu. Rogai muito pela minha pobre alma.

TEU
Theodoro.»

Conheci então o nome do condemnado que me supplicava excitasse n'elle coragem e força. Apenas eram dictas poucas palavras, abriu-se a porta e entraram os homens para agarral-o. Rogei-lhes, como podia, poupassem a vida a um marido e pae tão querido.

Vendo, porém, que as minhas palavras eram inuteis, lancei-me a seus pés pedindo-lhes que sacrificassem a minha vida antes do que a d'aquelle pae de familia. Por toda a resposta, deram-me um pontapé.

Já a victima estava amarrada. No momento de sair voltou-se ainda para mim e disse-me: «Deus lhe pague, rev.^{mo} Padre, tudo quanto fez por mim: lembre-se de minha alma no sancto Sacrificio da Missa.»

Immediatamente conduziram o condemnado, e eu fiquei como que fóra de mim, tal era o meu espanto. Com os labios tremulos rogei a Deus tivesse compaixão d'aquelle infeliz, a

quem os homens não quizeram perdoar. O que em mim se passou n'aquella occasião, só o sabe Aquelle que tudo conhece.

Mas que rumor é este que ouço?...

São pessoas que veem... Abre-se a porta, e vejo deante de mim aquelles terriveis homens, agentes da vingança. E que manchas rubras são aquellas em suas mãos?... Sangue fraterno!

Agora, disse eu commigo, é chegada a minha vez! E sem que me dirigissem a palavra, apresentei minhas mãos para que as amarrassem.

Mas elles não o fizeram, e contentaram-se com vendarem-me os olhos. Percorremos novamente muitas escadas, corredores e passadiços; em certos logares respirava-se um ambiente perfumado de essencias deliciosas; em outros, porém, sentia-se um fétido que penetrava até os ossos.

Finalmente tiraram-me a venda, e achei-me n'uma sala ricamente illuminada e mobilada com luxo. Sobre uma mesa coberta com uma rica toalha de damasco viam-se pratos com pasteis, fructas, pão e muitos outros manjares exquisitos e variados; de sobre a chamma do espirito de vinho saia por conductos de prata o aroma do verdadeiro chá da India; innumeraveis garrafas de differentes côres, fórma e etiquetas revelavam a preciosidade das bebidas.

Muitos homens e senhoras passeiavam por aquella sala, uns comendo, outros bebendo, ou-

tros emfim formando diversos grupos onde a conversação era animada. Algumas das senhoras dirigiam-se a mim offerecendo-me refrescos, o que regeitei dizendo que tinha de celebrar Missa n'aquella manhã e que já eram duas horas da madrugada. Para dizer a verdade, estava convencido de que o veneno e o punhal são irmãos.

Tendo manifestado o desejo de retirar-me, alguns homens, não porém os mesmos que me haviam acompanhado antes, vendaram-me de novo os olhos, fizeram-me descer muitas escadas e pozeram-me no carro. Depois de ter andado algumas horas, os meus companheiros me obrigaram a descer; tendo dado alguns passos assentaram-me sobre um objecto de ferro. Seria uma guilhotina?... algum instrumento de martyrio?... Parecia-me a todo o momento sentir a cabeça decepar-se do corpo, ou um punhal trespassar-me o coração. Passei uma hora n'aquella angustia mortal.

Como nada ouvisse nem sentisse em todo esse tempo, atrevi-me a levantar um pouco a venda que tinha nos olhos, e vi que me achava n'um jardim bem cultivado, mas onde as flôres e os legumes dormiam o somno do inverno. Levantei-me e puz-me a procurar uma saida; tendo chegado a uma porta, bati e appareceu-me uma moça, mostrando-se muito admirada por me ver alli em hora tão matutina.

Desculpei-me, dizendo que tinha ido em soccorro de um moribundo, mas nada quiz de-

clarar do occorrido, temendo que aquella estivesse de intelligencia com os mações.

Soube então que me achava longe de Pariz tres horas de caminho, e a moça disse-me que se eu quizesse chegar promptamente a essa cidade, podia utilisar-me da carroça de seu marido, que tinha de fazer essa jornada com o fim de levar ao mercado flôres e legumes.

Agradeci, porém regeitei o offerecimento, e puz-me a caminho para Pariz.

N'aquelle dia não celebrei Missa, pois sentia-me muito agitado. No dia seguinte offereci o Santo Sacrificio pela victima das sociedades secretas, celebrando-o no convento do Sagrado Coração.

Indo depois fallar com a superiora, notou ella que eu me achava mui perturbado, e perguntou-me anciosamente o motivo. Contei-lhe tudo o que succedera, recommendando-lhe segredo; ella me disse que realmente a filha d'aquelle desgraçado se achava entre as suas Religiosas, que, sabendo que seu pae pertencia ás sociedades secretas, orava muito por elle, e que ficaria muito consolada com a noticia da sua conversão. Mas prohibi-lhe formalmente que contasse por emquanto á Religiosa o que succedera a seu pae.

No seguinte dia procurei um jornal de Pariz, e entre a lista dos mortos, li que havia alguns desconhecidos e postos na *Morgue* (logar onde se expoem os cadaveres desconhecidos). Dirigi-me para lá, porém não pude reconhecer o infeliz que procurava, quando por acaso avis-

to no chão o *Sancto Lenho* que eu lhe havia dado. Commovido examinei com mais attenção o cadaver que estava mais proximo. Meu Deus! era elle realmente, posto que desfigurado; mas os signaes caracteristicos eram reconheciveis.

Para ter maior certeza, descobri-lhe o pescoço e as espaduas. No pescoço viam-se duas incisões que traspassavam as veias. Não havia que duvidar; era elle!

No dia immediato fui novamente, como tinha promettido, dizer Missa no convento do Sagrado Coração. Tendo acabado e achando-me no locutorio, apresentou-se uma Religiosa, e disse-me entre suspiros e soluços:

— Supplico a v. rev.^ma^ a caridade de orar na missa e em suas orações por meu desgraçado pae.

— Ser-me-ia permittido perguntar que sorte teve seu pae?

— Ah! respondeu-me ella, receio tel-o perdido no tempo e por toda a eternidade... Se elle tivesse morrido em estado de graça, ainda poderia resignar-me com essa perda, porém morreu repentinamente, e depois de ter vivido tanto tempo afastado de Deus... É terrivel!... é doloroso!... Ah! soffreria, se me fosse possivel, todas as enfermidades e penas d'este mundo; desejaria accumular sobre mim todos os tormentos do inferno, comtanto que salvasse a alma de meu pae!...

— Console-se, minha Irmã! O Divino Salvador teve piedade do Bom Ladrão. As suas

orações por seu pae sem duvida terão aproveitado.

— Duvido muito, porque meu pae pertencia a uma sociedade secreta que faz profissão de regeitar todo e qualquer auxilio espiritual na hora da morte.

— E se seu pae tiver recebido os soccorros da nossa santa religião?...

A religiosa encarou-me com olhar duvidoso, que revelava n'ella falta de esperança. Tirei então do bolso o meu livro de lembranças, e apresentei-lhe a ultima pagina d'elle. O semblante da Religiosa transformou-se; osculou aquellas palavras traçadas pelo proprio punho de seu pae convertido, e caindo de joelhos, ergueu as mãos e os olhos para o ceu, e exclamou com voz commovida: «Louvado seja Deus para sempre, meu pae está salvo!»

FIM.

INDICE

Collocação das Gravuras